«A MULHER E O LIVRO» — PELA DR.ª ELINA GUIMARÃES (LER NO SUPLEMENTO FEMININO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 805 ANO 49.º PREÇO 1$50

TAPETES ✱ CARPETES
Carpélio
UM PRODUTO DA
CARPÉLIO MALHAS, S.A.R.L. TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

Exilados brasileiros seguiram para Cuba

(Ler na pág. 9)

NOVO PREÇO DOS JORNAIS DIÁRIOS

Entrou hoje em vigor a recente determinação do Grémio Nacional da Imprensa Diária fixando em 1$50 o preço dos jornais diários. O ultimo aumento verificara-se há treze anos, e, conforme o próprio Grémio acentuou oportunamente, «nesse período de tempo, como toda a gente sabe, porque sente, o custo de vida subiu, sem que, apesar da elevação, os preços de produto essenciais ou não correspondessem á importancia dos gastos de produção».

Ó ESCOLAS SEMEAI! — Para os liceus, escolas técnicas e escolas preparatórias de todo o País foi hoje (oficialmente) a reabertura das aulas. Colhemos este flagrante em Lisboa, junto á porta da Escola Ferreira Borges, aonde a afixação dos horários levou centenas de alunos. Só no Continente o ensino secundário mobiliza 273 mil — mais 90 mil que no ano passado. — (Ler na página central).

XX ANIVERSÁRIO DA CHINA POPULAR

MAO ASSISTIU ÀS CELEBRAÇÕES

HONG-KONG, 1 — (R.) — Mao Tsé Tung assistiu hoje em Pequim ás comemorações do vigésimo aniversário do Governo comunista em Pequim, segundo comunicou Rádio Pequim.

A radiodifusão directa da Praça de Tien An Men, em Pequim, onde os dirigentes chineses assistiram a uma parada gigantesca, dissipou recentes boatos, que circularam com intensidade, de que Mao morrera ou se encontrava gravemente doente.

A Rádio disse que Mao trocara calorosos apertos de mão com convidados de honra á grande parada, que assinala o aniversário da fundação da República do Povo Chinês em 1949.

DE BOA SAÚDE

MOSCOVO, 1 — (R.) — Diplomatas britanicos anunciaram hoje de Pe-

(Continua na 9.ª página)

A Suécia terá a partir de hoje um novo chefe de Governo

• o «jovem» Olof Palme é o grande favorito
• o fim da era Erlander — uma grave incógnita

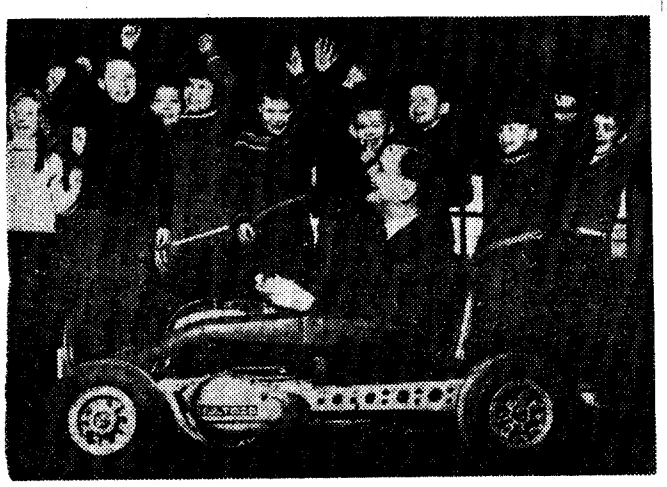
ESTOCOLMO, 1 — «Amei sempre o meu trabalho e disso nunca me cansei. Mas do próprio trabalho é que estou cansado...» — afirmou-me Tage Erlander, o homem que chefiou o Governo da Suécia desde 1946 e que, agora, com 69 anos de idade, se retira voluntáriamente da vida política.

Por CÉSAR FAUSTINO

Com o seu aspecto bonacheirão, um tanto ou quanto humorístico, corpulento, míope e de sotaque provinciano, o «pai da pátria», como muitos lhe chamam, deixa atrás de si uma era de espantoso progresso económico e social — muito embora, sob os pontos de vista humanístico e de política internacional, a acção do seu Governo socialista tenha sido, sobretudo nos últimos tempos, excessivamente controversial.

A substituição do primeiro-ministro é uma consequência automática da mu-

(Continua na 8 página)



O ministro da Educação, Olof Palme, de 42 anos, socialista radical, é o grande favorito como sucessor de Erlander. Amante de publicidade, aqui o vemos a divertir-se entre crianças de uma escola

especial ELEIÇÕES

TODOS OS DIAS DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL

SUPLEMENTO MESA REDONDA

HOJE: Conclusão da Mesa-redonda sobre «Perspectivas e problemas da vida política em Portugal» ● Manifesto da C. E. U. D. ao povo de Lisboa ● Abstenção — Atitude preconizada pela Acção Democrato-Social ● «Ao acaso da rua»: Já assistiu a alguma sessão eleitoral? ● A Comissão Monárquica dirige-se à população do distrito.

Prevenção em Gibraltar

LONDRES, 1 — (F. P.) — A guarnição britânica em Gibraltar encontra-se de prevenção ao aproximar-se o último prazo — meia-noite de hoje — imposto á Grã-Bretanha pela O. N. U. para restituir o rochedo a Espanha.

Foram reforçadas as patrulhas ao longo da fronteira com a Espanha, tendo sido distribuidas munições aos soldados dos «Royal Irish Rangers», sabe-se em Londres, acrescentando-se, porém, que se trata de simples medidas de precaução.

HOJE 40 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

«Um porta-aviões britânico encontra-se actualmente ancorado em Gibraltar para trabalhos de conservação» — declara-se oficialmente. Também ali se encontra a fragata «Diane». Por seu turno, a Marinha espanhola enviou duas fragatas e duas corvetas que fundearam próximo da base britânica.

REGIME COLONIAL

«Gibraltar continuará britânica». Esta frase resumia em Whitehall a atitude de Londres na véspera de 1 de Outubro, derradeiro prazo imposto á Grã-Bretanha por uma resolução da Assembleia Geral da O. N. U. no sentido de pôr termo ao regime colonial e restituir esse território a Espanha.

Um informador do Foreign Office lembrou ontem que o Reino Unido tomará posição contra a referida resolução de Dezembro de 1968, rejeitada pelo Governo britânico como sendo «completamente inaceitável e inteiramente desprovida de realismo. A moção não tem carácter obrigatório e nós nunca a aceitaremos», acrescentou.

ESPECULAÇÕES

Em relação ao facto de seis navios de guerra espa-

(Continua na ultima página)

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR — 2

A posição portuguesa no panorama mundial das pescas e as dificuldades com que se luta

Continuamos a publicar a resposta dos Grémios dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, da Pesca de Arrasto, da Pesca da Sardinha e da Pesca do Atum aos artigos que publicámos subordinados ao título geral: «Há pescar e pescar, há perder e ganhar», salientando que títulos e subtítulos são igualmente da responsabilidade daquelas entidades.

Com o título «Qual é a posição portuguesa no panorama mundial das pescas e as dificuldades com que se luta», o referido documento prossegue nestes termos:

«Como se enquadra a situação portuguesa, dentro deste panorama geral?

«São inegáveis as tradições marítimas e piscatórias nacionais e a importância que, para o nosso País, tem a indústria da pesca, sob o aspecto de principal fornecedora de proteínas de origem animal. Segundo o I. N. E., em 1966 a capitação portuguesa de proteínas foi de 73,3 gramas. O pescado e a carne participaram, nessa capitação, respectivamente, com 12,9 g e 10,6 g o que corresponde a 17,6 por cento e 14,5 por cento em relação ao total. De realçar ainda a importância da pesca como fornecedora de matéria-prima que, transformada, constitui uma das principais verbas do nosso comércio exportador.

«Proporcionalmente, em relação à superfície total, a área das costas metropolitanas é elevada, mas países há, com uma tradição marítima equivalente à nossa, em que tanto em números absolutos como relativos essa extensão é muito maior, por exemplo, em Inglaterra, acrescendo que o Reino Unido se encontra próximos dos ricos pesqueiros do norte da Europa.

«Sucede, porém, que as águas próximas da nossa costa não são, especialmente, abundantes em peixe, com excepção do que normalmente acontece com a sardinha e espécies similares.

«Assim, desde longa data para a alimentação do nosso povo, foi necessário recorrer a pesqueiros longínquos.

«Desde o século XVI que os portugueses exercem a pesca na Terra Nova. Foi um dos primeiros povos europeus a realizá-la e, certamente, não foi pelo gosto das distâncias e os incómodos e riscos de tão longa viagem em barcos que então ofereciam tão poucas condições de segurança e comodidade. Foi, sim, a necessidade de abastecer o País que levou os pescadores portugueses a tão distantes paragens.

«Sempre tivemos, pois, uma grande capacidade para capturar e consumir peixe, que ainda hoje se mantém o que não sucede, por exemplo, na Inglaterra que, de país exportador passou a ser o segundo importador do Mundo de produtos da pesca, imediatamente a seguir aos Estados Unidos e apesar de manter uma capitação de consumo de 18.8 kg/hab./ano. Em Portugal 48,4 kg/hab./ano. Vidé «— Rôle des pêches dans l'economie alimentaire — Roma 1968 — «Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura.»

Portugal tem uma das maiores capitações de peixe do mundo

«No relatório que acima se cita, sobre o papel das pessoas na economia alimentar e referente ao período de 1960/62, entre os países desenvolvidos é-nos atribuída, como se referiu atrás, a capitação de 48,4 kg./hab./ano, só superada pelo Japão 49,4 e pela Noruega com 61,3. No Mercado Comum, a média das capitações era de 11.58 e no Canadá que tem uma numerosa frota composta por mais de 55 000 embarcações das quais mais de 50 000 do tipo artesanal (cerca do triplo da nossa), para uma população apenas dupla da portuguesa, as capitações são de 9,8 kg. e nos Estados Unidos — a maior potência industrial do Mundo — as capitações são de 8,7.

«Nos países de regime socialista/comunista as maiores capitações são, na Alemanha Oriental, de 12,6 e na U. R. S. S. de 11,4. Nos países em vias de desenvolvimento, a capitação mais elevada encontra-se na Malásia/Singapura, situada numa região riquíssima em peixe que é de 29,5 kg/hab./ano.

«Na Espanha, a meta a atingir nas capitações do consumo, segundo o plano de desenvolvimento era de 25 kgs./hab./ano e se o país vizinho conseguiu um aumento espectacular das frotas, designadamente das congeladoras e da pesca do bacalhau para salgar, não obteve, todavia, os mesmos resultados nos consumos internos.

«Assim se criaram muito difíceis problemas económicos à indústria em virtude da constituição de excedentes invendáveis, apesar dos subsídios à exportação e da desvalorização da peseta, que tiveram como consequência a ruína de várias empresas e a suspensão da actividade de diversos navios. Os meios financeiros e as ajudas do Estado, em Espanha, não foram menos espectaculares do que o desenvolvimento do armamento. Assim, os subsídios para a construção naval de forma a embaratecer o preço dos navios, e os empréstimos a longo prazo e a juro baixo e de montante elevado que permitiram, frequentemente, suprir todo o valor da construção, foram os principais meios utilizados.

«Esta situação de crise levou o Estado Espanhol a não continuar a financiar as construções para algumas pescas.

«Ora, sendo esta a situação real, não se compreende como se possa afirmar que não é muito elevado em Portugal o consumo de peixe. Porque se faz, então, essa afirmação? Por desconhecimento ou deliberadamente?

«Se é por ignorância há a lamentar que se tratem, de ânimo leve, assuntos que justificariam estudo atento. Se é deliberadamente, abstemo-nos de comentários, até porque em tais circunstâncias não vale a pena esclarecer. É inútil...

«Torna-se evidente que o consumo, dentro de um determinado território, está directamente relacionado com a importância populacional dos agregados urbanos, com as distâncias a percorrer das fontes de abastecimento até ás do consumo e, ainda, com o poder de compra das populações.

«Desde que não haja, pois, a intervenção do Estado ou de uma Organização suficientemente poderosa para suportar os prejuízos da distribuição para zonas pobres e longínquas, necessàriamente haverá distorção nas capitações, sendo estas maiores nas zonas marítimas e nas grandes cidades.

«No nosso País, com excepção de Lisboa e do Porto e de poucas capitais de distrito, não se pode dizer que haja núcleos populacionais importantes. E todos nós sabemos que o poder de compra nos meios rurais é muito inferior ao das regiões industrializadas.

«É indispensável, para aumentar os consumos nas regiões mais desfavorecidas, um esforço tenaz e persistente dos organismos da distribuição e também uma melhoria do nível de vida, pois de nada serve colocar o peixe nas aldeias se não houver quem o compre por não ter meios para isso.

«Mais adiante, quando nos referirmos á comercialização e á distribuição, dar-se-ão elementos mais concretos, mas antes de entrarmos nesse capítulo, desejamos referir-nos á posição das frotas portuguesas, ao seu estado actual e á sua modernização.

As pescas podem classificar-se em: pescas industriais e pescas artesanais.

As pescas industriais são as da sardinha, do bacalhau, do arrasto (longínquo, do alto e costeiro) e a do atum.

As pescas artesanais são exercidas pelos pescadores em embarcações mais pequenas, motorizadas ou á vela e remos, e os principais métodos de pesca são os dos anzóis e as redes de emalhar».

As migrações da sardinha são fenómenos imprevisíveis que a história registo ao longo dos tempo

«Comecemos pela pesca da sardinha.

«É indiscutível a importância da pesca da sardinha e espécies similares, tanto como fonte de matéria-prima principal para a

(Continua na página seguinte)

CURSO LICEAL
NOCTURNO
C. PREP. 2.º e 3.º CICLOS
EXTERNATO
NUN'ALVARES
Praça João do Rio, 2
T. 722461 (à Alameda)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Falta em Setúbal outra estação dos C. T. T.

SETUBAL, 1 — Já aqui nos referimos, por mais de uma vez, à insuficiência dos serviços da estação dos C. T. T., onde o público perde tempo sem fim para ser atendido, seja para comprar um simples selo, seja para receber ou expedir uma encomenda, um vale, etc. E, até agora, não foram tomadas quaisquer providências pela Administração dos C. T. T.

A criação de uma nova estação na zona oriental da cidade é a solução indicada para tão momentoso problema, que, dia a dia, requer maior urgência. E não se compreende que tal solução não haja sido encarada pela referida Administração, se se atender ao que se passa noutros centros de inegável importância, mas muito menos populosos e industrializados.

A estação actual foi, de há muito, ultrapassada pelas necessidades resultantes do grande desenvolvimento industrial e crescimento demográfico.

Professor galardoado em Aveiro

AVEIRO, 1 — Na abertura das aulas do liceu desta cidade e em sessão presidida pelo Secretário de Estado da Administração Escolar, dr. Justino Mendes de Almeida, é galardoado, hoje á tarde, com a comenda da Ordem da Instrução Publica, o dr. Álvaro Sampaio, que durante os anos de 1920 a 1944 foi professor daquele estabelecimento de ensino, exercendo ainda a presidência da Camara no decorrer de 13 anos, sendo-lhe conferida, em 1958, a medalha de mérito da cidade.

O dr. Álvaro Sampaio foi um dos fundadores da revista pedagógica «Labor» e secretário-geral do primeiro Congresso pedagógico do País realizado em 1907.

J. W. Erickson novo director-geral da Esso, em Portugal

O sr. eng.º J. W. Erickson, novo director-geral da Esso Standard Portuguesa, S. A. R. L., foi ontem apresentado durante um beberete que reuniu figuras de relevo da indústria petrolífera. Tendo entrado, em 1951, ao serviço do Grupo Esso, nos Estados Unidos, de onde é natural, em 1964, veio para a península Ibérica, com o fim de orientar a Esso, em Espanha.

A reunião serviu, simultâneamente, para despedida do sr. Castro Neves, agora aposentado, que foi director-geral da Esso, em Portugal, completando quarenta anos de serviço, dos quais vinte e quatro como dirigente.

Durante a reunião, salientou-se que atingirá 120 mil contos a soma de investimentos da Esso Standard Portuguesa, S. A. R. L., em instalações de armazenagem de produtos petrolíferos e petroquímicos que distribuiu nos mercados nacional e internacional, como fornecedora de matérias-primas e lubrificantes para complexos industriais, nomeadamente, detergentes, sabões, plásticos, tintas e vernizes, texteis, pesca, aviação, construção naval e transportes.

DE ONTEM PARA HOJE

CONSELHO DE MINISTROS

Na reunião do Conselho de Ministros, a que presidiu o prof. Marcello Caetano, foram aprovados: um decreto-lei que autoriza o Fundo de Renovação e Apetrechamento da Industria da Pesca a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo até ao montante de 176 000 contos para satisfação dos empreendimentos previstos em 1969 no respectivo programa do III Plano de Fomento; decretos-leis que alteram várias disposições legais no sistema de compensação e nos regimes de operações cambiais e de pagamentos interterritoriais no espaço português, tendo em vista uma melhor adaptação ás respectivas realidades; outro decreto-lei que cria uma Inspecção Provincial de Crédito e Seguros nas províncias de Angola e Moçambique e Inspecções Provinciais de Comércio Bancário nas restantes províncias ultramarinas; outro ainda, que aumenta o quadro do pessoal docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com três lugares de professor catedrático e de dois de professor extraordinário, adstritos ao Grupo de Filologia Romanica que passa a ser ali professada. O Conselho iniciou o estudo da proposta de lei que o ministro da Educação Nacional deseja apresentar na próxima sessão da Assembleia Nacional sobre criação do ensino politécnico. Foram também apreciados vários problemas de política nacional e internacional, e estabelecido o programa da comemoração oficial em Lisboa do dia 5 de Outubro.

ORDEM DOS ENGENHEIROS

Na sede da Ordem dos Engenheiros, realizou-se a cerimónia de posse dos membros da mesa da assembleia regional, delegados á assembleia geral, dos membros do conselho regional, dos membros dos conselhos culturais e dos delegados á comissão do Imposto Profissional, para a secção regional de Lisboa. Além do bastonário da Ordem, falaram os engs. Queirós de Barros, Magalhães Ramalho pelos membros cessantes, Nobre da Costa, presidente da mesa da assembleia regional cessante, e Cunha Serra, membro eleito para o conselho regional.

NOVOS ENFERMEIROS

Setenta e quatro novos profissionais de enfermagem foram graduados pela Escola de Enfermagem Artur Ravara, em cerimónia presidida pelo dr. João Lima das Neves, administrador-geral dos Hospitais Civis de Lisboa. Receberam o emblema da Escola 21 finalistas do Curso Geral de Enfermagem e 53 do Curso de Auxiliares de Enfermagem.

OPERAÇÃO SAUDADE

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, presidiu aos trabalhos do sorteio da «Operação Saudade», estando presentes numerosas senhoras, entre as quais D. Cecília Supico Pinto, presidente do Movimento Nacional Feminino.

CONDECORAÇÃO BRASILEIRA

O embaixador Ouro Preto entregou ao prof. Vitória Pires, ex-secretário de Estado da Agricultura, a medalha de Mérito Cívico e Cultural com que o Governo do Estado de S. Paulo o agraciou.

TRUCIDADO

Ao atravessar uma passagem de nível exclusiva para peões, na Avenida 24 de Julho, foi colhido mortalmente por um comboio Agostinho de Oliveira, de 52 anos, casado, natural de Bretanha, Ponta Delgada, que trabalhava a bordo do paquete «Carvalho Araujo».

ERROU O ALVO

Ao tentar atingir seu irmão, Francisco Magalhães, de 44 anos, casado, com um tiro de caçadeira, o jornaleiro José Maria Andrade, de 42, errou o alvo, atingindo o sogro daquele, Virgílio Augusto Barnabé, de 66 anos, casado, também jornaleiro. O agressor fugiu, presumindo-se que fora para França.

SOB O TRACTOR

Teve morte imediata o jornaleiro Acácio da Silva, de 49 anos, natural de Mealhada, Cantanhede, e morador em Sordos, Arazede, Montemor-o-Velho, o qual ficou debaixo do tractor que conduzia e que se virou. Tinha cinco filhos, três dos quais menores.

impressões dos ESTADOS UNIDOS

por A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

VI — BRANCOS E PRETOS

A situação desprivilegiada do negro americano e o seu combate pela igualdade económico-social comparam-se muitas vezes com a situação do proletário europeu nos finais do século XIX. Nada mais errado, contudo. Os negros formam apenas 12 % da população dos Estados Unidos, o que os põe em manifesta minoria perante a esmagadora massa branca dominante. No século XIX, como no XX, os proletários constituíam a grande maioria da população, em revolta contra uma minoria burguesa dominante. Foi possível aos operários reivindicar os seus direitos e vencer porque, sem operários, nem a economia burguesa nem a sociedade em geral poderiam existir.

Mas seria possível à economia e à sociedade americanas — mera hipótese — readaptar-se e substistir perfeitamente sem a participação dos Negros. Este simples aspecto numérico constitui a essência de toda a tragédia dos Pretos norte-americanos. Não lhes é permitido «fazer chantage» com os Brancos, como foi aos operários fazê-la com os burgueses. Na realidada, nada agradaria mais aos Brancos americanos do que «verem-se livres» dos Negros. É um sonho absurdo dentro da realidade sociológica, mas possível num contexto puramente ideal. Aos burgueses dos séculos XIX-XX o absurdo pôr-se-ia em ambos os casos. Pode isto parecer simples artifício mental mas, em minha opinião, explica toda uma diferença de atitude e de comportamento seguida até agora e a seguir no futuro.

As mesmas razões impedem o Negro americano de fazer valer os seus direitos com aquela força que assistia ao proletário europeu e era fruto das realidades económico-sociais. Não passava pela cabeça dos operários oitocentistas cindir-se da classe burguesa e fazer vida aparte. O que lhes interessava era abolir a burguesia como classe e lutar por uma nova sociedade de tipo igualitário. Ora, a muitos Negros americanos passa pela cabeça criar um Estado dentro dos Estados Unidos, onde vivam segregados dos Brancos; e até, para alguns, deixar a América em emigração maciça e demandar a África, terra dos seus antepassados.

Um novo problema surge aqui a complicar toda a situação do Negro norte-americano; o problema da sua nacionalidade. Se bem que a maioria dos Brancos, como, também, a dos Negros, considere os Estados Unidos como a pátria comum, este ponto de vista está longe de informar a totalidade dos Americanos, de ambas as raças. Para muito Branco, sobretudo no Sul, o Negro é um cidadão de segunda classe, um meio-Americano, indigno de partilhar com ele as glórias nacionais. E para muito Negro — em números que vão aumentando de dia para dia — os Estados Unidos representam apenas meia-pátria, recheada de tradições que não lhe dizem nada, e que ele, Negro, rejeita, por serem de Brancos. Pelo contrário, o que lhe interessa é a África, os costumes, a História e a língua dos povos africanos de onde proveio e com os quais pretende tornar a relacionar-se. Não foi por mero capricho que os dois atletas negros vencedores nas Olimpíadas do México baixaram a cabeça e cerraram o punho quando soou o hino americano. Para eles tocava uma música que lhes dizia muito pouco, que não era a da sua pátria.

Ao problema numérico e ao problema étnico-nacional vem juntar-se o problema mais importante de todos, o económico. Impressiona todo o visitante dos Estados Unidos a situação de inferioridade económica em que se encontram a maioria dos Negros, relegados para os empregos mais baixos e mais mal remunerados, desde a limpeza das retretes públicas até à lavagem dos pratos nos restaurantes. Aqui o Negro irmana-se com muitos Brancos das camadas inferiores da população, sobretudo com os imigrantes porto-riquenhos, mexicanos e cubanos. Livremo-nos, contudo, de pensar que entre todos eles existe aquela camaradagem própria dos desprotegidos da fortuna e aquela solidariedade necessária à conquista de melhor vida. Nada disso. Os Latinos são odiados pelos Negros, que vêem neles arrivistas perigosos e competitivos. Os Latinos pagam-lhes na mesma moeda, acrescendo

(Continua na página seguinte)

DA IMPORTÂNCIA DE SE SER MANETA

Algés. Meia-noite e meia, uma daquelas esplanadas enormes e com centenas de cadeiras, junto á estrada marginal. Desprevenidamente, entro para comer um «prego», um «prego» de lineu... Qual não é o meu espanto quando depois de enxergar uma primeira parte deserta da esplanada (descampada, deprimente) percebo ao fundo, num cotovelo do grande edifício uma multidão compacta de centenas de pessoas, comprimidas com violência, apinhadas, sombra gigante disforme e sussurrante na escuridão daquele canto. Era a televisão, era o fugitivo. Uma televisão pequenina, que os de trás necessáriamente mal viam, e ninguém podia ouvir, pois mau grado o respeito religioso dos espectadores, tanta gente nervosa não é capaz de não fazer barulho... Homens, mulheres e crianças, olhos na pantalha, seguiam as imagens como se as de um sensacional desafio de futebol, daqueles que fazem as grandes empresas dispensarem os empregados do ponto quotidiano. O meu «prego», evidentemente, demorou: nem os homens da cozinha nem os empregados de mesa estavam interessados em perder a captura do maneta, e, de costas ostensivamente voltadas para os pouquíssimos «maduros» que não se amontoavam defronte do aparelho TV, seguiam, como todo o mundo, as peripécias fugitivicas. As incidências do episódio eram traduzidas em comunicação colectiva pela turba arrebatada — gritos, incitamentos, imprecações, suspiros, palmas, sublinhavam a acção, com um calor crescente. Meses de recalcamento, de frustração televisiva, com o maneta sempre ausente, sempre a escapar-se enervantemente por entre os dedos infelizes do fugitivo (ele também sempre a fugir...) haviam provocado tiques, taras, complexos, raivas surdas, crises nervosas. O desejo de apanhar o maneta, de prender com força o seu braço sem mão e pregar-lhe um enxerto de pancadaria, tornara-se no sonho inconfessado do burguês que dorme diáriamente defronte do pequeno «écran». Ontem, finalmente, anunciara-se a eliminação do maneta, e centenas de milhares de portugueses prepararam-se para gozar como nababos. Ali, em Algés, foi um espectáculo impressionante. As ultimas cenas provocaram a descompressão total, definitiva, desavergonhada — e ouviram-se urros, punhdas nos tampos das meses, salvas de palmas entusiásticas. As pessoas sentiam-se vingadas, redimidas, eufóricas. E quando o episódio acabou e a multidão se levantou em uníssono, para desentorpecer as pernas e o espírito, o tom alegre e barulhento das conversas, das discussões, revelava o efeito de descontrolado e patético relaxe que a vitória do fugitivo causara. Só uns poucos, mas inconformados, se mostravam insatisfeitos; manifestavam pena por a morte do maenta ter sido tão suave e, afinal de contas, mais ou menos acidental, imerecidamente rápida.

SEBASTIÃO REGO

Nota do dia

FAÇA SOL E CHUVA NÃO

LISBOA TEVE ANTEONTEM mais uma reconstituição do quadro conhecido e repetido das grandes inundações. Em meia hora de chuva, fustigante e impiedosa, uma vez mais a área entre o Campo Pequeno e Palhavã, no eixo da primeira circular de Lisboa, que inclui a Avenida de Berna, se viu alagada com tal ímpeto que automóveis arrumados em parque sobre as placas foram levados na força da corrente. Foi tudo em poucos minutos e, para falar verdade, não há nisto nem surpresa nem novidade. Já se tem visto outras vezes e até em mais amplas dimensões.

O certo é que de cada vez que chove um bocado para além da média e se registam inundações ouve-se um murmúrio de protesto contra a Câmara e e ouve-se, logo a seguir, vir a Câmara explicar que isso dos colectores de esgotos, agora sim, é caso arrumado, que a obra vai custar deslumbradoramente uma data de milhões de escudos e que, com tudo isso, podemos ficar descansados. Realmente, a Câmara fabrica a sua razão: aceitamos todos ficar descansados simplesmente até à próxima.

Ora «a próxima» foi anteontem, a próxima a partir da anterior que já nem se sabe quando foi, pois são tantas que se lhe vai perdendo a conta. Mas quantas mais são mais se aviva em todos nós, os cidadãos comuns, que andamos à chuva e nos molhamos, o sentimento da incapacidade efectiva daqueles que têm por encargo (que lhes foi cometido, que aceitaram e que se lhes paga) o zelar por estas aparentemente coisas de nada que fazem, afinal, o quadro da nossa própria vida. E a nossa vida de todos os dias.

Este sentimento de incapacidade dos nosso zeladores é muito mau. É mau, naturalmente para quem o sofre. E é mau, evidentemente, para quem é objecto dele. Os serviços desprestigiam-se, vêm à colação lembranças de outras razões de queixa, razões que se sentem ou que se ouvem. Vêm também palavras conclusivas que resumem tudo numa apreciação demeritória, porque as pessoas receiam estar fartas de esbracejar sem saber ao certo com que destino. Pelo que diz respeito às Câmaras, é coisa por de mais.

Para falar a verdade, já que é de Lisboa que estamos a falar e pretendemos fugir ao habitual vício das generalizações apressadas, a Câmara é rica. O dinheiro não falta para quantos apetites sumptuários vêm à lembrança. Só palácios, palacinhos e palacetes, de algum ou mesmo de discutível sentido cultural, é um nunca acabar. Não parece possível, pois, que falte o dinheiro para as grandes obras necessárias cujos planos periòdicamente se estadeiam perante os olhos e a imaginação de todos nós.

Mas se há dinheiro, se há planos, o que falta então? Falta, parece, a capacidade de os levar por diante, de andar com eles a tempo e horas. Falta que estas coisas sejam tomadas a sério. Falta que o sentido de responsabilidade esteja presente em todos quantos julgam que a função pública é tirar o retrato e ler discursos. Falta que se aceitem os incómodos e os trabalhos que estão no outro prato da mesma balança onde se pesam as honras e os proveitos. Falta, efectivamente, essa noção de responsabilidades, mas falta também quem as peça.

Queríamos que tivessem a certeza, os que se sentirem atingidos por este justificado desabafo, que é muito mais agradável dizer bem do que dizer mal. Queríamos que reconhecessem a nossa razão e que tivessem a certeza de que isso nos não dá prazer nenhum, porque fartos de ter razão andamos nós. Queríamos que a Câmara se metesse em brios e que desse conta do seu recado, que para isso existe e está instalada. E queríamos que a Câmara, se não é capaz, largasse de mão e se recolhesse a pènates a ver se outros lhe pegam com outro arreganho.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

A posição portuguesa no panorama mundial das pescas e as dificuldades com que se luta

(Continuação da pág. anterior)

indústria de conservas, como para a alimentação nacional, designadamente das classes de economia mais débil. «Assim é, pois mantém um baixo preço médio por quilo á descarga visto que, mesmo na desastrosa safra de 1968, esse preço foi de 3$37/kg.

«A produção média da sardinha e similares nos últimos anos tem sido superior ás 200 mil toneladas anuais e não se prevê que os cardumes existentes na nossa costa permitam uma apreciável intensificação do esforço de pesca.

«No ano de 1968 e no actual, todavia, verificou-se uma grande falta de sardinha na costa portuguesa metropolitana.

«Nos ultimos 11 anos, de 1957 a 1967, o volume médio anual das capturas foi bastante regular (só de sardinha, 128000 toneladas anuais).

«No decénio anterior, em que a média das produções foi mais baixa, houve dois anos — 1948 e 1949 — de queda brusca para cerca, respectivamente, de metade e um terço dessa média.

«Mesmo os paises mais ricos e evoluídos não dispõem de meios de investigação cientifica ou de quaisquer outros métodos que permitam prever a abundância ou a escassez dos cardumes. Assim, a previsão das capturas só se pode basear nos elementos estatisticos recolhidos ao longo dos anos.

«Observando os resultados verificados em Portugal, não parece descabido prever que aos maus anos de 1968 e 1969 se sigam outros de capturas normais, como sucedeu a seguir aos anos de 1948-49.

«Em 1968, realizaram-se pesquisas marítimas e observações aéreas em zonas mais distantes da costa, mas não foi possivel detectar a existência de sardinha — uma espécie capturada nos planaltos continentais que já há bastantes anos escaseia nas costas atlânticas da Espanha e da França e actualmente é muito abundante junto das costas marroquinas.

«As nossas traineiras são perfeitamente adequadas para o tipo de pesca para que foram projectadas, podendo capturar sardinha em qualquer ponto da nossa costa ou doutros países, se estes permitirem.

«Com efeito, essas embarcações dispõem dos meios electrónicos mais modernos para a pesquisa de cardumes, mantêm comunicação constante com postos de telefonia em terra e têm hoje montados aladores mecânicos de forma a aumentar o rendimento da pesca e a diminuir o esforço dos pescadores.

«Não se trata, pois, de uma frota obsoleta pela idade ou pelo equipamento — como se pretende fazer crer — mas sim de uma frota moderna ou modernizada e, considerando, como se espera e não há fundamento para pensar de forma diferente, que a sardinha regressará ás zonas habituais da nossa costa, nenhuma razão há, pois pelo menos por enquanto, para pensar na substituição desses barcos.

«Estas crises, aliás, cíclicas, tem-se registado em vários países, não nos constando que, em qualquer deles, os observadores — mesmo aqueles que se conhecem os problemas que se metem a tratar — tenham visto no homem o responsável pelas migrações do peixe ou na substituição de frotas bem equipadas, o remédio para essas carências...

«Este estado de coisas não deve impedir, porém, que, tendo em vista a crise actual e as suas implicações, devidamente se considere a construção ou aquisição de navios congeladores para capturar a sardinha em águas distantes do nosso País.

«É certo que, além do carácter aleatório da pesca, o exercício da actividade pelas embarcações em zonas marítimas próximas de outros países pode levantar dificuldades e restrições às suas actividades. No entanto, se até Abril de 1969 não foram adquiridas embarcações congeladoras para a pesca da sardinha, foi porque o Instituto Português de Conservas de Peixe não autorizava que a sardinha congelada fosse exportada ou utilizada na preparação de conservas. Só este ano foi concedida autorização para a fabricação de conservas com a sardinha congelada e, mercê desta autorização, já foi adquirido o primeiro navio congelador que entrou em actividade. A este, outros se seguirão.

«Não há, pois, que destruir as 385 traineiras de valor superior a 1 milhão de contos e deixar sem trabalho os 12 000 pescadores que nelas se ocupam só porque houve mais um período de migração da sardinha. Ou não será assim?

«Haverá, sim, que criar uma pequena frota complementar de congeladores que fornecerá um produto de características diferentes do proveniente da pesca costeira, isto é, sardinha congelada.

«Se administrar é prever, há fenómenos imprevisíveis. Quando surgem os problemas que esses fenómenos acarretam, há que estudar as soluções para eles. Foi o que se fez e se está a fazer com a sardinha».

Pesca do bacalhau

«Anteriormente ao início da reorganização da indústria (1934), a produção do bacalhau seco português era de 6108 toneladas anuais, cerca de 11 % do consumo nacional.

«Ora em 1968, a produção foi de 51 000 toneladas — o que representa cerca de 70 % desse consumo.

«Apesar de todas as dificuldades que esta indústria tem atravessado e uma das quais, sob o aspecto económico foi extremamente severa — o tabelamento de preços a nível muito inferior às cotações internacionais, sucedendo até que a produção nacional foi onerada com uma taxa para reduzir os preços do bacalhau importado — esta pesca tem-se desenvolvido e, progresivamente, têm-se substituído os navios de pesca à linha por arrastões.

«Só nos últimos cinco anos foram construídos seis arrastões do tipo mais moderno, com equipamento de arasto pela popa. A evolução verificada foi muito grande, não só sob o aspecto de produtividade, como de segurança e comodidade dos tripulantes.

«Esas unidades, além de disporem de uma completa aparelhagem electrónica para a navegação e detecção de cardumes, de radar, telegrafia e telefonia, produzem também filetes congelados e algumas em complemento, farinha de peixe, para aproveitamento dos detritos de bacalhau que é salgado e de outras espécies que não são utilizadas. São, portanto, navios fábricas que aproveitam a totalidade das capturas.

«Os novos navios de arrasto são, tècnicamente, dos melhores do mundo. Um deles, o «Cidade de Aveiro» na campanha de 1967, foi o campeão mundial das capturas de bacalhau para salga.

«A pesca à linha durante a sua fase de desenvolvimento viu substituidas as pequenas unidades por outras de maior porte, com excelentes condições de habitabilidade e segurança. (A carga média de bacalhau transportada por navio, em 1938, era de 300 toneladas, ao passo que, em 1967, foi de 750 toneladas).

«O emprego generalizado do isco congelado, a motorização dos dóris, a alagem mecânica do peixe dos dóris para bordo, a utilização de redes de emalhar e as comunicações radiotelefónicas entre os dóris e o navio-mãe foram as principais melhorias introduzidas neste sistema de pesca.

«A frota de navios à linha que, em 1960, tinha 51 unidades, dispõe actualmente de 30, tendo deixado, portanto, de se construir embarcações deste tipo.

«Tem-se dito que se trata de um sistema de pesca ultrapassado e pouco utilizado por outros países nas pescas longinquas e, dessa afirmação pode ser-se levado a concluir que se trata de uma frota obsoleta e que devia desaparecer.

«Sucede, porém, que o abastecimento de bacalhau ao País reveste dois aspectos: o quantitativo e o qualitativo.

«O segundo aspecto é, principalmente, dominado pela dimensão dos peixes e á medida que o nível de vida vai aumentando no nosso País, a tendência é para a maior procura de bacalhau grande em detrimento do pequeno.

«Ora, a pesca à linha é um método selectivo em que a produção de captura de bacalhaus maiores é muito mais alta do que no arrasto. Enquanto, pois, for possível, económica e socialmente utilizar a pesca à linha, nenhuma razão há para, esforçadamente — note-se bem — a interromper.

«É muito possível que a vida dessa parte da frota seja curta, visto que dois factores principais podem contribuir para o seu encurtamento: a diminuição de bacalhau nos bancos e a dificuldade de recrutar tripulações.

«Mas, até que esses factos se verifiquem, seria contrário aos interesses da economia nacional paralizar úteis meios de produção existentes e que capturam, como se disse, uma mais elevada percentagem de peixe de maiores dimensões.

«Tendo, porém, em consideração, esse factor — capturar maiores quantidades de peixe grande — encontra-se já em construção em Portugal a primeira parelha de arrasto, sistema muito utilizado pelos espanhóis, mas raro nos outros países. Esse processo de pesca obtém uma proporção mais vantajosa de bacalhau de tamanho. Se a tentativa der resultado, como se prevê, certamente outras embarcações desse tipo serão construídas.

«Como se vê, neste, tal como em tantos outros aspectos, a Organização Corporativa das Pescas — ao contrário do que alguns pretendem — não se tem remetido ao imobilismo.

«Sob o aspecto da produção nacional poder atingir a capacidade do consumo, o factor qualitativo é fundamental.

«Na verdade, considerando as dificuldades existentes no Mundo para a exportação de bacalhau salgado, não é aconselhável que a nossa produção exceda as necessidades do consumo interno e, assim, se não for possível, com outros métodos de pesca, como por exemplo as parelhas, obter uma produção maior de bacalhau grande, a pesca nacional deve ser inferior à capacidade de consumo para ficar uma margem a suprir pelas importações de bacalhau grande que é obtido, com facilidade, pelos países ribeirinhos — Noruega, Islândia, Dinamarca, etc., em que a pesca é exercida em áreas próximas de costas, que nos são — como se sabe, ou pelo menos como alguns sabem — interditas.

«O desenvolvimento desta pesca tem sido acompanhado pela instalação de câmaras refrigeradas para a conservação de bacalhau e de modernos secadouros aptos a efectuarem a secagem independentemente das condições meteorológicas.

«Nestas novas instalações de secagem as condições de funcionamento estão automatizadas. Uma das que se encontra em vias de acabamento é, tècnicamente, a mais moderna da Europa e o seu funcionamento automático é independente das condições meteorológicas externas».

COMENTÁRIO

Vale sempre a pena esclarecer quando não se pretende apenas «levar a brasa à nossa sardinha» e essa sardinha pode ter vários nomes. Ao escrever que não é muito elevado em Portugal o consumo de peixe, não fiz comparação, propositadamente, com outros países, para acentuar necessidade de fomentar esse consumo, como, aliás, se lê no Plano de Fomento. Mas pelos vistos, o consumo é já muio elevado e, portanto, gastei cera com ruim defunto.

No entanto, ainda pergunto: mas será mesmo? Países de grandes tradições marítimas e piscatórias, com um «interland» relativamente pequeno, lógico seria de esperar que, em Portugal, o consumo de peixe fosse mais elevado, sobretudo nas regiões do interior, tradicionalmente mais afastadas da costa do que a distância real faria supor. Pois onde há-de ser considerável o consumo de peixe senão em países como o Japão, a Noruega e Portugal?

Isto não quer dizer, contudo, que os países (alguns pelo menos) onde a captação de peixe é diminuta tenham uma alimentação pobre.

Mas é preciso que fique bem assente a respeito de tudo o que escrevi: nunca procurei «vender» chicharro por carapau e há muito quem faça.

A. E. P.

Marlboro

CIGARROS AMERICANOS COM FILTRO

Para conhecimento dos fumadores que dão preferência a esta marca de cigarros, os importadores exclusivos para Portugal, FREDERICO DE SEQUEIRA, HERDEIROS, informam que todos os maços de cigarros **MARLBORO** importados directamente da sua representada PHILLIP MORRIS INTERNATIONAL, de New York, garantindo a qualidade e frescura de **cada cigarro** têm uma etiqueta amarela com dois traços diagonais (um verde outro vermelho), mencionando o peso líquido do tabaco contido em cada maço. Qualquer maço de cigarros desta marca, sem esta etiqueta, á venda no mercado não deve merecer dos inumeros apreciadores dos cigarros **MARLBORO**, a confiança de frescura e qualidade. Lamentam declarar que são alheios á venda destes cigarros no nosso mercado, nestas condições, não podendo portanto atender vários reclamações que lhes têm sido dirigidas.

Impressões dos Estados Unidos

(Continuação da pág. anterior)

ao ódio o desprezo pela cor da pele. Quanto aos outros operários brancos, já sindicalizados e em melhor situação, nem se fala. São eles os piores inimigos da igualdade racial, os que opõem maior resistência aos sucessivos programas integracionistas do Governo Federal. Quem protege e defende os Negros, hoje em dia, são os americanos esclarecidos, a *intelligentzia*, com uma falange numerosa e aguerrida de estudantes. E é, também, o Governo, que faz o que pode.

O Preto americano tem contra si outra pecha que ajuda a manter a discriminação social. Refiro-me à maneira como fala o Inglês. É raríssimo ouvir um Negro exprimir-se bem na sua língua. Não se trata apenas daquelas deficiências no sotoque e na sintaxe típicas das gentes pouco instruídas de todos os países. Os Negros norte-americanos têm uma maneira particular de pronunciar as vogais e as consoantes que se mostra bastante homogénea entre si e que os separa claramente de todos os outros Brancos. No Sul, esse dialecto especial vem acrescido das peculiaridades — levadas ao exagero — tão características do inglês da Georgia ou do Alabama. É um inglês que desespera qualquer estrangeiro. A primeira vez que o ouvi foi como se estivesse em presença de uma língua completamente nova. Depois de quase quatro anos habituei-me um pouco ao seu falar, mas sempre com falhas na boa compreensão. Consolava-me com o facto de a muitos Americanos suceder coisa parecida.

No Sul, os vestígios da discriminação vêem-se por toda a parte, embora não haja dúvida de que se progrediu imenso nestes últimos dez anos. No Alabama, vi, pela primeira vez, torneiras de água de beber, aos pares, rotuladas de *White* (Brancos) e *Colored* (Negros). Também se encontravam urinóis separados e salas de espera nas estações de caminho-de-ferro e autocarros segregadas, com bilheteira e tudo. Nos transportes colectivos, era norma os Brancos sentarem-se à frente e os Pretos atrás. Nos cinemas do centro das cidades ainda é raro ver-se um Preto. Nos filmes projectados diante de assistências de gente nova, no Sul, o simples aparecimento de um Preto no *écran* provoca, muitas vezes, ruidosos apupos. Já se vêem Negros nas universidades de Brancos, mas é ainda muito raro que uns e outros acamaradem às mesas das cantinas ou nos bancos dos jardins. Não se toleram casamentos mistos — embora a lei federal os permita — e continua a haver Estados onde os casais «promíscuos» incorrem na pena de expulsão. Apesar de todos os esforços em contrário, existem, ainda, igrejas só para Brancos e igrejas só para Pretos. Aliás, um pastor presbiteriano, pai de um amigo meu, defendia do púlpito que fora Deus quem instituíra a segregação racial (os Pretos descendiam de Caim, os Brancos de Abel) e invocava não sei quantos versículos da Bíblia para proibir a entrada de Pretos nos templos reservados a Brancos!

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

«OS DIREITOS DA MULHER»

O ÊXITO DUM AUTOR

Alfonso Paso, consagrado autor espanhol, conquistou mais uma vez o público português com a admirável comédia «Os Direitos da Mulher», que Vasco Morgado apresenta no teatro Variedades em 2.º mês de plenissimo êxito e no desempenho da sua Companhia Teatro Alegre. «Os Direitos da Mulher» uma peça cheia de espírito, crítica e malícia, levanta um tema muito sério: «As mulheres têm os mesmos direitos que os homens?»... e, assim, o autor desenrola uma comédia que põe à prova o excepcional talento dos dois protagonistas Henrique Santana e Lia Gama ao lado dos aplaudidos artistas Irene Isidro, Costinha, Maria Helena, Luísa Durão, David Silva, Helena Isabel e Benjamim Falcão. Direcção e encenação do espectáculo a cargo de Henrique Santana. Todas as noites às 21.45, aos domingos ás 16 horas., segundas-feiras descanso da Companhia.

YVES MONTAND e MARIA SCHELL

num filme de PHILIPPE DE BROCA

com JEAN ROCHEFORT JEAN-PIERRE MARIELLE e MADELEINE RENAUD

O DIABO À SOLTA

(LE DIABLE PAR LA QUEVE)

QUASE MEIO MILHÃO DE ESPECTADORES NA ESTREIA EM PARIS!

um "caso diabólico"

assinala a inauguração da nova temporada do cinema

SÃO JORGE

CENARIOS E DIÁLOGOS DE DANIEL BOULANGER

CLOTILDE JOANO - CLAUDE PIEPLU XAVIER GÉLIN - TANYA LOPERT MARTHE KELLER

UNE CO-PRODUCTION FRANCO-ITALIENNE FILSEBROC - LES PRODUCTIONS ARTISTES ASSOCIES - (PARIS) - P.E.A. (ROME)

AMANHÃ

ADULTOS ÀS 21,30

HOJE EM INAUGURAÇÃO DE TEMPORADA

CINEMA CHIADO TERRASSE E CINEMA STADIUM ALGÉS

depois de remodelado

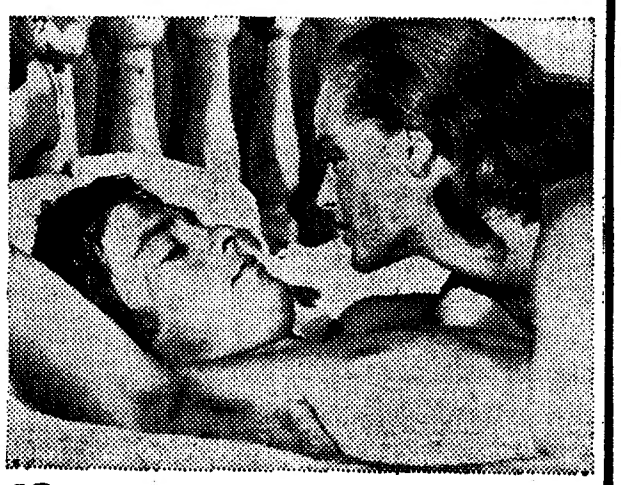
A PISCINA

(LA PISCINE)

COM

ALAIN DELON / ROMY SCHNEIDER

Maurice Ronet Jane Birkin



10 SEMANAS NA ESTREIA

O MAIOR ÊXITO DA TEMPORADA FINDA

ADULTOS COLORIDO Dist. de Exclusivos Triunfo

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL!

A mais sublime das histórias de amor no ambiente escaldante da GUERRA CIVIL de ESPANHA

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

Technicolor M/ 12 anos

com GARY COOPER INGRID BERGMAN

HOJE ESTREIA no MUNDIAL

O livro «Por quem os sinos dobram» é editado em Portugal por Livros do Brasil, S. A. R. L.

H-5

PRODUTO PARA LIMPEZA DE CASACOS DE CAMURÇA — CHEGOU NOVA REMESSA

PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C

AUMENTO DE CUSTO DE VIDA

NÃO!...

40 ANOS a procurar vender sempre por melhores preços

OUTONO E INVERNO

APRESENTAMOS AS NOVAS COLECÇÕES DE MEIAS DE FANTASIA E COLLANTES

Nova promoção de vendas

6 MEIAS, IGUAL A 5 PARES

15$00

Meias descanso sem costura: indicadas para toda a mulher empregada ..... 65$00

REI DAS MEIAS

LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 32

TEATRO DA TRINDADE

Todas as noites às 21h30 até 4 de Outubro de 1969

SILVA VICENTINA

(recolha de textos de Gil Vicente em forma de revista popular)

Pelo Proscenium, do Sindicato dos Profissionais de Escritório

Direcção: PEDRO LEMOS (M/ 12)

TEM PRÉDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da India Portuguesa, 13.

A COMÉDIA DO MOMENTO

VARIEDADES 15.ª semana

OS DIREITOS da MULHER

HOJE, À NOITE, Às 21.45 (Adultos)

2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.

TAUROMAQUIA

A DISCUTIDA EDITH EVANS FINALMENTE AMANHÃ NO CAMPO PEQUENO

Motivos imprevistos obrigaram a empresa do Campo Pequeno a adiar, por duas vezes, a apresentação em Lisboa da gentil rojoneadora norte-americana Edith Evans que, para além dos êxitos com que vinha credenciada do México e de Lourenço Marques (confirmados em diversas praças do continente), veio levantar certa polémica e celeuma nos meios tauromáquicos nacionais. Entrevistas nos jornais, na Rádio e até uma ida ao «Zip-Zip»...

Pois a simpática rojoneadora vai alternar amanhã, á noite, no Campo Pequeno, com o luso-austríaco Gustavo Zenkl.

Na parte apeada teremos o triunfador Ricardo Chibanga, que anda por Espanha conquistando posições destacada, com corte de orelhas em San Sebastian de los Reyes, Valência e, no passado domingo, na primeira corrida da feira de Cáceres, onde esteve em evidência, cortando três orelhas, ao lado de Rafael Torres (duas orelhas) e de «Marcelino» (orelha). Com Chibanga veremos outro jovem novilheiro, que está fazendo promissora carreira por Espanha — José Manuel Pinto.

As pegas foram confiadas aos Forcados Amadores do Colégio de Nuno Alvares, de Tomar, chefiados por Manuel Faia, e os oito toiros pertencem ás ganadarias de Vinhas (Manuel e Mário) e de Manuel e Carlos Veiga, respectivamente, para as lidas equestres e apeada.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Odeon

Título em português — «Os Vingadores».
Produção — Americana
Realização — Robert Rigg.
Intérpretes — Patrick Magnee e Diana Rigg.
Género — Aventuras.
Distribuição — Filmitalus.
Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

No Mundial

Título em português — «Por Quem os Sinos Dobram».
Produção — Americana.
Intérpretes — Gary Cooper e Ingrid Bergman
Género — Romance.
Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

Para a etiqueta «Estúdio», o cançonetista Tony de Matos gravou um «L. P.» que inclui as seguintes composições: «Contigo aprendi», «Maria trapeira», «Aquela rosa», «Morri ontem», «É só mentira», «O amor de nós dois», «Uma canção para você», «É mentira», «Insatisfeito», «Rosa negra», «Obrigado» e «Tu não te importes»

ora diga-nos...

— Já andou à pancada?

O processo é mau. Ms as vezes, não há outro. Especialmente quando o adversário é mais fraco. Leitor brigão: tu desafiavas prá pancada o Cassius Clay se ele te chamasse nomes?...

● *O nosso primeiro entrevistado chama-se António Joaquim Ovelheira Parreira claro que é alentejano, o apelido Ovelheira não engana: encontrámo-lo em Fernão Lopes, entre os populares aderentes à causa do Mestre de Aviz.*

— Sim, já andei muitas vezes à pancada. A última foi há duas semanas. Andei à pera com um rapaz da minha idade, empregado numa drogaria.

— *E porquê?*

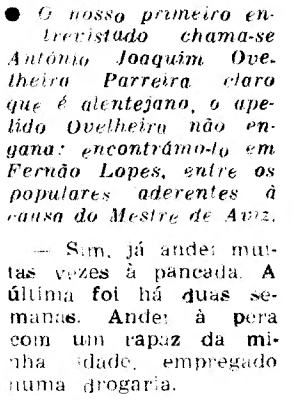
— Ele chamava-me coisas, enervava-me. O pior foi que lhe partí os óculos.

— *Ele queixou-se?*

— Queixou-se na esquadra, mas não paguei nada

— *?!...*

— Ele não conhecia a minha morada...



● — Não, nunca andei à pancada — *responderam-nos Maria Margarida Moreira, empregada de mesa no «Candilho da Ti Clara», da Rua da Atalaia* — Não sou rapariga para me meter nesses buracos...

— *Mas nunca se zanga?*

— Do meu natural sou calma. Às vezes zango-me. Se me provocam, dou as costas por resposta. Não gosto de lutas.

● *Ia, pela rua acima, com a pá ao ombro. Um passo lento, pesado, difícil. Chama-se Manuel Pereira Machado, natural de Ponte de Barca...*

— Mas resido em Lisboa há dois anos.

— *Com a família?*

— Não, sòzinho. Moro num quarto e com a comida pago 800 escudos. Mando à família 100 escudos por semana.

— *Onde é que trabalha?*

— Nas ruas, a calcetar.

— *E antes?*

— Era trabalhador dos campos.

— *Porque é que veio para a construção?*

— Por causa do abono de família. Tenho seis filhos.

— *Nunca vai ver a mulher?*

— Raramente. Da última vez que lá fui, foi no Natal. As viagens são caras: quase 500 escudos ida e volta.

Ainda se falou em andar à pancada o sr. Machado respondeu qualquer coisa, género «sim, em pequenos todos guerreamos, mas no fim ficamos sempre amigos», e disse mais coisitas, agora não me recordo, uma pessoa às vezes tem o pudor das minharias...

N-I-N-A
NIGHT CLUB
Maiores de 21 anos
HOJE — ESTREIA
JOANNA KISS
EM BAILE MODERNO
KARINA Y ACERO
EM BAILE ACROBÁTICO

SALVADOR

MARIEMA

● BREVEMENTE, no
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM A NOVA REVISTA
MARIA VITÓRIA
ESPERTEZA SALOIA
ESCRITA POR ANÍBAL NAZARÉ, SALVADOR E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
● UM EXTRAORDINÁRIO ELENCO, COM
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MÁRIEMA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
VÍTOR MENDES ● MARIANO FRANCO ● DINA MARIA
CRISTINA CASSOLA E UM FORMOSO GRUPO DE JOVENS ACTRIZES
3 ATRACÇÕES
O SOLISTA DE GUITARRA PORTUGUESA
● FRANCISCO CARVALHINHO
A «VEDETA» DO FADO
● HELENA TAVARES
O FAMOSO CONJUNTO FILIPINO
● «THEMELODIES»
UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL
ADULTOS
● A BILHETEIRA ABRE AMANHÃ, ÀS 16 HORAS

VASCO MORGADO apresenta o TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol em
«A MAÇÃ»
de Jack Gelber
só até Domingo no
TEATRO LAURA ALVES
Hoje, às 21 e 45 h (Adultos)
Interpretação de Vítor Ribeiro, João Vasco, Zita Duarte, António Marques, Augusto Leal, Céu Guerra e Santos Manuel. Cenário de Espiga Pinto. Encenação de Carlos Avilez. Tradução de Mário Delgado. Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
ESTUDANTES — 50 % DESCONTO

Na LAGOA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Central

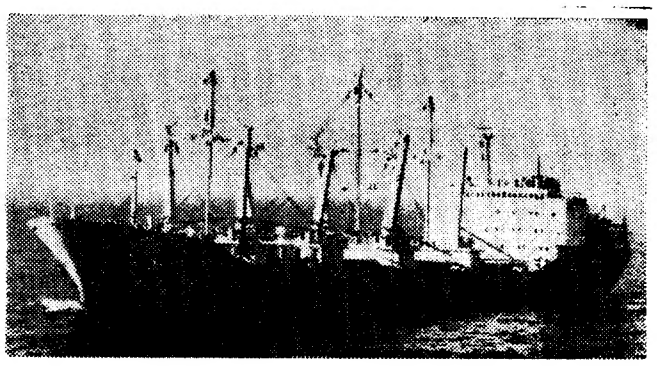
CAMILO FLORBELA
OCTÁVIO DELFINA
AS ATRACÇÕES
PAULA RIBAS
RUI DE MASCARENHAS
e um CORPO DE BAILE com 28 FIGURAS
O CARTAZ LUMINOSO DA CIDADE
CONTINUA A SER
A REVISTA
DOS PARODIANTES DE LISBOA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
NO
MONUMENTAL
T. 55 51 33 (ADULTOS)
2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
4. MÊS
AS MAIS LINDAS MULHERES
A MAIS BELA MÚSICA
NUMA SUMPTUOSA PRODUÇÃO MUSICAL AO NÍVEL INTERNACIONAL
UM ÊXITO INDISCUTÍVEL!

VASCO MORGADO apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
— HOJE —
às 21 e às 23 h.
(ADULTOS)
RAUL SOLNADO
NUMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDÍSSIMO
Amor às riscas
UMA PEÇA DE «SUSPENSE CÓMICO»

NOVO CARGUEIRO DA COLONIAL

Chega amanhã ao Tejo, vindo de Copenhaga, onde foi embandeirado como português, o novo cargueiro «Bailundo», adquirido pela Companhia Colonial de Navegação aos estaleiros de Stettin. Trata-se de uma unidade de cerca de 13 000 toneladas DW, que mede 158 metros de comprimento total, por 21 de boca e 13,2 de pontal. Dispõe de um moto Sulzer, de 7200 BHP, a 139 r. p. m., que lhe imprimiu, nas experiências, a velocidade máxima de 17 milhas horárias.

A concepção do «Bailundo» é por tal forma actualizada, que o navio está preparado para carregar 166 contentores de 8 × 8 × 20 pés. Tem um pau de carga para 50 toneladas e dois para 25, possui materiais incombustíveis nos alojamentos e dispõe de reforço para cargas pesadas. Com uma autonomia de 13 000 milhas — mais do que a distancia de Lisboa a Macau — pode receber além de carga geral, carga a granel, minérios, cereais, madeiras e óleos vegetais.



O novo navio «Bailundo» da Companhia Colonial de Navegação para as carreiras de África

O «Bailundo» deve partir, em breve, para a sua primeira viagem ao Ultramar.

A Companhia Colonial de Navegação tem em construção nos Estaleiros de Viana do Castelo, um outro cargueiro de idêntica tonelagem — o «Malange» — em harmonia com o programa de renovação da sua frota.

Vendo colecção «Diário do Governo» (32 anos) Rev. Legislação Jurisprudência — Colecção Legislação 1830/1935. Telef. 65 02 55.

Dizem os leitores...

A CONSULTA FOI MARCADA PARA DAQUI A DOIS MESES

Da nossa leitora sr.ª D. Maria Guilhermina Pinto da Silveira, de Lisboa, recebemos esta carta:

«Minha mãe é beneficiária duma Caixa de Previdência e necessita de uma consulta para a oftalmologista desta cidade dr.ª Ruth Flor de Oliveira, com consultório na Rua Passos Manuel n.º 105-primeiro andar esquerdo.

A consulta era só para mudar de lentes, uma vez que já vê mal com as que tem.

Munida da respectiva credencial, telefonei para o consultório da dita oftalmologista. Respondeu-me a empregada. Fiquei na duvida se seria do consultório se das limpezas (sem menosprezar estas ultimas) e fiz a minha marcação. A dita «senhora» marcou a consulta, pasme o sr. director, para o dia 13 de Novembro próximo. Quando eu achando que entre o dia 22 de Setembro e o dia 13 de Novembro havia quase dois meses de intervalo. Iho fiz sentir, respondeu-me aos gritos e de uma maneira tão indelicada que fiquei a pensar o seguinte: serão os beneficiários das Caixas de Previdência alguns empestados que seja necessário desligar-se o telefone, violentamente, com receio do contágio.

Outra duvida me ocorreu: os médicos especialistas não ganharão o suficiente para pagar aos seus funcionários um curso de boas maneiras ou será só exclusivo para os beneficiários das Caixas?

É pena, sr. director, que, num país maravilhoso como é o nosso, que deu mundos ao mundo e fomentou a civilização, hoje em dia haja tanta falta de civismo e tão pouca caridade para com o próximo.»

«OLVIDO E INGRATIDÃO»

A propósito da crónica do nosso prezado camarada de redacção César dos Santos, sob o mesmo título, recebemos do sr. Guilherme Guerra uma carta com judiciosas considerações, da qual, pelo interesse colectivo de que se reveste, reproduzimos o seguinte passo:

tecaldamarãs

«A substituição sistemática de nomes de personalidades ilustres de republicanos por outros nomes, nestes ultimos anos (ainda que de pessoas que se notabilizaram em qualquer sector) não é exclusivo das terras da província. Corresponde, pelo contrário, a um *programa* que tem vindo a ser cumprido igualmente em Lisboa — o que é fácil de verificar. Sabe hoje a generalidade dos lisboetas para onde foi relegado o nome de Eugénio dos Santos? É só um exemplo; mas há muitos mais. Eis um tema interessante para estudo.»

FRANCA VILA DE XIRA

GRANDIOSAS CORRIDAS DE TOIROS

Na mais castiça praça de toiros de Portugal

DOMINGO, 5 (As 16.30 h.)
CAVALEIROS
Manuel Conde
David R. Telles
Frederico Cunha
e o amador
J. L. Sommer d'Andrade
FORCADOS
Amadores de Lisboa
cabo: Salvação Barreto
Amadores de Évora
cabo: J. Nunes Patinhas
7 TOIROS DE
J. M. Andrade
e Ernesto de Castro
(M. 6 anos)

2.ª-FEIRA, 6 (ÀS 16.30)
CAVALEIROS
Gustavo Zenkl
Fernando Andrade Salgueiro
ESPADAS
José Júlio
Mário Coelho
FORCADOS AMADORES
Académicos de Vila Franca de Xira
cabo: Miguel Palha
8 TOIROS DE
Lima Monteiro
e João Ramalho
(M. 6 anos)

3.ª-FEIRA, 7 ÀS 21.45 h.)
CAVALEIROS
Mestre Batista
L. M. da Veiga
ESPADAS
José Júlio
José Falcão
FORCADOS
Amadores de Lisboa
cabo: Salvação Barreto
4 TOIROS DE
Francisco de Goes
4 TOIROS DE
José Lupi
(M. 12 anos)

4.ª-FEIRA (M. 6 anos) dia 8, ás 16.30 h.
GRANDIOSO FESTIVAL DE HOMENAGEM AOS CAMPINOS DO RIBATEJO

TODOS OS DIAS EMOCIONANTES ENTRADAS DE TOIROS

BILHETES À VENDA: Ag. ABEP, Restauradores; Tabacaria Freitas, R. 1.º de Dezembro, 85; e em Vila Franca de Xira, telef. 001322087

A.E.P.

AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.

Fabricantes de:
MATERIAL DE TELECOMUNICAÇÕES, ELECTRÓNICA E SINALIZAÇÃO DE TRÂNSITO

PROJECTOU, FABRICOU E INSTALOU A NOVA ESTAÇÃO TELEFÓNICA AUTOMÁTICA DE

PRAIA DO SOL (COSTA DA CAPARICA)

SISTEMA DE COORDENADAS «5005»
(capacidade 2.000 linhas)

ADMINISIRAÇÃO
AV. SIDÓNIO PAIS, 18, 1.º-DT.º — TELEF. 5 71 46
FABRICA E ESCRITÓRIOS:
AV. INFANTE D. HENRIQUE, 333 — TELEF. 31 20 71 — Apartado 1060
Telegramas: «Plessey» — Telex: 1190 PAEP P
— LISBOA —
ASSOCIADA AO GRUPO DE COMPANHIAS
PLESSEY COMPANY LIMITED
— INGLATERRA —
GRUPO

PLESSEY

RESTAURANTE-SNACK

O CONVÉS

ABERTURA EM 2 DE OUTUBRO

EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE

HOTER – Sociedade de Exploração Hoteleira, Lda.

3.º SALÃO DE EXPOSIÇÃO NSU

Todos os modelos NSU em exposição
e secção de carros usados provenientes de trocas

NOVO STAND
AV. DA REPÚBLICA, 84 (frente à feira popular) TEL. 77 80 73 • LISBOA

A OBRIGATORIEDADE DO PREÇO FIXO
(COM BASE DA LEI DA OFERTA E DA PROCURA)
PEDIDA PELOS RETALHISTAS DE TECIDOS

No passado dia 6 reuniram na sede da União de Grémios dos Comerciantes do Porto representantes de quase todos os grémios retalhistas situados a norte de Coimbra (incluindo a Beira-Baixa), que entre outros documentos deliberaram por unanimidade enviar á Corporação do Comércio uma exposição reivindicando a liberalização dos margens de lucro e o preço fixo, nos moldes sugeridos pelo Grémio de Tecidos de Coimbra.

Essa exposição, subscrita pelos Grémios de Tecidos e Actividades Afins do Porto, Grémio de Tecidos de Coimbra e Grémios de Comércio de Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Barcelos, Santo Tirso, Lousada, Marco de Canaveses, Matosinhos, Pacos de Ferreira, Póvoa de Varzim, Valongo, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia, Vila Real, Chaves, Pinhel, Gouveia, Seia, Fornos de Algodres, Covilhã, Belmonte, Penamacor e Gondomar, seguiu agora os seus trâmites normais, sendo remetida á entidade cimeira da Organização Corporativa pela direcção da União de Grémios do Porto, em 17 do corrente, a pedido do Grémio de Tecidos ali integrado.

É o seguinte o texto da exposição:

«Neste momento crucial, em que o comércio retalhista de artigos não sujeitos a tabelamento se interroga sobre o futuro, pela perspectiva inquietante de uma regulamentação de preços que, não trazendo quaisquer benefícios ao consumidor, se apresenta cheia de perigos para algumas actividades, como é o caso dos artigos de vestuário, os organismos que subscrevem o presente documento vêm, em sua representação, expor a V. Ex.ª os motivos que justificam a ansiedade dos seus agremiados e pedir se digne intervir superiormente para que sejam satisfeitas as suas justas aspirações.»

UM POUCO DE HISTÓRIA

«Após a entrada em vigor, no ano de 1957, do iníquo Decreto-Lei n.º 41 204, levou a cabo a então denominada Intendência Geral dos Abastecimentos uma campanha de fiscalização de preços com vista ao cumprimento do disposto no art.º 24.º do referido diploma.

De curta duração foi essa campanha porque, logo se dando conta que o decreto media os encargos gerais dos mais díspares ramos de comércio pela mesma bitola, que fixou em 7 %, se teve de suspender a fiscalização e execução do que se revelava impraticável, sob pena de os logistas irem todos para a falência.

Deste modo, continuou a processar-se a vida comercial dentro dos mesmos moldes que vinham desde o princípio da nacionalidade. quer dizer, em regime de livre formação de preços, sem que desse facto resultasse prejuízo algum para o público, antes pelo contrário, pelo partido que vem tirando de uma concorrência cada vez maior.

Quando recentemente os comerciantes começavam a alimentar a esperança de ser disciplinada essa concorrência, que. quando excessiva e desregrada, também é nociva á Nação. mercê do notável esforço que nesse sentido vinha desenvolvendo a Corporação do Comércio, nova investida surge contra os retalhistas, acusados de grandes especulações e tudo o mais que se teve ensejo de presenciar. Parece. contudo. que o único crime existente consiste em ganhar-se cada vez menos, não obstante a espiral de encargos ir insidiosamente progredindo. sobretudo no que diz respeito a ordenados do pessoal. rendas, contribuições para o Estado e para as Caixas de Previdência.»

REGULAMENTAÇÃO DE PREÇOS

«A vaga de protestos a que deu lugar a referida campanha difamatória de uma classe que vive honradamente do seu labor quotidiano, e quantas vezes em precárias circunstancias, sucedeu o presente período de acalmia, em que se diz estar em estudo um condicionamento de percentagens para substituição das indicadas no Decreto n.º 41 204, reconhecidas como manifestamente insuficientes.

É muito louvável — todos o reconhecemos — o propósito da Administração em procurar por todos os meios a estabilização de preços, vantajosa para todos, especialmente para as pessoas de mais parcos recursos. a quem se tem de assegurar o mínimo vital. Mas o comércio. ao invés do que muita gente erradamente pensa — mesmo ilustrada —, tem também todo o interesse em evitar a inflação, que é inimiga terrível da sua normalidade financeira, desfalcando por via de regra os seus valores patrimoniais, pela impossibilidade de reposição de **stocks**.

Não estando demonstrado pela experiência própria ou alheia que a repressão de preços a possa evitar, aceita-se. contudo, que funcione nos sectores onde se tem notado movimentos altistas, conforme está a acontecer nos géneros alimentícios, rendas de casa e transportes. Parece. porém. ser um absurdo estender-se a ramos que vivem em crise de abundancia. onde as medidas económicas desejáveis seriam de carácter oposto. além de que a dispersão das brigadas enfraquece a sua actuação nos pontos em que se torna imperioso concentrarem-se.

Haverá alguém que se queixe do preço dos tecidos se eles estão práticamente ao nível de há 20 anos, apesar de os encargos do comércio e da industria terem aumentado extraordinàriamente desde então? Tal situacão só mesmo é possível pelas dificuldades do escoamento de toda a produção têxtil. estando por isso em calamitosas condições grande parte das principais unidades fabris. algumas já encerradas.

Nada teria o comércio a objectar a uma regulamentação de preços se a questão fosse tão simples como parece apresentar-se a alguns departamentos governamentais. Se um dia vier a ser possível obrigar-se a indústria a fabricar um só tipo de camisas, um só desenho de botões de fantasia ou um único modelo de vestido de «soirée», venha a regulamentação de preços que os comerciantes aceitam-na de braços abertos, satisfazendo-se com percentagens bastante mais baixas que as actualmente necessárias. Mas não é com a fantástica profusão de modelos. dos quais fica sempre uma parte por vender. seja qual for a quantia por que venham a saldar-se. que oferece viabilidade a organização da tabela para depreciacões.

Os artigos de vestuário têm de classificar-se não só em função da sua qualidade, mas segundo a cotação que têm dentro da moda. Sucede, por vezes, que num mesmo tecido determinada cor tem de ser valorizada para compensação de outras, que de um momento para o outro deixaram de ter saída. Apenas os profissionais competentes estão habilitados a acompanhar as constantes flutuações dos preços. A regulamentação, se fosse possível, tinha ao menos a vantagem de se prescindir daqueles, entregando-se as tarefas de marcação da mercadoria, com uma tabela na mão, a principiantes ou pessoal de segunda ordem!

Entre os riscos da regulamentação, um se destaca pela sua importância: o abandono imediato da comercialização de grande imensidade de artigos de vestir, cuja existência no mercado sòmente se torna possível com percentagens livres. Isso virá trazer problemas ao público, que não os pode dispensar e terá de os procurar no «mercado negro», á indústria que sofrerá paralisações. aos operários, que ficarão sem trabalho... A não se dar ouvidos ao parecer dos técnicos que estão dentro da profissão, depressa se constatará de que lado está a razão.

Segundo averiguações do Grémio de Comércio da Covilhã, Belmonte e Penamacor, não existe em nenhum país da E. F. T. A., ou do Mercado Comum, qualquer regulamentação de preços fora dos géneros essenciais.

Conclui-se assim, para além de tudo, nada ter onde se apoiar — nem em Portugal, nem no estrangeiro — tão contraproducente medida económica.»

PREÇO FIXO

«A melhor e mais eficiente regulamentação que em Portugal pode ser criada, e de que tanto pode ser beneficiário o consumidor como o comerciante devidamente apetrechado, é a instauração do **preço fixo**, em regime de marcação livre, limitado apenas pela concorrência.

Numa Europa com a qual somos forçados a acertar o passo, resta-nos esta actualização de processos de negociar para não ficarmos para trás.

Ainda que pareça contraditório. se houver castigo para a concessão de descontos — contemplando-se. necessàriamente. as excepções que se podem justificar — os preços baixam mais assim do que por qualquer artificialismo teórico de natureza legal.»

CRIME DE ESPECULAÇÃO

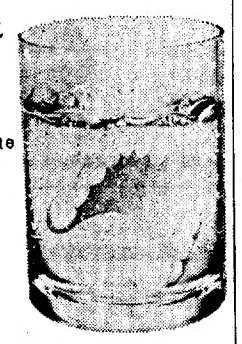
«Assinale-se antes de mais que o crime de especulação não é admissível numa organização comercial digna desse nome, que tem responsabilidades perante a clientela, tem um nome a defender e não pode estar à mercê de conluios com os empregados. Por outro lado, vender-se uma mercadoria mais cara do que o preço da concorrência é muito difícil, pois o público tem hoje os olhos bem abertos.

Nos raros casos, porém, em que tal suceder, isto é, sempre que se transaccionem mercadorias por preço superior ao tabelado ou ao que estiver marcado na etiqueta — e em regime de

(Continua na 14.ª pág.)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Higiene perfeita da sua dentadura postica!



Num copo com água, ponha a sua dentadura postica e uma pastilha COREGA. Instantâneamente a água torna-se azul e o oxigénio puro e activo de COREGA provoca uma forte efervescência que limpa completamente as próteses dentárias, até nos pontos menos acessíveis.

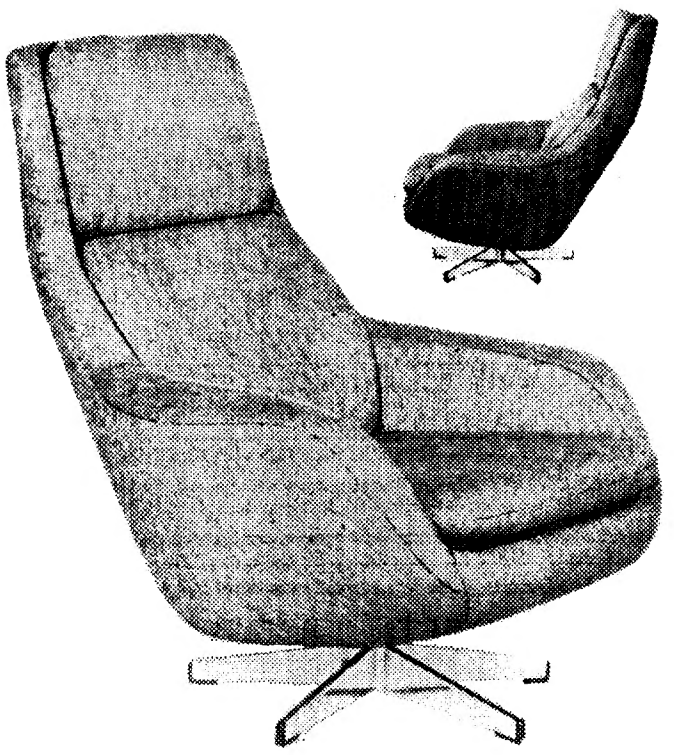
A novidade em COREGA consiste no facto da água permanecer azul durante a operação de limpeza, tornando-se límpida ao fim de alguns minutos, sinal de que a sua dentadura está já perfeitamente limpa.

COREGA TABS dá-lhe, em pouco tempo, a certeza de ter a sua dentadura postica impecável, inodora e duma brancura extrema.

COREGA® TABS
Utilize também o pó fixativo COREGA

Representantes em Portugal:
Est. Jerónimo Martins & Filho, Lda.
Rua Ivens, 57 - 2.º - Lisboa.

ETP 30



DOMUS
A NOBREZA DO DESENHO CONTEMPORÂNEO
É UMA CADEIRA
SEEL

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S. A. R. L.
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFS. 324986 - 328671 - 327022

Actualidade internacional

SUÉCIA — Novo chefe de Governo

O primeiro-ministro sueco Tage Erlander, que abandona a chefia do seu partido e do Governo, depois de 23 anos no Poder

(Continuação da 1.ª página)

dança de chefia do partido social-democrata, que está no poder há cerca de 40 anos, e cujo congresso nacional se iniciou, no dia 28, debaixo da maior expectativa internacional.

UMA VIRAGEM ARRISCADAMENTE ESQUERDISTA?

Tage Erlander, muitas vezes violentamente atacado pelas oposições, era, no entanto, um dos elementos mais moderados do seu partido, debatendo-se por vezes com grande dificuldade contra a ala extremista ser exclusivamente militar, ainda mais radical, como a instauração da república, a socialização dos bancos, a igualdade dos salários, a neutralização das classes sociais, atitudes mais ostensivas no campo internacional, etc.

O dilema «um Governo forte ou a participação directa de todos os cidadãos nas decisões do Estado» tem colocado Erlander em certas dificuldades, agravadas notòriamente pelas pressões dos grupos de jovens socialistas que, em competição descontrolada com os núcleos de jovens liberais (de tendência ainda mais maoistas) têm levado a Suécia a uma série de atitudes que chocaram o Mundo dos nossos dias.

E A NEUTRALIDADE?

Com efeito, a apregoada neutralidade política e militar que livrou a Suécia dos pânicos e sofrimentos que muitos outros países sentiram (incluindo os seus vizinhos) limita-se hoje a ser exclusivametne militar. A ostensiva agressividade contra o mundo ocidental (Estados Unidos, América Latina, Portugal, Espanha, Grécia, de Gaulle, Kiesinger, Árica do Sul, Rodésia, etc.) as posições oficiais tomadas nas Nações Unidas, o reconhecimento do Vietnam do Norte, as amizades com a União Soviética, o comércio com Pequim, etc. têm sido consequência directa da cada vez maior influência das camadas buliçosas dos jovens manifestantes, apoiadas pelos jornais e exploradas pelo oportunismo dos partidos radicais.

Paradoxalmente, esta política vincadamente esquerdista, manobrada pela juventude activista, está a ser observada com cada vez maior desconfiança, quase inquietação, pela grande grande massa dos operários e trabalhadores suecos, a mais beneficiada e o grande sustentáculo do partido socialista, a qual, naturalmetne, não quer arriscar o seu invejável bem-estar no caos da anarquia.

Existe a convicção de que Tage Erlander bem podia esperar mais um ano, a fim de nas eleições gerais de 1970 levar mais uma vez o seu grande partido á vitória. Mas, não será a sua retirada uma atitude estratégica motivada pela confusão dos choques ideologistas que, a acentuarem-se, conduzirão o país a crises de trágicas soluções?

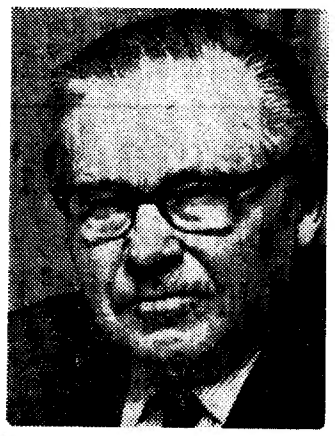
OLOF PALME — O GRANDE FAVORITO — PRÓ-COMUNISTA POR CONVENIÊNCIA OU POR CONVICÇAO?

Na tarde de hoje, o partido social-democrata elegerá o seu novo chefe, que se tornará automáticamente o chefe do Governo da Suécia, embora o actual gabinete só apresente a sua demissão ao rei no dia 9, entrando em função o novo Governo cinco dias depois.

Mas poucas dúvidas subsistem acerca de quem sucederá a Tage Erlander.

Olof Palme, de 42 anos, actual ministro da Educação, depois de o ter sido das Comunicações e, antes, ministro sem pasta, é justamente o grande favorito dos jornais e das massas juvenis. E mais: é igualmente o candidato preferido por Erlander, de quem foi secretário e discípulo.

A maior popularidade de Olof Palme resulta das atitudes mais ou menos chocantes ou publicitárias que têm deliciado a Imprensa sensacionalista (ajudando-a a vender o papel) e assombrado uma parte do Mundo. Relembramos nomeadamente a sua marcha pública de protesto contra



O experiente político, de tendências moderadas, Gunnar Strang, ministro das Finanças, de 63 anos, é o maior rival de Palme para a chefia do partido e do Governo

a intervenção norte-americana no Vietnam, de archote na mão, ao lado do embaixador de Hanói em Moscovo; a sua manifestação também nas ruas de Estocolmo, acompanhando Melina Mercouri, contra o regime militar grego; a sua longa comparticipação, com a esposa e filho, no discutidíssimo filme pornográfico «Sou curioso - amarelo»...

Pode dizer-se que, praticamente por sua causa não há hoje em Estocolmo embaixadores dos Estados Unidos, da Grécia nem da África do Sul. E os delegados portugueses ás recentes conferências de ministros de Transportes também podem contar muito de curioso sobre as manobras do belicoso Palme relativamente ao nosso País...

...OU UMA SOLUÇAO REALISTICAMENTE MAIS MODERADA?

Outro candidato ao comando, de muito sérias probabilidades, respeitado de uma forma mais concreta e com grande apoio de um vasto sector do seu partido, é o ministro das Finanças, Gunnar Strang, de 63 anos, político mais experiente, de bastante cultura, mais moderado e grande responsável pelas reformas financeiras que estão, de facto, na base do extraordinário progesso material de que goza hoje a Suécia. Há quem também vote no ministro do Interior, Eric Holmqvist, de 52 anos, com uma longa carreira política e administrativa atrás de si.

Mas pode afirmar-se que 90 por cento dos prognósticos se inclinam para o «jovem» Olof Palme, cuja nomeação fará explodir nos ares uma tremenda incógnita.

Pela minha parte, sou dos que acreditam que o perspicaz e oportunista Palme — filho de uma família burguesa e parcialmente educado nos Estados Unidos — escolheu propositadamente o caminho mais rápido e mais fácil para atingir o cume da montanha. Mas que, uma vez instalado na cadeira do Poder, com a caneta pronta para assinar os papéis, a «melodia» será outra... A Suécia não é uma potência mundial decisiva.

REFORÇOS BRITÂNICOS PARA O ULSTER — «Comandos» da Marinha britanica recém-chegados á Irlanda do Norte, intervieram em Belfast, após terem recomeçado as desordens entre católicos e protestantes na capital daquele território que o Eire (Republica da Irlanda) reivindica

Exilados políticos brasileiros seguiram para Cuba

CIDADE DO MÉXICO, 1 — (R.) — Treze dos quinze presos políticos brasileiros enviados para exílio neste país, no principio deste mês, em troca da libertação do embaixador norte-americano no Rio de Janeiro, Charles Burke Elbrick, que fora raptado, partiram a noite passada de avião desta capital para Cuba.

Os dois restantes decidiram permanecer no México.

Os treze que partiram mostraram-se relutantes em falar acerca da sua decisão, mas a maioria afirmou que estavam a sentir os efeitos da altitude da Cidade do México.

Sentiam-se também aparentemente tolhidos pelas restrições quanto a envolverem-se em actividades políticas.

Primeiro míssil chinês de médio alcance

LONDRES, 1 — (F. P.) — A China poderá lançar o seu primeiro míssil de médio alcance neste vigésimo aniversário da subida do Partido Comunista ao poder, indica hoje o «Daily Mail». Segundo o jornal londrino, os especialistas ocidentais pensam que os chineses estão práticamente preparados para a experiência, a qual, a ser bem sucedida, colocaria uma grande parte do Extremo Oriente ao alcance dos mísseis de Pequim, designadamente o Vietnam e a India.

O presente míssil, com o alcance de 1800 milhas (cerca de 3000 quilómetros), teria sido concebido e desenvolvido por uma equipa trabalhando sob a direcção do dr. Tsien Hseushen, de60 anos, que passou vinte anos nos Estados Unidos, acrescenta o «Daily Mail».

As celebrações em Pequim

(Continuação da 1.ª página)

quim que Mao Tsé Tung aparentava boa saúde ao receber os cumprimentos de milhões de chineses durante as comemorações do vigésimo aniversário da fundação da República Popular da China, que decorrem hoje nesse país.

Falando pelo telefone da capital chinesa, os diplomatas afirmaram que o velho chefe do Partido Comunista, que conta 75 anos de idade, passou perto deles quando assistiam á enorme parada na Praça de T'ien An Men.

Mao Tsé Tung andava com segurança, sorrindo e acenando para a multidão durante a maior parte do tempo da parada e quase sempre na companhia de Lin Piao.

Os mesmos diplomatas acrescentaram que tal como nos anos anteriores, a parte mais importante da parada incidia sobre os sectores industrial e agrícola. Embora tivessem tomado parte alguns membros do Exército e da milícia a parada não foi propriamente uma parada militar.

Declarações sobre Portugal na O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 1 — (A. N. I.) — Durante o seu discurso proferido na reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Uganda, S. N. Odaka, declarou que o Conselho de Segurança deveria tomar «enérgicas medidas» contra Portugal, a República da África do Sul e a Rodésia, para «deter o agravamento da situação na África do Sul e a Rodésia, para «deter o agravamento da situação na África Austral».

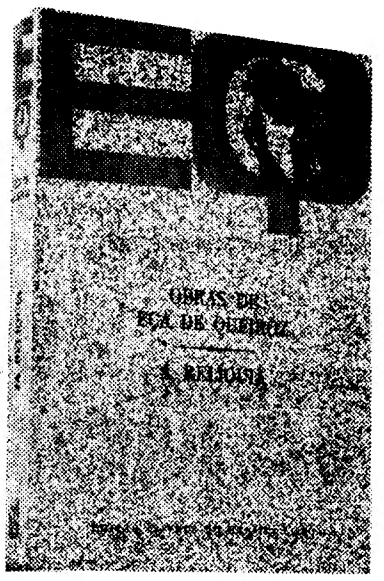
Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O Inverno aproxima-se, e, com ele, o prazer de novas leituras ao serão.

Recomendamos para a sua biblioteca os ultimos lançamentos da **LIVROS DO BRASIL:**

A RELÍQUIA — Eça de Queiroz

Edição revista, de acordo com a 1.ª edição (1887).
Fixação do texto e notas da **dr.ª Helena Cidade Moura.**
Preço — 45$00 Brochado
80$00 Encadernado



Colecção «Vampiro» n.º 268:

ALGUMAS NÃO ESPERAM — A. A. Fair

Um enredo que se desenrola num ritmo veloz, salpicado de excelente humor...
Preço — 15$00

á venda em todas as Livrarias. Pedidos contra-reembolso a
LIVROS DO BRASIL — Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa
Rua Ceuta, 80 — Porto

O CHEFE DO ESTADO PRESIDE AMANHÃ À INAUGURAÇÃO DO PALÁCIO GULBENKIAN

Sete anos depois da adjudicação das terraplenagens e muros de suporte está de pé o Palácio Gulbenkian, nova sede da Fundação que tem o nome do milionário e filantropo arménio Sarkis Caluste Gulbenkian e foi instituída por testamento do mesmo, datado de Julho de 1955, para preencher fins artísticos, caritativos, educativos e científicos.

A inauguração, com características de grande acontecimento, realiza-se amanhã e é presidida pelo Chefe do Estado. Mil e quinhentos convidados nacionais e estrangeiros assistem ao cerimonial, que se prolonga pelo dia seguinte e inclui, além da sessão solene inaugural, uma visita ao Museu, Biblioteca e demais instalações culturais, almoço oferecido a todos os convidados e recepção á noite no Ministério dos Negócios Estrangeiros (amanhã); passeio turístico aos arredores de Lisboa e almoço em Queluz, oferecidos pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo aos convidados estrangeiros, jantar na sede da Fundação oferecido pelo conselho de administração da Fundação aos mesmos convidados e concerto coral sinfónico no Grande Auditório, em honra de todos os convidados e com a assistência do almirante Américo Thomaz (sexta-feira).

A sessão inaugural de amanhã é seguida de uma visita a três exposições: na Galeria das Exposições Temporárias, com obras de pintura, propriedade da Fundação, de vários artistas portugueses contemporaneos, entre os quais Amadeo de Souza-Cardoso, Artur Bual, Costa Pinheiro, Eduardo Viana, Joaquim Rodrigo, Julio Pomar, Palolo, Paula Figueiroa Rego, Santiago Areal, Vespeira e Vieira da Silva; no átrio da Biblioteca, exposição documental sobre algumas das actividades culturais da Fundação, designadamente Festivais de Musica, espectáculos, concertos, exposições de artes plásticas e edições; e na sala destinada á instalação das reservas visitáveis do Museu, exposição de livros, de grande valor bibliográfico ou artístico, que pertenceram a Calouste Gulbenkian.

Uma área total coberta de 64 000 m²

O conjunto da Sede e Museu ocupa uma área de cerca de 25 000 m2, ou seja um terço do antigo Parque de Santa Gertrudes, que a Fundação adquiriu ao conde de Vilalba para transformar no Parque Gulbenkian. As instalações estão distribuídas por corpos e pisos numa área total coberta de 64 000 m2, e compreendem o Museu, com naves e salas de exposições das obras de arte, e instalações complementares de serviços administrativos e técnicos de apoio e de depósitos e arrecadações; a Biblioteca, com salas de leitura, de audições de gravação e de leitura de microfilmes e suas instalações complementares de apoio e de depósito; a nave de Exposições Temporárias, com instalações técnicas de apoio; auditórios, salas de conferências, instalações gerais dos serviços, instalações complementares de recepção, instalações técnicas de apoio, centrais electromecanicas e restaurante, auditório de ar livre e instalações complementares de funcionamento do Parque Calouste Gulbenkian.

A elaboração do projecto definitivo iniciou-se em 1961 e as obras em 1962 (com as estruturas e os toscos do edifício adjudicados dois anos depois).

Comecemos pelo parque de estacionamento (de 7000 m2), acessível por duas rampas laterais destinadas a veículos e localizadas nas entradas principais junto á Avenida de Berna, e por duas escadas destinadas a peões, abrindo junto da entrada principal do corpo da sede. Junto á entrada geral do pessoal localizam-se os vestiários e os serviços clínicos.

O corpo da sede tem cerca de 125 metros de comprimento por 25 de largura e desenvolve-se em seis pisos. O seu piso principal está a cerca de 5 metros acima da Avenida de Berna. Acima deste piso principal estão os dois pisos onde se encontram instalados a administração e os serviços. Por ultimo, e acima destes, o piso do restaurante, do «self-service» e da «cafeteria», para utilização dos empregados e do publico. Finalmente, o piso térreo é ocupado pelas centrais eléctrica, térmica e de ar condicionado, grupo electrogéneo de socorro, oficinas de conservação e de manutenção, economato, instalações do pessoal menor, posto central de comando dos equipamentos electromecanicos e de segurança e instalações dos serviços de reprodução e armazém.

O corpo do Museu está a nascente do corpo da sede e corre sensívelmente paralelo á Rua Marquês de Sá da Bandeira, no seu troço junto ao Rego, e tem as dimensões em planta de 90 metros de comprimento por 60 de largura. Compõe-se de três pisos. O piso nobre foi destinado á exposição permanente das obras de arte da colecção legada pelo fundador da Instituição. O inferior está ocupado por instalações administrativas e técnicas do Serviço do Museu e pelas instalações da biblioteca de arte, enquanto o piso térreo, em cave, tem depósitos e arrecadações do Museu, camaras fria e de expurgo do mesmo Museu, depósito de livros da biblioteca e instalações oficinais destinadas á realização de exposições temporárias, designadamente de arte.

A articulação do corpo do Museu com os corpos da Sede e do Auditório é feita pelo corpo das Exposições Temporárias, encimado por uma grande nave com cerca de 90 metros de comprimento por 17 de largura. A nave de exposições temporárias é completada por uma segunda nave em piso inferior, devidamente compartimentada, e que se destina a pequenas exposições individuais de artistas e bolseiros da Fundação.

Auditório e anfiteatro

A sul do conjunto dos corpos da sede e das exposições temporárias situa-se o Auditório, com a lotação máxima de 1300 lugares e dispondo de plateia e balcão.

O palco, concebido essencialmente para audições musicais, permite a apresentação de conferencistas, cinema e espectáculos de «ballet» e teatro moderno. Está equipado com oito elevadores, um dos quais movimenta um órgão e outro um ciclorama, e com o reflector acustico móvel.

Este auditório está também dotado de um equipamento geral de traduções simultaneas e tem instalações de ensaios de musica e «ballet», camarins, arrecadações e instalações administrativas. Um «foyer» do lado poente, ao nível da plateia, estabelece a ligação com o parque e com o vestíbulo da zona das salas de reuniões e de congressos. Finalmente é de notar que o fundo da sala é constituído por uma parede transparente de vidro duplo, para melhor comunicabilidade do auditório com o parque exterior.

Ainda a sul da Sede, e no prolongamento do corpo das exposições temporárias, situa-se o corpo das salas de reuniões de vária natureza, dispondo de um auditório de 400 lugares utilizável para conferências, cinema e projecções, e audições de solistas ou musica de camara. Além deste auditório existem mais quatro salas de trabalho para colóquios, seminários e conferências com capacidade para cerca de 100 pessoas. Existe ainda um pequeno auditório de cerca de 80 lugares, destinado á projecção de filmes culturais ou científicos e a conferências.

As instalações da Sede e Museu da Fundação são completadas por um anfiteatro ao ar livre, com capacidade de 1200 lugares, integrado no Parque Gulbenkian, a sul do edifício. Destina-se a actividades culturais e artísticas ao ar livre e está devidamente apoiado pelas instalações complementares do corpo do auditório.

Uma estátua erigida á memória de Calouste Gulbenkian domina o parque.

Quem fez

Para além do nome do dr. Azeredo Perdigão, presidente do conselho de administração e grande impulsionador desta obra sem paralelo no nosso País, outros são de referir.

Assim, a obra foi planeada, coordenada e executada sob a directa responsabilidade do eng. Guimarães Lobato, director do Serviço de Planeamento e Obras da Fundação. A coordenação dos projectos e da execução da obra ficou também a dever-se aos engs. Santos Machado e Vaz Raposo, e ao arq. França Ribeiro. No programa das instalações colaboraram, além do eng. Guimarães Lobato, a dr.ª Maria José de Mendonça e os arqs. Sotto-Mayor d'Almeida e França Ribeiro. Serviram como consultores os profs. arqs. «Sir» Leslie Martin, Carlos Ramos e Franco Albini, sr. Georges Henri Rivière, arqs. Francisco Keil do Amaral e William Allen, e eng. André Noblecourt. O projecto geral de arquitectura foi dos arqs. Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy Athouguia, e os projectos e execução de arquitectura paisagística têm a assinatura dos engs. agrónomos (e arqs. paisagistas) Gonçalo Ribeiro Telles e Facco Viana Barreto.

Por ultimo há a referir que os arranjos interiores mais importantes são valorizados por obras d… portuguese… tónio Dua… Bartolomeu… Bernardo … Botelho, C… da, Eduar… do Azeve… nhas, Gus… Abel Man… reia, Jorg…

Um aspecto do edifício-sede da Fundaçã…

Por iniciativa … feição ori… do Rosairi…

Constituída por escritura celebrada em 6 de Outubro de 1939, a Cidla resolveu comemorar adequadamente o seu 30.º aniversário e, entre as iniciativas levadas a efeito, incluiu a reintegração na sua traça primitiva da igreja manuelina do Rosairinho, localidade do concelho da Moita do Ribatejo, onde se encontra instalada desde 1964 a sua maior estação de enchimento, porque de armazenagem e terminal marítimo, este construído numa ilha artificial a meio do esteiro do Montijo.

Foi edificada em 1532 por Cosme Bernardes de Macedo «esta igreja em louvor do Senhor Deus e da Virgem Maria e do Bem Aventurado S. João Evangelista», mas breve as populações circunvizinhas lhe chamaram a igreja de N.ª Senhora do Rosário e à sua imagem atribuíram numerosos milagres. No tomo 7.º do «Santuário Mariano», publicado em 1721, descreve-se a «fermosa e grande Ermida dedicada à Virgem Nossa Senhora com o título do Rosário, que resplandece de muytos milagres e maravilhas», pelo que «assim se esqueceo o título do Santo Evangelista», a que fora inicialmente dedicada pelo fundador. E a «Corografia Portuguesa» do P.e António Carvalho da Costa igualmente se lhe refere, ao falar na «igreja (que) antigamente era da invocação de S. João Evangelista, a qual fundou Cosme Bernardes de Macedo no ano de 1532. É hoje o seu padroeiro Pedro de Sousa de Castello Branco», que foi coronel do Regimento da Armada Real e combateu contra os turcos, em 1717, na célebre batalha do cabo de Matapan.

Seu neto, Heitor José de Sousa Castello Branco, «Moço Fidalgo da Casa do Príncipe Refente nosso Senhor, Capitão tenente da Armada Real, Sen… G… lam, … e E… mo Conce… dor da C… André do … se encontr… deu a qui… ja se incl… nuel de … sua mulh… do Nasci… expressa … critura, à … «vinculo … gado» qu… peita ao … no século …

Não se … data em q… o referid… para a p… róquia. M… ca de 1875 … des obras, … primido o … em estilo … apenas foi … contrar al… dispersas … E o temp… destruir … traça pri… encostado … construída … m… e u…

Dada a … capela da… triais da … e tendo e… lado, a n… gurar as … ao numer… las presta… presa res… mar a se… ção do e… mitiva co… a sua re… reatando … festejos q… realizavar… tiago e d…

Tendo … com os s… dos Minis… N…onal … cas, e ob… as neces… bem com… Lisboa, a… em Maio …

Incêndio devastador
(com elevados prejuízos)
numa fábrica de metalurgia

PORTO, 1 — Esta manhã, cerca das 10 horas, irrompeu violento incêndio na Fábrica de Metalurgia, da firma Metalurgica Duarte Ferreira, na Rua do Freixo, 989, que produz imensa variedade de peças, que, depois, seguem para a sede da empresa, no Tramagal, incluindo peças para camiões «Berliett», os quais são montados na sede.

Foi precisamente na secção de peças altas, isto é, as referidas peças para camiões, que o fogo se manifestou. As causas desconhecem-se, falando-se, de momento, em chispa ou ponta de cigarro que tivesse ido para um monte de desperdícios de cartão, propagando-se, depois, as chamas a um enorme lote de cartão próprio para embalagens, armazenado naquela secção.

Compareceu no local, com material, componentes das corporações de Bombeiros Municipais e Voluntários de Valbom e Areosa, os quais trabalharam com diversas moto-bombas, alimentadas com água do rio Douro, pois as traseiras da fábrica dão para a Estrada Marginal. Contudo as chamas propagaram-se, rápidamente, e, apesar do grande esforço dos bombeiros, parte do telhado daquela secção acabou por ruir.

Só por volta do meio-dia o fogo estava dominado. Subsistiam, contudo, alguns focos que eram atacados por diversos lados.

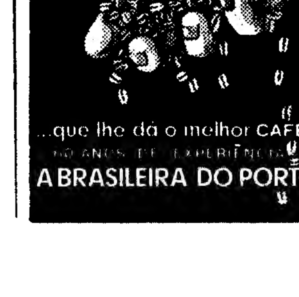
Além dos prejuízos, grandes, no edifício, ainda que velho, há a registar a perda de máquinas, caríssimas, que se encontravam naquela Secção e da cabina eléctrica, também ali localizada. A sua falta — que ainda há dias fora beneficiada com material muito caro para melhor rendimento — causa sensíveis transtornos ao funcionamento de outras secções, que não foram atingidas pelo fogo.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

reedição de uma grande obra
RETALHOS DA VIDA DE UM MÉDICO
(1.ª série) 12.ª edição
de FERNANDO NAMORA

A MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA VIDA DE UM DOS MAIORES PROSADORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS. UM LIVRO ETERNO.
Col. "Obras de Fernando Namora", 260 págs., 45$
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

A MÃO



...que lhe dá o melhor CAFÉ!!
A BRASILEIRA DO PORTO

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

undação Gulbenkian

obras de arte dos artistas ugueses Alice Jorge, An- Duarte, Artur Rosa, olomeu Cid dos Santos, ardo Marques, Carlos lho, Charters de Almei- Eduardo Nery, Fernan- Azevedo, Fernando Le- , Gustavo Bastos, João Manta, Joaquim Cor- Jorge Barradas, Alma- da Negreiros, Joaquim Rodrigo, Espiga Pinto, José Rodrigues, Julio Pomar, Julio Resende, Leopoldo de Almeida, Luz Correia, Manuela Jorge, Maria Beatriz, Maria Helena Vieira da Silva, Menez, Noronha da Costa e Vítor Fortes. A concepção da medalha comemorativa é de José Manuel Aurélio.

COMEÇOU O REGRESSO ÀS AULAS

AUMENTO DE 50 POR CENTO NA POPULAÇÃO ESCOLAR DO ENSINO SECUNDÁRIO

Para uma grande parte dos 273 mil alunos inscritos este ano nos liceus, escolas técnicas e ciclo preparatório começou hoje o regresso ás aulas. Sessões solenes com palestras e distribuições de prémios aos melhores alunos assinalaram a data em vários estabelecimentos de ensino.

As aulas só não recomeçaram para todos porque algumas escolas, forçadas a adiar a abertura, pediram uma autorização especial ao Ministério da Educação Nacional e obtiveram-na. Mas até ao princípio da semana que vem estará tudo regularizado.

O facto mais significativo está no aumento da população escolar. De 184 mil alunos no ano lectivo transacto cresceu-se para 273 mil (mais 50 por cento, em numeros redondos): liceus — 53 mil (40 mil no ano passado); escolas técnicas — 120 mil (100 mil); e ciclo preparatório — 100 mil (43 mil).

Verifica-se uma autêntica explosão no ciclo preparatório, onde o aumento é da ordem dos 130 por cento. Entretanto, completado agora do segundo ano (dada a introdução dos dois anos de ciclo preparatório comum a seguir á instrução primária), o ciclo liceal cresceu mesmo assim quase 33 por cento em numero de inscrições.

Um décimo da população continental nas escolas primárias

Começaram também hoje as matrículas obrigatórias no ensino primário. Igualmente aqui os numeros são altos: prevê-se a inscrição de 920 mil alunos, ou seja um décimo da população coninencimo da população continen-

Abre no dia 7 o Colégio dos Olivais

Prevê-se uma frequência de cerca de 500 alunos no novo 'Colégio dos Olivais, cuja abertura está marcada para o próximo dia 7.

Situado nas imediações da Avenida de Berlim, o colégio compõe-se, na sua primeira fase, de um bloco de três pisos com quinze salas de aula, que importou em dez mil contos. É ali ministrado o ensino primário até á quarta classe, para ambos os sexos, havendo também classes infantis e um infantário com assistência médica e de enfermagem.

Na Escola Veiga Beirão

Na Escola Comercial Veiga Beirão realiza-se depois de amanhã ás 16 horas, a sessão de abertura das actividades lectivas. Durante a sessão serão entregues aos melhores alunos do ano lectivo findo os prémios anuais instituídos pelas seguintes entidades. Associação Comercial de Lisboa, Sociedade Central de Cervejas («Prémio D. Dinis»), Fundação «Padre José Filipe Rodrigues» (dirigida pelo Montepio-Geral), Núcleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Veiga Beirão e Escola Comercial Veiga Beirão (prémios «Alfredo Soares», e «Dr. Valentim Lourenço»). Será ainda atribuído, pelo Conselho Escolar deste estabelecimento de ensino, um prémio aos alunos que no ultimo ano tiveram. com bom comportamento e aproveitamento, uma assiduidade exemplar.

Na Escola Ferreira Borges

Uma sessao solene marca esta tarde a abertura do novo ano escolar na Escola Comercial Ferreira Borges. O programa da sessão inclui uma palestra pelo dr. Germano Sormenho Neves e a distribuição dos prémios aos melhores alunos de 1967-1968 e 1968-1969.

QUAL É AFINAL O PREÇO DO CAFÉ?

Afinal, qual é o preço do café á chávena (ou a copo) nos estabelecimentos da especialidade (incluindo pastelarias, leitarias, alguns que levam o nome de «bars» e outros)?

Diversos leitores nos escrevem, pedindo-nos que nós façamos eco dos seus protestos contra especulações e outros abusos, coincidindo todos quanto aos excessos no preço do café o qual, segundo norma oficial proclamada, custa 1$60 ao balcão daqueles estabelecimentos e 2$00 á mesa. Sucede, e a exploração generaliza-se, que em quase toda a parte exigem os 2$00 de qualquer modo; e e acresce ainda que nas contas de consumo incluem os cafés a 2$00 e ao total da conta aplicam os dez por cento de serviço, assim incidindo duas percentagens sobre o café.

E isto continuará assim? E não agem as entidades competentes e não dão ao publico a explicação clarificadora que impeça tais abusos?

a da Cidla foi restituída à sua original a igreja manuelina irinho, em Moita do Ribatejo

, Senhor do concelho do dam, com jurisdição e Eclesiástica no mes- Concelho e Administra- da Comenda de Santo ré do Ervedal», quando ncontrava no Brasil, ven- a quinta em que a igre- e incluia, em 1812, a Ma- de Jesus Aamado e a mulher, Madalena Rita Nascimento, fazendo-se essa referência, na es- ura, à existência de um culo da Capela ou Mor- » que certamente res- a ao templo construído século XVI.

ão se sabe ao certo a em que, no século XIX, referido templo passou a propriedade da pa- ia. Mas sabe-se que cer- e 1875 foi sujeito a gran- obras, tendo-lhe sido su- ido o arco do cruzeiro, estilo manuelino, do qual as foi agora possível en- rar algumas pedras, aliás ersas por outros locais. tempo se encarregou de truir pouco a pouco a a primitiva do edifício, stado ao qual foram, até, truídas uma escola pri- e uma casa particular. da a proximidade desta la das instalações indus- s da Cidla no Rosairinho ndo em conta, por outro , a necessidade de asse- r assistência religiosa numeroso possoal que ne- presta serviço, esta em- a resolveu, em 1968, to- a seu cargo a reintegra- do edifício na sua pri- va construção e efectuar ua reabertura ao culto, ando a tradição local dos ejos que, anualmente, se izavam nos dias de San- o e de Sta. Ana.

endo entrado em contacto os serviços competentes Ministérios da Educação enal e das Obras Públi- e obtidas imediatamente necessárias autorizações, como do Patriarcado de boa, as obras iniciaram-se Maio do ano corrente, superiormente orientadas pelo sr. arq.º Gonçalves Lyster Franco, técnico muito distinto do Ministério das Obras Públicas que desde início acompanhou o assunto com todo o interesse.

As obras encontram-se pràticamente concluídas e abrangem, com a colaboração da Câmara Municipal da Moita, o arranjo do adro que enquadra a capela ea demolição da casa e da escola que se apoiavam nas suas paredes. O edifício foi restituído à sua feição original pela picagem e reforço das paredes, pelo rebaixamento do pavimento exterior (permitindo reconstruir os degraus de acesso à entrada), substituição total da cobertura por outra de telha portuguesa semelhante à que se usava no século XVI; das portas (que estavam completamente arruinadas) e de uma janela aberta recentemente, e pela remoção da sineira, que é moderna, para uma posição lateral. Além disso, foi feito o reforço das paredes e das fundações de todo o edifício.

No interior, foram demolidos o coro, que desfeava a pureza inicial do conjunto, e as dependências laterais deste; reconstruiu-se o arco manuelino do cruzeiro central da igreja; compuseram-se os painéis de azulejos do século XVIII; restabeleceu-se a primitiva localização do altar-mór, junto do túmulo do fundador; revestiu-se de tijolo o pavimento; instalou-se um confessionário e fez-se um arranjo geral de todo o templo.

O baptistério foi igualmente restaurado e num espaço disponível, a nascente do edifício, construiu-se o salão paroquial, onde funcionarão, provisòriamente, a escola primária até que se conclua o seu novo edifício, já em fase muito adiantada. Além disso, a Cidla mobilou devidamente a capela e as instalações a ela anexas e instalou uma iluminação adequada, tanto no interior como no exterior.

Espera-se que durante este mês possa ser rezada a primeira missa na igreja do Rosário, totalmente renovada e apetrechada por aquela empresa, que quis iniciar por esta forma as cerimónias comemorativas do seu trigésimo aniversário.

— A igreja antes das obras de restauro

— A mesma igreja, depois de restaurada e já liberta dos edifícios vizinhos

CALOIROS DE BLUSÃO NA ABERTURA DA ESCOLA FRANCISCO DE ARRUDA

— Já passava os dias aborrecido em casa! — disse-nos José Maria Cartaxo Ramos, aluno do 2.º ano da Escola Francisco de Arruda.

— Nos primeiros dias de aulas é formidável. Voltamos a conviver com as nossas colegas, revemos as professoras... mas depois, para o fim, já não gostamos nada... e só pensamos de novo nas férias — observou-nos a aluna do 4.º ano da Escola Ferreira Borges, Emília Maria Alves.

E a um caloiro, de ar tímido, perguntámos:

— Então que sentes? Estás contente? Tens medo?

Sorriu, sorriu, sorriu e encolheu os ombros. Talvez sentisse curiosidade medrosa e alegria por pertencer já ao número dos grandes, por ter passado da Primária para a escola que o levará ao futuro a um curso.

— Que queres ser? —perguntámos a um, a dois, a três miúdos da Francisco de Arruda.

— Não sei. Sei lá!

— Mas depois do ciclo, vais para o liceu ou escola técnica?

Nenhum sabia, nem o José Maria Cartaxo, que nos afirmou orgulhoso ter conseguido no final do 1.º ano uma média de 41 pontos

— Espero continuar a apanhar boa notas — declarou-nos. *— Vamos lá a ver o que consigo este ano.*

Sob as arcadas o director da Escola Francisco de Arruda, prof. Calvet de Magalhães fez uma prelecção que se prolongou por mais de uma hora, de recepção aos alunos. Deu as boas-vindas, prestou conselhos, disse o que era permitido e o que tinham de evitar.

Os alunos, já com o blusão azul da escola, manifestavam por vezes o seu entusiasmo levantando-se das cadeiras, batendo palmas, erguendo os braços. O primeiro dia é essencial para a mais fácil e rápida adaptação.

Os pais de alguns dos novos postavam-se de pé ao longo das escadas. Enfrentavam com os filhos o embate do ambiente novo. «Não estás sózinho!», queriam dizer. Sorriam um tanto orgulhosos dos seus rapazes,, já uns homenzinhos.

À porta da Ferreira Borges

À porta da Escola Ferreira Borges amontoavam-se e empurravam-se, hoje de manhã, dezenas de alunas.

— Está muito mal organizado! — disse-nos um polícia de viação e trânsito, que estava presente, cremos que por interesses particulares. *— Tudo isto para irem copiar os horários.*

No passeio, em cima da carroceria dos automóveis, as raparigas copiavam de colegas o horário afixado na Escola e a que era difícil chegar.

NOVO PROGRAMA TIPO DA R. T. P.

«ZIP-ZIP» PROGRAMADO ATÉ JUNHO PRÓXIMO

Da direcção dos serviços de programação da R. T. P., recebemos o mapa-tipo de programas que vai vigorar a partir de hoje até Junho do próximo ano. Uma notícia já podemos dar aos leitores: o «Zip-Zip» está programado até Junho de 1970. Enquanto os serviços citados ultimam o mapa-tipo para o II Programa, podemos divulgar já as alterações do I:

PRIMEIRA SEMANA — Terça-feira: com início ás 20 e 45, volta o «Discorama»

Quarta-feira: ás 22 e 30, «Panorama do Teatro Português»

Quinta-feira: ás 19 e 45, série juvenil, «Uma rapariga endiabrada; 22, série de aventuras «Name of the game

Sexta-feira: ás 21, volta a série «Casei com uma feiticeira; 22 e 30, a série policial francesa. «Departements»

Sábado: ás 17, panorama juvenil. «Estudio sem marcação»; 19, «Presença do Brasil» ou «Actualidade de Espanha»; 23, série do oeste, «Road west».

Domingo: ás 20 e 30, «Cinema 70»; 21, «Domingos da Europa»; 22, «Les compagnons du ball»; 22 e 30 «Telerritmo»

A 2.ª edição do Telejornal passa a ser transmitida ás 21 e 30.

SEGUNDA SEMANA — Segunda-feira: ás 21 e 45, «Portugal além da Europa».

Quinta-feira: ás 19 e 45, «Uma rapariga endiabrada»; 20 e 30, «Portugal africano»; 21, «Entrevista do mês (mesa-redonda)»; 22, «Name of the game».

Sexta-feira: ás 22 e 30, série policial «mod squad».

Sábado: ás 20 e 30, «O mundo submarino» ou «National Geographic Magazine»; 22 e 45, série dramática, «The invaders».

Domingo: ás 19, série juvenil, «Cow-boy em Africa»; 20 e 30, «História do Cinema Português; 21, «Domingos da Europa»; 22, «Les Compagnons du ball», 22 e 30, «Musicall no Mundo» ou «Riso e Ritmo».

A programação alterna, portanto, de uma semana para a outra, em horários e séries. Conforme se pode verificar, vamos ter algumas séries novas, a par da reposição de vários programas. Aguardemos, agora, as alterações ao II Programa, que a R. T. P. divulgará em breve.

PARA A «TAÇA DAS FEIRAS»

RÁPID, 1-V. SETÚBAL, 4

BUCARESTE, 1 — (R.) — O Vitória de Setúbal ganhou a segunda-mão da primeira eliminatória da Taça das Cidades com Feira vencendo o Rápid de Bucareste por 4-1. Ao intervalo a equipa portuguesa vencia por 2-0.

Os marcadores setubalenses foram Wagner (dois golos), Figueiredo e José Maria. O ponto do Rápid foi marcado por Scellian. Assistiram ao jogo 65 000 pessoas.

O Vitória de Setúbal que já tinha ganho em casa a primeira-mão por 3-1 totaliza assim 7 golos marcados contra 2 sofridos.

A CORAGEM DA TRIPULAÇÃO SALVOU O BUTANEIRO EM PERIGO NO MAR

A Capitania do Porto de Lisboa e a Polícia Marítima acabam de proceder a averiguações sobre o acidente ocorrido a bordo do navio butaneiro «Cidla», em que a respectiva tripulação se comportou corajosamente, na viagem de Anvers para Lisboa.

O navio encontrava-se no Atlantico, com rumo ao Tejo quando, na posição estimada de 49 graus e 58 minutos de latitude Norte e 1 grau e 34 minutos de longitude Oeste o segundo maquinista António Ribeiro Pereira, reparou que, junto á sonda da vara movel do fundo de um reservatório, havia um pequeno bloco de gelo, que fazia presupor a fuga de propano liquido. Logo se fez incidir sobre esse bloco de gelo um jacto de água salgada, para o dissolver. Dir-se-ia que estava evitado um acidente. Porém, quando o bombeiro artífice António Roberto Mendes, por indicação daquele oficial, se preparava para retirar a campânula de protecção da válvula de purga, com vista a uma verificação minuciosa da fuga de gases, deu-se o imprevisto. A campânula soltou-se, impelida violentamente pela pressão existente no interior da esfera, ficando, deste modo o reservatório em comunicação directa com a atmosfera e projectando um jacto líquido que se elevava á ponte do navio. O capitão deu ordem imediata para suspender a marcha do barco, que foi posto atravessado ao vento, além de outras medidas de segurança impostas por esta circunstância. Tornava-se impossível suster a fuga de gás propano. Tomaram-se, por isso, várias medidas, nomeadamente a de colocar um bujão de madeira, o que também se malogrou. Havia o perigo, para os homens, das queimaduras provocadas pelas temperaturas baixas que o líquido provocava, ao expandir-se. Só oito horas depois foi possível meter um bujão de madeira no orifício da sonda, de que resultou, felizmente, eliminar-se a fuga de gás.

É certo que houve uma perda de propano, mas salvou-se uma unidade, que estava em perigo, ao mesmo tempo que os tripulantes. A viagem recomeçou e o navio chegou a Lisboa. A tripulação do «Cidla» é constituida por 27 homens.

A capitão-de-mar-e-guerra Artur Rodrigues Gonçalves capitão do porto de Lisboa, louvou, em termos muito especiais, toda a tripulação pelo seu exemplar comportamento.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	632$
Centenários 4%	—	480$	—
Obrigs Tesouro 5%	—	1.004$	—
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo Série C	—	830$	—
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série C	—	830$	900$
Cautelas 3 Série	—	—	780$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	—	925$	—
A P I 5% 58	950$	945$	950$
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	1.000$	—
C U F 6%	—	1.005$	—
C U F 6% 68	1.000$	—	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	825$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	890$
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	920$	—
Gás Elect 5% 63	—	900$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	1.012$
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	830$	825$	—
H E Cávado 6%	1.000$	—	1.000$
H E Douro 5%	815$	—	—
H E Douro 6%	1.002$	1.000$	1.003$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	999$	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	850$
H E Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1.004$	—
Metropolitano 4%	885$	885$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.000$	—
Moçambique 5%	—	760$	—
Nac Electr 5%	—	830$	840$
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	—	830$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	950$	960$
Sacor 5% 60	890$	870$	900$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	845$	835$	865$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	82$	81$5	82$5
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	850$	860$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.600$	1.570$	1.600$
Alentejo	900$	900$	902$
Angola	3.080$	3.050$	3.100$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.590$	3.580$	3.600$
E Santo	—	19.000$	20.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	—
L & Açores p	—	7.050$	7.100$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.600$	6.670$	6.700$
Portugal n	—	3.200$	3.300$
Portugal p	4.400$	4.350$	4.400$
Totta Aliança	6.670$	6.670$	6.700$
Ultramarino n	2.800$	2.780$	2.810$
Ultramarino p	3.050$	3.035$	3.050$
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	—	—
Mundial	—	580$	595$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	845$	845$	850$
Ag Cassequel	855$	850$	855$
Ag Incomati	—	1.980$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	150$	—
Buzi	83$	84$	85$
Cabinda	—	213$	220$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.000$	2.000$	2.020$
H E Revué	—	580$	600$
Ilha do Príncipe	—	950$	1.000$
Moçambique	194$	193$	194$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	—	375$	378$
Zambézia	94$	92$	95$
Angolano	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.650$	7.600$	—
Cim Leiria	4.000$	4.000$	4.050$
Cim. Tejo	6.000$	6.000$	6.100$
Col Navegação	—	1.500$	1.600$
C U F	1.350$	1.350$	1.370$
Ina Aliança	—	580$	650$
Nac Navegação	—	3.600$	3 700$
Petroquímica	2.200$	2.150$	—
Port e Colónias	—	—	1.500$
Port Celulose	4.500$	4.500$	4.550$
Port Pesca	—	1.100$	—
Port Tabacos	775$	773$	778$
Sacor	4.800$	4.750$	—
Siderurgia Nac	—	1.560$	1.600$
Soce	—	2.870$	2.950$
Tabacos de Portugal	1.540$	1.520$	1.545$
Tabaqueira	—	8.300$	8.600$
U F Azoto	820$	820$	825$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	420$	430$
Aguas Lisboa 36	—	390$	410$
Eléct Beiras	—	1.650$	1.670$
Gás Electr	427$5	427$	427$5
H E Alto Alentejo	159$	159$	159$5
H E Cávado	1.255$	1.250$	1.260$
H E Douro	1.224$	1.224$	1.225$
H E Norte Portugal	305$	303$	307$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.255$	—
Nac Electricidade	1.220$	1.220$	1.225$
Termoeléctr Port	1.220$	1.218$	1.220$
U E P	194$5	194$5	195$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	192$1	197$9
F D E S	—	119$5	123$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	24/9/69	30/9/69	1 10/69
GERAL	138,9	139,2	**139,7**
METRÓPOL	134,4	134,4	**134,8**
ULTRAM.	171,9	174,7	**175,5**

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 4		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América		
— Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$15	7$40
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,2	$04,6
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$30
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	—$—	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Alugou a casa e roubou a mobília

Uma brigada da secção de justiça da P. S. P., que andava em serviço de vigilância, prendeu Maria Rosa Mideiros Ferreira, conhecida por *Rosa dos Olhos Grandes*, de 32 anos, solteira, doméstica, natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira. As autoridades averiguaram que a Rosa alugara o 1. andar do prédio n.º 27 da Travessa da Horta, à sr.ª D. Cesarina de Oliveira Basto, residente na Av. Barbosa du Bocage, 21, com o respectivo recheio — uma cama de casal, mesas de cabeceira, cómoda, cadeiras, guarda-fatos, móvel de sala de jantar, mesa, colchão, tapetes, jogo de *maples*, carpetes, frigorífico, esquentador e fogão a gás. Ora acontece que, passados alguns dias, quando a sr.ª D. Cesarina Basto foi visitar a inquilina, verificou que a mesma já ali não se encontrava e levara todo o recheio da casa, no valor de algumas dezenas de contos.

De diligência em diligência os elementos da secção de justiça da P. S. P. descobriram que a Rosa, morava na Rua D. João de Castro, 70, onde tinha os referidos artigos, os quais lhe foram apreendidos e entregues á sua proprietária.

Acompanhada do respectivo processo, a *Rosa dos Olhos Grandes* seguiu para a Polícia Judiciária.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA

A Escola de Enfermagem Artur Ravara iniciou hoje o novo ano escolar, com 101 novas inscrições, no Curso Geral, sendo 22 de rapazes; e, no curso auxiliar, 79 raparigas e 27 rapazes. Estes numeros revelam um aumento ainda que mínimo de frequência ao curso de enfermagem e confirmam a já conhecida afluência de maior numero de candiddatos do sexo feminino á profissão.

A escola conta ainda com 34 inscrições de alunos para o 3.º ano do Curso-Geral e 41 para o 2.º ano do mesmo curso. Um estágio final do curso. Em estágio final do ainda a Escola, até Março de 1970, 59 alunos, e 45 até Outubro do próximo ano.

PRÉ-ESFORÇADO
Agente técnico
Admite-se para estaleiro na região de Leiria.
Resposta ao n.º 353.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Nazaré Teixeira da Silva

Faleceu, ontem, a sr.ª D. Maria Nazaré Teixeira da Silva, natural de Mafra, viuva do coronel João Pedro da Silva, sócio fundador do Colégio «O Académico», mãe da sr.ª D. Maria Gabriela Teixeira da Silva Sucena Paiva, casada com o sr. dr. Augusto Sucena Paiva, e avó da sr.ª D. Maria Teresa da Silva Sucena Paiva e do sr. eng. José Pedro da Silva Sucena Paiva.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se, aamnhã, ás 11 horas, da igreja de S. João de Deus para o cmitério do Alto de S. João. Às 9 e 30, será celebrada missa de corpo presente.

Eduardo Saraiva de Carvalho

Em Lourenço Marques, onde residia há 40 anos, faleceu o sr. Eduardo Saraiva de Carvalho, 1.º oficial reformado dos C. T. T. de Moçambique, de 57 anos, natural de Lisboa, filho do saudoso actor e empresário teatral Otelo de Carvalho e da sr.ª D. Maria Saraiva de Carvalho, e genro do sr capitão José Valente Romão e da sr.ª D. Carlota Joaquina de Oliveira Pegado Romão; casado com a sr.ª D. Fernanda Áurea Pegado Romão de Carvalho; pai das sr.as dr.ª D. Maria Manuela Romão de Carvalho Velasco, casada com o sr. eng. Augusto Bélico Velasco, e dr.ª D Maria Gabriela Romão de Carvalho Rebelo, casada com o sr. eng. Diamantino Rebelo, irmão da sr.ª D. Maria Manuela de Carvalho Pereira e do sr. Fernando Saraiva de Carvalho, todos ausentes em Lourenço Marques, e pai do sr. capitão de Artilharia Otelo Nuno Romão Saraiva de Carvalho, casado com a sr.ª D. Maria Dina Alambre de Carvalho e professor na Escola Central de Sargentos. Dotado de invulgares qualidades de carácter, era figura muito conhecida e estimada em Lourenço Marques, tendo sido colaborador do jornal «Notícias e do Rádio Clube de Moçambique.

SUFRÁGIOS

Padre Cruz

Passou hoje mais um aniversário da morte do padre Cruz. Pelas 9 horas, na capela privativa do cemitério de Benfica, foi rezada missa com a assistência de muitos fiéis. O jazigo onde repousam os restos mortais do padre Cruz esteve aberto durante o dia, tendo ali sido colocadas muitas flores.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

«OLHO VIVO» — O BARCO DOS ESPIÕES (I PARTE)

O agente Smart (Don Adams) é enviado a bordo de um cargueiro para tentar recuperar os planos roubados de um barco anfíbio nuclear.

A única pista é o estranho ruído que alguém, perdido no nevoeiro, fazia ao afastar-se.

Este episódio será transmitido cerca das 21 horas. A 2.ª parte será apresentada em data a anunciar.

II PROGRAMA

«FOLHETIM», «TV CLUBE» E «AS ENFERMEIRAS»

Exibe-se em repetição o 4.º episódio do folhetim «Sebastião entre os homens», apresentado na Rede Nacional em 8 de Junho do ano corrente.

Também, em repetição, se apresentará o TV Clube, realizado por Herculano Peyroteo.

Nesta rubrica participa o conjunto «O Fluido». Na emissão de hoje, se transmitirá, ainda em estreia, o episódio filmado da série dramática «As Enfermeiras» com Shirl Corway e Zina Betheme nos principais papéis. Neste episódio a irmã Dowvey tem métodos especiais para tratar os doentes da enfermaria D....

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 01: Curso de actualização de professores; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 15: Totobola; 20 e 30: TV Clube, com Paulo Jorge, Suzy Paula, Helena Cardinali e Victor Manuel; 20 e 55: Missão na Guiné; 21 e 30: Telejornal; 22: Série de aventuras — «O jogo da vida»; 23 e 55: Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: TV Clube, com Carlos Acuña; 22 e 25: Série do Oeste — «O Major»; 23 e 30: Fecho.

EUROVISÃO: CONCERTO

A Orquestra Sinfónica da BBC dirigida pelo maestro Colin Davis, interpretará, no último Concerto da Série «Promenade» realizada pela BBC para a Eurovisão, as seguintes obras:

«Ouverture Cockaigne» e «Pomp and Circunstance n.º 1» de Helgar;

«Fantasia on British Sea son», de Henry Wood e «Jerusalém», de Perry.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Teatro das Comédias: «A Novela» original dum autor espanhol desconhecido, adaptação de Manuel Lereno; 16 e 32: Orquestras ligeiras; 17: Ginástica de Pousa, pelo dr Marques Pereira; Programa da Tarde — Diga o que prefere; 17 e 45: O Conjunto de... 18 e 5: Rádio Mocidade, programa da Mocidade Portuguesa; 8 e 30: Ritmos modernos; 18 e 40: Folhetim para os novos, por Odette de Saint-Maurice; 19 e 10: Actualidades musicais; 19 e 30: Futebol — Taça dos Campeões Europeus — transmissão do Dinamarca do relato do desafio «Boldklub-Benfica»; 21 e 35: Musica ligeira; 21 e 43: 1.º episódio do folhetim «O Grande Industrial»; 22: Escolha e diga; 22 e 35: Futebol — 2.ª mão da «Taça Europeia das Feiras», transmissão do Estádio das Antas do resumo da 1.ª parte e relato da 2.ª do desafio Futebol Clube do Porto-Hvidovre; 24: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 15: Musica do bailado «O Diabo a Quatro» (Adam) — Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por Richard Bonynge; 17 e 15: Musica de vanguarda: 17 e 50: Uma obra... duas interpretações — O Quarteto n.º 10 de Beethoven; 19: Poesia, Musica e Sonho, por Miguel Trigueiros; 19 e 20: «Vem, Jesus, vem» (Bach) — Coro infantil e Orquestra Bach, de Estugarda, dirigida por Wilhelm Gerhard; 20: Diário sonoro; 20 e 20: o organista Aimée van de Wiele — Pascalle (Couperin); 20 e 30: O contralto Marian Anderson—Canções Espirituais — ao piano Franz Rupp; 20 e 45: História de Portugal, pelo Prof. Dr Damião Peres; 21: Concerto sinfónico (1.ª parte) — Suite «S. Paulo» (Holst) — Orquestra Filarmonica dirigida por George Welden; 21 e 50: Temas Sociológicos, pelo dr Carlos Cunha; 22: Concerto sinfónico (2.ª parte); 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultura MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Te Deum (Marc-Antoine Charpentier); 23 e 50: Musica de piano; 0 e 5: A ópera em um acto «A Voz Humana» (Poulenc); 1: Fecho

Emissão Estereofónica — MF 2 de Lisboa (94,3 Mc/s), Porto (92,5 Mc/s), Lousã (89,3 Mc/s) e Monchique (91,5 Mc/s) — Das 21 ás 23: Musica ligeira; musica sinfónica; musica coral; solos.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 9 e 15: Espiecial, 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; Entre os 20 e as 21: Hoje convidámos...; 20 e 7: Apenas ritmo; 20 e 15: Rubrica corte; 20 e 20: Ele e Ela; 20 e 45: Rebbialac; 21 e 3: Presença do fado; 21 e 15: O Desporto no Mundo; 21 e 45: A estrela da noite, 22 e 03: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: «P. B X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 Mc/s. — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 2 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; 1 e 3: Banda sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá, 18 e 30: Ela e o seu Mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelanea; 19 e 20: Philips; 9 e 35: Estudio 64; 20 e 7: Momento A. B C., 21 e 2: Vozes do Brasil; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Baile; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 4: Clube do Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 433,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radionama; 18: Orquestras; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: A musica da América do Norte; 21 e 15: Estrelas Alvorada; 21 e 30: 5 minutos com Frank Sinatra; 2 e 45: Livros e leituras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 205,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Vozes europeias; 8 e 20: Nota do dia; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Página 1; 21: Musica de Espanha; 21 e 5: Estrelas Alvorada; 21 e 45: Livros e leituras; 22: A musica é boa companheira; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 Mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 8 ás 11 e das 17 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 14 e 30 ás 7; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 11 ás 14 e 30

CINEMA SEM ESTRELAS

A curta-metragem inglesa «Wild Highlands» («Terras Selvagens», na tradução portuguesa) é consagrada à fauna selvagem das montanhas da Península de Ardramur, na Escócia.

Este filme, realizado por Jan Ferguson, um especialista do género, obteve uma distinção especial em Vancouver, a Placa de Prata da Semana do Filme Didáctico em Bruxelas, o Prémio da Associação Internacional do Filme Científico e o Troféu do Festival de Salerno.

Automática Eléctrica Portuguesa

Admite para o seu departamento de Electrónica:

— 3 engenheiros electrónicos.

— 1 engenheiro mecânico.

Devem ter o serviço militar cumprido, e falar inglês.

Vencimento de acordo com as aptidões, e várias regalias sociais.

Carta aos Serviços de Pessoal,
Avenida Infante D. Henrique, 333 Lisboa

canal da crítica

GRANDE VALE, GRANDE MENTIRA

Ai como é que ele chamava-se... Só me lembro do primeiro nome: Scott, o apelido era não sei quê, qualquer coisa em idge, **não** bridge **não era, mas também isso pouco interesse tem. Importa só apontar os altos intuitos moralizantes da última emissão de «O Grande Vale», no original «O homem Midar», assim chamado porque tudo quanto tocava, se transformava em oiro.**

Grandecíssimo agiota é que ele era. Empresta dinheiro aos rancheiros em tempo de seca para, de seguida, lhes empalmar as terras. O processo nada tem de recente, é tão velho como o homem. Iarrod, o mano advogado define o tal Scott... **idge** como um abutre.

Mas não era. Era até muito bonzinho, capaz de gestos altruistas, capaz de uma grande isenção. Passa uma tarde inteira com a Audra e não lhe toca nem sequer na fímbria do vestido. Mais tarde, a mesma Audra vai ter com ele ao hotel, ao quarto 21: «Perdoa aos rancheiros, dá-lhes uma moratória de 30 dias. Em troca ficarei contigo.»

Scott é agiota mas tem coração. É abutre mas tem alma. É carniceiro mas é sensível até á moela. Perdoa aos rancheiros, perdoa a todo o mundo e não aceita o sacrifício de Audra — sacrifício que ela parecia fazer sem grande... sacrifício.

Mais uma vez se tornou evidente a característica geral das séries filmadas americanas, a lógica interna pouco lhes interessa, interessa-lhes sómente o ensinamento, o estímulo. Assim, falsas preocupações de ordem moral servem de tecto a uma realidade social que de moral nada tem.

Os dois últimos seroes de Televisão ficaram marcados por dois casos de amor frustrados. Com tudo isto espanto-me que o fado não tenha nascido no Texas.

TV MUNDO com NINA SIMONE

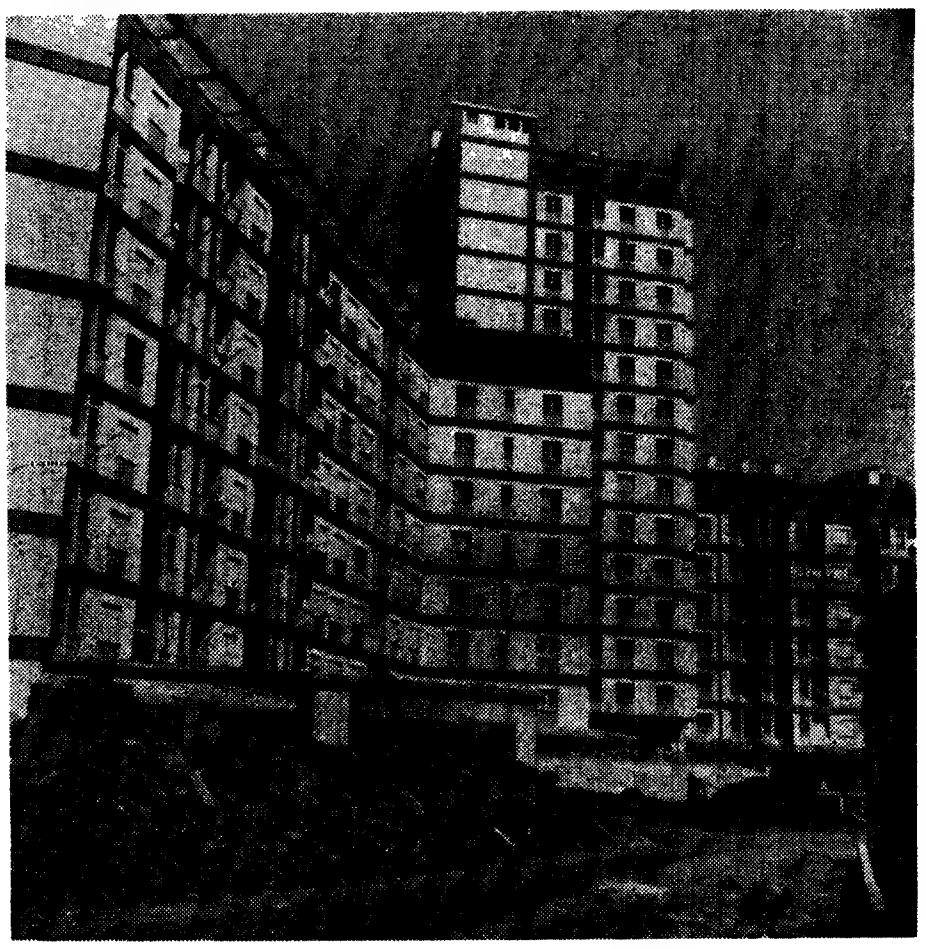
Excepcional qualidade marcou o **TV Mundo** dedicado a Nina Simone, uma negra americana, impossível de ignorar a quem se interesse pelos caminhos de música ligeira.

Que se poderá dizer senão que foi um espectáculo memorável? Memorável na atitude (quase) religiosa de Simone frente aos temas escolhidos; memorável pela iden-

(Continua na página seguinte)

EXPLICADOR
Lições Individuais
5.º, 6.º e 7.º anos
Liceus e Adm. Fac
Matem., Fis.-Quím. e Des.
Tel.: 83.33.32

3.ª FASE DA REBOLEIRA



VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

Iniciada a 3.ª fase

J. PIMENTA, S. A. R. L.

oferece-lhe as garantias de sempre, dentro de uma melhor e maior gama de Apartamentos Mobilados

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS (Espargal), CASCAIS (por detrás do Hotel Baía).

PROPRIEDADES A VENDA EM: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS E LISBOA

LISBOA: R. Conde Redondo, 53, 4.º-Esq.—Tel. 45843/47843
QUELUZ: R. D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora—Serviço Permanente—Tel. 93 36 70

O problema do preço fixo

(Continuação da 8.ª página)

preço fixo esta não pode comportar exageros —, o crime subsistirá, não sendo forçosa a limitação de percentagens para que se extinga.

Acontece ainda que os casos de reclamações de preços têm quase sempre origem em falsas garantias de qualidades dadas por um vendedor desonesto. Ora, o regime de livre concorrência não impede o procedimento adequado contra este tipo de prevaricadores.»

COLABORAÇÃO DOS GRÉMIOS NA DISCIPLINA ECONÓMICA

«Dentro das normas básicas em que se pensa para uma melhor estruturação estatutária dos grémios, sugere-se a criação de Conselhos Técnicos que poderiam actuar em estreita colaboração com os quadros da Inspecção Geral das Actividades Económicas, tanto na repressão de delitos de especulação como da concorrência desleal, qualquer deles econòmicamente pernicioso. Estes órgãos, constituídos por pessoas de reconhecida capacidade profissional e idoneidade moral, teriam o maior interesse disciplinar.»

CONCLUSÕES

«Os grémios signatários desta representação vêm solicitar a Vossa Excelência, sr. presidente da Corporação do Comércio, se digne diligenciar junto da Administração para que sejam devidamente ponderadas as razões expostas e se permita a livre marcação das mercadorias dentro da actividade retalhista de roupas e artigos de vestuário, julgando também ser esse o melhor critério a aplicar a outros ramos de comércio.

E para reintegração plena dos direitos de cidadania dos comerciantes retalhistas, perdidos com a promulgação do Decreto 41 204, que colocou a profissão numa absurda situação ilegal, equiparada á de contrabandista ou cigano por não ser oficialmente consentido o lucro suficiente para a sua sobrevivência, solicitam ainda a V. Ex.ª envide os melhores esforços no sentido de:

a) — ser revogado o disposto no art.º 24.º do Decreto-Lei n.º 41 204, sobre margens de lucro e encargos para os artigos não sujeitos a tabelamento;

b) — ser obrigatório o preço fixo, no comércio retalhista nacional, formado com base na lei da oferta e da procura.»

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

tidade perfeita artista-público; memorável pela realização que soube congraçar as necessidades da reportagem com o dever de não fatigar o telespectador: assim, as armadilhas da monotonia e da sucessão vertiginosa de planos (incompatível com as dimensões do pequeno «écran» e com as relações «écran»-Telepúblico) foram sàbiamente evitadas.

Para nós, portugueses, este **TV Mundo** foi educativo mais do que nenhum outro. Eis que, com Nina, a nossa experiência se enriquece com horizontes insuspeitados. A voz contém em si mesmo uma sugestão capaz de impressionar um auditório não familiarizado com o idioma utilizado. Depois, o acto de cantar pode desenvolver-se á margem dos gritos destemperados, dos berros, do bom puxanço do peito. Talvez, por isso, este programa se intitulava «A música da alma» — e não «a música da garganta»...

Outro pormenor importante residiu na qualidade do público. Olhos atentos não deixaram de perceber a diferença entre este público e o do **Telerritmo**. A diferença que existe entre uma pessoa viva e um fantoche puxado a cordel.

MC

Homenagem a um industrial de Alferrarede

ABRANTES, 1 — Conforme noticiámos realizou-se em Alferrarede, a homenagem ao industrial José Dias Simão, natural do concelho de Mação, no dia em que completou 80 anos.

A homenagem começou com missa na paroquial de Alferrarede, celebrada pelo rev.º Marujo e com a presença de centenas de pessoas, seguida de um jantar no refeitório da CUF, com cerca de 250 convidados. Presidiu o sr. dr. Agostinho Baptista, presidente da Camara, em representação do Governador Civil e a que assistiram, também, os presidentes das Camaras de Torres Novas e de Mação. Falaram várias pessoas, entre as quais os presidentes da Junta de Freguesia de Alferrarede e da Camara, que enalteceram as qualidades de trabalho e de dignidade do homenageado, da sua família, a que este agradeceu, recebendo, no final, muitas lembranças.

A VILA DE SÁTÃO EM FASE DE DESENVOLVIMENTO

SATÃO, 1 — Este concelho, que foi sempre centro de dinamicas actividades, ansioso de progresso e desenvolvimento atravessa uma fase de grande incremento transformador.

Com a estrada nacional a servir de «espinha dorsal», este lindo jardim, com uma pensão (moderna e cómoda) e seus serviços publicos bem montados e exemplarmente servidos, esta velha Vila de Igreja ufana-se de progredir na paz e concórdia entre os seus filhos. Razão disso a dá a Camara Municipal, sob a presidência do sr. dr. António da Costa Faro, inaugurando largos e ruas, praças e jardins, aos quais são dados os nomes das mais salientes figuras do seu alfoz, concelhias, até distritais e nacionais.

Agora, sob a presidência do chefe do distrito, foi inaugurada a moderna Rua Presidente Américo Thomaz, artéria moderna e de agradável perspectiva.

Foram inaugurados, também outros melhoramentos, incluindo a abertura de novas artérias.

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 13 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro, Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 8 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 186/69

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av.ª 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente á «EMPREITADA N.º 224/69 — OBRAS DIVERSAS NAS PISCINAS DO ESTÁDIO DO RESTELO», com a base de licitação de 2.989.107$50. (Processo n.º 119/69/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 74.730$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do art.º 6.º do programa do concurso público acima referido

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 10.380, de 26/9/969.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na I Categoria (Construção Civil) ou 1.ª Subcategoria desta Categoria. Subclasse «A» da 2.ª Classe ou superior.

A abertura das propostas realiza-se às 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 26 de Setembro de 1969.

O PRESIDENTE

António Vitorino França Borges

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F. (ao Rato)

✝

MARIA NAZARÉ TEIXEIRA DA SILVA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Maria Gabriela Teixeira da Silva de Sucena Paiva, e seu marido Augusto Sucena Paiva, Maria Tereza da Silva Sucena Paiva, e filho, José Pedro da Silva Sucena Paiva, sua mulher e filhas e demais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, bisavó, cunhada, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 2, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério do Alto de S. João. Pelas 9.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

A. G. MAGNO, LDA.
Av. Almirante Reis, 129-A
Tel. 51586

✝

ANÍBAL RODRIGUES ANTUNES

FALECEU

Sua esposa, filho, irmãos e mais família, participam o falecimento de seu querido extremoso marido, pai, irmão e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 2, a hora a determinar, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MEGA

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HOJE: CINCO JOGOS INTERNACIONAIS

DA FINLÂNDIA AO PORTO
EM BUSCA DA CONTINUIDADE EUROPEIA

BENFICA, ACADÉMICA, SPORTING E V. SETÚBAL (fora) E F. C. PORTO (nas Antas) CONTRA ADVERSÁRIOS DE RESPEITO: K.B., KUOPÏON, LASK, RAPID DE BUCAREST E HVIDOVRE

Cinco equipas portuguesas — Benfica, Académica, Sporting, V. Setubal e F. C. do Porto — discutem hoje em diversas latitudes do continente europeu, a sua continuidade em provas internacionais.

Para a «Taça dos Campeões» o Benfica (com a vantagem de dois golos alcançada na Luz, no jogo da 1.ª mão) defrontará em Copenhaga os dinamarqueses do K. B.

A escassez do resultado que se verificou no primeiro jogo e sobretudo a modestíssima actuação dos portugueses, animou o K B., que pensa, muito sèriamente, em decidir a eliminatória a seu favor, uma vez que conta com os incitamentos do seu publico para superar a melhor técnica dos benfiquistas

Entretanto a temperatura é demasiadamente baixa para os hábitos dos portugueses. E no final do treino efectuado no Idraetsparken os futebolistas não esconderam as suas preocupações quanto ao aspecto climatérico.

Enquanto nos dinamarqueses se anuncia a ausência do interior esquerdo Jan Petersen que deverá ceder o seu lugar a Soerensen, Otto Glória tornou já conhecida a formação inicial a apresentar pelo Benfica: José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Toni e Coluna; Simões, Torres, Eusébio e Diamantino

A fuga ao choque — propósito da Académica

A mais de cinco mil quilómetros de Coimbra, exactamente em Kuorpio, na Finlandia, a Académica vai tentar desfazer a seu favor a igualdade a zero que consentiu no seu campo no jogo da 1.ª mão.

Evidentemente que a tarefa escolar redobrou as dificuldades. Os finlandeses do Knorpion praticam um futebol baseado no despique físico e convenhamos que esse não é, de momento, o tipo mais desejável de confronto para os estudantes

Todavia Francisco Andrade, o técnico escolar assenta exactamente as suas esperanças nessa toada habitual dos antagonistas. Para o treinador dos estudantes a maior capacidade técnica dos seus pupilos pode resultar fruituosa se a equipa souber furtar-se á luta corpo-a-corpo e aproveitar a necessidade atacante dos finlandeses para intentar depois surpreendê-los em surtidas de contra-ofensiva

Quanto a linha que defrontara o Kurpion, está já assente que será (pelo menos inicialmente) assim constituída: Maló; Curado, Alhinho, Belo e Araujo; Rui Rodrigues, Gercásio e Nené; Mário Campos, Manuel António e Vitor Campos.

Experiência europeia— trunfo do Vitória de Setubal

Para Bucareste, na Roménia, o Vitória de Setubal levou uma vantagem de dois tentos (3-1 em Alvalade, na 1.ª mão), que, acreditam os sadinos deverá ser bastante para garantir a presença na eliminatória seguinte.

(Continua na 17.ª página)

JOSÉ MARIA PEDROTO

RENOVAÇÃO SPORTINGUISTA

Fernando Vaz e Nelson, o pensamento e a acção do Sporting 69 empenhado em alcançar destacada posição nas competições europeias

GINÁSTICA NO BELENENSES

Estão abertas as inscrições para os os sócios do Belenenses que queiram frequentar as classes de ginástica do clube que irão funcionar, a partir de 6 de Outubro, no ginásio da Escola Paula Vicente.

EXTERNATO DO AEROPORTO

INFANTIL — PRIMÁRIO

Moradia independente com recreios ao ar livre e de Inverno

Av. Gago Coutinho, 162 — Tel. 727071

ANDRADE

CORPOS GERENTES

Vitória Clube de Lisboa

Em recente assembleia geral o Vitória Clube de Lisboa elegeu os seus corpos gerentes para o próximo ano e que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — presidente, Joaquim António Ferreira de Matos; vice-presidente, Fernando Alves Monteiro; secretários, José da Costa Gonçalves e Carlos Fidalgo; vice-secretário, David de Oliveira Chitas e Carlos do Carmo Mateus.

Conselho Fiscal e Jurisdicional — José Martins Gonçalves; secretário, José Francisco Farinha Gonçalves; relator, José da Conceição Marques do Vale; vogais, Guilherme de Sousa Gomes e António Ferreira Pinto; suplentes, Eduardo da Costa Venceslau, Carlos Alberto Marçal Pastor e Mário Rodrigues.

Direcção presidente, José de Paula Soares; vice-presidente, Ernesto dos Santos Lopes Cascalheira; secretário-geral, Manuel Veludas Leonardo; secretários, Fernando Sotero Jerónimo Félix e Amadeu Assunção Ferreira Alves; tesoureiro, José Júlio Pires Pereira; vogais, Carlos Alberto Coelho, Amaro de Almeida Ferro, Armindo Jorge Alves Ribeiro, Domingos Alberto Gonçalves Azevedo; Mário José Pardal Colorado e Manuel Leitão Ferreira

1969

Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa

DE 4 A 12 DE OUTUBRO

2 provas diárias — 12 h. 30 m. e 15 h. 30 m.

Sábado — Provas ao cronómetro

Domingo — Provas: Regularidade por estafetas e Escolha o seu Percurso

3.ª Feira — Provas: Ao Cronómetro e Potência

BELENENSES--BENFICA (em reservas) NO DOMINGO

Por iniciativa da A. F. L. vão iniciar a sua actividade as equipas de reservas dos clubes lisboetas da 1.ª Divisão.

Com efeito, anuncia-se para domingo às 16 horas, no Estádio do Restelo o encontro Belenenses-Benfica a contar para o Campeonato Distrital de Reservas, prova em que também participa a equipa do Sporting e será disputada em «poule» em duas voltas.

SPORTING-LASK RELATO EM R.C.P.

Patrocinado pelas Apostas Mutuas Desportivas (Totobola) o Rádio Cluge Português transmite ás 19 e 30 o relato integral e directo do encontro Lask-Sporting, a contar para a Taça das Feiras, por Amadeu José de Freitas.

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DOS CTT

Inscrição de boletineiros ciclistas supranumerários para a cidade de Lisboa

Torna-se publico a abertura de inscrição indicado em epígrafe, durante o prazo de 20 dias, entre os indivíduos do sexo masculino, com mais de 15 e menos de 18 anos de idade, possuindo a habilitação minima da 4.ª classe de instrução primária.

As restantes condições de admissão e outros esclarecimentos poderão ser obtidos na Estação Central Telegráfica de Lisboa, Praça de D. Luís. Neste mesmo local deverão ser entregues os pedidos de inscrição feitos em papel comum.

Lisboa, 1 de Outubro de 1969.

O Chefe da 2.ª Repartição da Direcção dos Serviços Administrativos

MEDONÇA BRAGA

GINÁSTICA NA ACADÉMICA DA AMADORA

Com uma sessão solene que se realiza no dia 6 de Outubro a Associação Académica da Amadora inicia a actividade das suas classes de ginástica, na presente temporada.

Administração-geral dos C.T.T.

SERVIÇO DE TELEGRAMAS TELEFONADOS

Para comodidade dos assinantes do serviço telefónico das redes dos Correios Telégrafos e Telefones e dos Telefones de Lisboa e Porto, as taxas dos telegramas telefonados a partir de 1 de Outubro vão ser incluídas nas contas mensais dos telefones utilizados para expedição desses telegramas, quem quer que sejam os seus expedidores

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Palestra brilhante do prof. José Esteves englobada nas comemorações do 50.º aniversário do Belenenses

Com a sala da delegação do Belenenses cheia de público vivamente interessado o prof. José Esteves proferiu ontem uma interesante palestra, subordinada ao tema «A sociologia desportiva através de uma duzia de problemas concretos».

A sessão foi presidida pelo juiz-desembargador dr. Gouveia da Veiga, presidente da Junta Directiva do clube, ladeado pelo dr. Teixeira de Sousa, inspector dos Desportos da Angola, e pelo sr. Gilberto Cardoso, em representação do Sport Lisboa e Benfica

Depois do juiz dr. Gouveia da Veiga ter feito a apresentação do orador, o prof. José Esteves discertou sobre os diversos problemas anunciados, antecedendo a conferência de judiciosas considerações nas quais situava o Desporto como parte importante da vida social dos povos.

Eis uma súmula (evidentemente incompleta da sua elucidativa palestra:

1.º — Será possível eliminar o «doping»?

— Resposta negativa As drogas são tomadas em doses cada vez maiores, não só no Desporto como em outras actividades do homem, tais como o estudo e em diferentes espécies de trabalho. Nas provas desportivas conquista-se a superioridade através da desvantagem do adversário, pelo que no desporto-competição não parece possível a eliminação dos estimulantes.

2.º — São imorais os ordenados ganhos pelos grandes artistas do espectáculo?

— Não. Um exemplo: Sandie Shaw ganhou mais de vinte mil contos com a venda de um disco; Di Stéfano, o futebolista com melhor remuneração, não recebeu tanto. Tendo em vista as diferenças de vencimentos verificados em todos os ramos, não se podem considerar imorais as verbas que auferem os grandes artistas do espectáculo desportivo.

3.º — Haverá um limite de possibilidades humanas para os recordes de atletismo e natação?

— Pelo menos por enquanto, tais limites são imprevisíveis. O homem transforma-se fisicamente de geração para geração. A continuarem os progressos verificados nas condições de treino e em tudo que é inerente à preparação dos atletas, não podem calcular-se ainda os limites das possibilidades humanas.

4.º — Quando é que o Desporto é uma escola de virtudes?

— O Desporto só é uma escola de virtudes quando a competição não implica alienação ou hostilidade. Seria necessário constatar se a prática do Desporto — mais ao alcance das classes favorecidas impede ou faz diminuir a delinquência. Desde que o objectivo primacial seja ganhar, o jogo não pode ser considerado como tal.

5.º — A semelhança do que já sucede no ciclismo, a publicidade comercial irá dominar, num futuro mais ou menos próximo, todas as manifestações de carácter desportivo?

— O ciclismo é, actualmente, uma actividade totalmente comercializada. Apenas entre nós existe praticada por clubes, que chegam a gastar mais de mil contos na manutenção da secção respectiva. Aliás, as empresas comerciais reconheceram já a rentabilidade da publicidade feita por intermédio do espectáculo

Prof. José Esteves

desportivo, pelo que não surpreenderá que a mesma venha a estender-se às restantes modalidades dentro de algumas dezenas de anos dominadas pelo fenómeno publicitário.

6 — Porque são das classes desfavorecidas os desportistas profissionais?

— O Desporto, como profissão, envolve riscos que as pessoas de mais vastos recursos preferem, geralmente, não correr. Trata-se de um meio de promoção que actua principalmente, como é óbvio sobre as classes desfavorecidas.

7.º — Haverá uma exlicação para o aumento cada vez mais pronunciado, de jogadores do Ultramar no futebol metropolitano?

— A emigração de jovens metropolitanos tornou mais difícil o recrutamento. Os dirigentes desportivos, com o objectivo de reforçar os quadros dos clubes, suprem essa falta com a aquisição de elementos ultramarinos.

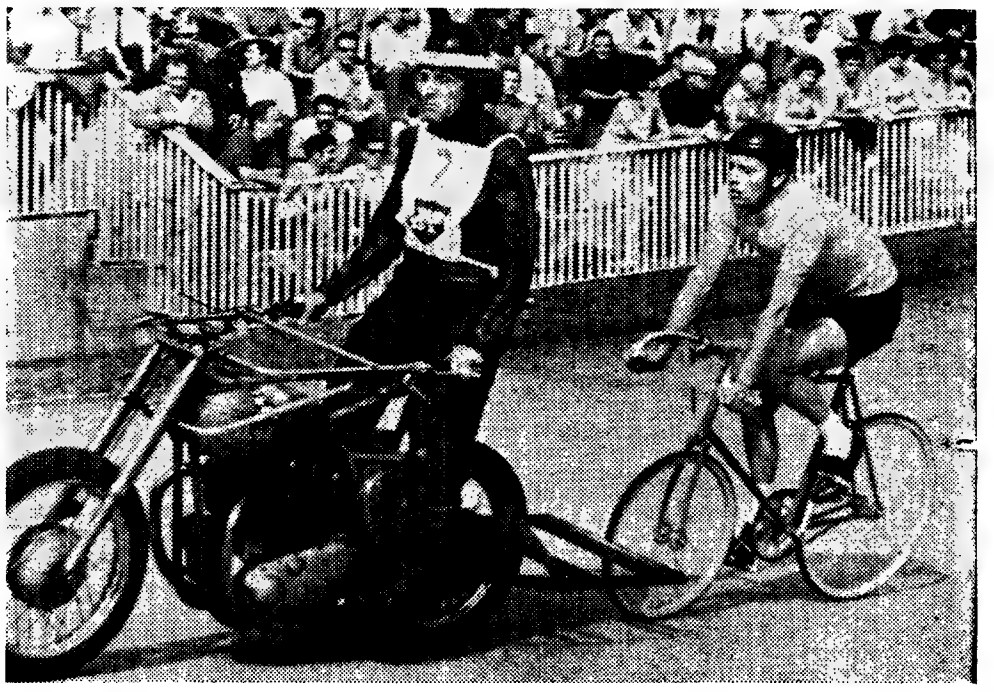
8.º — Por que razão os clubes latinos têm revelado uma superioridade esmagadora na conquista da «Taça dos Campeões Europeus»?

— Nos outros países a organização futebolística não atingiu desenvolvimento tão grande. Isto, não obstante contarem, geralmente, com muito maior número de praticantes, em relação ao número de habitantes.

9.º — Por que motivo nós, os portugueses, nunca tivemos um campeão ou recordista europeu, olímpico ou mundial, no atletismo e na natação?

— Não temos organização que proporcione a prepara-

(Continua na página seguinte)



Michel Scob conquistou na pista municipal do Bosque de Vincences, o título de campeão de França de meio-fundo. Eis o ciclista gaulês em plena prova

Assembleia Geral extraordinária de «Os Belenenses»

Está marcada para o dia 3 de Outubro, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, em Belém, a assembleia geral extraordinária do Clube de Futebol «Os Belenenses», para apreciação da proposta da Junta Directiva relacionada com a vida do clube.

O Vitória de Guimarães já está em Ostrava

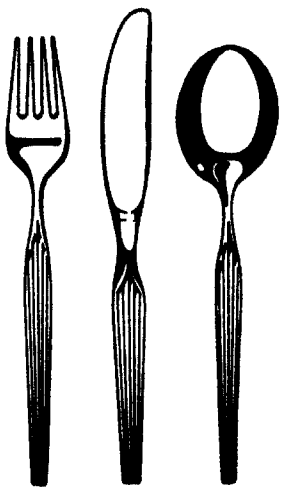
• Os responsáveis do Banik não disfarçam (sequer) o seu optimismo

Em Ostrava já se encontra o Vitória de Guimarães para o jogo com o Banik, a contar para a Taça das Feiras.

Os jugoslavos acreditam firmemente na qualificação pois consideram fácilmente anulável o escasso 0-1 sofrido em Guimarães. Segundo as declarações do treinador do Banik Rubás, é essa a ideia que perdomina na equipa, de que aliás também fez eco Michalic o capitão da mesma.

Entretanto, entre os portugueses, embora conhecendo-se as dificuldades que o problema Banik representa, pensa-se muito a sério em «aguentar» a vantagem do primeiro encontro. Fernando Caiado, o homem que agora dirige os vimaranenses é um técnico experimentado nestas andanças europeias e nesta sua ainda curta permanência no Vitória, tem, no entanto, melhorado consideràvelmente, a capacidade física do «onze» e a sua forma técnica.

Por isso, e mesmo cosiderando a valia do antagonista, os vitorianos de Guimarães, começam já a «sonhar» com o próximo adversário



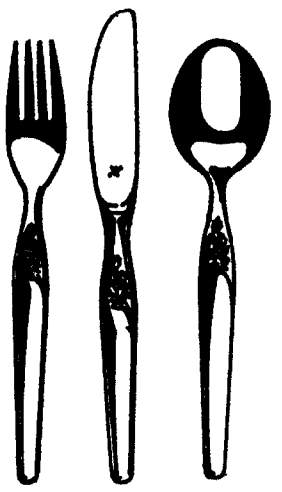
DOMEX

Seja qual for o aspecto porque se apreciem os faqueiros e talheres da marca DOMEX, gravada em cada peça, verifica-se que eles são verdadeiramente modernos e de primorosa execução.

Repare-se na qualidade das suas lâminas; na elegância das suas linhas; no peso equilibrado das peças e no trabalho das suas faces.

FRIZADO Reg.

São concebidos para durar e fazer realçar agradàvelmente a sua mesa, pois não há nada que mais mal impressione do que uma refeição servida com talheres vulgares, mal tratados, sem elegância e beleza artística.

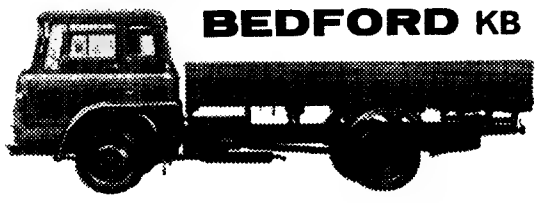


ROSABELA Reg.

Os Faqueiros e Talheres da marca DOMEX, dão à sua mesa uma nota de bom gosto porque são

PRODUTOS DA topázio a acreditada marca de Pratas

Talheres de Prata, Filigranas e Joias, desde 1875



BEDFORD KB

PESOS BRUTOS - 3500 - 4370 - 5200 kg
NOVO ACABAMENTO INTERIOR DA CABINA
AQUECIMENTO INSTALADO

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 5 81 11
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

NADA DE CONFUSÕES!

A cor da moda para o seu automóvel exclusivamente

VITON 29-924

A PALESTRA DO PROF. JOSÉ ESTEVES

(Continuação da pág. anterior)

ção de atletas capazes de atingir esse plano.

Geralmente, é da quantidade que se extrai a qualidade e a população desportiva pràticamente corresponde a uma percentagem escassa.

10.º — Quem deve pagar os custos do espectáculo desportivo? Os espectadores, a quem ele se destina, ou também os organismos oficiais (através de favores directos e indirectos)?

— Os espectadores. As verbas disponíveis deverão ser gastas, por exemplo, em iniciação desportiva. (E o prof. José Esteves teve palavras de louvor para com os jogos Juvenis do Barreiro).

11.º — Qual é mais importante para um verdadeiro prestígio nacional: a valorização educativa, higiénica e recreativa da população ou as vitórias dos pequenos grupos de escol, de amadores ou de profissionais, que representam as várias federações dum país?

— Em vez dos brilharetes ocasionais, interessa mais a um país um maior número de praticantes. Isso importa mais do que a competição.

12.º — Haverá alguma relação entre o nível de vida das populações e os êxitos internacionais do conjunto das selecções desportivas dos vários países?

— A Austrália e a Nova Zelandia são, com os países escandinavos, os países desportistas por excelência, e não os Estados Unidos e a Rússia, como poderá supor-se. As estatísticas indicam serem aqueles países com mais desportistas praticantes por cada milhão de pessoas.

Seguiu-se um curioso debate, no qual intervieram os médicos drs. Aníbal Costa e Silva Rocha, o nosso camarada de «O Século» Arnaldo Pereira, e dois assistentes.

O juíz dr. Gouveia da Veiga encerrou depois a sessão, que decorreu sempre em nível elevado e louvou o clube que a promoveu.

Os jogos «europeus» de hoje

(Continuação da 15.ª página)

José Maria Pedroto, o «responsável» pelo Vitória de Setubal não esconde a sua confiança no comportamento dos seus pupilos e nem admite sequer a adopção de uma toada defensiva para o confronto com o Rapid, naturalmente desejoso de provocar uma reviravolta. Cautelosos sim, mas suficientemente atrevidos para chegar á rede contrária.

Os setubalenses submeteram-se ontem a um ligeiro treino de preparação física. Pedroto, sempre atento aos problemas da equipa, decidiu incluir Figueiredo no «onze» que iniciará a partida uma vez que se receia uma recidiva da lesão sofrida por Arcanjo, embora este pareça completamente recuperado. E á noite os dirigentes do Vitória foram obsequiados com um jantar oferecido pelo presidente do Rapid.

Sporting: Confiança

Anular quatro golos é já tarefa difícil em qualquer competição. À escala europeia, ainda que a mesma não seja inédita, é coisa cada vez mais rara. Poder-se-á portanto conceder todo o favoritismo ao Sporting, no seu confronto com o Lask, em Linz, na Austria.

Mas as aspirações da equipa leonina não se limitam ao desejo de qualificação (quase garantida) para a eliminatória seguinte. É também seu propósito vencer o desafio e para isso Fernando Vaz sujeita os seus futebolistas a uma rigorosa disciplina, aliás já habitual na equipa, recusando um convite para um passeio turístico feito pelos dirigentes austríacos.

Os sportinguistas treinaram-se ontem e á sessão assistiu o treinador do Lask que não disfarçou a sua admiração pela equipa portuguesa. Mas sempre foi acrescentando que apesar da desvantagem dos quatro tentos de Lisboa, os seus jogadores iriam tentar tudo para neutralizar o melhor futebol dos portugueses e, se possível, ganhar a eliminatória.

Está também assente a formação a apresentar pelos sportinguistas: Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, Caló e Hilário; Gonçalves, Pedras e Peres; José Morais, Nelson e Márinho.

F. C. Porto: Estreia do brasileiro Salim

Para o jogo desta noite, nas Antas, entre o F. C. Porto e o Hvidrove, de Copenhaga, a contar para a 2.ª mão da primeira eliminatória da Taça das Taças, o F. C. Porto deverá estrear no eixo de ataque o brasileiro Salim, recentemente contratado e em quem o técnico Schwartz deposita as maiores esperanças para solucionar um dos maiores problemas da equipa — o do remate.

A equipa do F. C. Porto que defrontará o Hvidrove, integrada de Salim, deverá apresentar-se assim constituída: Aníbal; Gualter, Vieira Nunes, Valdemar e Sucena (Helder Ernesto); Pavão e Helder Ernesto (Rolando); Rolando (Lisboa), Salim, Pinto e Nóbrega. Além dos indicados o F. C. Porto poderá vir a utilizar Vaz, Séninho, Chico e Ronaldo.

Uma ligeira lesão de Gualter no jogo com o Boavista não impedirá o ex-vimaranense de alinhar. E de resto todos os jogadores estão em perfeitas condições físicas.

Entretanto, já vencidos no primeiro desafio em Copenhaga, os dinamarqueses pensam que pode, agora, verificar-se o inverso: ou seja Hvidovre ganhar no Porto. O seu treinador Mário Arcosi, não esconde essa esperança.

Por outro lado, nas hostes portistas, encara-se o jogo com cautelas, para evitar surpresas, uma vez que em futebol não há vencedores antecipados e ás vezes «o diabo tece-as»...

PROVA DE PESCA NO MAR COMEMORATIVA DO 60.º ANIVERSÁRIO DA BP

Integrada nas comemorações do 60.º aniversário da Companhia Portuguesa dos Petróleos BP e dos 60 anos da Fundação do Grupo BP, realizou-se no passado dia 27, em Sagres, uma prova de pesca desportiva de mar, organizada pelo Clube BP, em que participaram 60 pescadores, representantes dos Centros de Alegria no Trabalho de todas as empresas de petróleos.

Na classificação individual distinguiram-se: 1.º, Fernando H. de Oliveira (Mobil), 2.º, Jaime Peres dos Santos (Mobil), 3.º, Carlos Marques (BP). O maior exemplar foi capturado por José Pais Cabral (BP) e Carlos Marques (BP) apanhou a maior quantidade (41 unidades).

Por equipas, a classificação foi a seguinte: 1.ª, Clube BP; 2.ª, Casa do Pessoal da Mobil; 3.ª, Casa do Pessoal da Sacor; 4.ª, Grupo Desportivo da Sonap; 5.ª, Casa do Pessoal da Cidla e 6.ª, Clube Shell.

A pesagem e controle foram efectuados na Fortaleza de Sagres e a entrega dos troféus realizou-se no Hotel da Baleeira, em Sagres, durante o jantar oferecido pelo Clube BP, a que assistiram também os seguintes senhores: Capitão-tenente Abílio Freire da Cruz Júnior, Capitão dos Portos de Portimão e Lagos; Capitão José Ermenegildo Duarte Fragoso, Presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo; Dr. Joaquim do Sacramento Pagarete, Delegado Aduaneiro de Lagos; Dr. Eduardo Corrêa de Barros, Presidente do Conselho de Administração da BP e Dr. Ramos e Costa, Presidente do Clube BP, que faziam parte da Comissão de Honra e os senhores Capitão Mendes Torres, Comandante do C. I. C. A. 5 e Gustavo Moreira, Director da BP, todos acompanhados das respectivas esposas.

O pescado, vendido na lota de Sagres, rendeu a importância de Esc. 3216$00, que vai ser entregue a enti-

Alguns resultados dos jogos de ontem das provas europeias

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

MADRID, 1 — O Real Madrid venceu o Olympiakos de Chipre por 6-1, na segunda «mão» da Taça dos Campeões Europeus, classificando-se para a segunda eliminatória.

●

ROTERDÃO (Holanda), 1 — Com 16-2 nas duas «mãos», O Feijenoord que ontem venceu o KR de Reykjavik (Islandia) por 4-0 passa á segunda eliminatória da Taça dos Campeões Europeus.

Os golos foram marcados pelo sueco Ove Kindvall e por Ruud Geels.

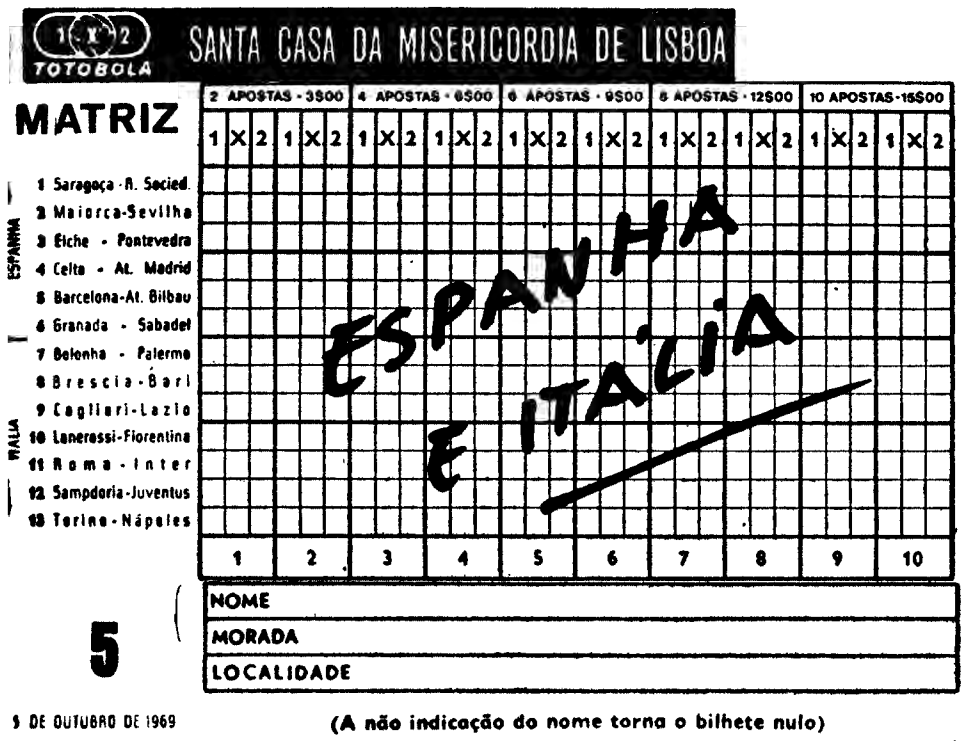
TAÇA DAS FEIRAS

ATENAS, 1 — O Panionios, de Atenas, venceu o Hansa de Rostock (Alemanha Oriental) por 2-0, na segunda «mão» da primeira eliminatória da Taça das Cidades com Feira, mas os alemães é que ficaram apurados, pois haviam ganho o primeiro encontro por 3-0. — (ANI).

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

TOTOBOLA

5.º CONCURSO • 5 DE OUTUBRO DE 1969



CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS

CAMPEONATO DE ESPANHA

1.os	ATLÉTICO DE BILBAU	5
	SABADEL	5
	REAL MADRID	5
4.os	LAS PALMAS	4
	SARAGOÇA	4
	BARCELONA	4
	R. SOCIEDADE	4
	AT. MADRID	4
	SEVILHA	4
10.º	GRANADA	3
11.os	MAIORCA	2
	CORUNHA	2
13.os	CELTA	1
	PONTEVEDRA	1
15.os	ELCHE	0
	VALÊNCIA	0

CAMPEONATO DE ITÁLIA

1.os	INTER	6
	FIORENTINA	6
3.º	CAGLIARI	5
4.os	MILAN	4
	VERONA	4
	LANEROSSI	4
7.os	TORINO	3
	JUVENTUS	3
	BOLONHA	3
	BARI	3
	LAZIO	3
12.º	ROMA	2
13.os	SAMPDORIA	1
	NÁPOLES	1
15.os	BRESCIA	0
	PALERMO	0

J. MENDES COELHO LDA.

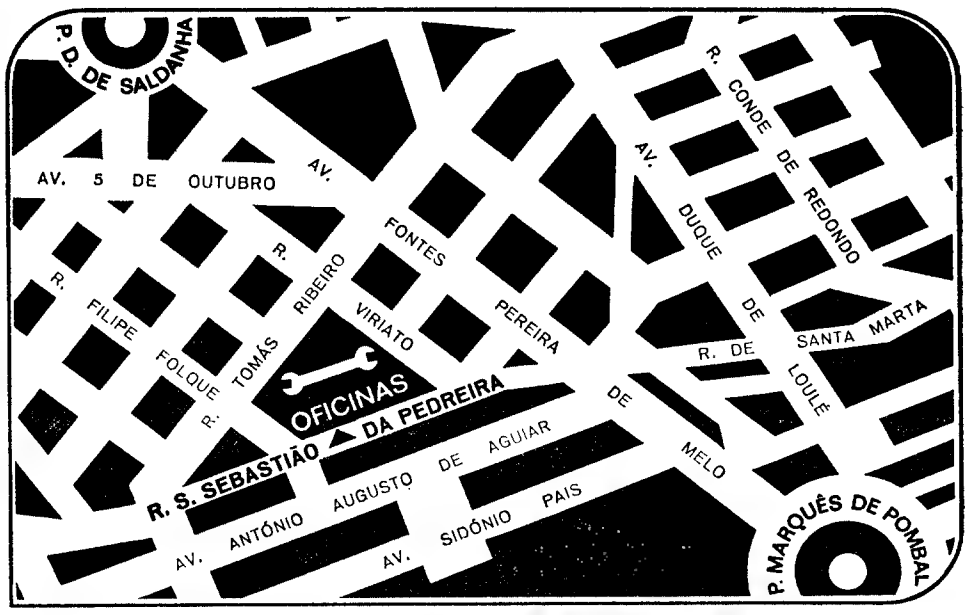
CONCESSIONÁRIOS

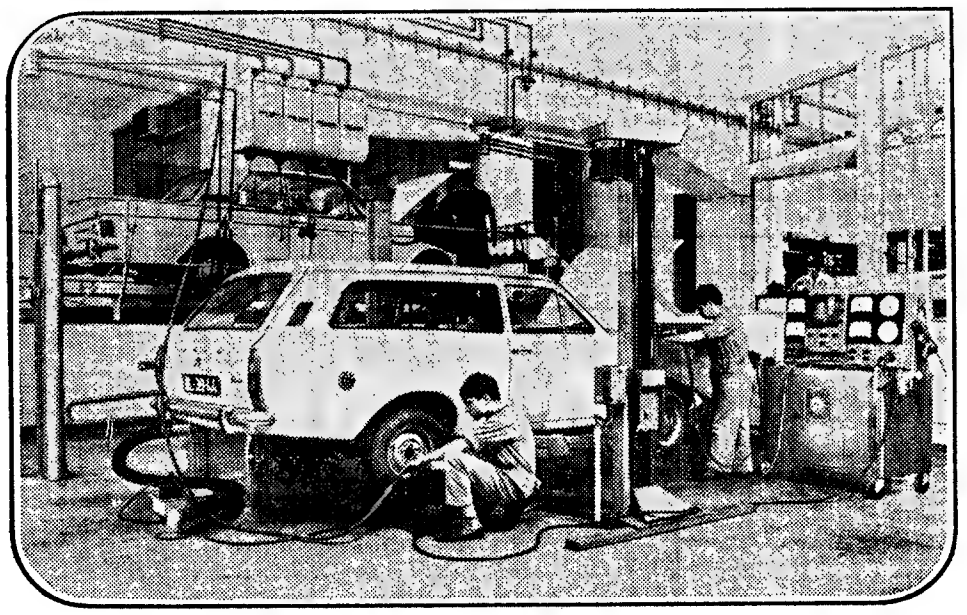
Ford

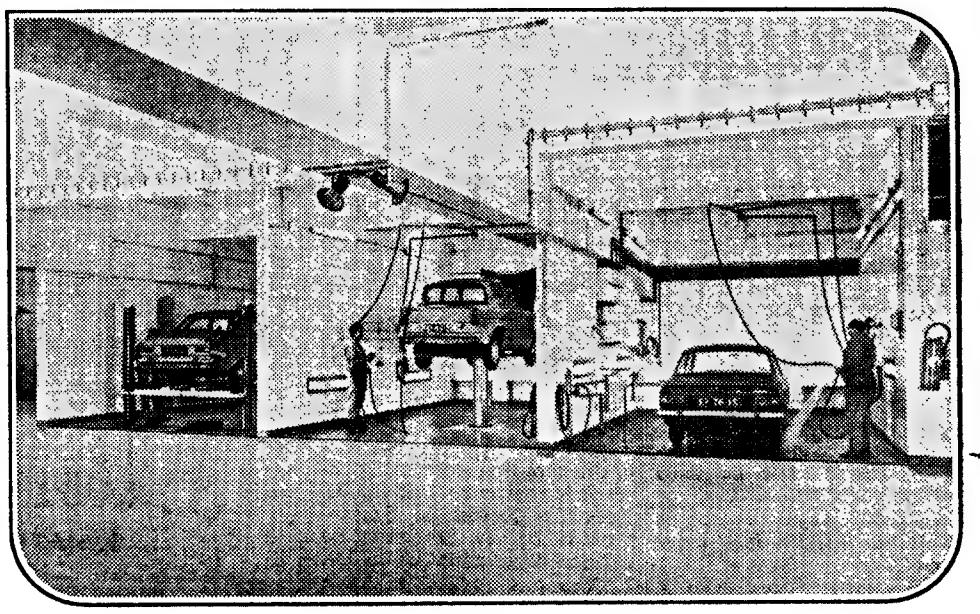
MARCA

1º ANIVERSÁRIO DAS NOVAS INSTALAÇÕES

Um ano é passado sobre a data em que abrimos as nossas novas instalações. Festejamos o 1.º aniversário, e brindamos, com certo orgulho, por mais uma iniciativa que veio beneficiar todos os nossos clientes. Não queremos, pois, deixar de cumprimentar todos quantos nos apoiaram com a sua preferência. Estes nossos cumprimentos são igualmente extensivos a todos os proprietários de veículos FORD, a quem gostosamente apresentamos o nosso convite para uma visita às nossas novas instalações, onde o equipamento, o pessoal especializado e consequente qualidade de serviços, atingiram um nível de excepcional eficiência e rapidez.







Alguns aspectos das novas instalações, na R. S. Sebastião da Pedreira, 122, que compreendem oficinas de reparações, secção de análise electrónica de motores, alinhamento de direcção, serviços de lavagem e lubrificação. Estas instalações complementam os serviços já anteriormente instalados na R. Gomes Freire, 5-A/7-C

produtos e serviço

SHELL

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE: Por quem os sinos dobram — no MUNDIAL

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 21.45—NOITE DE ESTREIA
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Às 15.15 e 18.30 (adultos)
UMA CARREIRA SENSACIONAL

SÃO JORGE
(Adultos, Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3 SEMANA
Um novo filme de CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Amidau — Caroline Cellier

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO MASSELI segundo o romance de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFERENTES
c/ Claudia Cardinale, Rod Steiger e Shelley Winters

ALVALADE
(Adultos) Tel 763080
Às 15.45 e 21.45
CLAUDIA CARDINALE e ROD STEIGER em
OS INDIFERENTES

EUROPA
(Adultos) Tel 661016
Às 15.15 e 21.30
BARBRA STREISAND e OMAR SHARIFF em
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)

VOX
(M 21 anos) Tel 120808
As 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida na avaliação da idade

CHIADO TERRASSE
(Adultos) Às 15 e 21 h.
COLORIDO
A PISCINA (La Piscine)
com Alain Delon e Romy Schneider

LIDO
Praça D João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um filme cheio de acção totalmente passado na selva africana!
A ESTRELA DO SUL
com Ursula Andress e Orson Weles

ODEON
(Adultos) Tel 326283
Hoje, ás 21.30 — ESTREIA
Uma admirável novidade que vai dar brado
OS VINGADORES
(Aventuras de Steed e Peel)
com o famoso par da televisão Patrick Magnee e Diana Rigg
Tecnicolor (M. 12 anos)

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNES

EDEN
(M. 6 anos) Tel. 820768
As 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
ÚLTIMOS DIAS
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O LIVRO DA SELVA

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 32 63 05
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM ÊXITO EXCEPCIONAL
COMISSARIO X 3 PANTERAS AZUIS
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras. Mais mulheres... Mais acção Mais «suspense»...
Eastmancolor

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
c/ Claude Rich Olga Georges-Picot

LIZ
(Adultos) Tel 48560
As 21 h
O ROUBO DE PIETÁ CHAMADA PARA A VIDA

RESTELO
(M 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
em Technicolor e Technicope
O HOMEM DE OKLAOMA
com Rick Horn, José Calvo e Sabine Bathaman

AVIS
À tarde: M. 6 anos Tel. 47163
À noite: M. 12 anos
Uma comédia sensacional com Bourvil
O ÁS DO PEDAL
Eastmancolor — Franscope

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 15.30 e 21.45
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
OS MILIONÁRIOS BEAU GESTE

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e ás 21.30
TOM DOLAR
com Maurice Poli, Giorgia Moel

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
A última obra de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran (a mulher), Michel Bouquet (o marido), e Maurice Ronet (o outro).

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Em 3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A mais bizarra concepção de sexo na era do espaço
BARBARELA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional»

TEATROS
TRINDADE — Às 21 e 30: «Silva Vicentina» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Amor ás riscas» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Moça» (17 anos)

CINEMAS
JARDIM — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O segredo de Bill North» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Começou em Nápoles» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Os maus também morrem» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «As diabólicas» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Carne da minha carne» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Ódio por ódio» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Granada, adeus» (12 anos)

● Linha de Cascais
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30 «Tom Dollar» (12 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «O quarto n.º 13» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O sétimo selo» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Rapto de Zelda» (17 anos).

● Linha de Sintra
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Conspiração internacional» (17 anos)

COLISEU
HOJE, AS 21.30
(Maiores de 6 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
Atracções de categoria
Números de sensação
AMANHÃ, à tarde: entrada gratuita às crianças até 10 anos.
À noite, às 21.30

«RI-TE, RI-TE»

GRANDE ESPECTÁCULO

O espectáculo musical — «Ri-te, Ri-te», a primeira revista dos Parodiantes de Lisboa continua em pleno êxito no Monumental em agradável ambiente com ar refrigerado. É um sensacional desfile de beleza, graça e fantasia com as mais lindas mulheres momento a momento surge-nos em rábulas extraordinárias dois populares artistas Camilo e Florbela, a seu lado dois jovens de real talento Octávio de Matos e Delfina Cruz, e ainda um notável elenco de que fazem parte Orlando Fernandes, Alice Carla, Luís Mascarenhas, Carlos Miguel, Marília Gama, Odete, Coly, Fátima, Irene, Carmizé, Nela Duarte e um friso de 25 esculturais bailarinas que dirigidas por Paulo José constituem um dos grandes atractivos desta realização de Vasco Morgado

«Ri-te, Ri-te» conta ainda com as atracções: conjunto musical «Hy-Kdoy», Paula Ribas e o mais internacional dos artistas portugueses Rui de Mascarenhas. A grande orquestra do Monumental dirigida por José Mesquita com solos de piano Andrade Santos, á bateria, Rueda e no trompete Fernando de Albuquerque. «Ri-te, Ri-te» em 3.º mês de enchentes consecutivas em 2 sessões ás 20 e 45 e 23 horas. Domingos á tarde ás 16 horas, 2.as-feiras descanso da Companhia

«AMOR ÁS RISCAS» —êxito de Solnado

«Amor ás riscas», a peça que está em cena no Villaret, é uma farsa. Mas não se pense que é apenas uma farsa: na verdade, como disse a crítica, é uma farsa excepcional. O seu autor, Murray Schisgall, serve-se da análise dos problemas do amor para escalpelizar com espírito sardónico, um humor verdadeiramente feroz, embora subtil, aspectos salientes da sociedade americana: a mania da psicanálise, o individualismo, a tendência para o matriarcado, as inibições sexuais, as frustrações, o mito do «vencer na vida», etc.

Com Solnado, Jo Alvarenga e Artur Semedo você terá a possibilidade de rir, mas rir verdadeiramente, «Amor ás riscas» dar-lhe-á a possibilidade daquela espécie de risc que não esquece.

CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 22 (ás Janelas Verdes)
«FANDO E LIS» de Arrabal
Direcção de NORBERTO BARROCA
Até 5 de Outubro, ás 22 horas; Sábados, ás 16 e 22 h.
Maiores de 17 anos. Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
Marcações — Tel. 67 72 99 depois das 18.30 horas

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B
AJUDA — Lopes Ribeiro, R do Cruzeiro 117 (633288) ✻ Boa Hora, R dos Quartéis, 25-27 (637717)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av do Igreja, 8-A (712070) ✻ Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✻ Paris, R Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710311)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr Afrânio Peixoto, 2-B (á Av S. João de Deus) (724941) ✻ Onilde, Av João XXI, 13-A (726848) ✻ Gasparinho, Rua Dr Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa R. Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av Saccad. Cabral) (710776) ✻ Cosmos, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ✻ Sagres, Aven. Luís Bivar, 69-71 (47213) ✻ Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81 (323428).
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 1122).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P. das Casas Novas, 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B 1, á R. Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — Estádio, Pr D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) ✻ Morão, R do Assunção, 17-19 (321289)
BENFICA — Benfica, Estrado de Benfica, 678-E (702532) ✻ Sousa, Est de Benfica, 429-43 (780027).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R General Taborda, 17 (680304) ✻ Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — Universal, R Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Palvas & Parente, R. de Santo António á Estrela (849448)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel 25 1234) 96-98 (665196) ✻ Martins, Calçada de Estrela 67 — (660823.
GRAÇA — Arnall, R das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✻ Morão, L da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — Intendente, L Int Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av dos Lilases de ferro, 201-B (790942) ✻ S. Tomé, Est do Desvio lote, 12-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 2 (662075).
OLIVAIS — Marvila, R Direita de Marvila, 25 (38 612) ✻ São Paulo, R 2, Lote 828, á Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (31071) ✻ Higiene, R Cidade Vila Cabral ex Rua B. n.º 4, L 43, Zona Poente (30026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R D. Jerónimo Osório, 1 P M. 3 (610256).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Picheleira, 40-B-C (720703) ✻ 728395)
RATO — Soares, Av Álvares Cabral, 1 (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua do Beneficência, 9 (773728).
RESTELO — Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (611814) (á encosta do Restelo próximo dos Moinhos).
S. PAULO — Central, R de S Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R D Domingos Jardo, 28-A (á Av D. Afonso III) (843439) ✻ Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33

● Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes — Av. Comb G Guerra, 166 (Tel 213953).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenido Patrão Lopes, 4 (24320891).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058).
PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261 86).
MONTE ESTORIL — Lopes Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G. Guerra 40 (Tel. 280170-281419); Nova — Estrada de Alvide—Fontainha, (T. 281044).

● Linha de Sintra
AMADORA — Melo, R D João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ✻ Central, Av.ª Cardoso Lopes, 25 (932210) ✻ Igreja, P da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✻ Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X- Reboleira (Tel 938424).
DAMAIA — Lemos R de Goa 8-A (971121)
QUELUZ — André, Av Elias Garcia, 5 (950043) ✻ Queluz, Av Miguel Bombarda 123-A (951841).
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034,
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 29 0012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Abreia (299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. do Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Galeno, R Cap tão Leitão, 85 (2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrado Nacional 221-B (224 41)
BARREIRO — Higiénica, R D. Manuel I, 178 (2273017)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro, 18 (Tel 270254)
MOITA — União Moitense, Av Dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (230092)
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL — Marques, R Arronches Junqueiro (2 27 83) ✻ Bonfim, Av Rodrigues Manitto, 14 (24558)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho 38 (Tel 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla 538821 ✻ Gazcidla idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✻ Voluntários, 538524.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
AÇORDA DE MARISCO
SEXTA-FEIRA
COELHO A CAÇADOR
Av. Praia da Vitória, 50-E (Junto do Monumental)
Telef 536080

TARANTELA
RESTAURANTE ✻ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535209
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
António
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

POPFADO
(M. 17 anos)
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental o céu estava pouco nublado, com excepção de alguns locais nas regiões costeiras; o vento era fraco e havia nevoeiro na serra da Estrela.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 25°,2; mínima: Penhas da Saúde, 5°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE: Coimbra, 16°; Faro, 16°; Funchal, 20°; Lisboa, 16°; Penhas Douradas, 9°; Portalegre, 16°; Porto, 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 17°, na água do mar, 15°,8

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante Norte; nevoeiro ou neblina locais, durante a noite e manhã.

Amanhã
Nascer ás 7 e 33
Ocaso ás 19 e 18

Dia 3 Dia 11 Dia 18 Dia 25

MARÉS

PREIA-MAR: Dia 1 — 7 e 33 (3,7 m); 20 e 01 (3,4 m). Dia 2 — 8 e 20 (3,4 m); 21 (3,2 m). Dia 3 — 9 e 20 (3,2 m); 22 e 04 (3 m). BAIXA-MAR: Dia 1 — 0 e 47 (1,4 m); 13 e 12 (1,5 m). Dia 2 — 1 e 27 (1,7 m); 14 e 03 (1,8 m). Dia 3 — 2 e 18 (1,9 m); 15 e 10 (2 m)

FORÇAS DE PREVENÇÃO EM GIBRALTAR

(Continuação da 1.ª página)

nhóis se terem aproximado do «rochedo», o Foreing Office recusou-se a fazer qualquer comentário. Quanto aos jornais britânicos, entregam-se a especulações, referindo-se o «Times» a um segundo bloqueio naval que completaria o bloqueio terrestre através do qual a colónia ficou completamente isolada do território espanhol. Alguns receiam que esta presença, naval espanhola tenha como objectivo dissuadir os barcos estrangeiros cujas visitas a Gibraltar são muito importantes para a economia do território. Em Whitehall considera-se que, de momento, os navios espanhóis se encontram no interior das suas águas territoriais mas admite-se que a questão desses limites seja objecto de interpretações diferentes em Londres e em Madrid

Os círculos diplomáticos não excluem a hipótese de o envio de navios espanhóis para as paragens de Gibraltar constituir simplesmente uma resposta de Madrid ás manobras combinadas britânicas organizadas naquele sector com a participação de um porta-aviões e de outras unidades.

DOIS SIMPÓSIOS NO VI CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE CARDIOLOGIA

Dois simpósios e várias comunicações assinalaram, hoje, o primeiro dia de trabalhos do VI Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia, ontem inaugurado em Lisboa e no qual participam cerca de 300 especialistas de Portugal e Espanha e representantes da Alemanha, França, Itália e Suíça.

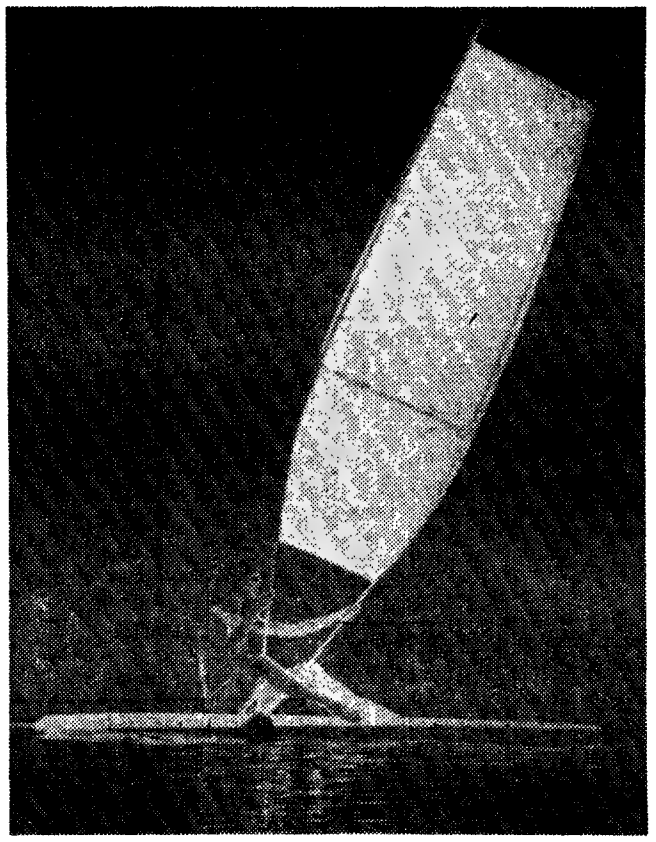
O primeiro simpósio, que teve início ás 9 horas, versou o tema «Novos métodos de Exploração hemodinâmica». Foi seu moderador o prof. Moniz de Bettencourt. «Resultados e complicações das próteses valvulares», foi o assunto estudado no segundo simpósio, que principiou ás 15 horas sendo moderador o dr Miguel Torner Soler.

Das comunicações apresentadas destacam-se: «Radiologia cardiovascular», «Farmacologia cardiovascular» e «Fisiologia e Fisiopatologia cardiovasculares».

A noite, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo oferece aos congressistas um jantar típico em Alfama.

CENTENÁRIO DE RELAÇÕES ENTRE EMPRESAS

Para assinalar o centenário das relações mantidas entre a Soc. Com. Garland Laidley, S. A. R. L., com a companhia inglesa de seguros «The Liverpool & London & Globe Insurance Company, Ltd., realizou-se ontem um almoço onde estiveram presentes os directores das duas empresas. A reunião, promovida num hotel do Estoril decorreu num ambiente de grande cordialidade.



Não cessam as experiências no campo da construção de barcos de recreio. Este novo barco, de interessante concepção baseada numa espécie de velas usadas pelos patinadores do gelo, em diversos países, foi desenhado e construído por um advogado e desportista de Munique (República Federal da Alemanha). Até agora entusiasmou todos com a sua «tábua de passar a ferro». O veleiro original destina-se sobretudo áqueles que não podem comprar um barco maior. Consiste de uma autêntica tábua de plástico, de 3,20 metros de comprimento e uma vela de configuração curiosa de 3 metros quadrados. O pequeno veleiro custa cerca de 700 marcos (cerca de 5 contos). Uma das grandes vantagens é a facilidade de transportar a vela e a tábua no tejadilho de qualquer automóvel.

1.º Curso Luso-Espanhol para dirigentes turísticos e hoteleiros

As sessões de trabalho do 1.º Curso Luso-Espanhol sobre Economia, Administração e Contabilidade de Empresas Turísticas e Hoteleiras, a decorrer no Estoril, no Pavilhão de Congressos, prosseguiram esta manhã, com uma conferência pelo dr. Ruy Pereira e Alvim, que abordou o tema «Aspectos fundamentais da legislação turística portuguesa. Crédito hoteleiro. Utilidade Turística». Ainda de manhã, proferiram conferências os srs. José Fernandez Alvarez («Das recentes disposições espanholas sobre legislação turística; o Estatuto de Directores de Empresas Turísticas e a ordenação turística de povoações e cidades de vilegiatura») e Jaime Chávarri Zapaterro («A regulamentação das empresas turísticas em Espanha»).

A tarde, falaram os srs. José María Gutiérrez del Castillo («O Turismo e a Hotelaria no momento actual de Espanha»), Joaquim Paredes Alves («Sistemas modernos de Contabilidade hoteleira. Vantagens da sua unificação para esta industria»), Norberto Frank («Organização de vendas»), Abílio Bernaldo de Quirós («O processo de *marketins* na industria hoteleira; investigação; oferta e procura, relações publicas, publicidade e promoção de vendas») e dr. Licínio Cunha («Promoção e publicidade nas empresas turísticas»).

A noite, os participantes no curso (cerca de 300 técnicos portugueses e espanhóis) reunem-se num jantar, num dos restaurantes típicos da capital.

Foi frutuosa a I Campanha de Segurança nas nossas praias

Com o termo da época balnear encerrou-se a I Campanha de Segurança nas Praias, promovida pelo Ministério da Marinha. Entendeu a Direcção da Campanha ser seu dever dar conta da forma como ela decorreu, apontar algumas das dificuldades com que deparou e enumerar as principais deficiências que se puderam identificar.

Deste modo, sob a presidência do comandante Pinto Basto Carreira, director do Instituto de Socorros a Náufragos, que se encontrava acompanhado do comandante Gomes Mota, director da referida Campanha de Segurança, efectuou-se, esta manhã, no Ministério da Marinha, uma conferência de Imprensa bastante elucidativa.

Começou por ser apresentado o resumo dos acidentes mortais que se verificaram e a relação dos salvamentos que se realizaram. Assim, nas áreas dos concessionários, ocorreram os seguintes acidentes mortais: Junho — 5; Julho — 3; Agosto — 2; e Setembro — 0. Temos, por conseguinte, um total de dez mortos. Em áreas sem concessionários, e nos mesmos meses, verificaram-se os seguintes desastres mortais: 1, 7, 3 e 0. Total: 11 mortos. Nas primeiras áreas praticaram-se 96 salvamentos, e 62 nas segundas.

Foram apresentados, seguidamente, os acidentes mortais ocorridos na área dos concessionários no período de 1964/1968. Eis o quadro: 1964 — 20 mortos; 1965 — 16; 1966 — 25; 1967 — 34; e 1968 — 29.

— *Julgamos* — afirmou o comandante Gomes Mota — *que resulta inequívoca a conclusão de que a Campanha alcançou, em razão do seu principal objectivo, um bom resultado. E muito mais expressivo seria, por certo, se o número de acidentes de 1964/68 não pecasse, como peca, de grande falta de rigor.*

● Principais dificuldades

Como principais dificuldades com que se deparou foram enumeradas as seguintes: recrutamento de nadadores-salvadores; carência de embarcações rápidas de salvamento; resistência do pessoal dos concessionários a guarnecer cuidadosamente os postos de vigilância; e dificuldade de recrutamento de pessoal de enfermagem para os postos de primeiros socorros.

Quanto ás deficiências que se detectaram, muitas delas motivadas pela inexperiência da condução da Campanha, foram apontadas as seguintes: emprego de torres metálicas em locais onde se tornavam mais aconselháveis torres amoviveis de madeira; falta de unidades móveis de fiscalização para cobertura das praias de banhos distantes das sedes das Capitanias; mau apetrechamento e exploração do sistema de comunicação da área de Cascais; má utilização dos cartazes em algumas áreas marítimas; deficiente exploração dos programas publicitários da Rádio; e uso restrito do material publicitário junto dos meios escolares e fabris.

● Parques de desporto nas praias

Segundo o comandante Gomes Mota, ofereceram-se já voluntàriamente cerca de mil jovens salvadores-nadadores.

— *Os estudantes* — disse — *são poucos. Esses voluntários, na sua grande maioria, são operários, pintores, etc. Quantas mulheres? Cerca de noventa...*

Os jornalistas foram ainda informados de que, futuramente, serão construídos em certas praias recintos para a prática do futebol, do «basket», de ginástica. Haverá, inclusive, uma zona para os cães. Será legalizado o uso do «bikini» — e os chapéus-de-sol terão um preço único em todo o País.

Finalmente, a Campanha de Segurança estender-se-á também ás praias fluviais (620 mortos por ano) — e, mais tarde, aos areais ultramarinos.

DESMENTIDO DA GULF OIL

LONDRES, 30 — (L.) — Notícias recebidas de Pittsburgh, onde funciona a administração da Gulf Oil Corporation, afirmam que um porta-voz daquela empresa desmentiu categóricamente uma informação que tinha sido emanada de La Paz (Bolívia) e que se referia a suspeitas ligações da Gulf Oil com políticos ou outras entidades bolivianas.

Comenta-se aqui nos círculos políticos que a falsa notícia teria sido propagada naturalmente para atingir o general Alfredo Ovando Candia, justamente nas vésperas do dia em que aquele militar promoveu um golpe de Estado.

Abstenção

—atitude preconizada pela Acção Democrato-Social

A Acção Democrato-Social tornou pública a seguinte Declaração ao País:

A Acção Democrato-Social, como é sabido, representa, desde há muito, um sector oposicionista apartidário, com posições bem definidas sobre os problemas básicos que o País enfrenta, reivindicação das liberdades fundamentais dos cidadãos; estruturação de correntes políticas que, fóra á perenidade da Pátria, contribuam para a sua elevação e dignificação no conceito internacional; e defesa legítima do património nacional, incluindo a do Ultramar por uma política que, na sequência da nossa tradição secular, se enquadre nas realidades e contingências do mundo do nosso tempo.

A Acção Democrato-Social já definiu, em 12 de Março, a sua atitude, a propósito das eleições para a Assembleia Nacional. Neste momento, dirige-se ao País, justificando a validade da posição que, há seis meses, preconizou.

- *O interesse do Governo na participação das oposições;*
- *a derrota eleitoral permitirá ao Governo acusar os oposicionistas de irresponsabilidade;*
- *reiteramos, nas vésperas do acto eleitoral, as afirmações feitas há seis meses;*
- *o actual Governo, como o anterior, não deu as condições mínimas justificativas da participação;*
- *durante a campanha eleitoral nada garante que sejam restabelecidas as liberdades publicas;*
- *não nos move a descrença mas não aceitamos que se negue a evidência dos factos;*
- *o Governo, ao publicar o decreto 49 229 de 10 de Setembro, em nada*

(Continua na 5.ª pág.)

Alexandre Cabral novo candidato da Oposição por Santarém

SANTARÉM, 1 — Para substituir na lista da C. D. E. deste distrito o sr. eng.º Blasco Hugo Fernandes, cuja candidatura foi rejeitada pelo governador civil, foi nomeado o escritor Alexandre Cabral.

ALEXANDRE CABRAL

O novo candidato é natural de Lisboa, onde nasceu em 1917 e foi aluno dos Pupilos do Exército, empregado de escritório e, mais tarde, seguiu para a África, percorrendo durante três anos, o Congo Belga, o Congo Francês e Angola. Quando regressou, ocupou diversos cargos como o de redactor de uma agência de notícias e delegado de propaganda médica, enquanto na Faculdade de Letras de Lisboa, cursava Histórico-Filosóficas.

Data de 1936 a sua primeira experiência literária como director do periódico juvenil «A Voz da Mocidade».

Desde essa data, Alexandre Cabral tem colaborado intensamente em jornais e revistas e desenvolvido grande actividade como escritor. Entre a sua bibliografia avulta o livro de contos «Histórias do Zaire».

RECLAMAÇÃO CONTRA A LISTA DA UNIÃO NACIONAL DO PORTO

PORTO, 1 — O cidadão eleitor e advogado dr. António Macedo, apresentou no Supremo Tribunal Administrativo uma reclamação da decisão do governador civil do Porto que aprovou a lista da União Nacional, «porquanto não se demonstrara que os seus componentes sejam portugueses de origem, condição essencial de elegibilidade, como negativamente resulta dos documentos com que foi instruído o respectivo processo da candidatura em causa — análogamente ao que se verificou com a chamada lista da Oposição, pelo círculo de Lourenço Marques (da província de Moçambique), segundo o teor das notícias publicadas nos jornais, como fundamento da sua rejeição».

Na reclamação, que deu já entrada no S. T. A., invocam-se razões de direito, as disposições legais aplicáveis e a desejável identidade de critérios a observar no julgamento a que é chamado o Supremo Tribunal Administrativo.

A C. E. U. D. do Porto, perfilha por inteiro o teor e os objectivos da reclamação deduzida.

MESA REDONDA

especial eleições

PRIMEIRO COMÍCIO DA C. D. E. DO PORTO

«O regime actual só tem comparação com o que vigorou entre 1580 e 1640»

—afirmou um dos candidatos

Os graves problemas com que a Nação Portuguesa se debate, nomeadamente os que se prendem com a situação do trabalhador rural, o problema ultramarino e as suas múltiplas implicações, a questão do ensino, particularmente no que se refere á necessidade da reforma das suas estruturas, a liberdade de Imprensa e a necessidade consequente da abolição da censura, o corporativismo (que um dos oradores considerou como «um colete de forças no corpo da Nação») constituíram os pontos principais focados pelos oradores na primeira sessão da C. D. E. do Porto, no Cine-Brasão, em Valadares (Vila Nova de Gaia).

A sala estava á cunha e, nas paredes, alguns dísticos entre os quais «Amnistia e regresso dos exilados políticos» e «26 de Outubro — todos ás urnas». A sessão decorreu com elevado civismo, mau grado um pequeno incidente, ainda antes de começar: um dos oradores chamava-se Lino Pereira Magalhães mas, segundo uma relação exibida pelo tenente da G. N. R. destacado para aquela sessão, havia uma gralha... É que, em vez de Lino, o seu nome passara a ser Luís e o representante da autoridade dizia não poder permitir que o sr. Lino Pereira Magalhães usasse da palavra, o que, de facto, aconteceu. («A presença da autoridade no palco é bem um símbolo da liberdade que desfrutamos — afirmou um orador).

A sessão foi presidida pelo dr. Alberto Teixeira de Sousa, ladeado pelos srs. António de Oliveira Fidalgo, José Marques

(Cont. na ultima pág.)

O COMÍCIO NO PORTO — Quando discursava o dr. Armando Bacelar (em cima). Um aspecto da assistência

espelho da imprensa

PARTICIPAR

«Contra o que supõem os conformistas e os medrosos — há quem se habitue a tudo, até á miséria, até ao medo — esta é uma hora maravilhosa. Como cidadãos de uma pátria — nossa não só porque aqui nascemos mas porque com ela e por ela amamos e lutamos, na dor e na alegria — poderemos agora fazer esta coisa simples e transcendente: participar. E é extremamente importante poder participar na escolha dos homens que há-de representar-nos, e dizer quem somos, o que queremos, quais as dúvidas que nos afligem e as certezas que nos animam, louvar as medidas que tragam o selo das claras intenções e denunciar as que vierem servir escuros interesses.»

(«Jornal do Fundão», 28-9-69)

EM TEMPO DE ELEIÇÕES

«Dentro de um mês, conforme manda a Constituição, haverá eleições para a Assembleia Nacional de Deputados. Já há meio-século que o País não assiste a tal azáfama e a semelhante entusiasmo e interesse por parte do eleitorado, sem dúvida porque o actual momento político permite alimentar a esperança de uma certa liberdade na escolha dos representantes da Nação no supremo órgão legislativo.

No Algarve, como nos outros círculos eleitorais, surgiram várias listas de deputados, apresentados, quer pela União Nacional, quer pelos movimentos da Oposição, neste momento dividida numa consciente e, possivelmente salutar noção democrática, de liberdade cívica. Os cidadãos portugueses encontram-se, na sua maioria, impreparados para participar, com seriedade e imparcialidade, no acto eleitoral. Neste momento, não sabemos até que ponto eles compreenderão a gravidade da sua escolha e as possibilidades de, conscientemente, nela interferirem. De qualquer modo, a data de 26 de Outubro vai constituir um apelo a todos para não deixarem de estar presentes, num dos actos mais sérios da sua vida de cidadãos. Votar é um dever; escolher uma qualidade inerente a todo o homem livre. Estamos em tempo de eleições e cada um tem obrigações a cumprir. Que cada qual saiba, pois, encontrar o seu caminho...»

(«Jornal do Algarve», 27-9-69)

MOÇAMBIQUE É PORTUGAL

Afirma o jornalista e escritor Rodrigues Junior: «Saibam quantos que defendemos a terra, o homem e os valores espirituais de Moçambique, que é também terra de Portugal». (...)

«Lutam os soldados e as milícias» — escreve — os soldados tomando a seu cuidado a limpeza dos caminhos, das florestas, das serranias, dos rios; as milícias indo a esses lugares, também, varrer até os caminhos de pé batido, para que limpos de uma outra espécie de animais selvagens, dêem passagem aos que carecem de chegar aos lugares de trabalho, Limpos dessa outra espécie de animais selvagens — dissemos —, que são os turras «formados» na Zâmbia ou na Tanzânia, na Russia ou na China, em Cuba ou na Checoslováquia, em universidades de que vêm mestres, nas artes de destruir e aniquilar vidas e haveres sem grandes tratos de consciência.

«Nestes lugares do Norte de Moçambique há sinais, bem vivos — e bem dolorosos — desses emissários de um mundo para além do qual o homem deixou de ser a criatura capaz de amar o outro homem como a si mesmo, para obedecer, vazio de sentimentos, a ideologias que o mundo ocidental não tolera e combate (...).

(«Notícias», de Lourenço Marques, 30-9-69)

SOB O SIGNO DA DEMAGOGIA

«Ao contrário do que seria para desejar, a presente campanha eleitoral foi iniciada pela Oposição, que assim e inexplicávelmente se colocou num plano de contradição com os seus próprios interesses, sob o signo de uma total e desenfreada demagogia.

Quando se esperava a serena apresentação de um programa de desenvolvimento do País, foi-nos dado tão sómente um longo desbobinar, carregado de ódios malcontidos, das habituais condenações de tudo quanto até hoje o Governo tem feito em ordem ao progresso e á promoção das classes sociais!

Quado era lícito aguardar a adopção de uma posição válida, coerente e «portuguesa» sobre o problema ultramarino, foi sugerida — os elementos da C. E. U. D. declararam-se dispostos á concretização dessa proposta — a efectivação de «uma missão de informação e sondagem junto dos dirigentes africanos, que comandam os movimentos de rebelião contra a soberania portuguesa»! Mas isso é o que todos os dias apregoam Rádio Moscovo e Rádio Argel! Mas esse é o programa do comunismo internacional! Mas isso seria pactuar com aqueles que em 1961 chacinaram cobardemente, em Angola, centenas de indefesos portugueses, entre os quais muitas mulheres e crianças! Mas isso seria cumprir piamente os desejos da mesma O. N. U., que desconhece o genocídio do Biafra, como desconheceu as invasões da Hungria e da Checoslováquia! Mas isso seria trair os soldados portugueses que até hoje morreram em defesa da sua Pátria!

Quando seria justo ouvir da boca dos ilustres oposicionistas o reconhecimento da rectidão que tem sido posta na organização de todo o processo eleitoral, ouvem-se as imprecações de sempre, mesmo contra a própria Lei em que, recentemente, foi dada satisfação ás exigências dessa mesma Oposição! O jogo é por de mais conhecido: em caso de derrota, a mesma dever-se-á ás fraudes do processo eleitoral vigente... (...)

Quando seria lógico ver confirmada a nossa política internacional, essecialmente baseada na tradicional amizade com a Espanha, estreitamento das relações luso-brasileiras e identificação com a política atlântica e ocidental, a Oposição preconiza o «estabelecimento de relações de amizade com todos os países», o que em linguagem não cifrada quer dizer a transformação de Portugal numa coutada das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Há até quem defenda a saída do nosso País do seio da O. T. A. N. Perguntamos: para ingressar no pacto de Varsóvia?

No momento difícil que o País atravessa, seria lícito esperar da Oposição um exame sereno dos problemas cuja solução interessa a todos os portugueses, qualquer que seja a sua coloração política ou o credo defendido. Dentro desse plano toda a discussão seria válida e no âmbito de um amplo diálogo todas as opiniões seriam proveitosas. Não foi por esse terreno, porém, que a Oposição enveredou. Nunca em política a demagogia aproveitou a alguém. O homem é, no entanto, livre de escolher os meios de fixar os seus objectivos. Não obstante se ouvir para aí uma berraria infernal contra a pretensa falta das «liberdades fundamentais», parece-nos bem que a Oposição agiu livremente ao escolher a via demagógica para alcançar objectivos que não nos parecem conformes aos verdadeiros interesses nacionais. Pois que prossiga nessa caminhada, que não é a cada um de nós, mas sim ao País que competirá julgar.»

(«A Voz», 30-9-69)

NEM POR GREGOS, NEM POR TROIANOS...

«Há questões na nossa conjuntura nacional que não podem ser equacionadas, e o problema da continuidade de Angola como terra portuguesa não pode ser discutido nem por gregos nem por troianos porque nem as eleições a isso se destinam, nem Angola, como sacrário de uma Pátria cuja juventude, na tradição de um postulado ancestral, defende como o próprio sangue a quem tem entregado em holocausto o sacrifício da própria vida, pode ser vértice de argumentação demagógica de políticos sem inspiração».

(«A Província de Angola», 30-9-69)

O SIGNO E O ESTADISTA

«O Professor Marcello Caetano completou 63 anos há dias. Nascido em Agosto, pertence ao signo do leão. Dizem os astrólogos que os homens nascidos neste mês têm propensões excepcionais para ascender ao Poder, são dotados de genialidade para as grandes tarefas como são generosos, afeiçoados e simpáticos. (...)»

(«Diário da Madeira», 23-8-69)

ESPERAMOS...

«Hoje mesmo, e até daqui a um mês, ao cidadão comum este país desabituado destas manifestações cívicas consideradas elementares e fundamentais na maior parte do mundo cabe o direito de ouvir, falar se assim o entender, discorrer lúcida e acisadamente com a sua consciência, optar.

Confiamos que assim seja. Como igualmente confiamos que idênticas sejam as possibilidades concedidas a todos os portugueses participantes no acto, de modo a que a expressão do mesmo, não possa prestar-se a contestações!

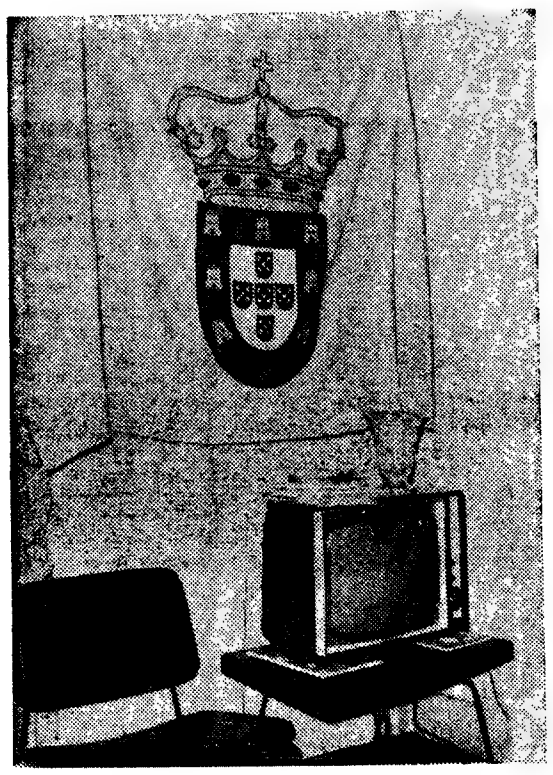
Como ainda esperamos que a deselegância e linguagem (passe o eufemismo) não seja utilizada por norma, para que a união da família portuguesa, tantas vezes preconizada, não se mostre sempre de mais remoto futuro.»

(«Notícias da Amadora», 27-9-69)

ASSIM VAMOS NÓS

Manifesto-programa

A Comissão Eleitoral Monárquica tencoina divulgar um manifesto-programa durante a próxima conferência de Imprensa, a realizar, especificamente, no próximo dia 6 em local a determinar. Segundo nos foi dado saber esse documento encontra-se já em última fase de elaboração.



Um recanto da sala que serve de sede da Comissão Eleitoral Monárquica

Civismo

«O Governo desejaria que esta campanha desse provas de maturidade cívica, permitindo a discussão serena de pontos de vista e a elucidação do eleitorado sem atiçar paixões e sem choques emocionais».

A frase é do último discurso do Presidente do Conselho e foi transmitida num comunicado da União Nacional. É oportuno lembrá-la a propósito de alguns artigos e notas publicados em certos jornais portugueses. Um texto publicado ontem no «Diário da Manhã», intitulado «O Regresso de Tartufo», por exemplo tratava assim a Oposição: «Os títeres cá de dentro partilham no ódio moscovita contra a Independência e a integridade de Portugal. Kossiguine, Cunhal, Mário Soares e quejandos, valores entendidos ao serviço da mais abominável de todas as traições».

Transcreve-se como «exemplo de maturidade cívica».

Inqualificável

Há dias, pelas ruas de Lisboa, andaram dois (pelo menos) homens distribuindo panfletos onde se fala dos candidatos oposicionistas em termos inqualificáveis e atentórios da dignidade dos visados e, sobretudo, de quem alinhavou tais e reles palavras. Os «distribuidores» desta propaganda eram seguidos de perto por um automóvel azul.

Não será urgente pôr termo a este género de propaganda, que não é sequer demagógica porque não ultrapassa o baixo insulto?

O livro português

Os escritores que aderiram à C. E. U. D. de Lisboa vão publicar, em breve, um documento em que tratarão o problema do livro português e da sua divulgação no mundo. A questão do escritor frente à censura é também um dos temas do documento que está a ser debatido entre os referidos escritores.

manifesto

Da C. E. U. D. de Lisboa ao povo do distrito

O manifesto dos candidatos da C. E. U. D. dirigido «Ao Povo do distrito de Lisboa», anteontem divulgado na conferência de Imprensa, afirma:

«Os signatários hesitaram muito antes de assumirem a pesada responsabilidade de aceitar as suas candidaturas a deputados pelo Círculo Eleitoral de Lisboa.

Por várias razões.

Antes de mais, porque não ignoram que as próximas eleições representam para o Governo de Marcello Caetano uma importante tentativa de legitimação do regime perante a opinião pública interna e internacional. Depois, porque sabem — pelos entraves que lhe vêm sendo impostos na sua actividade e propaganda — que as eleições em que se dispõem a participar não vão ser aquelas eleições *genuínas e livres* por que o Povo Português tanto anseia.

1. A circunstancia actual

Não podem, entretanto, os signatários abstrair do condicionalismo político em que vivem. Depois de quarenta e dois anos o sistema criado foi posto à prova (e continua) da substituição do seu principal responsável. E o sucessor escolhido — homem do regime, mas com ideias pessoais — sentindo perigosamente restrita a sua base de apoio, tem procurado alargá-la, em busca de um equilíbrio impossível entre a «continuidade» e a «evolução».

Porém, para além da sua própria projecção pessoal — realçada pelo contraste com a personalidade do seu antecessor — a verdade é que as estruturas totalitárias do regime permanecem intactas e os seus homens mais representativos.

Sem dúvida, alguns «gestos» foram tentados no sentido de um certo «descongelamento» da vida nacional, mas o essencial nas engrenagens do poder permanece velho e perro como no passado, e a esclerose do regime — a que corresponde a falta de confiança da Nação e a ausência de horizontes das massas populares — tem-se mesmo acentuado em muitos aspectos.

Prova disso flagrante constitui a União Nacional, que não conseguiu transformar-se, com o que pretendia um dos seus primeiros dirigentes, numa «União Nova» mas continua a avultar como a «União Velha». Velhíssima mesmo — na insistência dos velhos nomes desacreditados por todo um passado de colaboracionismo servil e que, pela sua própria presença, retiram qualquer exseguidos á ultima hora e que ficarão pressão ou significado aos «novos» connecessàriamente «enquistados», comprometidos e manietados no triste conjunto em que se deixaram enredar.

A situação presente é pois uma situação de ambiguidade em que muitas pessoas jogam na confusão de uma conjuntura pouco explícita. Para além das dificuldades do momento que estão à vista de todos — o Governo de Marcello Caetano não foi capaz, até agora, de resolver nenhum dos grandes problemas nacionais, nem sequer de definir uma política coerente de renovação. Pelo contrário: tem vindo a desperdiçar, inglòriamente, o capital de esperança suscitado pelas primeiras hábeis declarações do novo Presidente do Conselho.

É certo que se tem argumentado com o perigo dos *ultras* e com o peso decisivo de grupos económicos de pressão que se não mostram dispostos a abdicar de situações de privilégio que foram consolidando ao longo dos anos. No entanto, apenas um álibi do poder, só havia uma maneira de o contrabalançar decisivase esse perigo é real e não constitui mente: fazer apelo ás energias criadoras do País, libertando-as da opressão a que têm estado sujeitas e autorizando a livre organização e expressão das correntes políticas e sindicais, de modo a introduzir na política portuguesa o factor novo da opinião pública.

Ora tal não foi feito. Ao cabo de um ano de poder, cada vez mais se afigura afastada a possibilidade de que possa vir a concretizar-se uma política de autêntica «liberalização». As promessas têm vindo a desvanecer-se como nuvens inconsistentes ao encontro das agrestes realidades do dia-a-dia.

2. Que eleições vamos ter?

É num tal contexto que as eleições marcadas para 26 de Outubro próximo

Aspecto da conferência de Imprensa em que foi apresentado o manifesto da C. E. U. D. ao povo de Lisboa

deverão ser apreciadas. Vários sectores da Oposição não se cansaram de reclamar, desde há meses a esta parte, a promulgação de uma nova lei eleitoral. Alguns mesmo fizeram disso condição *sine qua non* da sua participação no acto eleitoral, aconselhando a abstenção activa se tal não viesse a acontecer, como efectivamente sucedeu.

Com efeito, a lei eleitoral vigente é uma autêntica lei de funil feita deliberadamente para assegurar a vitória fácil dos partidários incondicionais do Poder. Não assegura a representação de minorias e é omissa quanto á forma como deverá decorrer a campanha eleitoral — o que implica entregar discricionàriamente nas mãos do Governo a arma formidável do controle e do condicionamento da actividade política dos adversários, de acordo com os interesses e necessidades partidaristas do mesmo Governo. Sirvam de exemplo as «instruções» enviadas em 23 do corrente pelo Ministério do Interior aos Governadores Civis e que bem denotam o cerceamento feito pelo Governo ás actividades da Oposição que em qualquer outro país seriam consideradas normais: utilização da rádio e da televisão durante a campanha, realização de comícios em salas e recintos públicos, marchas e manifestações ordeiras, livre publicação de manifestos e de brochuras de propaganda, afixação de cartazes, etc.

Efectivamente, não deixa de ser curioso que o Governo, depois de ilegalizar a Comissão Promotora do Voto e algumas das comissões eleitorais que espontaneamente se foram criando em alguns distritos, tenha feito publicar pelo Ministério do Interior um parecer da Procuradoria Geral da República que ficou a constituir uma ameaça latente para todos os oposicionistas intervenientes na campanha, a que nem sequer falta — para ser completa a intimidação — o espectro sinistro das «medidas de segurança». E logo a seguir, manobrando hàbilmente segundo o sistema do duche escocês, tenha promulgado um decreto-lei, *a menos de dois meses das eleições*, contendo algumas alterações á lei eleitoral, que aliás não são significativas e que relevam principalmente da pura propaganda...

Está feita a crítica exaustiva desse decreto-lei, entre outras entidades pela comissão jurídica da Unidade Democrática, texto distribuído á imprensa diária no momento oportuno. Não iremos, por isso, aqui, repetir argumentos.

Insistiremos apenas em que não há eleições livres:

a) *sem liberdade de propaganda* — o que implica a abolição da censura, pelo menos, durante a campanha e até oito dias depois do acto eleitoral; o livre acesso de todos os candidatos e seus representantes á televisão e á rádio; e a livre disposição dos recintos e salas públicas para a realização de comícios;

b) *sem liberdade de organização* para os movimentos políticos que apoiam os candidatos — as comissões eleitorais, pelo menos — antes, depois e durante as eleições. Porque das duas uma: ou a União Nacional se dissolve após as eleições, como organismo de apoio a uma das listas em presença, ou — o que seria mais lógico — as comissões eleitorais deverão ser autorizadas a funcionar legalmente depois daquele acto. Caso contrário, perpetuar-se-á uma desigualdade de base essencial: os candidatos governamentais, além da máquina do Estado, dispõem de um aparelho político permanente e perfeitamente equipado, enquanto que os candidatos oposicionistas, de cada vez, são forçados a improvisar tudo, a partir do zero, e ficam assoberbados por problemas técnicos no próprio mês destinado á campanha. Ora, como é sabido, *sem igualdade de condições entre candidatos não há eleições livres.*

Os signatários, confrontados com uma realidade que sabem ser-lhes fundamentalmente adversa, procuram sobretudo dirigir-se aos seus concidadãos por forma a estabelecer uma forte corrente de opinião que exija o diálogo verdadeiro. A sua intervenção no acto eleitoral tem assim um sentido de esclarecimento, de denuncia quanto a um processo inadmissível no tempo presente e de protesto. A sua presença na liça eleitoral — que pretendem poder levar até ao fim, ao próprio voto — recipalmente, a afirmação solene de que cipaulmente, a afirmação solene de que não desistem de lutar, utilizando todos os meios ao seu alcance, pela Democracia e pela Liberdade!

3. Os Falsos dilemas

Na sua recente comunicação ao País, através da rádio e da televisão, o Presidente do Conselho, abrindo manifestamente a campanha eleitoral, colo-

(Cont. na pág. seguinte)

A Comissão Monárquica dirige-se ao povo de Lisboa

Da Comissão Eleitoral Monárquica recebemos, com pedido de publicação, o seguinte manifesto:

Ao aproximarem-se as primeiras eleições posteriores à crise de Setembro de 1968, julgaram numerosos monárquicos que era seu dever intervir na vida pública, propondo ao eleitorado do distrito de Lisboa uma lista de candidatos à Assembleia Nacional.

É evidente que essa decisão não compromete todos os monárquicos ou qualquer organização monárquica, especialmente a Causa. Não compromete também tudo o que para nós significa ser monárquico. Dos muitos planos que se desdobram diante de nós, numa perspectiva lógica e cronológica que pode abarcar tudo quanto é político, escolhemos agora apenas o plano da representação nacional inorgânica. Temos a consciência das suas naturais limitações; mas sabemos também que, nas sociedades modernas, é sobretudo através dessa técnica que cada membro da comunidade política consegue escapar à massificação e praticar o acto entre todos humano de escolher.

Há largas dezenas de anos que o eleitorado não tem a possibilidade de optar entre Monarquia e República. Quando Paiva Couceiro, escassos meses depois do 5 de Outubro, propôs às autoridades a realização de um plebiscito sobre a forma de regime, um amigo avisou-o de que o iam prender. Quando, no 28 de Maio, republicanos e monárquicos se uniram par acabar com a ditadura do Partido Democrático, ficou suspenso o problema do regime. Divididos entre a esperança e a desesperança durante largos quarenta anos, os monárquicos divi-

(Continua na pág.

Manifesto da C.E.U.D. de Lisboa

(Cont. da pág. anterior)

cou-a sob o signo de dois dilemas, cuja gravidade é desnecessário encarecer.

Disse Sua Ex.ª:

«É preciso que cá dentro e lá fora fique bem claro se o povo português é pelo abandono do Ultramar ou se está com o Governo na sua política de progressivo desenvolvimento e de crescente autonomia das províncias ultramarinas».

E mais adiante:

«É preciso que cá dentro e lá fora fique bem claro se o povo português prefere um clima de ordem pública e paz social (...) ou a turbulência revolucionária de que se não pode esperar mais do que violência, despotismo, confusão e, afinal, miséria e fome».

Como ressalta evidente das passagens citadas, o presidente do Conselho pretende sugerir aos seus concidadãos que ou votam nos seus deputados (propostos pela «União Nacional») ou terão automàticamente o abandono do Ultramar e ainda a turbulência revolucionária, o despotismo, a confusão, a miséria e a fome.

Como quer que seja, os signatários recusam-se a deixar-se prender nos falsos dilemas propostos e tudo farão, durante a campanha eleitoral, para demonstrar que há, felizmente, outras alternativas para o País, para além da União Nacional ou do caos.

4. O problema do Ultramar

Não oferece sombra de dúvida que o problema mais sério com que o País hoje se debate — o que condiciona todas as grandes opções que se apresentam á consciência dos portugueses responsáveis — é o problema das guerras em que nos encontramos envolvidos.

Dada a importância do tema no final do presente documento será apresentada a posição dos candidatos sobre este magno problema

5. Ordem pública e liberdades

Os sigatários não aceitam, igualmente, o dilema do prof. Marcello Caetano que pretende fazer crer que a única alternativa para a ordem **salazariana** é a desordem ou o caos.

Em todas as campanhas anteriores se tem insistido suficientemente na urgente necessidade de restabelecer no País as liberdades essenciais: liberdade de expressão, liberdade de associação e de reunião, liberdade contra o medo. O País deseja-as, e um dos sucessos iniciais do novo presidente do Conselho deve-se ao facto de, com razão ou sem ela, se ter generalizado a convicção que algumas das liberdades básicas — como a de Imprensa — iriam ser restabelecidas.

Porém, tal não aconteceu!

Os signatários sabem que as liberdades públicas não são incompatíveis com a ordem. Pelo contrário: a experiência europeia ensina que as sociedades abertas—e livres—são aquelas em que o progresso é mais intenso. Os cidadãos não participam na comunidade a não ser que se sintam livres—sujeitos e agentes do progresso e não meros objectos dele. Mais: uma política de desenvolvimento acelerado pressupõe a liberdade de discussão e de participação dos cidadãos. A principal desvantagem dos nossos planos de fomento resulta de não terem (nem poderem ter) sido suficientemente discutidos pelos interessados, em termos de autêntica participação.

A ordem, para não ser a máscara que veste a tirania, tem pois que assentar no consenso dos cidadãos de um dado país e não na sua submissão obtida pela força. Tem de resultar de dentro — do livre acordo de consciências que livremente se autodeterminam — e não de fora, de imposições exteriores. Assim, entre o caos e a «ordem» pretoriana imposta pelo Estado Novo há outra alternativa: a da criação de um Estado autênticamente democrático respeitador da Lei e da Justiça. É por essa ordem democrática que os signatários se batem, lançando ao Governo, em todas as circunstâncias, o **repto da legalidade** e da correcção de propósitos e de actuações.

6. Memória curta

Claro que é curta — muito curta — a memória dos homens e das nações. Os «trabalhos ciclópicos» a que o novo Governo meteu ombros, dão-nos indirectamente, a medida do que havia para fazer (e tinha deixado de ser feito!) e dos atrasos, dos desvios e até dos erros a que uma política supostamente «genial» tinha conduzido o País. Porém — supremo paradoxo! — os homens que denunciaram incansàvelmente essa política, ao longo dos anos, continuam banidos da vida pública, e são precisamente os que a executaram, embora a níveis de diferente responsabilidade, que permanecem em todos os pontos fulcrais tendo nas mãos as alavancas do poder!

É perfeitamente claro que o País tem de decidir sobre se deseja a **continuidade** ou a **renovação.** Tratando-se de eleições para a Assembleia Nacional, tem de saber que não é sobre um homem que recai a sua escolha, depositando ou não nele a sua confiança. Tem de se determinar noutro plano: se quer os homens do passado (os da União Nacional) ou se quer homens novos, limpos de antigos compromissos com o Poder e cujas vidas de coerência e de sacrifício desinteressado em prol de um ideal constituem garantias sólidas de um comportamento coerente no futuro.

7. Proposta de Progresso

Ao contrário da profecia do presidente do Conselho, os signatários não vão — nem pretendem — fazer uma campanha demagógica, «dizendo mal de tudo e de todos e levantando a propósito de quantos problemas possam ser versados ondas de poeira e vagas de confusão».

A crítica do regime está feita — e em primeira linha pelo seu principal actual responsável. Não lhes interessa assim, insistir sobre um passado sem grandeza e que para muitos milhares de portugueses constituiu uma época de perseguição e de frustrações fundas ao longo da história raramente se terá vivido neste País.

Homens do seu tempo os signatários querem viver os problemas do tempo presente — na máxima liberdade e responsabilidade. Candidatos e deputados pelo Círculo Eleitoral de Lisboa, a sua ambição consiste em estabelecer perante os seus concidadãos — por forma clara, serenamente — o inventário dos grandes problemas nacionais para que se generalize o debate donde hão-de nascer as soluções que vão ao encontro das aspirações das grandes massas. Como candidatos, os signatários consideram-se mobilizados ao serviço do Povo — do qual pretendem ser a voz intemerata no seio da representação nacional.

Não pretendem assim levantar «ondas de poeira ou vagas de confusão». Desejam tão só apelar para a razão esclarecida dos seus concidadãos — serena mas firmemente. E quando lhes solicitam os votos, pretendem que se determinem em consciência — **no seu próprio interesse e não no interesse deles candidatos** — pois que se entrarem na Assembleia Nacional não é para fazer dos seus lugares trampolim para conseguir benesses públicas ou particulares mas sim para continuarem do alto daquela tribuna a actividade de crítica e de fiscalização dos actos do Governo, que, muitos deles, ao longo dos anos, têm feito, em condições bem difíceis e sujeitos a todas as formas de incomodidade pessoal.

Todo o País conhece o estado de subdesenvolvimento económico e cultural em que nos encontramos. O povo português sente na carne que as condições de vida da esmagadora maioria são infra-humanas—a par de fortunas colossais ostensivas—e que, quanto aos principais indicadores do nível de vida, estamos colocados no último lugar da zona mais retrógrada dos países europeus. A emigração alarmante, os desequilíbrios e as assimetrias regionais do desenvolvimento, a falta de verdadeiro arranque industrial, a inadequada estrutura da propriedade e da exploração agrícolas, a intervenção omnipresente do Estado, são simultâneamente factores e consequências de uma política contraditória, mal planificada e que não atende ás exigências das grandes prioridades ordenadas segundo os interesses fundamentais das classes trabalhadoras.

Os signatários não pretendem sugerir que tudo está mal nem negar que houve certo crescimento económico naqueles sectores em que efectivamente se realizou. Pretendem tão só chamar a atenção dos seus concidadãos para as opções de base que condicionam os resultados de toda uma política — e que essas opções sejam da livre escolha da Nação.

Noutro lugar — e desenvolvidamente — os signatários apresentarão as grandes linhas do seu programa económico-social pelo qual se baterão se forem eleitos para a Assembleia Nacional. Sabem que uma política de desenvolvimento acelerado não é fácil de levar a cabo — que cumpre vencer rotinas e vícios estruturais — o que não podem prometer de ânimo leve, mesmo se fossem Governo, a pronta realização das grandes aspirações nacionais. Claramente! Entretanto, se forem eleitos, é seguro que lutarão incansàvelmente pelo imediato melhoramento do nível de vida da população, pelo aumento de salários, pela melhoria geral das condições do funcionalismo, pela reforma urgente da previdência com a generalização e o alargamento dos seguros sociais, pela democratização do ensino a todos os níveis, pelo barateamento da justiça, pela reforma geral da assistência médica e hospitalar, por uma política coerente de habitação em favor das classes necessitadas.

Ao contrário do que se tem afirmado, Portugal não é um País pobre: é um País que não tem sabido aproveitar racionalmente todas as suas potencialidades, o que é diferente! Partindo deste princípio, com trabalho e com estímulo e com a participação consciente de todos os elementos de produção numa tarefa comum — dicutida e aprovada em comum pela maioria da Nação — é possível promover a realização, em curto prazo, de um programa de ressurgimento nacional, baseado em opções prioritárias que tenham fundamentalmente em conta os interesses da comunidade. É essa **proposta de progresso** que os sigatários levarão á Assembleia Nacional, ao serviço da grande maioria dos seus concidadãos.

8. Reformas Constitucionais

Não pode desconhecer-se que a Assembleia Nacional a eleger, por força da própria Constituição, tem poderes constituintes — e que estes a serem utilizados no sentido da democratização efectiva do regime, poderão assegurar ao País uma **transição pacífica** e, digamos, **normal,** pela qual anseia, inegàvelmente, a grande maioria do Povo Português.

Há dois aspectos fundamentais que reclamam uma solução constitucional e que pela sua transcendência não deviam ser apenas objecto da revisão da Assembleia Nacional. São eles:

— o esquema das relações orgânicas Metrópole-Ultramar, na perspectiva de uma solução política negociada que conduza á paz tendo por base o respeito do princípio da autodeterminação;

— e a reconversão da experiência corporativa, uma vez que se reconheça como esgotada de todas as suas supostas virtualidades e se considere ser antagónica da evolução económica da Europa, á qual, por uma forma ou outra teremos que nos associar (sindicalismo livre, direito à greve, cooperativismo, autogestão, etc.)

Ambos os pontos representam opções decisivas que condicionam toda a evolução da política e do desenvolvimento económico nacionais e determinam uma profunda reestruturação da nossa vida colectiva. Por isso, os signatários propõem que os dois aspectos referidos, depois de sujeitos a amplo debate, venham a ser resolvidos não por um só homem — ou mesmo por um grupo representativo de homens — mas pela Nação no seu conjunto, mediante uma consulta directa que poderia ter a forma de referendum.

No plano das reformas constitucionais os signatários, se forem eleitos para Assembleia Nacional, declaram-se desde já dispostos a lutar por:

a) que sejam revogados os parágrafos 2.º e 3.º do art.º 8.º que anulam efectivamente, a pretexto de os regulamentar, os direitos, garantias e liberdades consignados no corpo do artigo;

b) que seja discutida e promulgada, com prioridade absoluta, uma Lei de Im-

(Continua na 10.ª pág.)

Devem poder ser feitas em papel igual ao da U. N. as listas da C.E.U.D. de Lisboa

Da C. E. U. D. de Lisboa, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«1 — Na sede da C. E. U. D., Rua dos Fanqueiros, 250, 4.º, esq., receberam-se dezenas de telefonemas de democratas, apoiando, inteiramente, os princípios explanados na conferência de Imprensa realizada no Centro Republicano Fernão Botto Machado. Numerosos foram, também, os democratas que se deslocaram à nossa sede, numa admirável manifestação de presença e de aplauso, pelo civismo, correcção e elevado espírito de patriotismo que presidiu ao referido encontro com os órgãos da Informação.

2 — A Comissão Coordenadora da C.E.U.D. decidiu lavrar o seu mais veemente e indignado protesto pela intervenção de um representante da autoridade, no começo da conferência de Imprensa. Apesar de o incidente ter sido sanado, a Comissão Coordenadora não pode deixar passar em silêncio o que considera um grave atentado às mais elementares normas de civismo, tanto mais que a realização de qualquer reunião com os jornalistas não carece de autorização prévia.

3 — Lavra, igualmente, a mesma Comissão Coordenadora, protestos contra a forma como a censura tem mutilado, alterado, e reduzido partes substanciais (e as mais significativas, porque resultantes de tomadas de posição) dos seus comunicados à Imprensa. Essas mutilações, alterações e reduções constituem insultoso atentado à livre informação.

4 — Entretanto, a Comissão Coordenadora encetou negociações com uma empresa privada, a fim de conseguir papel idêntico ao da U. N. para impressão das listas. Foi informado que era possível arranjar papel igual, embora se julgue saber que as listas da U. N. vão ser impressas em Tipografia própria, a C. E. U. D. não deve ter acesso. Assim — e por não ser deferida a reivindicação da Oposição, em relação às listas serem TODAS impressas na Imprensa Nacional — a C. E. U. D. procura diligenciar no sentido de assegurar que as listas não possam ser identificáveis do exterior, garantia indispensável do sigilo do voto.

5 — Grande entusiasmo foi a nota dominante da conferência das freguesias de Lisboa, que reuniu mais de cinquenta democratas. Foram tomadas importantes deliberações, que serão tornadas públicas, num dos nossos próximos comunicados.

6 — Está em organização um almoço de confraternização, aberto a todos os republicanos, a realizar no próximo domingo, dia 5 de Outubro, em restaurante a anunciar. As inscrições podem ser feitas na sede da C. E. U. D., ou pelos telefones 36 17 09, 36 67 22 ou 32 02 29.»

ao acaso da rua

— Já assistiu a alguma sessão eleitoral?

As assembleias políticas que antecedem as consultas populares têm uma função importante no esclarecimento do cidadão eleitor. Fundamental é que decorram em ambiente de serenidade, de diálogo e de civismo. «Ao acaso da rua» decorreu, desta vez, na cidade do Porto.

● Manuel Rodrigues Paiva, contabilista e perito aduaneiro:

— *Já, sim senhor. Assisti ás das campanhas de Norton de Matos, Quintão Meireles e Humberto Delgado, e, também, em Paris, aquando das eleições — note-se — para deputados.*

— *O que o atraiu?*

— *A ideia de que qualquer formação cívica, para ser completa, não dispensa um certo conhecimento da política e o interesse pela discussão dos problemas nacionais.*

— *Das campanhas referidas, qual a interessou mais?*

— *Talvez a última, pelo entusiasmo que despertou — reflexo de um evidente cansaço da Nação — e, ainda, porque me encontrou com ideias mais firmes, resultantes da evolução da minha formação política, para a qual terão contribuído as duas outras anteriores.*

— *Qual o problema nacional, no momento, que mais absorve a sua atenção?*

— *Sem dúvida, o ensino, pois considero-o uma questão básica. Não compreendo que se obrigue os melhores, ou antes, os que pretendem seguir os seus estudos dentro do ensino técnico a terem de se deslocar para o Porto ou Lisboa, com sacrifício para as suas famílias, ainda que seja sòmente para conseguir a equivalência ao 7.º ano do liceu. Como o ensino técnico engloba dois terços da população do ensino secundário do País, creio que está aqui um flagrante exemplo da enorme falta de sentido democrático do nosso ensino.*

«Depois, Portugal, que foi o primeiro país no Mundo a ter ensino comercial, é hoje dos poucos que não têm escolas superiores de comércio. Na verdade, os Institutos Comerciais têm vindo a ser, inexplicàvelmente, comprimidos nas suas possibilidades e funções legais.

● *Não. No entanto, desde já devo dizer, e pelo que tenho conhecimento, que me parece serem essas sessões mais meios de confusão e de ataque, que meios de esclarecimento e apresentação de candidaturas* — disse-nos Alberto B. Lobo, aluno finalista do I. E. S.

«Como sabe, as lutas eleitorais surgem devido á existência de várias comissões representativas de diversas correntes ideológicas, comissões essas que pretendem, sem dúvida, levar os seus representantes ao Poder. Ora, este desejo dá origem a «puros episódios de guerra civil» que são as lutas eleitorais, e nas quais os intervenientes se acusam mùtuamente (usando mesmo a injúria), parecendo, até, olvidarem o chamado espírito de fraternidade. Senão vejamos o que se tem passado com a C. D. E. e a C. E. U. D. de Lisboa, em que a primeira acusa a segunda de ser «caudilhista», «divisionista», «grupelho de iniciados» e «técnicos e políticos profissionais», que cozinham programas.

Aliás, essas sessões eleitorais (assim tem sido até hoje) são meios de enganar os incautos com promessas e mais promessas: elevação dos ordenados, abaixamento do custo de vida, maiores benefícios sociais, etc., ofertas essas que nunca são cumpridas depois de passadas as eleições, pois, normalmente, são feitas sem o apoio de qualquer estudo honesto, e com o intuito de pura e simplesmente se obterem votos.

Parece-me que o acto eleitoral exige um equilíbrio de juízos e uma serenidade indispensável não consentâneas com a precipitação e paixões fáceis. A nossa experiência eleitoral obriga-me a tomar esta posição de cepticismo».

● *Desde 1946 tenho assistido a todas as sessões da oposição democrática, realizadas nesta cidade* — disse-nos Norberto Bernardo, controlador metalúrgico.

— Qual a sua participação nas mesmas?

— *Como mero espectador interessado pelos problemas políticos que têm afligido o País durante algumas décadas e que só através de*

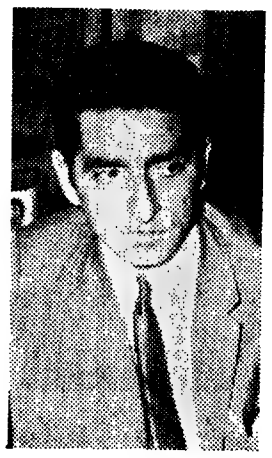
uma verdadeira democracia poderão vir a ser solucionados.

Prosseguindo, disse:

— *Recordo, principalmente, o Comício da Fonte da Moura, como uma das maiores jornadas políticas que a oposição realizou, bem como a campanha do general Humberto Delgado, em que o povo, sem entradas de favor, antes pelo contrário, pagando o seu bilhete, encheu o Coliseu do Porto.*

— Que pensa do acto eleitoral que se avizinha?

— *Penso que o interesse pelo mesmo se explica pelo despertar de um povo.*



● António Rodrigues Praça, vendedor litográfico, declarou-nos:

— *Assisti já a algumas sessões eleitorais, mas uma há que me ficou na memória: a do Cine-Teatro Vitória, em Rio Tinto, há já bastantes anos, pelo sentimento de insegurança que senti nessa reunião.*

— !?!?

— *É que essa sessão foi suspensa a meio pelas autoridades.*

— Gosta, então, de assistir a sessões eleitorais?

— *Gosto, porque entendo serem úteis para criar uma consciência política que ainda não considero totalmente formada.*

— Pensa ir ás próximas sessões eleitorais?

— *Claro que sim. Exactamente para ser esclarecido sobre os momentosos problemas da vida política do nosso País.*

— Vai votar?

— *Penso que sim, embora não tenha a certeza de o poder fazer, dado que mudei de residência, e, assim, não sei se estou recenseado.*

● — *Como pessoa interessada nos problemas do meu País* — começou por afirmar o sr. Carlos Soares, gerente comercial — *assisti, efectivamente, a todas as sessões públicas-políticas efectuadas no Porto ou arredores, mesmo correndo o sério risco de ficar ferido, como, aliás, me aconteceu aquando da candidatura de Humberto Delgado, no Coliseu do Porto. «Entrei» por uma porta de vidro partida pela força das pessoas que, atrás de mim, me empurravam, na ânsia de entrar para a sala de espectáculos!*

— Dessas sessões qual foi a que mais o interessou?

— *Interessar, interessaram-me todas, como disse, evidentemente, as organizadas pela oposição. Mas aquela que mais me impressionou, pela sua grandiosidade e demonstração de unidade da oposição, foi, sem dúvida, a realizada no Campo*

Hípico da Fonte da Moura, para a candidatura de Norton de Matos, e durante a qual mais de 100 mil pessoas apoiaram os ideais democráticos!

— É apologista da unidade entre os portugueses, muito embora possam perfilhar ideias políticas diferentes?

— *Claro que sim. Sou e sempre me bati pela unidade de todos os democratas para o derrubamento do regime vigente.*

— Vai, então, participar nas próximas eleições para deputados?

— *Sim, vou participar, defendendo sempre o princípio da unidade entre todos os democratas no distrito.*

● Jorge Manuel Janeira Quintela — chefe de secção — opinou:

— *Não. Nunca assisti*

— Que ideia faz de uma daquelas sessões?

— *Uma reunião de indivíduos irmanados no mesmo ideal político com o fim de discutir e promover a eleição dos candidatos do seu círculo.*

— Vai votar?

— *Infelizmente, em Portugal os actos eleitorais não se têm revestido, nos últimos tempos, daquela imparcialidade e responsabilidade que deveria ser a sua principal característica. E, por isso... não vou votar!*

Manifesto da Acção Democrato-Social

(Continuação da 1.ª pág.)

alterou a essência da lei eleitoral;

- *a fiscalização só seria válida se começasse na elaboração do recenseamento e fosse até á contagem dos votos;*
- *nem as comissões eleitorais, nem os candidatos oposicionistas, terão condições para cumprir o seu dever;*
- *se a lei já assegurasse a fiscalização, como dizia o Governo, não seria preciso promulgar nova legislação;*
- *o Governo quis criar mais uma ilusão insubsistente para que a oposição não se desinteressasse das eleições;*
- *como o Governo interpretou a intervenção das oposições e se propõe tratar os seus candidatos;*
- *a vitória dos candidatos governamentais e a derrota da oposição poderão ser a consagração do regime;*
- *estamos convencidos de que se pudesse manifestar-se, livremente, a grande maioria dos oposicionistas proclamaria a abstenção.*

Em 12 de Março, data sobre a qual passaram seis meses, os signatários, republicanos e democratas, em nome da Acção Democrato-Social, a que pertencem, tornaram publico um documento sobre o acto eleitoral, anunciado oportunamente e, finalmente, marcado para 26 de Outubro. Dirigimo-nos ao País num ambiente de duvidas e suspeições, para dizermos o que pensávamos e para esclarecer e informar os oposicionistas, a cujo numero pertencemos, do perigo de, influenciados por aparências, acreditarem na realização de eleições autênticas, graças a um condicionalismo diferente daquele que no passado regera sucessivos arremedos eleitorais. Fizemo-lo com a autoridade da nossa inalterável e militante oposição ao regime vigente, á sua ética, aos seus métodos, á sua ideologia e á sua obra

Continuará esse regime, depois da consulta eleitoral. A sua natureza e características não serão alteradas por mudanças de pessoal sem alcance ou modificações exteriores sem autenticidade. Era, porém, de recear, que aquelas ilusões gerassem nas oposições uma funda perturbação e uma confusão de graves consequências. O perigo estava, principalmente, em que surgissem correntes que, por motivos diversos, acreditassem que supostas concessões do Governo facilitariam os seus objectivos, e outras se convencessem de que um curto período de propaganda, sujeita a severas restrições, desencadeasse uma agitação superficial, interpretada como autêntica tomada de consciência cívica e de posição política.

ERRO:

Cair nas improvisações dispersivas

Éramos, por isso, de opinião que os oposicionistas não deviam correr o risco de uma aventura eleitoral, após mais de quarenta anos de ostracismo, o qual coincidiu com a supressão das liberdades publicas e a paralisação de todas as actividades cívicas e políticas. Concorrer ao acto eleitoral (a que o Governo não pode eximir-se), sem adequada preparação e sem uma campanha que permitisse a difusão, sem peias, das suas ideias e intenções, seria para os oposicionistas cair no erro de improvisações dispersivas que não suprem deficiências e carências resultantes do tratamento de discriminação a que estiveram sujeitos. O perigo de isso acontecer era agravado, para os oposicionistas que tomassem qualquer atitude prematura ou precipitada, pela necessidade de reverem os seus métodos de acção política, tendo em conta a nova conjuntura resultante da substituição daquele que fora inspirador e principal obreiro do Regime e que durante quatro décadas reduzira os seus adversários á condição de párias.

Disse o novo Chefe do Governo, ao assumir essas funções, que desejava continuar na senda trilhada pelo seu antecessor mas acrescentou que a continuidade, pela qual se tornara responsável perante prosélitos e beneficiários do Estado Novo, não excluía a ideia de

«movimento e adaptação».

Em 12 de Março escrevíamos que

«as esperanças criadas por tais palavras, não deixavam ver o que nelas havia de contraditório e efémero»,

e decorridos seis meses temos de renovar o aviso e ratificar a afirmação, pois os factos confirmaram o fácil vaticínio que então fizemos.

Está o Governo, por motivos ponderosos, de ordem interna e externa, empenhado em que os oposicionistas, indo ás urnas, mostrem a sua impreparação e exibam as divergências que os separam, negando-lhes entretanto os direitos de cidadania que reivindicam. Por outro lado, confia em que pratiquem erros de cálculo e desvios de acção inevitáveis, para os acusar de irresponsáveis. Assim conseguirá, sem lhes fazer quaisquer concessões, uma participação de adversários que lhe dará uma vitória cómoda, a qual permitirá, cá dentro e lá fora, apresentar o resultado do próximo acto eleitoral como genuína expressão da vontade da Nação. Parece impossível que o não vejam quantos, propondo-se concorrer ás urnas, começarão por sancionar uma contrafacção de eleições autênticas aceitando, tácitamente, como base um recenseamento elaborado sem fiscalização.

FACTO CONSUMADO:

Eleições com recenseamento sem fiscalização

O conhecimento do passado da oposição não autorizava duvidas sobre os efeitos da sua intervenção

(Continua na 11.ª pág.)

Perspectivas e problemas d

Conclusão da Mesa-Redonda em que participaram os candidatos Henrique Barrilaro Ruas (C. E. M.), Mário Soares (C. E. U. D.) e Mário Sottomayor Cardia (C. D. E.)

MODERADOR — Henrique Ruas: após os participantes terem tratado dos problemas políticos portugueses, pergunto-lhe: quais as perspectivas de evolução política do País e dentro dessas perspectivas qual é aquela por que está disposto a empenhar-se, com o fim de a ver realizada?

HENRIQUE BARRILARO RUAS — O problema das perspectivas da vida política portuguesa é, evidentemente, de uma extrema complexidade e eu começaria por anotar que ele tem de ser considerado no futuro imediato quanto ás nossas possibilidades reais, e, num futuro mediato, indeterminado. Quanto ao futuro indeterminado, eu diria, apenas incidentalmente, que a minha posição, como sempre a defini, é a da conveniência para a comunidade política portuguesa da restauração do poder real. No entanto, não é esse, evidentemente, o problema que está agora a ser posto em equação e, portanto faço esta afirmação como afirmação de princípio, e disponho-me, tal como qualquer outro português, a tratar, no dia que passa, com os meios que possuímos, dos problemas que nos são imediatos.

Trata-se, portanto, creio eu, de considerar, na circunstancia que vivemos e que há pouco foi muito bem caracterizada, pelo dr. Mário Soares, uma possibilidade, ou, talvez mais rigorosamente, de distinguir várias hipóteses, vários caminhos, e de escolher num acto de desejo, num acto de amor, um deles. Eu não vou, evidentemente, fazer uma sistematização, que seria muito larga, muito maçadora e muito fora da minha capacidade num momento destes, mas parece-me que o que importa é considerar alguns indícios duma evolução e reforçar, tanto quanto caiba na possibilidade de cada um, e de cada grupo, esses indícios, na medida em que são sinais de uma verdadeira ou possível evolução favorável do regime. Eu não me considero, de modo nenhum, até porque sou, fundamentalmente, como sempre tenho dito, monárquico, dentro do regime. Mas, como cidadão comum, tenho obrigação de considerar quais são essas perspectivas, essas possibilidades. E julgo que é uma obrigação nossa — pelo menos assim tenho considerado até este momento — tomar como válidas as manifestações feitas por quem de direito no sentido de uma liberalização, se quiserem de uma democratização do regime, o que levaria, naturalmente, a acreditar na possibilidade de um aperfeiçoamento da situação política portuguesa, fora ou dentro das circunstancias puramente acidentais de quem governa. Mas isso parece-me que exigiria, da parte de todos os responsáveis pelo pensamento político português e pela acção dos protugueses, uma atitude comum de aceitação do jogo. Quer dizer que estaríamos dispostos, uns com os outros a, sem uma convicção profunda, que não interessa, aceitar o valor facial e aceitá-lo com o espírito quase um pouco cínico de quem exige que as coisas sejam como se dizem, como se apregoam. Para mim isso é um acto perfeitamente normal da vida política. Isso no entanto, não é tudo: deve exigir-se uma outra atitude, muito mais séria, muito mais difícil, que é não nos perdermos no jogo, sabermos o que somos, quem somos e, para jogar, exigirmos claramente, do árbitro, o reconhecimento da nossa identidade. Somos o que somos e se não nos reconhecem como tal nós não poderemos entrar no jogo. Teremos de escolher, evidentemente, outro caminho. Isto seria, quanto a mim, um princípio de possível conversa.

MÁRIO SOARES — Eu penso que houve um aspecto, salvo erro o primeiro salientado pelo Henrique Ruas, que deve ser ressaltado: é o de que a situação portuguesa tado: é o de que a situação portuguesa neste momento é de uma extraordinária complexidade e se nós quisermos esboçar as perspectivas que se oferecem para o futuro, no nosso País, no plano político, não podemos perder de vista essa complexidade. É evidente que nenhum de nós pode fazer profecias acerca do que será o futuro. Penso que mesmo os governantes actuais se fossem interrogados sobre o que será o futuro próximo do País teriam dificuldades em responder. Saiu, está em vias de poder sair, ou pelo menos parece evidente que o Povo português aspira de uma forma clara a sair do colete-de-forças que provocou uma paragem na evolução normal das instituições portuguesas. Quando o novo Governo de Marcello Caetano fala em continuidade e em evolução, ele sente que é necessário encontrar uma saída para essa situação de asfixia em que vive o País. Qual essa saída? Como é que se irá processar essa evolução? O novo Governo nunca o disse nem nunca o explicitou. No meu ponto de vista, que sou anti-regime, como sempre fui, evidentemente que a unica perspectiva de progresso para o nosso País é a democracia. Mas põe-se o problema: como pode um regime com as características do nosso chegar á democracia? Quais são as vias desse processo? Eu tenho a impressão que o problema que se coloca a Portugal não é muito diferente do problema que se coloca hoje em Espanha e que se colocou na Grécia. A Grécia também tentou sair dum regime fascista por via evolutiva e por dentro, e, a curto prazo, chegou não á democracia, mas, infelizmente, aos coronéis. Não quero ser, evidentemente, pessimista, mas a situação portuguesa é uma situação mais explosiva ainda, em virtude da guerra. Penso que o dever das forças democráticas portuguesas,

Mário Soares

das forças que lutam pela democracia, será de exercer sobre o poder pressão no sentido de forçar a via democrática. Para mim, para que haja uma via democrática em Portugal. São necessárias três coisas, fundamentalmente: em primeiro lugar, a reconquista das liberdades publicas; em segundo lugar é necessário resolver, ou encaminhar no sentido de uma solução, o problema ultramarino, para chegar á paz, e só vejo um caminho para a paz — a não ser que se considere que a paz significa o esmagamento do inimigo; em terceiro lugar, penso que a via democrática implica toda a reestruturação da vida económica portuguesa e, portanto, a transformação do sistema corporativo que tem sido também um colete-de-forças a impedir a evolução normal da economia portuguesa. Estas são as três linhas de força para chegar á democracia. Como é que as forças democráticas vão conseguí-lo? É evidente que há que ter em atenção que o regime neste momento não é monolítico. Como comecei por dizer coloco-me fora do regime, mas há forças que dentro do regime lutam pelo «statu quo», e há outras que lutam por uma certa evolução. Eu penso que tudo quanto se faça no sentido de ajudar essa evolução é util para o Povo português e ajudará a abrir o caminho para a democracia, poupando-lhe muitos sacrifícios. Neste sentido eu sou completamente contrário á chamada «política do mau», ou seja «quanto pior, melhor».

SOTTOMAYOR CARDIA — Para mim, o problema das perspectivas na vida política portuguesa insere-se numa pequena reflexão sobre o que se passou desde há um ano a esta parte. Penso que em Setembro de 1968 um acidente de natureza biológica veio pôr a cru uma realidade política que mais tarde ou mais cedo tinha de manifestar-se: a impossibilidade de o regime se manter com alguma estabilidade nos termos em que então existia. O descontentamento generalizado e o desprestígio da autoridade obrigaram o salazarismo a procurar uma face liberalizante. Aliás essa face liberalizante era também exigida — e isso é uma das razões determinantes pelas quais ela veio a ser tentada — como há pouco muito bem disse o Mário Soares, pela exigência do desenvolvimento capitalista interno. A nova conjuntura veio abrir algumas possibilidades que eu penso interpretar correctamente considerando como aquelas a que Barrilaro Ruas aludiu ao referir-se ao jogo. Para mim o jogo põe-se nestes termos: a estrutura do Estado mantém-se; no entanto verificou-se uma certa tolerancia em relação a alguns aspectos da preparação eleitoral, o que permitiu á Oposição intervir nas eleições em termos diferentes do que o fazia em anos anteriores. Com isto não quero de forma nenhuma que se possa admitir ou pretender que estas eleições sejam umas eleições sérias e autênticas, mas reconheço que são, efectivamente, umas eleições diferentes. Fundamentalmente, para mim, as perspectivas a explorar dizem respeito á necessidade de desenvolver o Movimento Democrático, aproveitando as oportunidades que se abrem. Este ano eleitoral veio reanimar muitas energias, veio reavivar muitos entusiasmos, conquistou para a Oposição sectores novos, de certo modo uma nova face da Oposição está também a caminho de se revelar e importa que toda esta movimentação possa prosseguir para depois das eleições. Essa é, quanto á ordem imediata da luta democrática, a perspectiva de evolução da vida política portuguesa. Naturalmente não sabemos qual será a resposta do regime a esta tentativa, nem podemos agora ter uma ideia precisa sobre o modo como o Movimento Democrático poderá desenvolver-se para além das eleições, mas esta para mim é a grande perspectiva de transformação da vida política portuguesa. Quanto ás exigências de ordem política, estou perfeitamente de acordo com o Mário Soares em que a condição é a reconquista das liberdades publicas, a solução do problema ultramarino, e a destruição da ordem corporativa. Sobre a possibilidade de estas condições se verificarem, manifestar já o que penso.

HENRIQUE BARRILARO RUAS — Creio que estamos todos de acordo quanto aos problemas aqui debatidos. Põem-se problemas de doses, de optimismo e de pessimismo, mais confiança de um, menos confiança de outro. Quanto a mim é muito importante que saibamos ao mesmo tempo fazer acentuar a confiança e a desconfiança. Quer dizer: não se trata de uma adesão, que aqui não está, evidentemente em causa, mas de um jogo, com vista ao melhor bem do país. Penso que o que temos a fazer realmente é utilizar sábiamente a esperança e a desesperança a confiança e a desconfiança, apesar dos riscos que isso naturalmente comporta

Eu não estou totalmente de acordo com as condições prévias postas pelo Mário Soares á realização da democracia, como é natural. Começaria, aliás, por dizer que para mim há sempre uma certa dificuldade em utilizar a palavra democracia num sentido tão total como normalmente a vejo utilizada. Eu diria que, do meu ponto de vista, a democracia seria realizável através da restauração do poder real. Quer dizer que eu aceito naturalmente uma interpenetração do factor democrático e do factor monárquico na vida do povo português. Em relação propriamente ás condições consideradas pelo Mário Soares, eu concordo perfeitamente com a reconquista das liberdades publicas, isso parece-me um desiderato essencial. Só que isso não me parece uma condição básica para se atingir a democracia: isso parece-me ser já um conteudo real da democracia. Quanto ao problema da guerra, a minha posição não é a mesma do dr. Mário Soares e do dr. Mário Cardia. Penso que devemos realmente trabalhar para uma paz que é condicionada pelo esforço total da nação para aquilo que eu tenho chamado a «independência total», quer dizer, para a independência da nação portuguesa vivida em comunhão. Eu parto de um pressuposto, que é a existência da nação portuguesa tal como a história até hoje a forjou. Reconheço que essa nação não atingiu ainda o máximo da perfeição quanto á interdependência, á colaboração mutua entre os seus diversos grupos populacionais, como é evidente, mas acredito que é possível, através de uma política conduzida para o bem comum, conduzida pelos ditames da Justiça, dignidade humana, do bem social, atingir esse ideal de uma independência total. Quer dizer: chegar a um ponto tal que seja possvel aos homens do interior de Angola ou do Interior de Moçambique considerarem-se tão naturalmente e espontaneamente independentes dentro da comunidade portuguesa como são independentes os minhotos, o que não quer dizer que estejam separados dos alentejanos. Não quero significar com isso, evidentemente, que considero Angola uma espécie de Minho ou mesmo uma espécie de Alentejo, evidentemente que este ideal da independência total só pode ser atingido atrávés do respeito da personalidade cultural, espiritual, dos interesses reais, que têm a sua face económica, a sua face social, etc., de todas as populações. Trata-se, portanto, de tentar seguir a sério o que até aqui tem sido apenas esboçado quando não totalmente desservido pela política seguida nas ultimas dezenas de anos.

Quanto á estruturação da vida económica portuguesa numa base diferente da base actual do corporativismo, embora eu aceite grandes vantagens da ordem corporativa teórica, entendo que o corporativismo a partir do Estado, portanto de fora para dentro, de cima para baixo,

a vida política em Portugal

é exactamente o contrário da ordem corporativa natural e tem, assim, reforçado os vícios da ordem política que nos tem regido nos ultimos quarenta anos. Portanto, concordo que a ordem corporativa de que se trata, que é a ordem corporativa real existente, tem de ser transformada — a palavra **destruída** parece-me demasiado pesada.

(O MODERADOR sugeriu que se pronunciassem os presentes sobre as causas da relativa alteração que se verificara em certos aspectos do regime, a qual todos os participantes da mesa-redonda haviam reconhecido. Devia-se essa alteração á personalidade do Pre-

José Fernandes Fafe

sidente do Conselho ou á necessidade de o Governo responder a uma situação concreta?

MÁRIO SOARES — Em relação ao ponto levantado pelo moderador devo dizer que o novo estilo que o Governo tem desde a subida ao Poder do prof. Marcello Caetano se deve fundamentalmente a uma resposta exigida pela conjuntura como sugere o Fafe. O problema do estilo da pessoa tem a sua importancia, não para entrarmos dentro das motivações psicológicas, mas para explicarmos a situação que estamos a viver. Eu penso que nesse aspecto o que importa acentuar, para além de certos gestos que foram feitos, é que as estruturas do regime se mantêm totalmente intactas. Nesse sentido eu diria que as modificações foram modificações de forma, modificações de estilo, mas não foram modificações estruturais. As estruturas políticas mantêm-se, são as mesmas, o regime é o mesmo, embora com uma face que procura ser mais atraente. Nesse sentido eu faço uma ressalva áquilo que disse há pouco o Mário Cardia, quando disse que as eleições que vamos começar a viver são eleições diferentes das do passado. Eu que participei directamente em quase todos os actos eleitorais desde 1945 para cá devo dizer que não acho que as eleições actuais sejam diferentes das do passado. E não acho porque todas as reivindicações que a Oposição vem formulando desde 1945 para cá se mantêm e no essencial não foram satisfeitas. Continuamos a não ter liberdade para nos organizarmos, continuamos a não ter liberdade para nos exprimirmos e para fazermos a nossa propaganda e eu considero que as alterações á Lei Eleitoral, por um lado, e por outro lado as instruções recentes do Ministério do Interior aos governadores civis, longe de virem resolver, ou de virem ao encontro das reclamações insistentes da Oposição, pelo contrário, vêm cercear ainda mais a situação de completa falta de liberdade. Concretamente a interdição de acesso á Rádio — porque a utilização das emissoras particulares é perfeitamente teórica, pois se exercem pressões sobre essas emissoras para que elas não nos dêem tempo nenhum; a circunstancia de se dizer que a Televisão não dá tempo a candidatos, sejam da União Nacional ou sejam da Oposição é um artifício e um sofisma, porque evidentemente quem quer fazer propaganda é a Oposição, pois a União Nacional usa todos os meios indirectos que tem, visto que tem a máquina do Estado. Por outro lado, a circunstancia de não nos serem concedidas salas publicas para «meetings» e reuniões agrava a situação em relação ao passado: nas eleições do general Humberto Delgado e nas eleições de 1961 nós pudemos ter salas como o ginásio do Liceu Camões ou o Teatro Trindade. Agora nem essas temos. Mesmo os direitos de fiscalização que teóricamente foram assegurados, eu tenho a impressão, e este é o meu ponto de vista, não são suficientemente amplos e não satisfazem as reclamações insistentes da Oposição e não podem satisfazer de maneira nenhuma os verdadeiros oposicionistas. Assim, nós vamo-nos preparar para figurar mais uma vez numa eleição que não é uma eleição séria e que é, «mutatis mutandis», uma eleição igual ás anteriores, quer dizer, uma farsa

Não quero deixar de fazer uma referência a um ponto que o dr. Barrilaro Ruas já por duas ou três vezes aflorou, que é o problema real ou o problema da Monarquia. Penso que em Portugal o debate entre monárquicos e republicanos está um pouco ultrapassado. Penso que os monárquicos portugueses têm grandes dificuldades que resultam da personalidade do próprio rei, ou do próprio pretendente, que não desejo discutir. Mas o que eu quero frisar neste momento é que prefiro de longe uma monarquia que seja democrática a uma republica que seja totalitária. Sem duvida nenhuma. Nesse ponto nós poderemos estar de acordo. E se um dia, por plebiscito democrático e livre, o Povo português escolhesse a Monarquia, eu curvar-me-ia e respeitaria o desejo da maioria. Mas, do meu ponto de vista, o problema em Portugal, por razões diversas que o dr. Ruas conhece talvez muito melhor do que eu, não se põe.

Finalmente, quanto aos problemas da guerra e aos problemas das relações entre a Metrópole e o Ultramar, naturalmente que eu estou numa posição muito diferente daquela que foi sugerida pelo dr. Ruas. De toda a minha intervenção ressalta claramente isso. E creio que, dadas as posições que tenho tomado publicamente, o que eu penso sobre o assunto é perfeitamente conhecido.

Sucede que há uma constante na política do nosso tempo que é o movimento anticolonialista. Essa realidade é insofismável e quem quiser ter uma posição realista em relação aos problemas que se põem ao nosso tempo, não digo a nós só, mas aos homens de uma maneira geral, não pode desconhecer esse extraordinário movimento que foi, que é, o movimento anticolonialista. Ora eu sou anticolonialista. Sou-o por convicção, porque sou democrata. E penso mesmo, acrescento, que não se pode ser democrata sem se ser anticolonialista, porque quem preconiza, por meios directos ou indirectos, a opressão de um povo sobre outro não merece a liberdade para si próprio. Este é o meu ponto de vista. Estamos perante uma situação de guerra, é preciso encontrar uma solução para essa guerra. Essa solução é a paz por que todos ansiamos. Isso não quer dizer que as pessoas que preconizam o princípio da autodeterminação, pensem que Angola e Moçambique se devem congolizar, ou que esqueçam as populações, quer as populações nativas, quer as populações brancas que ali estão radicadas. É evidente que não se trata de abandono, trata-se de encontrar uma solução política que é a unica que pode resolver os problemas portugueses.

SOTTOMAYOR CARDIA — Em relação á pergunta que foi posta pelo Fafe, eu penso que houve uma necessidade de alargar a base política de um regime desacreditado.

Sottomayor Cardia

A personalidade do Chefe do Governo, nos seus aspectos íntimos, é para mim desconhecida, evidentemente. Reconheço que nas hostes do regime é o «liberal» mais destacado. Por isso tanto mais relevante me parece ser o fracasso da sua experiência, visto que as estruturas se mantêm integralmente. Concordo inteiramente com o que disse o Mário Soares sobre o carácter das eleições como farsa, e subscrevo também inteiramente o que ele afirma quanto á lei eleitoral, que veio agravar ainda mais as condições em que a Oposição vai concorrer ás eleições. Quando eu há pouco disse que as eleições são diferentes, referia-me ao modo como se processou a preparação eleitoral. Pareceu-me que há uma certa diferença em relação ao passado, embora eu o conheça indirectamente. (Aqui não perco a oportunidade de prestar homenagem ao Mário Soares pela luta que há vinte e cinco anos desenvolve). Eu creio que houve uma certa tolerancia relativamente á organização do Movimento Democrático. Uma tolerancia que evidentemente coexistia com toda a espécie de limitações que sabemos, de ameaças, de prisões mesmo. No entanto, parece-me que se criou um clima relativamente diferente. Era, aliás, a condição para se poder conservar a face liberalizante do Governo Marcello Caetano. Dessa experiência colheremos a lição de saber se o regime pode ou não pode suportar essa face. Continuará a hesitar e a negar-nos no dia seguinte o que fez na véspera? Vai regressar pura e simplesmente aos tempos de Salazar? Por nosso lado, importa acentuar que o ânimo da Oposição é outro, pelas ilusões que se criaram e pela coragem com que se aproveitou a hesitação.

Em relação ao que disse Barrilaro Ruas, eu subscrevo inteiramente as palavras do Mário Soares. Acrescento apenas que, do meu ponto de vista e embora saiba que, essa não é a posição implícita no projecto político de Barrilaro Ruas, a restauração da Monarquia só é possível, como realidade política, mediante a vitória da extrema-direita. Não vejo em Portugal a possibilidade de uma monarquia á inglesa.

Quanto ao problema ultramarino a minha posição coincide também inteiramente com a do Mário Soares, tal como ele a expressou. A luta contra o colonialismo é uma exigência indeclinável da luta democrática, não apenas por evidentes razões do direito dos povos á autodeterminação, mas porque o arrastar-se da situação reforça as posições reaccionárias em Portugal. E não só reforça o poder da extrema-direita como, por outro lado, aliena a soberania nacional á penetração de posições económicas estrangeiras. A minha posição é a de que se devem abrir negociações, com interlocutores válidos, com vista ao termo imediato da guerra, ao estabelecimento da paz e ao reconhecimento da autodeterminação dos povos.

MODERADOR — Uma pergunta para fecho: em vossa opinião há perspectivas, de facto, de democratização do País?

HENRIQUE BARRILARO RUAS — Creio ser difícil, dentro do pouco tempo que nos resta, entrar na discussão, que teria de ser longa, dos problemas que ultimamente foram abordados e sobre os quais já me pronunciei.

Há um ponto em que eu não toquei: o problema levantado pela autenticidade das actuais eleições. Esse problema está muito ligado com a pergunta feita pelo moderador. Eu não tenho a experiência do dr. Mário Soares, a quem presto também a minha homenagem. Nunca tomei parte em eleições. Esta experiência que estou a viver desde há três semanas é totalmente nova e portanto, os obstáculos, as dificuldades de toda a ordem que tenho experimentado fazem-me naturalmente uma certa impressão. Não estou na situação de ser objectivo para comparar o que está a ser feito agora com o que foi feito noutras eleições. Em todo o caso, dada a atenção que, desde há muitos anos, sempre tive por estes problemas, e dada a preocupação doutrinária que sempre me moveu, em escritos e conversas, eu penso que, de facto, apesar de sofrer agora pela primeira vez estas dificuldades, houve uma certa melhoria. O que não quer dizer que essa melhoria tenha sido em todos os planos. Por exemplo quanto á lei eleitoral, julgo que nalguns pontos ela é pior que a anterior. Em todo o caso, o clima geral parece-me, de facto, melhor que o anterior. E sobretudo nas palavras, no espírito que as informa, existe uma tal mudança de estilo, que me parece que é útil acreditarmos ou fingirmos que acreditamos.

Penso que há perspectivas de democratização. Estamos no início de uma época — não sabemos se é uma época nova De qualquer modo estamos no fecho do primeiro ano de experiência posterior ao que foram os quarenta anos do regime de Salazar. Penso que a experiência deste ano mostra-nos a possibilidade de uma democratização. Ao dizer isto não estou próprio a fazer um juízo de valor sobre atitudes e intenções de quem governa. É bem possível que essas intenções não sejam as mais concordantes com o objectivo da democratização. O que não há duvida, quanto a mim, é que nós estamos a viver uma experiência histórica que consiste no desaparecimento de um regime inteiramente pessoal, em que a constitucionalidade era apenas um artifício, embora um artifício sábiamente arquitectado e mantido. Parece-me, portanto, que, neste momento, nós não temos razão nenhuma para agir como se a constituição política que nos rege fosse simplesmente revestimento exterior, jurídico duma forma de governo pessoal. Isto apesar de que eu posso, por exemplo, pensar que Marcello Caetano tem como modelo um homem que agiu de certo modo como um ditador, De Gaulle. Neste momento creio que não há duvida nenhuma de que estamos em pleno regime constitucional, o que não quer dizer que tudo quanto está na Constituição esteja a ser claramente cumprido. Se uma constituição é uma condição «sine qua non» da progressiva democratização do País, julgo que estamos no caminho de uma possível democratização. Claro que podem dar-se acontecimentos de variadíssima natureza que impeçam o que poderia ser, para mim, uma natural evolução. Por outro lado a democratização progressiva do povo por-

Henrique Barrilaro Ruas

tuguês, no sentido político, que é o que nos interessa agora, não pode ser feita sem um grande esforço de compreensão por parte de todas as forças em presença. Quer dizer, o diálogo, a aceitação, o reconhecimento da diversidade, do pluralismo, uma aliança de forças autênticas que procurem ter sempre presente que nunca serão forças políticas autênticas se não tiverem de facto um contacto permanente, se não forem aprofundando cada vez mais as raízes do seu humus nacional, se não estiverem voltadas para o povo, se não sentirem com o povo, se não o quiserem sèrvir.

Portanto, quanto a mim, a democratização, possível neste momento, está condicionada por uma atitude que seria de certo modo o oposto de uma progressiva caracterização ideológica. Entendo que as doutrinas, por muito válidas, por muito belas que sejam, por ideais que pareçam, nunca são válidas, nunca podem sèrvir de facto, em política, o objectivo do bem comum da nação se não estiverem constantemente a apelar para a realidade, portanto em diálogo com essa realidade, mais permanente, e ao mesmo tempo mais obscura que é o próprio povo na sua vida, no seu dinamismo interior, nos processos meio conscientes, meio inconscientes, na sua própria realização na história.

MÁRIO SOARES — Respondo muito brevemente á pergunta feita pelo Fafe, sem mais considerações. Acho que o apelo que o dr. Henrique Ruas fez nas suas consi-

(Cont. na pág. seguinte)

JULGAMOS INDESEJÁVEL A CONTESTAÇÃO SEM META

—afirmam os candidatos da U. N. por Leiria

A U. N. EM LEIRIA — Na sala de Imprensa de Leiria, foram anteontem apresentados aos órgãos de informação os candidatos da U. N. por aquele círculo. Apresentou-os o dr. Tomás de Oliveira Dias, presidente da Comissão distrital do organismo, que referiu as três coordenadas ás quais obedece a candidatura da U. N. em Leiria: apoio da «renovação que a U. N. procurou nos seus candidatos, á escala nacional» e aplauso da escolha de candidatos de diversas tendências políticas e naturais ou há muito radicados no distrito

Da Comissão Distrital da U. N. de Leiria recebemos a seguinte declaração, dirigida aos eleitores daquele distrito:

«Serenamente, apresentamos à vossa consideração e reflexão as grandes orientações que ditarão a nossa actuação na Assembleia Nacional, se, como esperamos, merecermos a vossa confiança.

1 — Aderimos à linha de rumo «Continuidade — Evolução», aludida pelo sr. Presidente do Conselho no discurso da posse, de 27 de Setembro de 1968, e depois pelo mesmo estadista, formulada expressamente em escrito recentemente publicado. Reconhecemos todos os aspectos válidos da obra do Estado Novo, mas queremos «mais e melhor». A nossa atitude é, pois, reformista — aceitamos o presente como ponto de partida para o futuro, na construção do «*Estado Social*», tal como foi definido por Marcello Caetano, e comungamos com fé na orientação de toda a possível convergência das «tendências» políticas patriòticamente válidas e úteis.

2 — Lutaremos por uma ordem político-jurídica, em que sejam eficazmente protegidos todos os direitos da pessoa humana, tais como o direito à existência e a um digno padrão de vida; os direitos de livre reunião e de se associar livremente; o de exprimir a sua própria opinião e de professar a sua religião em particular e em público; o direito a uma informação objectiva, que deve consubstanciar-se na promulgação de uma Lei da Imprensa; o direito de participação activa dos cidadãos na vida pública em saudável pluralismo. Mas toda a pessoa humana tem também deveres para com o corpo social, uma vez que a liberdade de cada um é condicionada pela liberdade dos outros; por isso, aceitamos a autoridade legítima e defendemos a ordem e paz social, como indispensável condição de progresso, e repudiamos o comunismo e todas as outras formas de totalitarismo, como atentatórias de todas as liberdades

3 — Queremos que se intensifique muito mais o desenvolvimento económico-social nos seus múltiplos aspectos, na linha válida dos planos de fomento, que deverão ser alargados na medida do humanamente possível, e por forma a que cresça ràpidamente e seja mais equitativamente distribuido o rendimento nacional.

Conhecemos a situação de uma agricultura em permanente crise, de um comércio sujeito às mais variadas contingências e de uma indústria que urge planificar, desenvolver e dimensionar à escala internacional. Tudo faremos para dar contributo válido nestas matérias. Aceitamos, como base, a organização corporativa, mas defendemos a sua reestruturação e dinamização em ordem a uma maior participação de todos na vida e nas responsabilidades dos organismos, admitindo outras fórmulas que o interesse público venha a aconselhar, designadamente as cooperativas.

4 — Desejamos ver realizada a política de planeamento regional, que o Governo se propõe levar a cabo, tendo em vista a correcção progressiva dos desequilíbrios regionais do desenvolvimento, valorizando a província e acelerando o ritmo do desenvolvimento nas regiões menos favorecidas.

5 — Reconhecemos o problema da Educação como n.º 1 e julgamos indispensável: completar e alargar a educação de base do povo português; garantir a todos o acesso à cultura, independentemente das possibilidades económicas de cada um; ultimar uma reforma urgente das estruturas do ensino, com prioridade para a Universidade.

6 — Preconizamos o incremento da Saúde, melhor Previdência e mais aperfeiçoada Assistência actuando em adequada unificação ou, pelo menos, estreita coordenação, num esquema mais vasto de Segurança Social, abrangendo toda a população. Sentimos a urgência de mais generalizadas medidas em ordem à resolução do problema da habitação, nas cidades e nos meios rurais.

7 — Apoiamos a efectivação de uma reforma administrativa, em profundidade, que, para além da indispensável melhoria das condições de vida do funcionalismo e da simplificação das práticas burocráticas, generalize entre os servidores do Estado um verdadeiro «espírito de serviço» e de cooperação com o público.

8 — Daremos o nosso melhor apoio a todas as medidas conducentes à promoção das massas trabalhadoras Julgamos válido o caminho já encetado de valorização dos sindicatos e atribuição aos mesmos de crescentes desponsabilidades, numa justa composição de interesses capital-trabalho.

9 — Não esquecemos a posição especial da mulher na sociedade, como esposa, mãe e profissional, desejando vê-la participar de forma mais activa na vida pública. Defendemos a família, nesta época em que tantos a atacam, na firme convicção de que o bem-estar dos indivíduos e da sociedade depende, essencialmente, da verdade e prosperidade da comunidade conjugal e familiar.

10 — Vivemos o problema juventude em toda a sua extensão, atentos aos sinais dos tempos e defendendo o diálogo como instrumento válido na educação. Repudiamos, porém, a anarquia e a desordem, como forma de resolução de dissídios e julgamos indispensável preservar a autoridade dos pais e da escola. Julgamos indesejável a contestação sem meta. Tudo faremos no sentido de favorecer uma formação integral da juventude — intelectual, física e moralmente —, mas em clima de liberdade e respeito mútuo de pais e filhos, professores e alunos.

11 — Conhecemos o problema ultramarino em toda a sua gravidade e estamos com Marcello Caetano ao repudiar o abandono dos territórios e populações, mas aceitando a política de «progressivo desenvolvimento e crescente autonomia das províncias ultramarinas».

12 — Daremos a nossa mais interessada atenção aos problemas específicos do distrito, embora integrados numa perspectiva nacional — industrialização, melhoramentos rurais necessidades de ensino, energia, transportes e comunicações, urbanização portos, emigração, etc. — em permanente diálogo com os Municípios, que desejamos ver prestigiados, outras entidades responsáveis e as populações.

Os candidatos da União Nacional pelo círculo de Leiria estão com Marcello Caetano, apoiam a sua política de reforma da sociedade portuguesa, em clima de paz — indispensável condição de progresso. Propõem-se ser representantes dos legítimos interesses e aspirações dos povos do distrito de Leiria, colocando-se à disposição de todos, em construtivo diálogo. A hora que vivemos é de transcendente importância. O País está com Marcello Caetano e vai demonstrá-lo de forma esmagadora. Contamos com a vossa colaboração e o vosso apoio. Viva Portugal!

Os candidatos: *Amílcar de Magalhães, António Bebiano Carreira, Francisco de Meneses Falcão, Manuel Valente Sanches, Rui Moura Ramos e Tomás Oliveira Dias.*»

O Governo Civil de Leiria justifica as restrições à Acção Democrática

Do Governo Civil de Leiria recebemos a seguinte nota, datada de 29 de Setembro:

«A Imprensa diária publicou, nos dias 27 e 28 do mês em curso, um comunicado da Oposição de Leiria (C. D. E.) acusando de ilegal o despacho do governador civil que indeferiu os pedidos de autorização para a realização de reuniões de propaganda nos dias 28 de Setembro corrente e 1 e 3 de Outubro próximo, respectivamente no Hotel Euro-Sol, de Leiria, e nas sedes dos concelhos da Marinha Grande e Nazaré.

Sobre este assunto, cumpre-me prestar o seguinte esclarecimento:

1 — As reuniões de propaganda para que havia sido pedida autorização estavam marcadas, para o dia 28 do corrente, em Leiria e Nazaré e, para hoje, na Marinha Grande, e não conforme se informou no referido comunicado;

2 — Os pedidos para a realização de tais reuniões foram indeferidos com fundamento no disposto no § 4.º do artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 37 570 (redacção do Decreto-Lei n.º 49 229, de 10-9-1969), que estabelece que a campanha eleitoral só pode ter início depois de aceites as candidaturas;

3 — Conforme é já do conhecimento público, a lista dos candidatos da Oposição ainda não foi admitida em virtude de um dos candidatos ter sido julgado inelegível, pelo que o mandatário da mesma lista foi, nos termos §§ 1.º e 2.º do artigo 16.º do citado Decreto-Lei n.º 37 570 (redacção do Decreto-Lei n.º 49 229, de 10-9-1969), convidado a promover, querendo, a substituição daquele candidato.

4 — Assim, o indeferimento dos referidos pedidos foi absolutamente legal. Os candidatos da Oposição poderão iniciar a sua campanha eleitoral logo que seja aceite a respectiva lista.»

A INELIGIBILIDADE DE CANDIDATOS

Foi enviado á Imprensa, com pedido de publicação, a seguinte nota, assinada pelo director-geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior, dr. António Pedrosa Pires de Lima:

«Tendo sido publicado que foram julgados inelegíveis quatro dos candidatos a deputados constantes das listas submetidas á apreciação dos governadores civis por se considerar que «professam ideias contrárias á ordem estabelecida», cumpre-me esclarecer o seguinte:

a) Pode inferir-se, dos termos referidos, que a exclusão se teria baseado na simples circunstancia de os indivíduos atingidos pelas decisões dos governadores civis professarem ideias diversas daquelas que enformam o regime, o que «é manifesamente erróneo». Aliás, se assim fosse, a mesma razão levaria, certamente a excluir a totalidade dos candidatos das respectivas listas;

b) As decisões dos governadores fundamentaram-se, sim, no facto de os candidatos em causa professarem ideias «contrárias aos princípios fundamentais da ordem social estabelecida», o que os torna inelegíveis em face do disposto no artigo 8.º, n.º 3.º, do Decreto-Lei n.º 37 570, de 8 de Outubro de 1949;

c) Deve notar-se que a declaração de inelegibilidade assentou, em todos os casos, em elementos juntos aos respectivos processos, dos quais nitidamente se conclui tratar-se de pessoas que, não apenas por formação ideológica, mas por actuação repetida, se evidenciaram como agentes de subversão social, recorrendo a processos, e incitando a que outros os adoptassem, contrários aos mais elementares princípios da disciplina por que devem reger-se todas as sociedades organizadas.

*

Relativamente ao facto de não ser permitido o início da campanha eleitoral quanto ás listas em que figuravam candidatos inelegíveis, enquanto se não proceder a sua substituição:

A campanha eleitoral só pode respeitar ás listas a submeter ao sufrágio, e não estão em tais condições aquelas que não contenham o numero total de candidatos a eleger pelo círculo.»

PERSPECTIVAS DA VIDA POLÍTICA

(Continuação da pág. ant.)

derações finais, para o diálogo, para o diálogo na diversidade, para o diálogo no entendimento, para o diálogo com correcção e respeito recíproco é um apelo muito importante que eu subscrevo inteiramente. E apraz-me justamente verificar que nesta conversa nós soubemos manter o diálogo e que todos nós, não obstante poder haver divergências entre nós, respeitamos as posições uns dos outros, o que me parece um bom sinal. Quanto ás perspectivas de democratização eu responderia que é uma questão de prazo. A médio e a longo prazo, respondo que com certeza acredito nas perspectivas da democratização do País; confio no Povo português e penso que ele saberá dar-nos, saberá conquistar a Democracia.

SOTTOMAYOR CARDIA — A minha reacção quanto ao apelo de Barrilaro Ruas é igual á do Mário Soares. Quanto ao problema levantado pelo moderador, não creio que a democratização possa resultar de qualquer iniciativa do regime, mas penso que pelo desenvolvimento do Movimento Democrático se experimentará se pode ou não haver democratização. Para já, parece-me que a primeira tentativa a fazer nesse sentido diz respeito á radicação do Movimento Democrático em massas populares cada vez mais amplas, a partir da sua participação criadora.

RECTIFICAÇÃO

Por ter saído incompleta a primeira fala do dr. Sottomayor Cardia, na primeira parte da mesa-redonda, ontem publicada, reproduzimo-la a seguir na íntegra:

«SOTTOMAYOR CARDIA — Na ordem estritamente política, penso que os principais problemas da vida política portuguesas são os das liberdades publicas fundamentais; o problema da estrutura do Estado; e o problema ultramarino. Sobre estes três assuntos todos teremos alguma coisa a dizer. Não sei se será oportuno tecer sobre eles desde já algumas considerações ou se é melhor as outras pessoas dizerem o que pensam, para depois nos pronunciarmos.»

Manifesto da Comissão Monárquica ao povo de Lisboa

(Continuação da 3.ª pág.)

diram-se também quanto à urgência da restauração do Poder Real e quanto aos processos a adoptar para essa restauração. De um modo geral, há que reconhecer que os monárquicos, para se afastarem do Estado Novo, tiveram de passar pela amargura da desilusão. Não se esqueça, porém, que, no meio da conformidade e do adormecimento, muitas vozes monárquicas se ergueram em defesa das liberdades dos portugueses, e foram cada vez mais os que pensaram e disseram que a grandeza da pátria passa pela dignidade dos homens.

Quando soou a hora da crise do Estado Novo, todas as velhas ilusões, no que tinham de sensato ou legítimo, cessaram. O esforço monárquico para a criação artificial e artificiosa de um regime provisório tinha perdido, de um só golpe, toda a razão de ser. Por muito que custe a alguns deles sentir-se livres, a verdade é que recomeçou então a liberdade dos monárquicos.

Livres, para quê? Naturalmente, para servir o País. Há em cada monárquico uma vocação republicana: talvez mais que qualquer outro homem, o monárquico, por estar todo voltado para a realidade nacional — e não tanto para as ideologias —, é naturalmente chamado a participar na obra comum a que os antigos chamaram República. Mas não lhe custa reconhecer que, nas circunstâncias de hoje, grande parte da vida pública ou republicana é estimulada e alimentada por motivos indirectos, de índole muitas vezes ideológica.

Libertos de um compromisso indefinido e de uma esperança desesperante, os monárquicos sentem-se ou devem sentir-se perfeitamente à vontade para tomar parte nos processos constitucionais. Em lugar de se perderem na análise teórica dos defeitos do sufrágio directo, cumpre-lhes verem nele o meio aperfeiçoável — como tudo o que é humano — de se tornar actual a participação do Povo na vida política, que, em Portugal, conta para cima de 700 anos. Em vez de adormecer numa última ilusão, devem dispor-se a trabalhar activamente, duramente, alegremente, para ajudar a resolver os problemas nacionais.

Ajudar a quem? Naturalmente, ajudar, antes de tudo, os que tenham a responsabilidade de governar. Sabemos que não é possível a vida de uma comunidade política sem autoridade e sem o respeito dessa autoridade. Embora seja difícil ajudar quem se negue a receber ajuda, ou colaborar com quem nos volte as costas, o certo é que os monárquicos libertos, os monárquicos livres vivem numa sociedade concreta, dirigida por homens de carne e osso, e que têm problemas vivos a resolver. E alguns desses problemas são de vida ou de morte. O Povo português está a passar por um dos momentos mais graves da sua História. Cumpre aos monárquicos trabalhar e lutar.

Pensam alguns que, numa hora destas, ninguém devera erguer uma voz diferente da voz oficial. Isto é: a Nação deveria deixar-se assimilar totalmente pelo Estado. Não apenas pelo Estado, mas pelo próprio Governo. Todavia, os governantes e os Governos passam. Depois de quarenta anos de governo de um só, o seu sucessor, que fora dos seus colaboradores mais directos, sentiu necessidade de rever toda a política e precisamente no ponto crucial, aí onde a Pátria está em jogo. É seu dever. Como é dever de cada português e de cada geração de portugueses recriar de algum modo o vínculo ancestral que liga cada homem à herança de valores vivos a que se chama pátria.

Também nós nos atrevemos a rever. Também nós nos atrevemos a pensar. E a optar. Sem nenhuma crise de consciência. Sem nenhuma perturbação interior ou exterior. Também nós vimos afirmar uma concepção de Portugal, que não foi sacrilegamente inventada por nós, mas foi recebida no berço e amada logo que o coração despertou para amar.

Estamos convencidos de que, nesta hora de crise nacional, é do interesse da Nação que muitos portugueses, e até muitos grupos definidos de portugueses, sem pedir licença a ninguém, sem aprender a lição de nenhum governo nem de nenhum organismo oficial, proclame bem claramente que Portugal é uma Nção una, na diversidade dos seus filhos, na diferenciação dos seus processos administrativos, na variedade dos seus costumes. A unidade é política, e não impede, portanto, o desenvolvimento integral das virtualidades culturais e económicas de cada população em cada território.

Coincide, felizmente, com o interesse nacional visto por este ângulo o bem comum encarado na perspectiva da dignidade pessoal. Na interdependência crescente dos pocessos sociais, nenhum desenvolvimento é possível, neste século — a não ser por um pequeno período sem reflexo na História — se não for parte do desenvolvimento integral. Hoje, as comunidades humanas não crescem se, o interior delas, os homens não crescerem como homens. A vida moderna assinala dois caminhos de progresso: o dos grandes espaços e o dos espaços mínimos. Sem este, onde se situa a própria pessoa humana, não é possível aquele.

Os monárquicos, ao tomarem conta dos seus destinos, querem servir, não apenas a Nação na sua grandeza, mas o homem português. Sabem que não é a política que pode resolver todos os problemas humanos. Mas julgam-na indispensável.

No serviço do homem e em especial do homem português, tantas vezes diminuído e desservido pela acção de políticos, e pela inércia de muitos responsáveis, estão dispostos á afirmação dos direitos humanos, como são hoje entendidos ou ao menos proclamados no mundo livre.

Neste campo, sabem os monárquicos que os seus anseios de liberdade e de dignidade, as suas inquietações pelo lugar do *humano* no *político*, no *económico*, no *cultural*, se encontram com as inquietações e os anseios de muitos outros portugueses. Nem lhes custa reconhecer que muitos desses portugueses não monárquicos guardaram, através de obstáculos sem número, a fidelidade ao ideal humano. Muitos deles tinham sofrido a frustração de uma outra esperança, porque tinham acreditado na possibilidade de garantir as liberdades num sistema em que a Liberdade fosse tudo. Outros, deixando o seu socialismo monolítico abrir-se á inquietação e á própria dúvida, trazem o contributo da sua disciplina e do seu espírito de sacrifício. Uns e outros se encontram connosco na procura de caminhos válidos para a Nação portuguesa. E já hoje perdeu todo o sentido e surge como absurdo o fechado internacionalismo, que tanto tempo impediu o verdadeiro convívio das nações.

Homens livres buscando livremente o bem de Portugal, os monárquicos constituídos em Comissão Eleitoral de Lisboa não ignoram os esforços reais que, no interior do reggime, muitos têm feito para servir esse bem. Dirigentes e simples executantes manifestam dia a dia o cuidado pelo comum. Pois também neles reside e actua o espírito português, a preocupação pelos outros, mesmo se desconhecidos ou adversários.

Porque partimos de uma posição isenta de parcialidade, reconhecemos fácilmente a riqueza que advém ao País desta variedade e destas divergências de modos de ver e modos de sentir. Não quer isto dizer que estejamos docemente de acordo com toda a gente e equidistantes de todas as ideias. Sabemos que há ideias mortais. Mas sabemos, sobretudo, que toda a ideia pode ser mortal se for tomada totalitáriamente como absoluto, como a única verdade e o único bem. Na prisão ideológica, nada do que é humano respira e cresce.

Olhámos, pois, para o panorama geral da Nação, e julgámos necessário praticar, com simplicidade e verdade, um acto de independência E, para que essa independência fosse mais perfeita, resolvemos libertar-nos de nós próprios, embora estejamos certos de que, em Portugal, ser monárquico é já de si ser independente.

Assim, propomos ao Eleitorado do distrito de Lisboa uma Lista de Candidatos Independentes.

Procurámos — e conseguimos, graças a Deus! — que essa Lista reflectisse, quanto em nós cabia, a realidade nacional que Lisboa pode e deve simbolizar. Nunca pensámos reduzir o País a Lisboa — muito menos ao Terreiro do Paço. Mas entendemos que o ser capital do País — e há tantos séculos — dá a Lisboa a especialíssima responsabilidade de, para muitos efeitos, representar Portugal. Por isso quisemos que a Lista Independente de Candidatos por Lisboa incluísse nomes ligados ao Portugal do Oriente e de África, ao Norte, ás Beiras, a Coimbra, ao Sul do Continente. Quisemos também que os candidatos por Lisboa fossem, na nossa lista, pertencentes a todas as gerações. E que uma mulher representasse ao mesmo tempo a Mulher portuguesa como mãe e educadora, como trabalhadora intelectual. A Lavoura, a Indústria, o Comércio, o Professorado, as Profissões liberais, os Estudantes, todos têm o seu lugar na Lista Independente de Lisboa.

O Eleitorado dirá se o lugar destes Candidatos será, desde Novembro próximo, o hemiciclo de São Bento. Para todos eles, seria apenas uma outra forma de servir.

Pela Comissão Eleitoral Monárquica:

aa) *Dr. João Vaz Serra de Moura*
José Manuel Neves da Costa
e *Dr. Frederico Perry Vidal*

Conferência de Imprensa da C. D. E. de Leiria

Os candidatos propostos pela Comissão Democrática Eleitoral de Leiria dão hoje, ás 18 horas, uma conferência de Imprensa no Hotel Euro-Sol, nesta cidade. É lida uma proclamação, respondendo, a seguir, os candidatos ás questões que lhe forem postas.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● CAMPANHA EM COIMBRA — A C. D. E. de Coimbra estabeleceu já o programa da campanha, incluindo sessões publicas em vários concelhos colóquios, documentos doutrinários e material de propaganda. Os candidatos darão uma conferência de Imprensa no próximo dia 10, pelas 21 e 30, na sede da C. D. E., Av. Fernão de Magalhães, 458-1.º, sala 5.

Entretanto, foram constituídas as comissões concelhias de Condeixa e Oliveira do Hospital, que ficaram integradas pelos seguintes elementos: Condeixa — dr. João Simões Pereira Ribeiro, João Pimentel das Neves, Carlos Peça, Julio dos Santos e António Canceiro da Costa. Oliveira do Hospital — Maria Clara Branquinho, Irene Machado de Oliveira Campos, dr. João Almeida Santos, António Duarte Gomes, dr. Carlos Rodrigues Campos, Heitor Prata, Manuel Monteiro, João Soares, Sérgio Ricardo, Luis Figueiredo, Vitor Manuel Pais de Almeida, António Mendonça, Leonardo Madeira, e Arnaldo Augusto Amaral.

● A ACTIVIDADE DA U. N. EM COIMBRA — Numa reunião realizada na Comissão Distrital da U. N. de Coimbra, foi elaborado o programa das visitas dos candidatos aos concelhos dos distritos. Foram já visitados os concelhos de Condeixa, Soure, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho, estando marcada para hoje a visita a Tábua, Oliveira do Hospital, Arganil e Góis. Amanhã, será a vez dos concelhos de Pampilhosa da Serra, Lousã, Miranda do Corvo e Penela e depois de amanhã, a dos concelhos de Cantanhede, Mira, Penacova e Poiares. No dia 4, serão visitadas as freguesias do concelho de Coimbra. (Act. eleitoral)

● A U. N. NO TIVOLI — A U. N. marcou para sábado, ás 21 e 30, a sua primeira sessão de propaganda em Lisboa que se realizará no Cinema Tivoli. Preside o dr. Melo e Castro. Esta manhã, daquele organismo informaram-nos que só hoje, ao fim da tarde, serão conhecidos os oradores.

● SESSÃO DA U. N. DE BRAGA — A U. N. de Braga decidiu realizar uma sessão de propaganda no dia á ás 21 e 30, da no dia 6, ás 21 e 30, no Teatro-Circo de Braga, os candidatos drs. Antão Santos da Cunha, Fernando Dias de Carvalho, Conceição e Luís António de Oliveira Ramos.

● OPOSIÇAO DO FUNCHAL — Numa conferência de Imprensa para apresentação dos candidatos da Oposição Democrática do Funchal (drs. António Fernandes Loja e Fernando Pereira Rebelo e estudante José Manuel Barroso) foi lido um documento intitulado «Razões de uma candidatura».

● A U. N. DE SANTARÉM REÚNE-SE — Os candidatos da U. N pelo círculo de Santarém, drs. António de Castelino e Alvim, João Nuno Silva Pereira, Joaquim Jorge Saraiva da Mota e Julio Dias das Neves e os eng.os Carlos Monteiro do Amaral Neto e José Gabriel Correia da Cunha, reuniram-se com as Comissães Distrital e Concelhia daquela organização política.

● CINCO DE OUTUBRO EM PORTALEGRE — Informam-nos os membros da Comissão Democrática de Portalegre, Feliciano Mascarenhas e José Sousa Gomes que foi entregue no Governo Civil daquele distrito um pedido de autorização para a efectivação das comemorações do 5 de Outubro. Apoiam a iniciativa os democratas António Aleixo, Joaquim Namorado e Raul Santos Pinto.

● 5 DE OUTUBRO NO PORTO — Na sede da C. E. U. D., na Rua de Santo Ildefonso, 307-1.º, começaram a ser distribuídos os convites para a sessão do Cinco de Outubro, que se efectuará no Coliseu do Porto. As comissões concelhias, já constituídas ou em vias de formação, podem requisitar os seus bilhetes de ingresso no Coliseu, directamente, por escrito ou pelos telefones 30679 ou 21665 (privativo da sede da candidatura).

A SOCIEDADE GERAL DE COMÉRCIO INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S.A.R.L. comunica aos Exmos. Carregadores e Passageiros que, por motivo de força maior, o navio ALFREDO DA SILVA sai para Cabo Verde e Guiné no dia 8 de Outubro e não a 10 como habitualmente.

Documentos

A U. N. afirma que as suas candidaturas representam o «polo de segurança» das instituições e a «esperança das reformas necessárias»

Datado de ontem e com pedido de publicação, recebemos da U. N. o seguinte comunicado:

«A três dias do início (formal) do período de esclarecimento eleitoral, os quatro ramos das oposições produziram já e amplamente difundiram abundante propaganda, em Lisboa, no Porto e na província

A U. N. iniciou serenamente e prosseguirá o seu programa de *esclarecimento do eleitorado*, na consciência das especiais responsabilidades que lhe incumbem e que o modo por que espontâneamente se desenhou o xadrez eleitoral, colocando-a nitidamente no «Centro», mais acentuaram. Eis, em resumo, essas responsabilidades:

1.ª Apresentaram-se as candidaturas da União Nacional como expressão efectiva duma congregação de «tendências» do pensamento político, em união de livres vontades que, ao monolitismo totalitário, de qualquer cor, preferem um saudável pluralismo de opiniões.

Que é efectivo este pluralismo nos elencos de candidatos da U. N. foi reconhecido, pelo modo mais patente, até com nomes de candidatos, numa conferência de Imprensa oposicionista ontem realizada

Pois por muito que custe às oposições que, vê-se, vinham preparadas para a propaganda «à moda antiga», este é um facto que melhor seria aceitarem lealmente para terem menos canseiras e, quiçá, menos decepções.

Nas candidaturas da U N. estão representados, com fidelidade e por modo autêntico, não só o pólo da *segurança* das instituições e das certezas mínimas indispensáveis à vida social sã mas também o da *esperança nas reformas necessárias* que o Governo já iniciou por modo inequívoco (só como exemplo entre diversos a previdência para os trabalhadores rurais) e vai desenvolver em toda a medida *(mas toda)* das possibilidades financeiras, técnicas e políticas.

Quer num, quer no outro aspecto — *evolução* na *continuidade* — a U. N. pode pedir meças às oposições — e em todos os domínios

Convidam-se, pois, as oposições com toda a lealdade e, francamente com toda a cordialidade, a contar, antes de mais, com *esta realidade actual da U. N. que estão a atacar.*

2.ª Parece, pelas amostras já reveladas, que as oposições vêm aí — perdoem se não estamos a ver com exactidão as suas veras intenções — bravas feras sensacionalistas, procurando golpes contra as pessoas, de lança em riste e viseira cerrada!...

Atenção, por favor! Cuidado que é o interesse do País que está em jogo

A segunda grande e especial responsabilidade da União Nacional vem de que, precisamente por conter em si própria representantes de tudo o que há de legítimo e útil no panorama político nacional (portanto tem de dar satisfação quer aos que *conservam* o bem já conquistado quer aos que promovem a necessária *aceleração do progresso*) não lhe é lícito entrar no fragor dessas batalhas de verbalismo.

A expressão tradicional de «*campanha eleitoral*» é preciso que seja corrigida É conceito antiquado. e perturbador.

Trata-se de «*esclarecer o eleitorado*». Isto é muito importante para a vida do País Não se trata de proporcionar ao País e ao Estrangeiro um espectáculo de «*batalha*», em que o menor mal ainda seria o de se perder tempo com fantasias lúdicas.

Mas podia haver outros e mais graves males.

Pois, a União Nacional prosseguirá o seu programa de *esclarecimento do eleitorado* tranquilamente.

Sem que deixe, logo que oportuno, de opor as razões (e *sobretudo os factos*) muito fortes de que dispõe aos ataques com que as oposições começaram a mimoseá-la.

Por hoje, liminarmente, face a tanto floretar de todas as bandas, destacará dois pontos:

1.º *Ultramar* — O Senhor Presidente do Conselho, há dias, na última das suas palestras na TV, que tão generalizada e rara audiência tem despertado no povo, frisou: «*É preciso que, cá dentro e lá fora, fique bem claro se o povo português é pelo abandono do Ultramar, ou se está com o Governo na sua política de progressivo desenvolvimento e crescente autonomia das províncias ultramarinas.*»

Na firmeza da posição quanto ao Ultramar (posição que se funda em razões nacionais directas e bem legítimas mas também em razões derivadas do serviço que Portugal está a prestar a todo o Mundo livre, combatendo o racismo, a miséria, a ignorância e o medo de populações africanas) a U. N., com o Governo, sente bem o apoio da maioria da opinião pública metropolitana e ultramarina.

Visto, porém, que as oposições estão a discutir esta posição (e na conferência de Imprensa de ontem, assistiu, em completo silêncio um representante da oposição monárquica), visto que esta posição — posição da Nação — está a ser discutida, então, além da firmeza com que a U. N a reafirma, lembra as responsabilidades especialíssimas que as oposições, assim assumiram. A saber:

2.º «*A prova real do sufrágio*» — Não se podem levantar questões tão importantes e melindrosas sem uma finalidade concreta, decidida, honesta Em actividades eleitorais, só pode ser a de, perante as urnas, obter o veredicto do eleitorado acerca dessas questões.

O País não suporta que se brinque com os seus interesses, alguns sagrados.

Ora, ontem, na mesma conferência de Imprensa, mais que um dos próceres oposicionistas — e a três dias de terem apresentado as suas candidaturas... — dizia que ainda não tinham resolvido se iriam ou não às urnas!...

Como assim? Então para que servem as amplas liberdades — e até subsídio do Governo às candidaturas oposicionistas que atinjam 20 % dos votos entrados nas urnas — que asseguraram as alterações à Lei Eleitoral?

Brincar, não! A U. N. volta a convidar cortêsmente — mais, cordialmente — as oposições a que, também neste ponto, deixem a «moda antiga» — o «old style» — de que as eleições não são livres. Não é verdade, nem na lei nem nos factos

Vamos a isto das eleições *mas a sério*, todos — mas todos — com os olhos postos nos supremos interesses nacionais.»

UMA DECISÃO DO SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS

Com o pedido de publicação, recebemos do Sindicato Nacional dos Jornalistas, a seguinte notícia:

«Em prosseguimento da decisão tomada pela direcção do Sindicato em 24 do corrente, e divulgada pela Imprensa, este organismo informa que vai proceder, pelas vias legais, contra o sr. António João Fernandes que, em comunicado da Comissão Eleitoral Monárquica de Lisboa, publicada na Imprensa diária de 30 de Setembro de 1969, se intitulou jornalista, quando, na realidade, não preenche os requisitos necessários para se arrogar deste título, pois não consta dos registos deste Sindicato, que é a unica entidade que pode outorgar essa qualificação.

Entretanto, no mesmo comunicado surge o nome do sr. Vasco Emanuel Centeno Lourenço Barata, que se intitula «redactor», o que se presta a confusão de qualificação profissional como jornalista. Nesse sentido, o Sindicato Nacional dos Jornalistas também averiguará pelos meios legais qual o significado que o referido senhor pretende dar ao título de «redactor».

Manifesto da C.E.U.D. de Lisboa

(Continuação da 4.ª pág.)

prensa, nos termos, aliás, do art. 23 da Constituição (que nunca foi cumprido);

c) que seja modificado o sistema de eleição do presidente da Republica por forma a poder de novo ser eleito por sufrágio directo;

d) que a Assembleia se transforme no órgão legislativo por excelência (o que implica a revogação dos actuais artigos 92 e 109) para o que, necessáriamente, deverá sera alargado, para além dos escassos 90 dias actuais, o prazo das suas sessões ordinárias;

e) que seja assegurada a perfeita independência dos diferentes poderes do Estado — com destaque para a independência do poder judicial—e o «contrôle» jurisdicional da Administração;

f) que seja garantida a independência e a electividade total dos municípios (e das Juntas de Freguesia) por forma a poder retomar-se a velha tradição perdida com o Estado Novo do municipalismo, vera emanação da vontade livremente expressa dos munícipes;

g) que seja promulgada uma nova Lei Eleitoral capaz de assegurar realmente a genuidade do sufrágio nos vários níveis: eleição directa do Chefe do Estado, dos membros da Assembleia Nacional e das juntas de freguesia;

h) que seja promulgada uma ampla amnistia que abranja não só os crimes políticos como os pretensamente sociais e que permita, no mais curto prazo, o regresso ao País de todos os exilados e a reintegração dos professores e funcionários demitidos por motivos de descriminação política;

i) que sejam revogados os decretos (aliás anticonstitucionais) que instituem os tribunais de excepção (como os Plenários Criminais), as famigeradas medidas de segurança e que asseguram á PIDE e á Polícias Juriciária poderes exorbitantes na instrução dos processos;

j) que sejam revogados todos os decretos que estabelecem formas de discriminação ideológica e nomeadamente os que se baseiaim em simples informações policiais (da PIDE).

Se forem eleitos para a Assembleia Nacional, os signatários comprometem-se a ser intemeratos defensores da legalidade e a exercer, com toda a amplitude possível, os poderes de fiscalização do Governo que lhes competem. Intervirão nas questões candentes — como a da Universidade — reclamando para os estudantes o reconhecimento pleno dos seus direitos associativos.

Não esquecem os signatários que, se forem eleitos, o são pelo Círculo Eeitoral de Lisboa e que, portanto, se devem ocupar em especial dos problemas que á cidade e ao distrito se referem. Mandatários do Povo que os há-de eleger, declaram-se dispostos a receber todos os interessados que pretendam fazer chegar-lhes, por meios directos ou indirectos, sugestões, críticas, reivindicações ou aspirações legítimas. Durante a breve campanha receberão nos serviços de candidatura todos os dias os interesados e solicitam mesmo a todo o publico que lhes faça chegar, com a máxima urgência, os elementos de reclamação que considere úteis. Candidatos do Povo, não ambicionam ser outra coisa mais do que a *voz do Povo* na Assembleia Nacional.

No decurso da campanha, documentos serão preparados sobre pontos concretos, de acordo com os desejos e as aspirações populares e de interesse colectivo. Entre eles dar-se-á prioridade aos problemas mais instantes, tais como:

— Política do solo que defenda as terras de melhor aptidão agrícola e proporcione, por sua vez, á expansão urbana e industrial as áreas necessárias ao seu crescimento;

— Plano de habitação á escala de Distrito pondo um termo á especulação sobre o preço dos terrenos e tendo em atenção as necessidades da família quer em espaço quer em dignidade.

— Construção em regime de emergência das infra-estruturas urbanísticas indispensáveis á sanidade das populações do distrito tais como água, luz e esgotos. Solução social dos bairros de lata, da sublocação e de bairros oficiais provisórios (piores que os de lata);

— Rede de transportes públicos cujo traçado tenha em atenção especialmente o binómio habitação-local de trabalho;

— Criação dos espaços e ambientes necessários ao repouso, recreio, desporto, contacto com a Natureza e bem estar das populações;

— Defesa dos valores culturais, urbanos, rurais, paisagísticos e naturais do distrito em processo alarmante de destruição e degradação devido á especulação de particulares e entidades administrativas;

— Promoção social e cultural. Desenvolvimento de centros de educação e cultura;

— Segurança no trabalho, invalidez e velhice. Planificação das férias, do repouso e do recreio;

— Combate á poluição da atmosfera e «defesa da água» tendo em atenção primordial a população e o equilíbrio biológico e físico da paisagem.

10 Como decorrerá a campanha:

Os signatários quando resolveram aceitar que os seus nomes fossem apresentados no sufrágio dispuseram-se a participar num acto sério que possa ser, dignificante para o País que a todos pertence. Mas advertem o Governo — uma vez mais — que jamais serão comparsas de uma mascarada eleitoral.

Serenamente — apelando para o espírito cívico dos seus concidadãos — não desejam promover agitação pela agitação mas apenas e tão só esclarecimento. A campanha que promovem decorrerá na ordem — o que não exclui o entusiasmo vibrante das grandes emoções colectivas.

Não têm, nem pretendem, outra arma do que o **voto.**

É pois para a razão esclarecida dos seus concidadãos que apelam — e para nada mais. Apelam para o concurso de todos, sem distinção — dos trabalhadores, dos técnicos, dos intelectuais, dos jovens.

Cidadãos: A hora pertence-nos! Pela Democracia e pela Liberdade! Por um homem novo numa sociedade nova! VIVA PORTUGAL!

Os candidatos:
Duarte Justiniano da Rocha Vidal
Etelvina Lopes de Almeida
Francisco de Almeida Salgado Zenha
Francisco de Sousa Tavares
Gonçalo Pereira Ribeiro Teles
Jaime José Matos da Gama
José Carlos Sena Belo Mégre
Mário Alberto Nobre Lopes Soares.
Mário de Castro Pina Correia
Mário Jorge Bruxelas
Raul da Assunção Pimenta Rego
Rui de Moura Ribeiro Belo»
Lisboa, 29 de Setembro de 1969.

Manifesto da Acção Democrato-Social

(Continuação da 5.ª pág.)

apressada e preparada em obediência á táctica e aos interesses do Governo. Uma vez anunciado publicamente o propósito de intervir no acto eleitoral, os oposicionistas que o fizessem seriam colocados perante o dilema da abstenção tardia ou da derrota irremediável, apresentada esta pela propaganda oficial como prova da escassez numérica dos seus adversários. No campo destes, espalhar-se-iam o desanimo e o desgosto, multiplicando-se os motivos de ressentimento pessoal e as acusações de recíprocas responsabilidades. Ao ilusório dinamismo de uma agitação estéril e tida em suspeição pelo Poder, seguir-se-ia o pessimismo que as derrotas produzem. O Governo teria o melhor argumento — irrespondível junto de uma opinião apolitisada — para proclamar que os oposicionistas em Portugal são bandos incapazes de ascender á maioridade política.

Dissemos, em 12 de Março, que dar ao Regime a sanção nacional de que precisa numa encruzilhada do seu destino, para vencer as dificuldades que o assoberbam, era erro que nenhum pretexto ou falso cálculo justificava.

Procedemos, então como hoje, obedecendo aos imperativos da nossa condição de democratas que se recusam a colaborar nessa tentativa.

O erro da intervenção será pago, no presente, pelo descrédito da causa que não é de qualquer sector da oposição, mas de todos, e, mais tarde, pela condenação de gerações que atribuirão a todos culpas e responsabilidades que só a alguns pertencem. O espectáculo das divisões e da desconexa acção dos oposicionistas, ao qual o País assiste, desolado e perplexo, dispensa-nos de aduzir mais razões em abono do que escrevemos e mantemos.

Há seis meses escrevemos o que reiteramos agora nas vésperas do acto eleitoral:

«O País tem os olhos postos no comportamento da oposição e espera, da sua parte, os actos de dignidade cívica e lucidez política de que depende a sua honrada sobrevivência. Não lhe perdoaria que, deixando de cumprir o seu dever, por falta de coragem ou falsos cálculos, os oposicionistas se prestassem a coonestar, com uma participação prematura ou uma abstenção tardia, a realização de eleições que não serão diferentes das anteriores, a não ser que, entretanto, se modifiquem radicalmente, para o que é demasiado tarde, as condições em que vão fazer-se».

PROVEITO:

A participação é uma forma de colaborar com a situação

Dizíamos, também em 12 de Março, que os oposicionistas pediam apenas o que sempre pediram e nunca lhes foi concedido, escrevendo:

«Os oposicionistas pedem apenas que sejam finalmente estabelecidas as condições sem as quais não podem participar em eleições: o reconhecimento de forças políticas para que estas possam organizar-se e agir na legalidade; o restabelecimento das liberdades publicas, especialmente as de reunião, associação e expressão de pensamento; uma lei eleitoral que inscreva, sem sofismas, os princípios da fiscalização autêntica e da representação proporcional democrática. Sem serem satisfeitas estas condições, a experiência mostra que a participação da oposição em actos eleitorais, é uma forma de colaboração com a Situação, a qual redunda apenas em proveito desta. Daquilo que pode esperar-se do Governo se avalia pelas declarações dos seus membros, especialmente as do seu Chefe e as do ministro do Interior, as quais constituem um aviso que nenhum oposicionista deve ignorar.»

Nenhuma daquelas condições foi satisfeita e as apreensões que, há seis meses, era legítimo manifestar, confirmaram-se e agravaram-se. Não foi reconhecida a legalidade da existência de forças políticas, não foram restabelecidas as liberdades publicas, não foi alterada a legislação eleitoral em qualquer dos seus aspectos fundamentais. Quanto á liberdade de expressão do pensamento foi mantida, e inexorávelmente aplicada, a censura á Imprensa, e conservou-se o monopólio oficial dos restantes meios de informação, com a invocação de leis que no mundo civilizado só excepcionalmente se aplicam em situações de emergência e, entre nós, se tornaram regra corrente com que se priva o publico do direito á informação e ao conhecimento objectivo dos factos. Invocar, no período de propaganda eleitoral, a legislação de excepção que conserva o País em estado de sítio, não é só preparar um arremedo eleitoral em vez de eleições sérias; é confessar que estas são impossíveis no clima político e cívico que rodeou as anteriores e em nada se modificou.

Sendo o restabelecimento da democracia o pretexto invocado para a intervenção da oposição no acto eleitoral, essa palavra é indistintamente empregada por situacionistas e oposicionistas, confusão que condena a intervenção dos ultimos.

O Chefe do Governo, na sua alocução de 11 do corrente, exteriorizou a sua confiança na vitória proferindo esta afirmação:

«Está convencionado que a genuína linguagem democrática é a dos votos. Resta, pois, tirar agora a prova real do sufrágio».

Como podem, depois de proferidas tais palavras, subsistir duvidas de que o Governo se submete á «prova real» do sufrágio, confiante num recenseamento feito pelos seus agentes, com a certeza antecipada da vitória e aceitando mesmo a linguagem democrática?

Não somos velhos do Restelo que lançamos, na confusão que domina o panorama da política portuguesa, um brado de descrença. Mas recusamo-nos a negar a evidência dos factos e das realidades, para dar curso a utopias, falsas suposições e errados cálculos. Da nossa sinceridade ninguém duvidará. Da razão que nos assiste falarão os resultados das eleições que se aproximam.

CONFIRMAÇÃO:

As eleições deste ano serão como as anteriores

Um mês e meio antes do acto eleitoral, o Governo introduziu na legislação vigente as modificações constantes do Decreto n.º 49 229 de 10 do corrente, modificações que, em número de quatro, confirmam que as eleições serão, este ano, como nos anteriores, uma prova sem autenticidade. Dizem elas respeito á constituição e funcionamento das comissões eleitorais para apoiar as candidaturas oposicionistas; ao pagamento das despesas feitas pelos candidatos com a confecção das listas, desde que obtenham um mínimo de 20 por cento dos sufrágios expressos nos diversos círculos; ao acesso dos candidatos e seus mandatários aos cadernos eleitorais; e, finalmente, á fiscalização do acto eleitoral pelos mesmos candidatos e mandatários.

Sobre o «acesso» aos cadernos eleitorais, diz o decreto n.º 49 229:

«Publicadas as listas dos candidatos, o governador civil facultará a consulta das cópias do recenseamento eleitoral aos mandatários (dos candidatos) que delas poderão extrair todos os elementos que julguem convenientes) (§ 3.º do art.º 16).

Consultar os recenseamentos e extrair deles elementos para que fins? Terminaram, há muito, os prazos de reclamação contra anomalias e irregularidades do recenseamento, e se algumas fossem, agora, averiguadas, a censura á Imprensa vigiaria para que delas nada chegasse ao conhecimento do público. Para quê o «acesso» aos cadernos do recenseamento, quando não é possível reclamar contra aquilo que neles porventura haja de irregular ou abusivo? Confundir com a fiscalização do recenseamento a verificação das suas irregularidades depois de ultrapassados os prazos de reclamação e apenas a um mês e meio do acto eleitoral, é concessão ilusória.

Repugna-nos acreditar que haja pessoas de recta intenção que se associem a essa prestidigitação eleitoral.

ESPERANÇA:

Tratamento sem deferências mas com respeito

O pagamento das despesas com as listas dos candidatos, da situação e da oposição, é uma irrisão que só aproveita aos primeiros. Com essa disposição o Governo está autorizado a dizer que excedeu o que seria lícito esperar da sua magnanimidade. Os oposicionistas, reduzidos á menoridade cívica durante 40 anos em que pediram a realização de eleições sérias, terão, finalmente, eleições pagas... Os oposicionistas ao regime tinham o direito de esperar que os tratassem sem deferências, é certo, mas com o respeito que julgam merecer.

Sobre a existência e funcionamento das comissões eleitorais para apoio ás candidaturas de oposição, preceitua o decreto n.º 49 229:

«As comissões que se afastem do objectivo da propaganda das candidaturas serão extintas por despacho do Governador Civil» (Art.º 25.º § 2.º). No § 4.º do mesmo artigo se diz: «A campanha eleitoral terá início logo que estejam aceites as candidaturas e será conduzida pelos candidatos dentro do respectivo círculo».

Se as comissões eleitorais, que se constituirão apenas de quatro em quatro anos, forem além «da justificação da escolha dos candidatos», serão dissolvidas, sem apelo, pela autoridade administrativa. Se os candidatos quiserem debater problemas nacionais, á margem do âmbito dos círculos por que são propostos, serão impedidos de o fazer. Dizer, perante tão eloquentes provas, que em Portugal vai haver eleições, é gracejar com coisas sérias...

Por fiscalização eleitoral se entende a dos trâmites do processo que começa com a inscrição nos cadernos e acaba com a contagem dos votos. Em 28 de Junho já o titular da pasta do Interior, terminados os prazos de recurso, dizia:

«Quanto á fiscalização, é intenção do Governo assegurar aos candidatos a justa fiscalização das operações eleitorais, fiscalização que, de resto, a lei eleitoral (Decreto n.º 37 570 de 3 de Outubro de 1949) assegura a todos os eleitores, **dando as instruções convenientes e promulgando as disposições que se julgarem indispensáveis para satisfação destes seus propósitos, reiteradamente afirmados».**

Se a lei assegurava já a fiscalização do acto eleitoral, para que foi preciso promulgar novas disposições legislativas com o objectivo de a tornar efectiva? Na realidade, dizer ou sugerir que a lei eleitoral inscreve, sob qualquer forma, o princípio genuíno da fiscalização é ver no povo português uma legião de ignorante, e prolongar o estatuto de menoridade em que vive.

CONVICÇÃO:

Nada temos a modificar

Ao denunciar a total inanidade do decreto n.º 49 229 com que a um mês e meio do acto eleitoral, o Governo quis criar mais uma ilusão insubsistente, disse o conhecido democrata dr. José Magalhães Godinho:

«As alterações, agora introduzidas na lei eleitoral, são insuficientíssimas para garantir uma fiscalização capaz do acto eleitoral e para colocar os candidatos de todas as listas em pé de igualdade. Por isso, quanto a mim, deveria a oposição desinteressar-se das próximas eleições, por falta de garantias de genuinidade e abster-se de apresentar candidatos. Dentro da minha posição de sempre, não aceito ser candidato ao abrigo de uma lei que me considera como um mero tolerado, e não me reconhece o direito a disputar uma eleição em pé de igualdade com os candidatos da União Nacional.

Só uma lei que regulamente, pormenorizada e capazmente, todas estas matérias e que consigne, quanto á fiscalização e á igualdade dos candidatos, os direitos pelos quais me venho batendo publicamente há 20 anos, poderá possibilitar que se afirme que será límpido e cristalino tudo quanto ocorra durante os actos pré-eleitorais e eleitorais. Enquanto essa lei não for promulgada, tudo decorrerá, necessàriamente, num ambiente de suspeição e por isso continuo a entender (...), que, «a não se modificar radicalmente a legislação eleitoral vigente, não haverá eleições livres e honestas e, então, é preferível que haja a coragem de acabar, de vez, com elas».

Antes de, assim, falar o dr. Magalhães Godinho, já a Acção Democrato-Social, por intermédio de um dos signatários do presente documento e daquele que tem a data de 12 de Março, publicamente reafirmou os fundamentos do nosso pensamento e atitude, pautada pela inabalável convicção de que nada temos a modificar nos propósitos que sempre proclamámos.

Dois aspectos fundamentais referiremos sobre a significação e consequências que para os oposicionistas resultarão da sua intervenção no acto eleitoral.

Refere-se o primeiro á maneira como o Governo interpreta essa intervenção e se propõe tratar os que nela tomem parte.

Disse, a esse respeito, o ministro do Interior, em 27 de Junho:

«Se as oposições se contêm nos estritos limites dos círculos e se formam para pôr ao eleitorado uma simples opção de candidatura, o Governo não tem mais do que presidir, na plenitude da sua independência, ao acto eleitoral. Se, pelo contrário, a estratégia escolhida pela oposição conduzir á concentração de uma força unificada para a confrontação global das estruturas constitucionais ou da política do Governo, **é evidente que o acto eleitoral será substancialmente transfigurado, sofisticado, revestindo o carácter plebiscitário do regime ou do executivo, e desencadeando, necessàriamente, a reacção indispensável para a defesa da Constituição ou para a contestação governamental das teses que afrontem a sua política.»**

CONDIÇÃO:

Acatar a ordem social e a Constituição de 1933

Este propósito foi recentemente confirmado pelo Chefe do Governo, em entrevista concedida a uma revista brasileira, na qual disse:

«O ingresso na Assembleia Nacional de deputados da oposição terá o significado de pertencerem a um grupo ou partido que, por princípio, iria atacar o Governo. Nesse germe de ressurreição partidária ainda se poderia aceitar pensarem na hipótese de esses deputados aceitarem, quanto ao fundo, a Constituição e o regime. **Mas temo que, nos meios oposicionistas, se tenha outro pensamento, o de introduzir na Assembleia um grupo de contestação ao regime, destinado a agitar o ambiente político e a criar um clima de subversão.»**

Ao falar assim, o Chefe do Governo omitiu que, para validação das candidaturas, se exige, que os candidatos afirmem o seu acatamento da Constituição de 1933. Os candidatos oposicionistas que porventura fossem eleitos iriam à Assembleia Nacional, não para desempenhar o mandato que o eleitorado lhes confiaria, mas para ratificar o seu acatamento do estatuto fundamental do regime que combatem.

O segundo dos aspectos fundamentais que referimos, assume tal transcendência que nos permitimos chamar especialmente para ele a atenção dos oposicionistas. Foi posto em relevo pelo Chefe do Governo no seu discurso de 11 do corrente, no qual disse:

«Reveste-se da maior gravidade o acto pelo qual os cidadãos inscritos no recenseamento eleitoral vão escolher os seus representantes. E maior importância tem ainda essa escolha porque da vitória de uma, ou outra das listas que serão apresentadas ao eleitorado, resultará para o Mundo a manifestação da vontade do povo português.

ABSTENÇÃO:

Única forma de cumprir deveres cívicos

A vitória dos candidatos governamentais, da qual ninguém duvida pelos motivos que deixámos expostos, será, apesar de obtida em tais condições, a consagração do regime e a maior contribuição para a sua consolidação, interna e internacional. Por isso, o Governo e o seu Chefe, responsáveis por elas depois da crise de Setembro do ano passado, desejam que os oposicionistas vão ás urnas. Não compreendem estes, que tal facto a todos impõe cautela e escrúpulo na decisão final a tomar?

Desejamos que estas con-

(Continua na seguinte)

O PRIMEIRO COMÍCIO EFECTUADO NO PORTO

(Continuação da 1.ª pág.)

Monteiro, Ilídio Carracena, dr. Joaquim de Sousa e Castro e, ainda, os candidatos oradores da C. D. E. Noutros lugares sentaram-se os membros das várias comissões de freguesia e dos arredores. Numa mesa, á esquerda, tomaram lugar os representantes da Imprensa

Em nome da comissão concelhia usou da palavra o sr. dr. Joaquim de Sousa e Castro que teceu algumas considerações á guisa de antelóquio concluindo com o apelo: «Só unidos, mas só unidos ao Povo, poderemos vencer esta luta».

Foi, então, dada a palavra ao primeiro orador sr. dr. Armando Bacelar que começou por saudar os democratas presentes, manifestando a sua satisfação por estar presente na primeira sessão de propaganda eleitoral da C. D. E. realizada em Gaia para se referir, depois, a todos estes anos de luta.

Aludiu, em seguida alguns passos e afirmações dos recentes discursos do prof. Marcello Caetano que estão em contradição com as palavras proferidas, posteriormente, pelo ministro do Interior

Mais adiante, o dr. Armando Bacelar disse: «Esperemos que nos deixem expor as nossas ideias, os nossos problemas, os nossos anseios, pois só assim o País poderá beneficiar do esforço de todos os portugueses». E sobre o Ultramar: «nós não pretendemos o abandono do Ultramar, mas sim o Governo com a sua política. Essa é que conduz ao abandono».

Quase a concluir, disse: «Vamos disputar as eleições vamos mesmo discutir o sufrágio. O sentimento de frustração do povo português leva-nos a isso, mas desta vez não nos retiramos nas vésperas das eleições; não lhes fazemos esse favor...

Mas não tenhamos ilusões. A censura continua, estamos perante tudo isto...».

Mensagem das mulheres da C. D. E.

Para ler uma mensagem das mulheres da C. D. E. falou a sr.ª D. Branca de Sousa e Castro: «É doloroso verificar o que uma vez mais vai processar-se uma campanha eleitoral dentro dos moldes de outras já ocorridas, em que a fraude substitui a Democracia, em que a verdade é escamoteada pela propaganda de um Governo que, ao longo de 40 anos, apenas tem sabido manter-se através do terror policial, da censura total á Imprensa e da mais flagrante demagogia».

Falou, depois, o candidato sr. Joaquim Felgueiras que se referiu a problemas dos trabalhadores rurais, concluindo:

«Queremos que todas as vantagens a obter sejam obra nossa e não admitiremos mais que uma minoria privilegiada seja dona dos nossos destinos.

As forças democráticas conquistarão o poder»

O candidato Zeferino Coelho, estudante, abordou problemas relacionados com o ensino, tendo afirmado:

«Portugal é o país da Europa com menor número de anos de escolaridade obrigatória. Para a maior parte dos portugueses basta saber ler escrever e contar» (...) «O elevado preço das propinas e a falta de estabelecimentos de ensino liceal e técnico racionalmente espalhados pelo País, são a primeira barreira que divide os portugueses. Nove décimos da população activa ficaram para trás e outros tantos com uma profissão ou são analfabetos ou não têm mais do que a instrução primária».

O discurso da eng.ª Virgínia de Moura

Recebida com calorosa salva de palmas, falou depois, a candidata eng.ª Virgínia de Moura que começou por analisar criticamente a actualidade portuguesa («conjuntura de extrema gravidade que pode ser decisiva na vida e no futuro do País») tendo abordado aspectos de vários problemas entre os quais o aumento diário do custo de vida, a escassez dos salários ou remunerações, o problema da mão-de-obra, a agricultura, etc. Referindo-se, depois, ao problema do Ultramar.

Usou ainda da palavra o candidato sr. Francisco Hortas e, antes de encerrada a sessão, o sr Herculano de Carvalho leu algumas mensagens recebidas e o texto de um telegrama enviado ao sr. Presidente do Conselho a pedir «providências revogação medidas arbitrárias censura Imprensa decurso campanha eleitoral».

No final, todos os presentes entoaram, de pé, o Hino Nacional

D. Branca de Sousa e Castro no uso da palav

ACTUALIDADE ELEITORAL

● **SESSÃO DOS DEMOCRATAS DE AVEIRO** — Está marcada para depois de amanhã, ás 21 horas, no Teatro Aveirense, a primeira sessão de propaganda eleitoral da Oposição Democrática do distrito de Aveiro.

● **FALTA DE SALAS EM AVEIRO** — Alguns membros do secretariado da candidatura da Oposição do distrito de Aveiro avistaram-se com um dos gerentes das Fábricas Alba, proprietário das unicas casas de espectáculos existentes em Albergaria-a-Velha e Sever do Vouga, com vista á cedência destes recintos para a efectivação de sessões de propaganda eleitoral oposicionisa. A diligência resultou, todavia, infrutífera em virtude de a gerência já ter respondido negativamente a idêntica pretensão dos candidatos da União Nacional do distrito, pelo que se via forçada a tomar igual atitude para com os candidatos democráticos

● **FERNANDES TOMÁS** Na Figueira da Foz, a data do Cinco de Outubro será comemorada numa sessão de homenagem á memória do patriarca da Revolução de 1820, o figueirense Manuel Fernandes Tomás.

● **NO TÚMULO DOS REPUBLICANOS** — Os candidatos oposicionistas e grupos de democratas de Bragança preparam a comemoração do 59.º aniversário da Revolução do Cinco de Outubro. Os democratas da região de Miranda ao Douro, Vimioso e Mogadouro pensam reunir-se num banquete, em Sendim de Miranda. Em Mirandela, organiza-se uma romagem de saudade ao cemitério, junto dos túmulos dos republicanos mirandelenses. Em Bragança, além duma romagem semelhante, está projectada uma sessão publica e evocativa

Por outro lado, os candidatos democratas pelo distrito de Bragança solicitam o apoio e a colaboração, nas mais diversas formas, aos democratas bragançanos residentes no Porto, em Lisboa e em Coimbra. No Porto, de modo especial, os democratas oriundos do extremo nordeste, que desejem trabalhar com o candidato dr. Nuno Teixeira Neves, podem procurá-lo na sua residência, á Rua Duque de Palmela, 77, 2.º Dto., no Porto, telefone 56369, onde se encontra todas as manhãs e ás horas das refeições, todos os dias, menos aos sábados e aos domingos.

SESSÕES DE PROPAGANDA DA OPOSIÇÃO EM ALMADA

Efectua-se depois de amanhã em Almada uma sessão de propaganda da Oposição Democrática.

A sessão efectuar-se-á na Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense (Rua Capitão Leitão), pelas 20 e 30 prefixas.

Reunião concelhia da C.D.E. de Setúbal

SETUBAL, 1 — A C. D. E. do distrito de Setubal efectua hoje na sua sede (Rua Paulino de Oliveira, 36-1.º) uma reunião ao nível concelhio, a fim de reforçar a sua estrutura; no próximo dia 4, volta a realizar uma nova reunião, esta á escala distrital

● ADESÕES A C. E. MONÁRQUICA — Em comunicado emanado da C. E. M. de Lisboa, dá-se conta da adesão dos srs. arquitecto Mário Emílio de Azevedo, Manuel Costa, de Joaquim L. do Espírito Santo de Vasconcelos, José Mário Soares Dengucho e Fernando Ferreira Pinto, da Liga Popular Monárquica (Zona Norte). Os referidos monárquicos reafirmam a sua adesão aos princípios do Movimento: independência política e integração ultramarina.

Candidatos da Oposição por Tomar

Continua prevista para o dia 6 de Outubro a apresentação ao eleitorado dos candidatos oposicionistas de Tomar, numa sessão publica que se realizará no Cine-Teatro de Tomar com início ás 21 horas. Estão também em preparação e estudo, sessões de propaganda nas sedes de freguesia e nas localidades mais importantes. Além disso a C. D. E. de Tomar prepara activamente uma campanha de fundos para o que estão a ser executadas vinhetas. Os donativos podem entretanto, ser enviados para a tesouraria, a funcionar na Rua Pedro Dias, 81, em Tomar

Manifesto da Acção Democrato-Social

(Cont. da anterior)

siderações chegam ao conhecimento daqueles a quem se dirige (após seis meses de voluntário silêncio, durante os quais os acontecimentos confirmaram o acerto da nossa declaração de 12 de Março, em que aconselhámos a abstenção por entendermos que a alternativa desta seria uma forma de colaboração com o Governo) independentemente da sinceridade e das intenções dos que pensam de maneira diferente e agem em conformidade do seu pensamento

Vai este documento subscrito por um numero reduzido de representantes dos distritos aos quais se estende a nossa acção, dada a ausência de alguns e a dificuldade de contactar com outros.

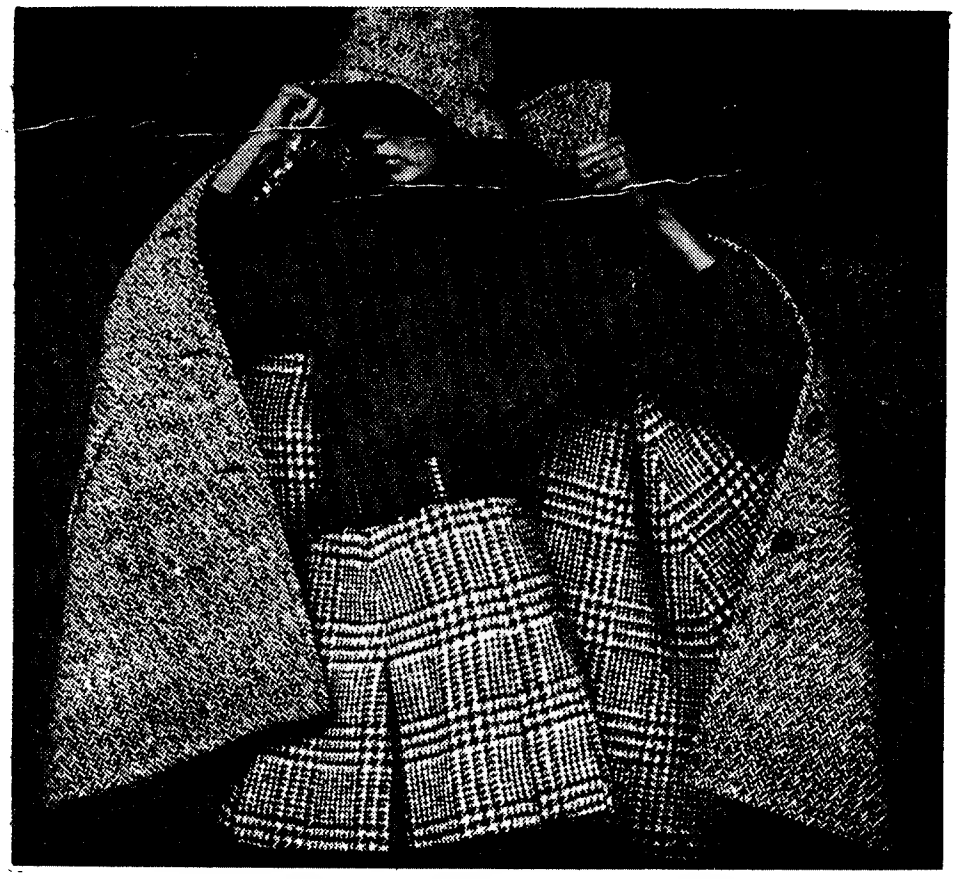
Estamos convencidos de que a grande maioria dos oposicionistas se pudessem manifestar-se livremente o faria proclamando o seu desejo de uma abstenção digna e coerente. É o pensamento desses republicanos e democratas, que procuramos traduzir neste documento. Desejamos manifestar a todos a expressão do nosso apreço, sobretudo áqueles que, com uma atitude corajosa e firme, se conservaram inalteràvelmente fiéis á nossa decisão de recomendarmos a abstenção do próximo acto eleitoral, por ser a única forma de cumprirem os seus deveres cívicos e corresponderem ás responsabilidades políticas da oposição.

Lisboa, 27 de Setembro de 1969.

— *Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal — Antigo Chefe do Governo, Ministro das Finanças e Reitor da Universidade de Coimbra — Lisboa;*
— *Luís Dias Amado — Médico — Lisboa;*
— *Acácio Gouveia — Advogado — Lisboa;*
— *Nuno Rodrigues dos Santos — Advogado — Lisboa;*
— *Carlos Pereira — Médico — Lisboa;*
— *Jorge da Costa Pereira — Lisboa;*
— *Agostinho Sá Vieira — Advogado — Lisboa;*
— *Artur da Cunha Leal — Advogado — Lisboa;*
— *Carlos Sá Cardoso — Engenheiro — Lisboa;*
— *Prof. Alberto Saavedra Prof. Univ. Aposentado — Porto;*
— *Amílcar Castilho — Advogado — Porto;*
— *Manuel de Sousa Dias — Advogado e antigo Deputado — Porto;*
— *Artur Castilho — Engenheiro — Porto;*
— *José de Magalhães Chaves — Proprietário — Porto;*
Prof. Univ. Aposentado — Coimbra;
— *Fernando Lopes — Advogado — Coimbra;*
— *Raul Madeira — Médico — Coimbra;*
— *Luís Baeta de Campos — Professor — Coimbra;*
— *João Santiago Matoso — Proprietário — Coimbra;*
— *Francisco Alves Correia — Proprietário — Coimbra;*
— *Mário Roldão — Advogado — Coimbra;*
— *Joaquim Carmelo Lobo — Advogado — Évora;*
— *Armando Guerreiro da Cunha — Advogado — Évora;*
— *Filipe dos Santos — Comerciante — Évora;*
— *Filipe Benjamin dos Santos — Industrial — Évora;*
— *Joaquim Inácio Calhau — Lavrador — Évora;*
— *Francisco Ribas de Sousa — Advogado — Viseu;*
— *Manuel Cardoso Pessoa — Médico — Viseu;*
— *Ernesto de Oliveira — Advogado — Portalegre;*
— *Luciano Aresta Branco — Médico — Beja;*
— *Manuel Anselmo da Palma — Proprietário — Beja;*
— *Francisco Vaz Ramos — Proprietário — Beja;*
— *Augusto Guimarães Amora — Médico — Santarém;*
— *Zacarias Guerreiro — Proprietário — Faro;*
— *João Passos Valente — Advogado — Faro;*
— *Sebastião Ramalho Ortigão — Proprietário — Faro.*

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 1 DE OUTUBRO DE 1969



TWEED ESPINHADO E ESCOCÊS DOUBLE-FACE, VESTE CONJUNTO DE SAIA, CAPA E CHAPÉU, MODELO MISS DIOR. BLUSA DE JERSEY CASTANHO.

Conversa com uma estudante

Por Maria de Lurdes Féria

A jovem universitária tem vindo a despertar — lentamente — para os problemas mais importantes que afectam a sociedade portuguesa.

Quando se integra na vida associativa, e em contacto com colegas-rapazes possuidores duma formação política sólida, a jovem toma consciência do seu papel de companheira e entra na liça académica.

O afastamento entre os dois sexos é um sistema de relações hipócritas, gerado por uma educação errada, cavaram um fosso impeditivo á sã camaradagem entre a juvenude.

É aí que a população universitária consciente tenta esclarecer para eliminar distâncias e ajudar a formação duma mentalidade onde o homem e a mulher — ao mesmo nível — construam uma sociedade livre, autêntica e capaz de responder aos anseios do homem pleno.

● A base deve ser o amor

Maria Fernanda Bernarda. Estudante do 4.º ano de Direito da Universidade de Coimbra. Expõe claramente os seus pontos de vista sobre a emancipação da mulher.

— Entendo por emancipação a mudança das estruturas socio-económicas que permitam á mulher alcançar o lugar que lhe é devido. Liberdade sexual? Penso que este conceito tem sido deturpado por vários sectores da burguesia decadente... até mesmo de «esquerda» que não deixaram de ser burgueses. Numa nova sociedade modificam-se as relações humanas e serão criadas outras em que a base será o amor. Portanto, parece-me que o conceito «liberdade sexual» reivindicado por certa burguesia progressista libertina não passa dum «slogan» produzido por uma sociedade podre.

—A nossa educação sexual está errada...

— Sim, desde os bancos da escola. Precisamos de destruir os tabus sem para isso ter que fazer o jogo da burguesia.

Num sistema político autêntico as relações humanas terão outro conteudo porque a liberdade e a emancipação são dois direitos muito sé-

(Continua na 3.ª página)

DA MULHER E DA CRIANÇA

HOJE:

A mulher e o livro

Moda: Os acessórios

Vimos para si

Entre nós...

História no ar

Marquei o primeiro número — ou seria o segundo, não sei —, e ouvi logo dizer: «O que ele é, é um ambicioso.» A informação depreciativa colocava a referida pessoa — ele —, no seu lugar de ambicioso no mau sentido, no péssimo sentido talvez, de ambicioso muitíssimo modesto, sem categoria para ser considerado pelas gentes «um tipo fórmidável», «um triunfador», em suma. E digo «tipo» porque elas disseram «tipo» e até «tipinho».

Estive quase a desligar o telefone porque não está nos meus hábitos ouvir conversas alheias, mas, envergonhada o confesso, não desliguei. A urgência de escrever o quer que fosse nesta 4.ª-feira, segredou-me diabólicamente ao ouvido esquerdo (o direito estava ocupado) que a chamada podia esperar e a conversa delas talvez me desse alguma ideia. Eis-me pois praticando a má acção de ouvir o que não devia. Eis-me pois confessando em público o meu pecado.

A rapariga — as vozes eram jovens — a rapariga

(Continua na página seguinte)

CONJUNTO 7/8 + CALÇAS DE SHETLAND ANTRACITE DE PURA LÃ PENTEADA DE LÉONARD. O CASACO LARGO FECHA POR UM ABOTOADO DUPLO SOBRE UMA GOLA DE TAILLEUR. CINTURA MARCADA POR UM CINTO DE CABEDAL PRETO. PREGA CRUZADA E NÃO VINCADA NAS COSTAS. ALGIBEIRA ENORME COLOCADA DO LADO DIREITO, CALÇAS COM BAINHA VOLTADA E ABOTOADA. POR BAIXO, TÚNICA, SEM MANGAS, DE GOLA ALTA E BAINHA COM FRANJA, DE SHETLAND ESCOCÊS DE PURA LÃ, PENTEADA DE LÉONARD NOS TONS VEDE-MUSGO. BONÉ COM VISEIRA. MODELO DE TED LAPIDUS.

BILHETE DO BRASIL

Susana Dias Beck

A gente fica pensando, pensando... Diante dos olhos a folha em branco destinada a um «Bilhete do Brasil», pedindo com urgência uma mensagem que conte coisas de cá para os amigos de lá. Eis que surge uma ideia. O nosso idioma comum, com pequenas e insignificantes diferenças, pode ser compreendido com clareza em qualquer recanto do Brasil, Portugal e também em alguns da África. Entretanto, se um jovem português comparecesse a uma reunião de jovens brasileiros, será que conseguiria entender tudo o que ali se dissesse? Façamos um teste:

— Aquele cara bacana é genial mas levou uma bomba na escola e teve que embromar a turma de casa prá não sair quebra-pau. Quem embananou tudo foi um irmão goiaba que é mesmo lelé da cuca e que depois de um papo furado conseguiu o maior rolo da paróquia. E o cara depois de tanto frigir os miolos acabou na fossa.

Se vocês não entenderam, não se aborreçam, pois mesmo eu que convivo diàriamente com essa meninada, de vez em quando fico completamente perdida. E o pior é que todos os dias novos termos entram nessa gíria pitoresca.

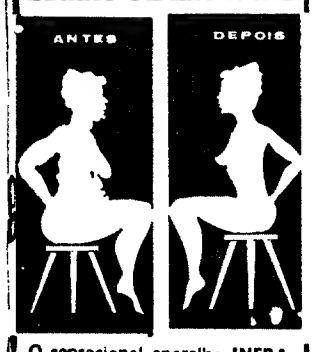
Portanto, pedi à minha filha que me ajudasse para compilar uma pequena lista de palavras usuais. É a gíria que comparece neste «Bilhete», a gíria de aquém-Atlântico.

BATER UMA CAIXA — conversar; BACANA — não deu certo; EMBANANAR — confundir; EMBROMAR — o mesmo que embananar; ESTAR NA FOSSA — estar deprimido; FRIGIR OS MIOLOS — pensar muito; GENIAL — espectacular; GOIABA — Tolo, pateta; LELÉ DA CUCA — louco, apalermado; MELECA — coisa mal feita; MELAR — estragar; MÁQUINA — motocicleta, carro ou mulher bonita; 'STÁ LEGAL — está certo; QUEBRA-PAU — briga; ROLO — Confusão; TOMAR BOMBA — ser reprovado na escola; TORRAR — aborrecer; PAPO — conversa; PAPO FIRME — conversa bacana; PAPO FURADO — conversa sem fundamento; BATER PAPO — conversar.

E por hoje é só, pois para citar todas as palavras que não constam no dicionário mas que comparecem regularmente a um «bate papo» da meninada, seria preciso um volume e eu acabaria «lelé da cuca», numa «fossa» desgraçada sem conseguir levar avante a tarefa.

PARA AS SUAS ALCATIFAS
Shampoo
BEX-BISSELL
torna novas as suas velhas alcatifas e tapetes
● O BEX-BISSELL LIMPA, TIRA AS NÓDOAS E RENOVA A COR.
● UTILIZE APENAS OS APLICADORES E VASSOURAS MECÂNICAS BEX-BISSELL.
CONSULTE A:
INTERPARES • LOAL
AV. A. A. AGUIAR, 124-A
TEL. 539347 - 533056
e peça um manual BEX-BISSELL para o tratamento de alcatifas e remoção de nódoas, que lhe será enviado grátis.

Regressou de Férias?
Tem qualquer problema de Beleza?
CONSULTE A
PERFUMARIA ESPECIALIZADA
Tires Tavares
RUA 1.º DE DEZEMBRO, 120-A — TELEFONE 36 81 67

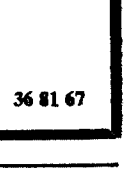
CURA DE EMAGRECIMENTO POR MASSAGENS TERMO-VIBRATÓRIAS


O sensacional aparelho INFRA-VIBRA. O mais completo e aperfeiçoado do género com 3 velocidades e aquecimento facultativo e independente
Além do rápido emagrecimento, alivia as dores musculares, reumáticas, lumbago, espondilose, ciáticas, sinusite, etc. É também um extraordinário activador da circulação sanguínea
GARANTIA DE 2 ANOS
REDUZIDO CONSUMO

INFRA-VIBRA
Consulte os importadores
OXVITAL, LDA.
R. Dr. Júlio Dantas, 10 c/v esq.
Tel. 56 14 00 ——— LISBOA

NÃO SOFRA MAIS

Milhares de êxitos se devem ao ACREDITADO «HERPETOL», especialidade líquida valiosa para as DOENÇAS DE PELE.
Provoca um imediato bem-estar. Inúmeros atestados comprovam a eficácia do precioso HERPETOL para todas as doenças da pele: ECZEMAS (humido e seco), crostas, chagas, erupções mordeduras de insectos, etc. Cuidado com as imitações! Até ao presente não há especialidade superior ao HERPETOL.

CAROCHINHA
Modas
juvenis até
20 anos

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef 72 67 31

ABAT - JOURS
«JOMAR»
CANDEEIROS
ATELIER
Rua Antero de Quental, 32-1.º — Telefs.: 42290 e 536665 — LISBOA-1

Nas CALDAS DA RAINHA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Estabelecimento de Pedro Franco.

A MULHER E O LIVRO

pela Dr.ª Elina Guimarães

ÚLTIMAMENTE tem-se falado muito do notório desinteresse da mulher portuguesa pelos livros. Isto já é bom sintoma, pois reconhecer o mal é o primeiro passo para o curar.

Não me recorda de ter visto mencionado a este respeito certo factor hoje muito atenuado mas cujas consequências talvez ainda existam.

Refiro-me à obra de desnacionalização involuntária, mas profunda e sistemática, efectuada sobre aquela camada da população feminina que, dispondo de dinheiro, lazeres e posição social, poderia ter acção benéfica sobre a cultura portuguesa.

Desde o último quartel do século XIX, quando os caminhos-de-ferro facilitaram as comunicações, até à primeira grande guerra, pràticamente todas as meninas pertencentes a famílias de posses eram educadas por perceptoras estrangeiras ou em colégios onde o ensino das línguas vivas era todo o «curriculum», com o piano e as «artes aplicadas».

A «mestra estrangeira» é personagem obrigatória dos romances da época Eça de Queirós foca uma — bem estranha — nos «Maias» e Sousa Pinto dedicou-lhes um livro: «O jardim das Mestras».

O principal requisito para esse cargo era «ser de boas famílias»...

A bagagem intelectual, secundária... Por vezes tratava-se de pessoas competentes. Nas suas interessantes memórias, Madalena de Martel Patrício recorda a austríaca culta que despertou nela o gosto da arte.

Mas nem sempre assim sucedia, tanto nas casas particulares como nos colégios. O ensaísta Agostinho de Campos que abordou este problema, insistia sobre a necessidade de procurar alguém que não se limitasse a ensinar a sua língua, mas «alguma coisa na sua língua...»

Porém, mesmo nos casos mais favoráveis o que elas não ensinavam era cultura portuguesa. E, em geral, ninguém supria a lacuna.

Para quem deseje conhecer a vida da «senhora» portuguesa na chamada «belle époque», nada posso aconselhar de mais revelador do que os livros de Luzia. Sobre um aspecto leve, divertido, aparece uma frivolidade, uma estreiteza de vistas, que vai até à inconsciência... Essa escritora e letrada nata, não cita nunca, que me recorde, um autor português... Apenas clássicos franceses.

Dirigidas pelas suas mestras, as leituras das meninas eram feitas exclusivamente em línguas estrangeiras. Esse hábito ficava para toda a vida. Conheço cinco contemporâneas minhas, todas altamente instruídas, que confessam nunca ler livros portugueses... Não lhes dá jeito.

Lembro-me de que, na minha mocidade, uma rapariga minha conhecida, pertencente a família de posição recusou um namoro que lhe interessava e que seria bem aceite pelas famílias, porque o rapaz ia estudar fora e ela não era capaz de escrever correctamente em português. No colégio só se usava a língua inglesa... E não queria fazer má figura.

Não era só no plano intelectual que as mestras se revelavam funestas. O escritor francês Marcel Prevost, hoje muito esquecido mas que teve grande voga, escreveu, por imperativo de consciência ao que ele assegurou, um romance feito de casos vivos, «Les angesgardiens», que mostrava os dramas causados por mestras indignas. Dizem que esta obra teve influência no quase desaparecimento desta profissão.

Voltando aos nossos assuntos caseiros: As senhoras, habituadas de criança aos livros estrangeiros, continuavam a recorrer a eles ùnicamente, transmitindo tal usança aos filhos e agora já aos netos. Às filhas principalmente.

Não é que os livros portugueses fossem abertamente menosprezados. Eram simples e puramente ignorados. Como o exemplo vale mais do que o preceito, nas famílias nunca se adquiria o hábito de ler português. Para mais, as revistas estrangeiras, únicas também por elas lidas, só chamavam a atenção para obras literárias de fora do país. Sei duma senhora que comprou em francês um livro de Fernando Namora, julgando que era autor argentino, e outra que descobriu Eça na tradução inglesa!...

Esta situação só se modificava por qualquer influência exterior, mais frequente em relação ao homem do que à mulher.

Mas como a instrução feminina é hoje encarada de forma diferente, é de esperar que a desnacionalização literária se vá atenuando. Ajudemos nós, lendo e fazendo ler os nossos escritores. Porque não oferecer as obras deles na época dos presentes?

Não quer isto dizer, infelizmente, que seja este o único motivo que afasta a mulher do livro. Há, sem dúvida, mais razões...

Mas isso, como dizia Kipling, é outra história...

História no ar

(Continuação da pág. anterior)

pois que acusava o tal, ele, o tipo, de ambicioso, tinha uma voz lisa, como que tubular, sem amolgaduras. A da outra, da que respondeu sempre-pensei-isso-minha-filha, surgiu mansa e macia, mas pareceu-me igualmente perigosa. A primeira era, devia ser, de uma rapariga magra e de gestos resolutos, a outra de uma doce gorduchinha venenosa.

«Ah, sempre pensaste?» E houve na pergunta o quer que fosse de frustração.

A doce, porém, foi implacável: «Sempre».

«Vê lá tu!» Estava nìtidamente desconsolada, ultrapassada pelos acontecimentos. «Também nunca me disseste nada disso. Até estava convencida de que o achavas bom rapaz!»

«Eu? Aquele tipo». Sorriu a vózinha de mel e curare. «Bom rapaz aquilo!» Voltou a sorrir e era como se a tivesse ali, na minha frente, de boquinha rosada torcida pelo desdém.

«É que parecia», descaiu-se a outra, envergonhada, com umas amolgadelas nas palavras.

«Pareceu-te a ti, eu sei».

«Sabes? Sabes o quê?»

«Ora. Tu não fingias muito, pois não? Andavas pelo beicinho. Nem davas porque o tipinho só olhava para a Julia.»

«Mas quem ia pensar na Julia? É tão desengraçada, a pobre rapariga!»

«Pobre é uma maneira de dizer. E o dinheiro do pai não é desengraçado», acrescentou a doce com mais curare do que mel. O que o tipo é é um esperalhão. Eu, que sou amiga de infancia da Julia, já tenho pensado em lhe abrir os olhos, enfim em lhe dizer...»

Não soube o que a doce vózinha pensava dizer-lhe porque a outra a interrompeu, desconfiada: «Parece que há alguém na linha. Não ouviste tossir?»

Havia. Era eu. Desliguei apressadamente, cheia de vergonha. Mas estou aqui a recomendar á Julia que páre, escute e olhe mas não queira saber do que talvez lhe diga a sua querida amiga de infancia, de voz de mel, que é, aqui entre nós, uma boa peça.

A. M.

Cocktails

(Receitas de José Figueira da Silva (Joe), «barman» do Estoril-Sol).

Duval Cocktail

1 p. Gin Besford
1 p. Triple seco Duval
1/2 sumo de laranja
4 gotas de Granadine

Golden Beach Cocktail

1/2 de Rum Marino Carta de Ouro
1/4 de licor Folha de Ouro BOL'S
1/4 Constantino V. O.

AS RECEITAS DA LEITORA

Sopa de amêijoas

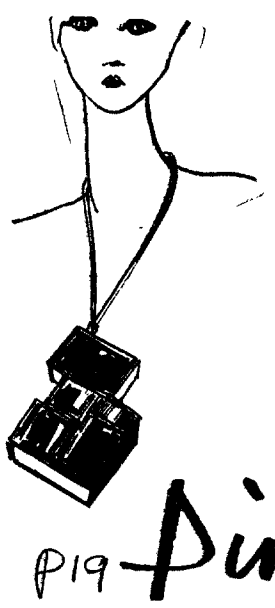
INGREDIENTES — 2 quilos de ameijoas; 2 colheres, das de sopa, de Vaqueiro; 2 chávenas de cubos de pão fritos; 2 cebolas; 2 colheres, das de sopa, de leite; 1 gema de ovo; 1 colher, das de sobremesa, de salsa picada; 1 colher, das de sopa, de farinha de trigo; 1 dl de vinho branco; 1 litro e 1/2 de água; sal e pimenta.

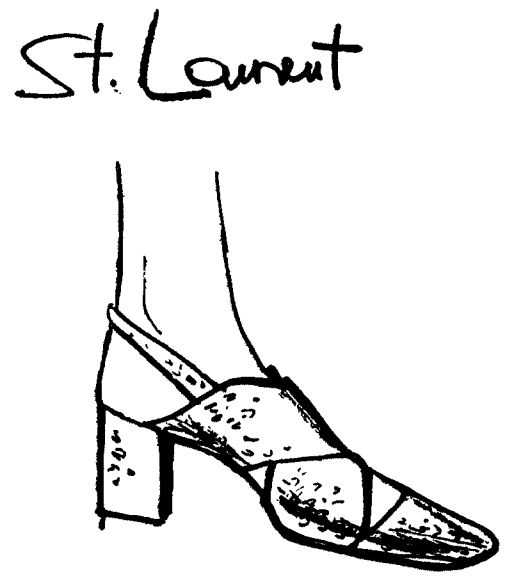
PREPARAÇÃO — Põem-se as amêijoas dentro de água com sal para largarem a areia e deixam-se estar assim durante umas horas. Lavam-se depois e abrem-se dentro de um tacho sobre o lume. Tiram-se das cascas. Passa-se a água que deitaram. Cortam-se as cebolas em rodelas e refogam-se na margarina sem deixar aloirar. Junta-se-lhes a água, deixa-se ferver um pouco e passa-se pelo «passe-vite» usando-se o crivo mais fino. Leva-se de novo ao lume, mistura-se-lhes a água das amêijoas e quando levantar fervura junta-se-lhe a farinha desfeita numa chávena de água fria, e deixa-se ferver um pouco para cozer e engrossar o caldo. Pouco antes de servir misturam-se-lhes as amêijoas, a gema de ovo, desfeita num pouco de caldo morno, e a salsa picada. Serve-se pondo-se em cada prato uns cubos de pão frito.

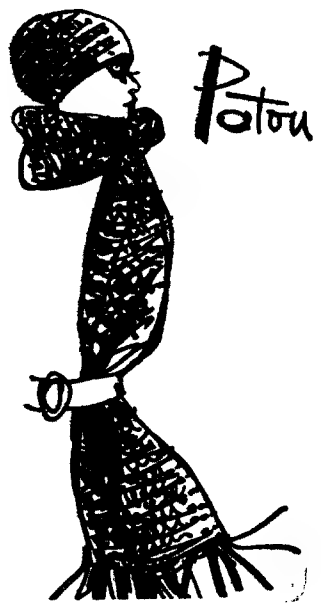
Vitela com cogumelos

INGREDIENTES — 750 g de vitela; 1 colher, das de sopa, de margarina; 1 colher, das de sopa, de banha; 1 colher, das de sopa, de farinha; 1 copo de caldo de carne; 1/2 copo de vinho branco; 1 cebola; 2 tomates; 1 lata, pequena, de cogumelos franceses; 1 raminho de salsa; sal e pimenta, q. b.

PREPARAÇÃO — Limpa-se a vitela e corta-se em bocados. Põe-se numa caçarola com a banha e a margarina e deixa-se aloirar. Polvilha-se com a farinha e mexe-se com a colher de pau. Junta-se-lhes a polpa dos tomates, sem pele nem sementes, o caldo de carne, o vinho, o sal, a cebola, sal e pimenta. Tapa-se a caçarola e deixa-se ferver durante 30 minutos. Adicionam-se depois os cogumelos cortados em fatias e deixa-se ferver mais 10 minutos. Tira-se a cebola e a salsa e serve-se. Acompanha-se com arroz de margarina.







Os acessórios

O CHIQUE DESTE INVERNO RESIDE NOS ACESSÓRIOS «ÉCHARPES, BOINAS, JÓIAS E SAPATOS

A «ÉCHARPE» — É o complemento essencial duma moda simples.

UNGARO — Lenço colocado à bandido, enrolado em charuto e a condizer com os vestidos e com os camiseiros.

DIOR — Quadrados dobrados em «étamine» de lã, a condizer com blusas. Xailes com franjas à cigana, para a noite.

CARDIN — Xailes de camponesa, com franjas, do mesmo tecido do modelo.

ST. LAURENT — Cachecol comprido e estreito com desenhos de arte decorativa e franjas de 25 cm, enrolado duas vezes em volta do pescoço. «Écharpe» comprida de «vison» de diversas cores.

PATOU — «Cache-nez» de «tricot» manual compridíssimo.

RICCI — «Écharpe» comprida de 2 metros, com tiras de «vison» de cores diferentes e cachecol de «jersey» de lã plissado.

COURRÈGES — De malha de liga, de lã branca grossa à moda dos cintos de crina.

VENET — Turbante à turco. Véus que tocam no chão à Isadora Duncan.

A BOINA — Boina de «chochet» (Patou), estilo touca de banho, boinas de feltro e de cabedal. Capucho cagula. Boné ou boina à marinheiro.

AS JÓIAS — É o ano dos colares. Correntes nas quais são pendurados motivos bárbaros, placas chinesas em jade (Dior). Placas japonesas de laca cor de vinho (St. Laurent). Placas indianas articuladas, de ouro e laca preta (Dior). Placa de ouro e missangas (Ricci). Cachos de pérolas em forma de «sautoir» e em anéis (Patou). Jóias esculpidas cromadas com grandes «cabochons» de pedras. Colares «móveis» em bronze (Ungaro). Esculturas «body-form» de St. Laurent. Serpente enorme de esmalte preto e diamantes na gola de um camiseiro (Dior).

OS SAPATOS — Parte integrande da nova moda, cada estilo tem o seu modelo de sapato que foi estudado proporcionalmente ao comprimento das saias.

Para usar com os fatos curtos — São maciços, rasos, muitas vezes do estilo mocassins «Mohawk» de duas cores (Ungaro-Courrèges).

Para usar com fatos compridos — São então estilo Richelieu, de saltos grossos, altos, de palas altas, têm elásticos dos lados ou laços sobre o peito do pé (St. Laurent). Muito elegantes também, as sandálias de tiras largas que se cruzam, em pele de lagarto (Ricci), de Verniz (Dior), e os mocassins de saltos altos, prateados (Dior). As botas à Mary Poppins (Cardin).

Conversa com uma estudante

(Continuação da 1.ª página)

rios e não se adquirem de qualquer modo. O novo humanismo e a libertação do homem não se fazem de qualquer libertinagem! A mudança tem de ser correcta e perfeitamente orientada. A nova sociedade ditará a melhor forma como os problemas se irão resolver e trará atrás de si a queda de mitos.

— Qual o sistema de relações entre os jovens universitários de sexos diferentes?

— Aqui, em Coimbra, este ano, deu-se qualquer coisa de novo. uma aproximação entre o homem e a mulher que numa unidade perfeita de trabalho foram para o movimento estudantil. E a mulher participou activamente. Foi solicitada duma forma extraordinária, tendo muitas vezes um papel mais activo do que o homem. Podemos dizer que grande parte das nossas vitórias devemo-las á mulher pelo seu poder de luta e resistência ás pressões.

A jovem universitária teve uma participação aberta e franca; ganhou um lugar muito importante dentro da Associação; reagiu, muito bem, ás pressões familiares, pois, muitas dezenas dessas raparigas foram expulsas dos lares.

● Muitas vieram para a consciencialização pela dignidade

— Não digo que todas as raparigas estivessem conscientes — continua Maria Fernanda — do seu papel dentro da associação pois muitas delas vieram chamadas pela dignidade e solidariedade. Começaram a despertar á medida que iam entrando no trabalho associativo.

Em 8 de Março saiu na Imprensa um trabalho feito por várias mulheres de Coimbra.

— A jovem universitária de Coimbra pratica desporto?

— O judo tem imensa participação feminina, mas há outras actividades desportivas em que essa participação é restrita.

— E parece-te que a mulher da crise académica está politizada?

— Bem... o nosso movimento é universitário e dirigido para a reforma do ensino e da Universidade. E temos a prova de que estava correcta pela forma como foi ao encontro das massas que sabem que não querem qualquer reforma. Por isso parece-me que o movimento não é politizado na forma mas no conteudo pela maneira como contesta a sociedade em que vivemos.

Se a mulher vai para a Universidade apenas para tirar um curso e não modifica a sua mentalidade, então jamais alcançará a emancipação. Continua a ser um objecto manejável a bel-prazer do homem.

Mas não é uma sociedade de homens por um lado e mulheres por outro que nós queremos! Isso seria errado. Queremos homens e mulheres desalienados que contribuam para um mundo humanizado e científico.

Não queremos uma sociedade tecnocrata e consumidora onde a qualidade de pessoa não é respeitada.

MARIA DE LOURDES

MAQUILLAGE 1969

COMO SERÁ A MAQUILLAGE da nova estação? Simples? Complicada? Tal como na moda, haverá maquillages *bem diferentes e cabe ás mulheres descobrir qual a que melhor se quadra com a sua personalidade.*

HANNIET HOBBARD AYER não ficou insensível á heróica empresa espacial e baptizou por isso com o nome de Selene (nome grego da Lua) uma das suas maquillages *para o Outono-Inverno. Características:* fond de Veint *beige doirado, olhos valorizados não por traços mas por tons, sombra para as pálpebras de um tom indefinido castanho rosado com uma leve poeira de ouro. As sobrancelhas têm uma nova linha insólita, um pouco diabólica. A boca é bem marcada e o bâton de um rosa acastanhado levemente iridiscente.*

HELENA RUBINSTEIN chamou á sua maquillage *«Subluminal». Os olhos são objecto de grande atenção. Os lábios, bem marcados são cor-de-rosa* Sanremo.

PAYOT criou uma maquilhage, *«Imperial», na versão doirada para loiras e azul para morenas. A pele tem um* fond de Teind *natural. Os olhos exprimem doçura. A sombra para loiras será verde, branco e «biche». Para morenas, azul palhetado, branco e «biche». Os lábios são luminosos.*

MAX FACTOR lança uma maquillage *a que chamou Cler & Cler e inspira-se na pintura que os actores japoneses do século XII empregavam no rosto. É uma pintura um tanto dramática e complicada, para usar á noite.*

Maxi vestida de crepe estampado de pura lã Fournier em cor de chocolate e baunilha, com gola alta e pestana de crepe liso. Cinto de verniz a condizer com as botas, modelo de Cardin

VIMOS PARA SI

ORA ENTÃO MUITOS PARABÉNS! Chegou finalmente um dos dias mais lindos do ano. Hoje, dia 1, e no próximo, dia 7, em todas as casas onde hajafilhos em idade escolar, a atmosfera é muito especial: saborosa, um pouco frenética, cheia de novidade e de uma intensa vida de família. É na verdade o começo de um novo ano, muito mais vincado e característico do que o 1.º de Janeiro do calendário gregoriano. Só um motivo muito, muito extraordinário nos impediria de estar hoje á noite em casa, ouvindo as primeiras impressões da abertura do ano lectivo. Se as crianças tiveram umas férias normais, variadas e livres de trabalhos escolares, estarão com certeza contentes por voltarem á escola; as férias grandes no nosso País não são grandes, são enormes! Três meses e meio sem aulas é francamente exagerado, não acham?

Se, para as crianças, é bom interromper uma tão longa pausa, para os pais é muito melhor... Lembra-nos sempre uma anedota ilustrada que vimos numa revista americana, e de que já aqui falámos: numa rua dos subúrbios as criancinhas fazem bicha á espera da carrinha do colégio, enquanto as mães tapam o chão com flores e lançam grinaldas com largos dísticos «Bem Vindo! Bem Vindo!»

Apeteceu-nos fazer o mesmo, esta manhã. Durante os próximos meses a Maria Adelaide, e milhares de outras mães de família, estão sossegadas durante as horas de estudo; acabaram as preocupações quanto ás temíveis horas do dia em que as crianças estão práticamente entregues a si próprias, porque as mães trabalham e não é possível — ou é muito difícil — controlar idas e vindas, companhias, passeios, etc.

Claro que começam outros cuidados, e alguns bem pesados; chegar uma pessoa a casa á noite, estafada, com a cabeça em água por um trabalho exigente, e ter que se debruçar sobre potências de expoente fraccionário, a natureza do nónio ou as modificações nos pulmões das cobras quando, verdade se diga, não se lembra já de uma vírgula destes assuntos, enfim, amigas, é duro...

Mas não falemos ainda em coisas tristes; vêm longe os exercícios escritos, as chamadas, as aflições de última hora. Gozemos estes momentos bons, viremos a capa do caderno novo, cheirando o cheirinho gostoso do papel inviolado, á espera, cheio de promessas. Uhm!, apetecia-me ir outra vez para as aulas!

NOVIDADES

Andámos a ver montras em busca de coisas novas para os nos nossos filhos; supomos que a grande — e práticamente única — novidade são as pastas de napa envernizada, de tons vivos — amarelo, vermelho, verde — rematadas por um filete de cor contrastante e, em geral, com correias de pôr ás costas. As leitoras da minha geração ainda se lembram, com certeza, de umas saquetas feitas de serapilheira com uns toscos bonecos mal pintados e que eram, quando nós éramos pequenas, a primeira peça do nosso enxoval de estudantes. Os lápis guardavam-se numas caixas de madeiras, toscas e pesadas, que a meio do ano empenavam; por cima tinham um boneco igual ao que enfeitava as tabletes de chocolate de três tostões. Não há ponto de comparação com o actual material escolar: mais bonito, mais sólido, e aí umas trezentas vezes mais caro...

Bom, o preço das pastas envernizadas começa em 68$00, e aumenta conforme o tamanho. Foi esta, como dissemos, a única novidade que nos chamou a atenção: o resto são variantes dos artigos já conhecidos, alguns com bastante interesse.

Assim (vimos as bolsas para lápis no mesmo material — napa brilhante — a 11$00; as famosíssimas esferográficas com tabuada (que invenção maravilhosa!) a 10$00; uma esferográfica gigante, triangular, a imitar madeira e com ponta dourada, muito bonita e original, por 5$00. Por último, um horário fora do vulgar: além das caixetas habituais para anotar as disciplinas e os dias da semana, tem ainda um mapa-múndi, completo e actualizado, além de legível. E custa só cinco tostões, o que muito me alegrou, na medida em que ando sempre á procura de coisas engraçadas e baratas e é muito raro encontrá-las.

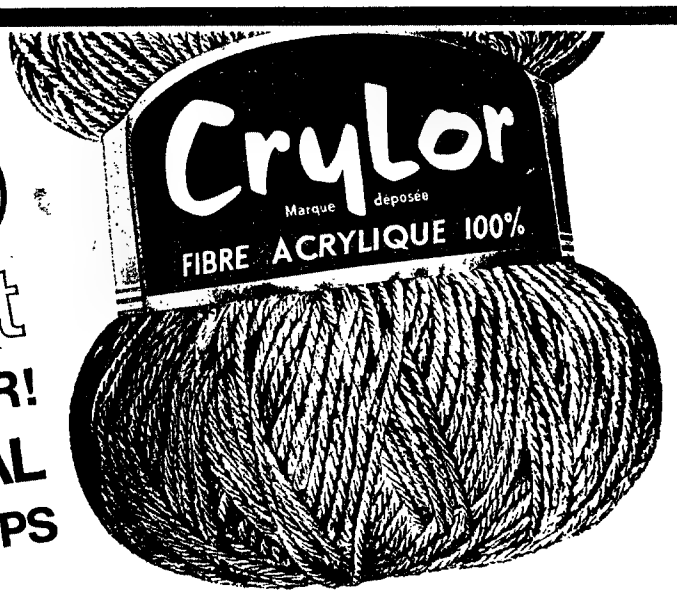
Gostámos também de verificar que os grossos cadernos escolares, forrados com capas de papel lavável, muito coloridas e bonitas, se mantêm ao mesmo preço que anotámos há bastantes anos: cinco escudos. Nestes tempos de inflacção é agradável verificar, de vez em quando, que alguns artigos se mantêm dentro de preços razoáveis. Por hoje é tudo. Para a semana continuaremos com o mesmo tema.

MARIA ADELAIDE

Nota—Vimos os artigos escolares que assinalámos nesta crónica na Papelaria Rijo, na Rua da Prata n.º 150. Conforme sempre esclarecemos, estas indicações são **alheias a toda a publicidade.**

JARDIM INFANTIL
O DESPERTAR
Av. Infante D. Pedro, Lote, 3, r/c. Telef. 778671
(ao Bairro S. Miguel)

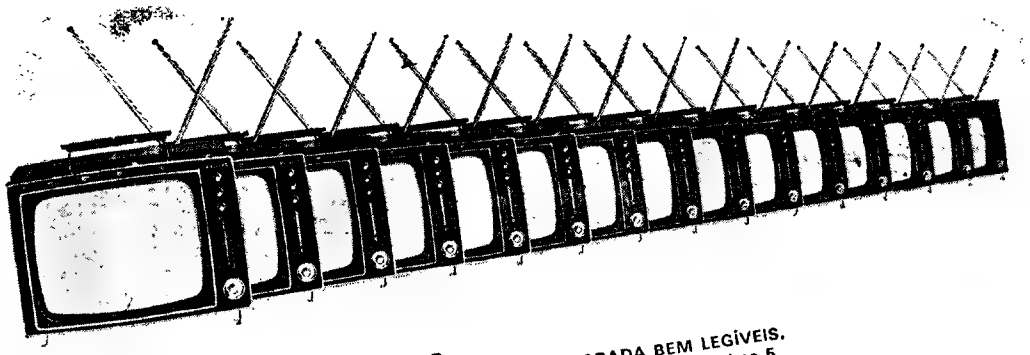
concurso fio tricot



ATÉ 31 DE DEZEMBRO! HABILITE-SE A GANHAR!
1 SIMCA 1000 SPECIAL
E MAIS 15 TELEVISORES PORTÁTEIS PHILIPS

1º PRÉMIO

em exposição na SIDIAL, Av. de Roma, 15-B, Lisboa.



Para concorrer:
- Junte 5 cintas de novelo para tricot CRYLOR.
- Meta-as num envelope e escreva no verso o seu NOME E MORADA BEM LEGÍVEIS.
- Envie pelo correio endereçado a: "Concurso Crylor" — Apartado n.º 5080, Lisboa 5.

Só serão aceites os envelopes recebidos até 31 de Dezembro.

POR CADA 5 CINTAS 1 OPORTUNIDADE DE GANHAR! CONCORRA JÁ... E QUANTAS VEZES QUISER!

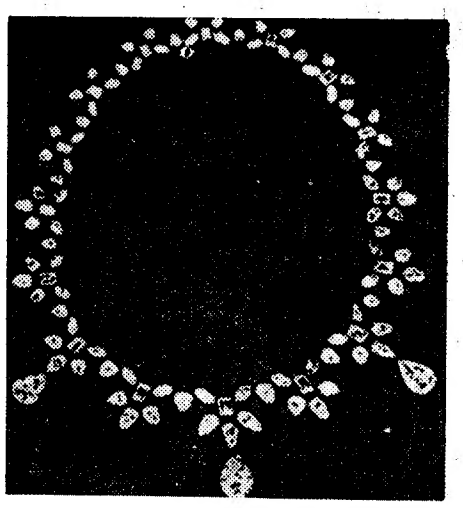
Para qualquer informação: Sociedade Portuguesa La Cellophane - Departamento Têxtil R. D. João V, 25-1.º Esq. — Lisboa.

1AF-A-69

Actualidades

RAINHA UM DIA?

Esta linda menina de 12 anos será, talvez, um dia, rainha de Inglaterra. Há pelo menos muita gente que pensa que ela seria a mulher ideal para o príncipe de Gales. Trata-se de Carolina, a filha de Grace e Rainier, do Mónaco.



O ROUBO DO COLAR

Este colar fabuloso tem dado muito que falar nestes ultimos tempos. Um dia, uma dama loira, elegantíssima, apresentou-se na grande joalharia Cartier, da Rue de La Paix, em Paris, e disse que estava à espera do cunhado. O cunhado chegou (género «gentleman» cem por cento) e outro cavalheiro também distintíssimo. Um dos recém-chegados pediu um relógio que tinha deixado oito dias antes para reparar, pagou a factura e todos se foram embora, saudados com grande deferência pelos empregados.

Só á tarde repararam que faltava numa das vitrinas um colar de brilhantes redondos, com três diamantes de oito carates cada um. Uma fortuna.

O ROBOT

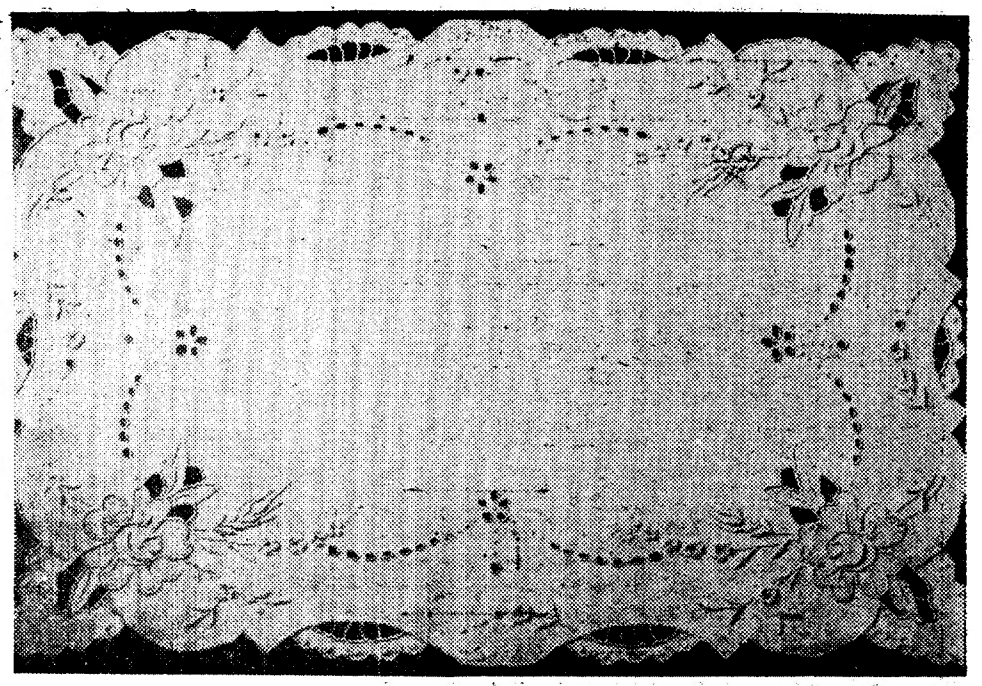
«Não quero mais ser o robot **de Antonioni», declarou há dias a um jornalista a bela Mónica Vitti. A Vitti parece ter** abandonado definitivamente os filmes **tristes e dramáticos para seguir um caminho mais alegre e menos profundo.** «Gosto de me divertir e de que outros **riam», teria ela afirmado.**

SHIRLEY NA ONU

Após muitos anos de uma vida discreta, a célebre Shirley Temple, ex-menina prodígio do cinema americano e hoje com 41 anos de idade, abraça uma carreira política, e acaba de ser nomeada representante dos Estados Unidos na O. N. U.

O PSIQUIATRA «VIRA» CINEASTA?

O psiquiatra italiano Andrea Dotti, marido de Andrey Hepburn, vai fazer o seu primeiro filme. Será ele o autor do argumento e do «cenário». Audrey terá um pequeno papel. A nova senhora Dotti havia declarado que se afastava definitivamente do cinema, mas os produtores para quem ela continua a ser uma certeza de êxito, esperam que ela queira continuar a colaborar com o marido, ajudando no início desta nova carreira.



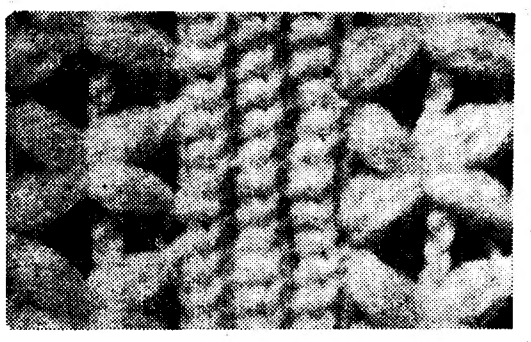
BORDADOS DAS ILHAS

Quando se fala do «bordado da Ilha» já se sabe que se trata da Ilha da Madeira, se bem que, na Ilha de S. Miguel, a indústria dos bordados está muito desenvolvida e com características que os tornam inconfundíveis e imensamente apreciados. Mas a esses dá-se o nome de «bordados da Ilha Verde».

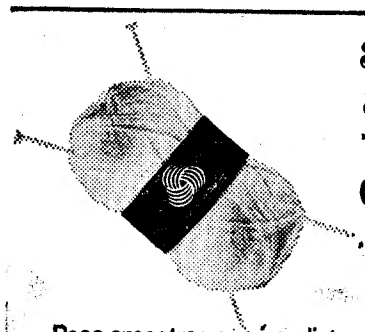
Temos aqui um «napperon», rectangular, de linho branco, bordado, a ponto cheio, ilhoses, ponto de areia, ponto de cordão e ponto de recorte, com linha Ancora, n.º 30, branca.

Os seus motivos revelam as formas clássicas do bordado inglês que deu raiz aos bordados da Ilha hoje tão di[illegible]gados. O desenho deste «napperon» importa em 10$00 que podem ser enviados, em selos de correio, á Página da Mulher. «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

PARA O SEU BÉBÉ



A fim de lhe evitar o contacto directo com a relva do parque a mãe deste bebé teve o bom senso de lhe fazer uma manta de «crochet» com Patons Courtelle azul claro. No pormenor ampliado compreende-se a técnica empregada nas malhas. A orla é toda franjada.



aos melhores preços
a maior
variedade
de fios para tricot...

...em Pura Lã Virgem/WOOLMARK

Peça amostras que imediatamente lhe enviamos pelo correio **sem qualquer encargo para si.**

Escreva-nos para:

PURA LÃ VIRGEM

ESTABELECIMENTOS METRO P. DA FIGUEIRA, 5-A · LISBOA 2

ANTOLOGIA das Escritoras do Nosso Tempo

ALBA DE CÉSPEDES

Considerada a maior romancista da Itália, Alba de Céspedes é autora de «Elas», «Antes e depois» e «Caderno Proibido».

Quando Erminia entrou no meu escritório com a bandeja do almoço, percebi imediatamente que tinha qualquer coisa de desagradável para me dizer: tinha o mesmo ar compungido que assumia ao apresentar-me o recibo da electricidade. Mas, como não falava, comecei a recear que um dos seus familiares estivesse doente e ela tivesse de regressar á aldeia. Não ousava interrogá-la; disse-lhe, como habitualmente:

— Senta-te; assim podemos falar.

Erminia, nos primeiros tempos, não ousava sentar-se; depois, compreendendo que me dava prazer trocar algumas palavras enquanto comia, chegara a um compromisso: sentava-se no braço de uma poltrona. Eu dizia-lhe: «Vê lá se adivinhas quem encontrei?», ou então: «Sabes o que aconteceu á sr.ª Adriana?» Assim, pouco a pouco, contara-lhe tudo a meu respeito, o meu trabalho, as minhas amizades, e agora até já sabia quanto dinheiro tinha no bolso, quanto contava ou esperava receber. Enquanto falava, ela envolvia-me num olhar terno; compreendia que me queria bem, ou, antes, que gostava de mim, e sentia-me protegida, ainda que ela tivesse 23 anos e eu 35. Mas naquele dia, vendo-a ficar de pé, convenci-me de que os meus receios eram fundados. De facto, pouco depois murmurou:

— Não tenho coragem para lhe dizer uma coisa.

Tinha ainda a esperança de que se tratasse de um objecto partido, de uma blusa queimada ao ser passada a ferro; contudo, fui eu própria a perguntar-lhe em tom de brincadeira:

— Que há? Queres despedir-te?

Ela disse que sim, fitando-me com olhos desesperados. Depois informou que voltava para a sr.ª Pasinotti.

(De «Antes e Depois»)

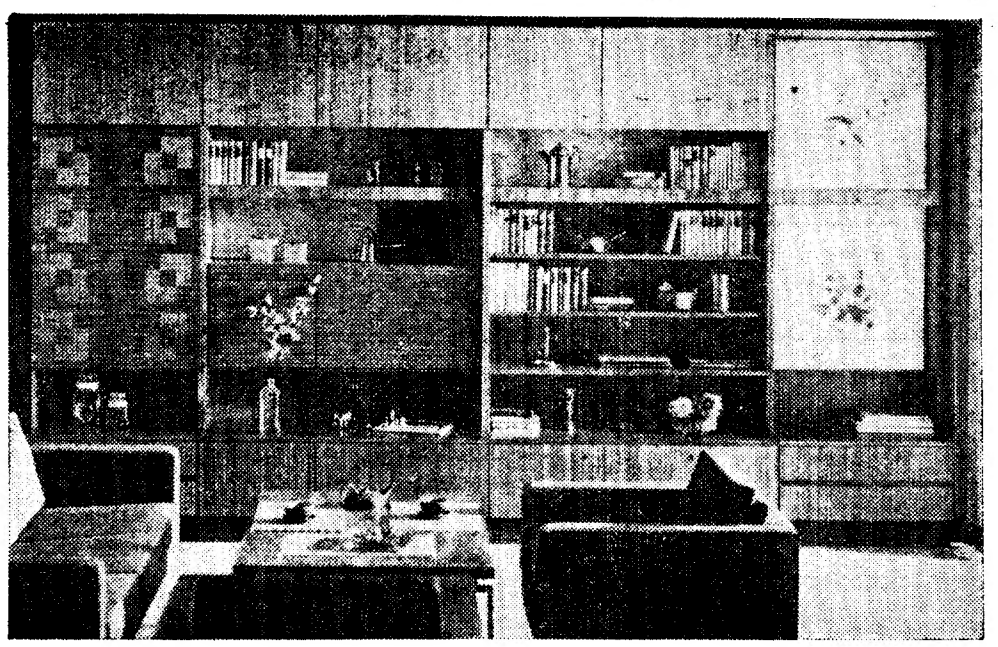
Curiosidades

—Nasceu um novo Beatle, que se chama Mary e é filha de Paul McCartney e de sua mulher, Lynda.

— O sexo e a violência passarão de moda no cinema, assegurou há dias o cineasta Hitchcock.

— O agente imobiliário italiano Mario Marello, ofereceu três casas na Côte d'Azur ás senhoras Armstrong, Aldrin e Collins, esposas dos homens da Lua. Motivo da oferta: a angústia das três americanas e dos filhos, durante a histórica viagem, merecia um prémio.

— Peter Knowles, famoso futebolista inglês, resolveu abandonar as actividades desportivas a fim de se dedicar á religião. «Durante cinco dias sou um bom cristão», disse Knowles. «Mas chega o sábado e deixo de ser u moristão».



DECORAÇÃO

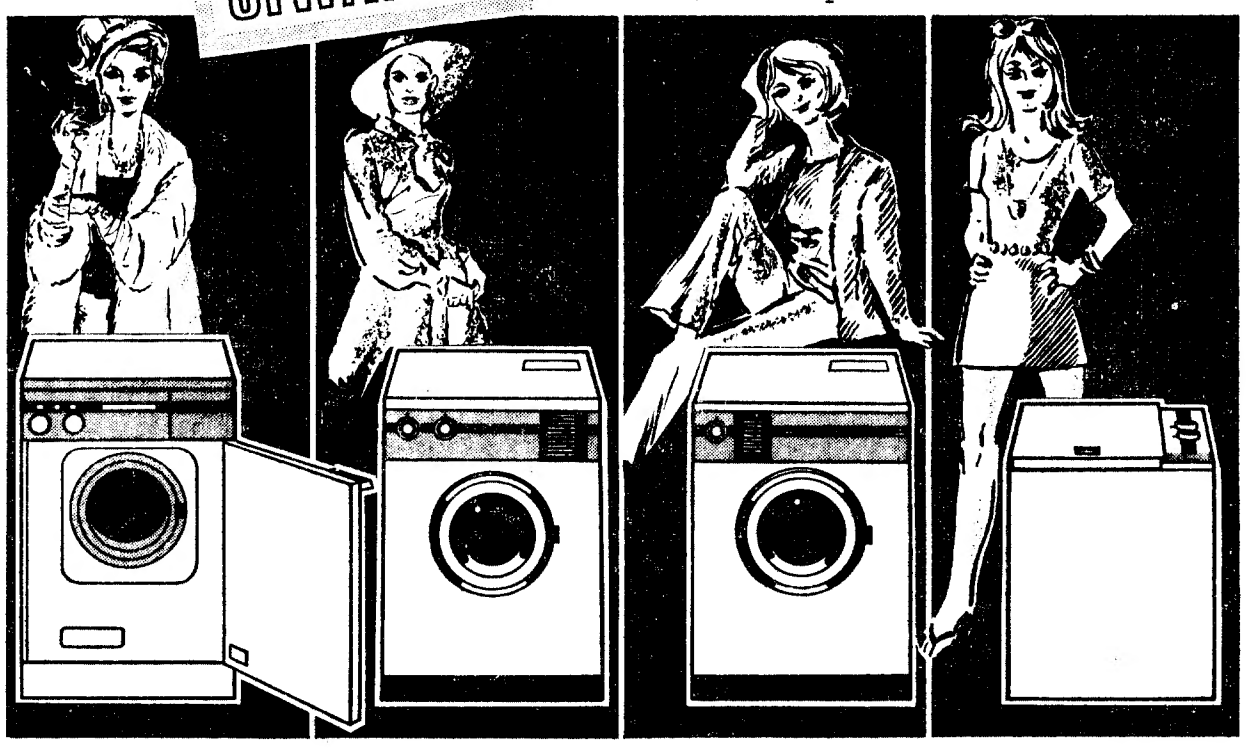
OS MÓVEIS DE LINHAS DIREITAS são os mais fáceis de construir e de arrumar. Colocados ao longo de uma parede oferecem-nos boa solução para o problema do acondicionamento de mil coisas e coisinhas que sempre vamos juntando ao longo de uma vida e das quais não nos queremos separar. Eis um modelo que dá, como agora se diz, muita arrumação. Mas convém não exagerar enchendo todas essas prateleiras demasiadamente...

SIEMENS

NOVA GERAÇÃO DE MÁQUINAS DE LAVAR SUPERAUTOMÁTICAS SIEMENS

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA ALEMÃ

AS 4 IRMÃS SIWAMAT



GLÓRIA SIWAMAT

Modelo Luxo, com porta.
Interior totalmente em aço inoxidável.
Painel luminoso de programas.
3 câmaras para detergente.
12 programas-base, permitindo inúmeras variações e incluindo o programa biológico.
Hidroextracção a 550 r.p.m.
Capacidade: 5 kg.

SUSANA SIWAMAT

Modelo Elite.
Interior totalmente em aço inoxidável.
3 câmaras para detergente.
15 programas de lavagem, incluindo o biológico.
Regulação automática de temperatura.
Extraordinário poder de lavagem, devido ao sistema de enxaguamentos.
Hidroextracção a 500 r.p.m.
Capacidade: 5 kg.

DORA SIWAMAT

Modelo Popular.
Interior totalmente em aço inoxidável.
11 programas de lavagem, incluindo o biológico.
Escalões fixos de temperatura.
5 enxaguamentos.
Hidroextracção a 500 r.p.m.
Capacidade: 5 kg.

CLARA SIWAMAT

Modelo Mini.
Interior totalmente em aço inoxidável.
Dimensões mínimas: 52 cm (largura) x 64 cm (altura) x 56 cm (fundo).
8 programas de lavagem, incluindo o biológico.
5 enxaguamentos.
Hidroextracção a 400 r.p.m.
Capacidade: 4 kg.

DETERGENTE QUE RECOMENDAMOS

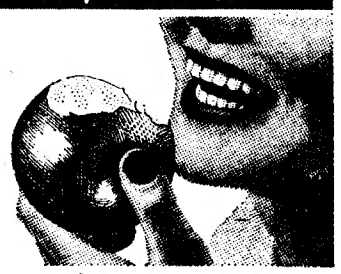
À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA

SIEMENS - COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

LISBOA-1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEFONE 53 69 21 • PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 12 — TELEFONE 2 89 43

Porque será que certas pessoas que usam DENTES POSTIÇOS "vivem" mais do que outras?



Como milhões de pessoas que usam dentes postiços, pode também, a partir de hoje, usufruir de maior conforto, maior confiança em si e sentir o prazer duma boa refeição. O segredo é Dr. Wernet, o pó fixativo de dentaduras mais vendido em todo o mundo com uma reputação confirmada por uma experiência de 30 anos. O pó Dr. Wernet é único. Contém agora Neoseal, a descoberta que veio aumentar a firmeza e o poder de segurança da sua dentadura. Pode mastigar com facilidade e confiança, mesmo os alimentos mais "difíceis", beber líquidos bem quentes - sorrir e conversar. Deixe de se preocupar com os dentes postiços. Experimente o pó Dr. Wernet ainda hoje e torne-se uma daquelas pessoas que usam dentadura e que não se privam de "viver".

O pó DR. WERNET'S conserva bem fixos os seus dentes postiços.

JVC NIVICO
(RCA — VICTOR DO JAPÃO)
QUALIDADE DESDE 1927
ELECTRÓNICA
HI-FI • STEREO • GRAVADORES
RÁDIOS • TV • DISCOS • CASSETES

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

AVISO

CERTIFICADOS DE AFORRO

RESULTADOS DO 30.º SORTEIO TRIMESTRAL REALIZADO EM 30/9/1969

— prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados a seguir indicados —

1 — 1.º prémio:	100.000$	— certificado n.º 230 253
1 — 2.º prémio:	30.000$	— certificado n.º 131 921
1 — 3.º prémio:	20.000$	— certificado n.º 62 163
5 — 4.os prémios:	5.000$ cada	— certificados n.os 3 425 — 74 980 — 183 918 — 243 055 e 245 138
25 — 5.os prémios:	1.000$ cada	— certificados n.os 44 081 — 45 894 — 48 274 — 50 581 — 56 858 — 114 940 — 115 937 — 116 890 — 122 614 — 123 522 — 124 855 — 126 312 — 127 484 — 128 830 130 023 — 224 938 — 225 419 — 225 952 — 226 419 — 227 123 — 227 610 — 228 131 — 228 811 — 229 340 — 229 710

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70 000$, 21 000$ 14 000$ 3500$ e 700$, respectivamente.

Ao próximo sorteio, que se realiza em 30 de Dezembro de 1969, serão admitidos os certificados já emitidos e os que vierem a ser emitidos até 30 de Novembro próximo.

Todos os prémios dos sorteios anteriores já foram entregues aos aforristas contemplados.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 30 de Setembro de 1969.

PEL'O DIRECTOR-GERAL
ANTÓNIO NORONHA

TRANSUL — EMPRESA DE TRANSPORTES, LDA.

CARREIRA N.º 38

Costa da Caparica — Cova da Piedade (C. C. Sul)

HORARIO DE INVERNO

PARTIDAS C. CAPARICA		PARTIDAS C. PIEDADE (C. C. SUL)	
7.45	16.00	7.30	16.15
9.30	17.45	9.45	18.00
11.30		11.45	

Em vigor de 1 de Outubro de 1969 a 31 de Maio de 1970.
Efectuam-se extraordinários sempre que o movimento o justificar.

TRANSUL — EMPRESA DE TRANSPORTES, LDA.

CARREIRA N.º 43

Cacilhas — Costa da Caparica (via Piedade)

HORARIO DE INVERNO

PARTIDAS DE CACILHAS		PARTIDAS C. CAPARICA	
7.10	12.50	7.25	13.15
7.50	15.20	8.15	15.45
8.40	18.40	9.05	19.05
12.00	20.20	12.25	20.45

Em vigor de 1 de Outubro de 1969 a 31 de Maio de 1970.
Efectuam-se extraordinários sempre que o movimento o justificar.

TRANSUL — EMPRESA DE TRANSPORTES, LDA.

CARREIRA N.º 36

Alcântara (C. C. Norte) — Costa da Caparica

HORARIO DE INVERNO

PARTIDAS DE ALCÂNTARA		PARTIDAS C. CAPARICA	
7.30	17.00	7.00	16.30
8.30	19.00	8.00	18.30
9.00	20.00	8.30	19.30
11.00	21.00	10.30	20.30
13.00	22.30	12.30	22.00
15.00		14.30	

Em vigor de 1 de Outubro de 1969 a 31 de Maio de 1970.
Efectuam-se extraordinários sempre que o movimento o justificar.

S. R. MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S Sebastião da Pedreira. 37 e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de SESIMBRA em todos os dias uteis durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia do Castelo no referido Concelho, de uma linha aérea a 15 kV, com 1198 metros de comprimento, do apoio n.º 20 da linha mista para Sesimbra (Águas) ao posto de transformação n.º 4-032 Almoinha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Setembro de 1969.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R. MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia e concelho do Montijo, de um desvio da linha aérea a 6 kV entre os apoios n.os 11 e 16, com o aumento de comprimentos de 24 metros e incluindo a substituição dos condutores em fio de cobre por cabo de alumínio-aço, entre os apoios n.os 11 e 15.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Setembro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
ALTA FIDELIDADE
ESTEREOFONIA
Rua Rodrigo de Fonseca, 31, 1.º Telef. 43464 — LISBOA

S. R. MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia e concelho de Grândola, de uma linha aérea a 30 kV com 116 metros de comprimento, do apoio n.º 6 da linha para as Minas do Louzal ao posto de transformação n.º 1-B da Câmara Municipal de Grândola.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R. MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento no concelho do Montijo, de uma modificação da linha aérea a 6 kV para a Sociedade Agrícola de Rio Frio, que passará a ser derivada do apoio n.º 27 da linha S. Francisco-Pinhal Novo, com um encurtamento no seu comprimento de 877 metros e implantação de um novo apoio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

EXCURSÃO DA CP DIAS 4 E 5 DE OUTUBRO

LISBOA A VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, MONTE GORDO, PRAIA VERDE, CACELA, TAVIRA, OLHÃO, FARO E VOLTA

INCLUINDO O TRANSPORTE EM COMBOIO (1.ª CLASSE), CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO, ALOJAMENTO E REFEIÇÕES

Preço da excursão completa..... 490$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 124, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA

S. R. MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S Sebastião da Pedreira, 37 em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia e concelho de Grândola, de uma linha aérea a 30 kV, com 88 metros de comprimento, do apoio n.º 180 da linha Alcácer-Sines ao posto de transformação n.º 1-A da Câmara Municipal de Grândola.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Caminho-de-Ferro

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO-DE-FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Com o objectivo de poder assegurar, nas melhores condições de regularidade, o transporte dos Srs. Passageiros destinados a França ou além, a C. P. solicita-lhes que não deixem de efectuar, com a devida antecedência a marcação dos seus lugares quando regressem de férias, pois só assim todos poderão ter o seu lugar evitando aglomerações á ultima hora que dificultam ou mesmo podem impossibilitar uma cómoda viagem.

CAMINHOS DE FERRO

PARA PESSOAS DE IDADE

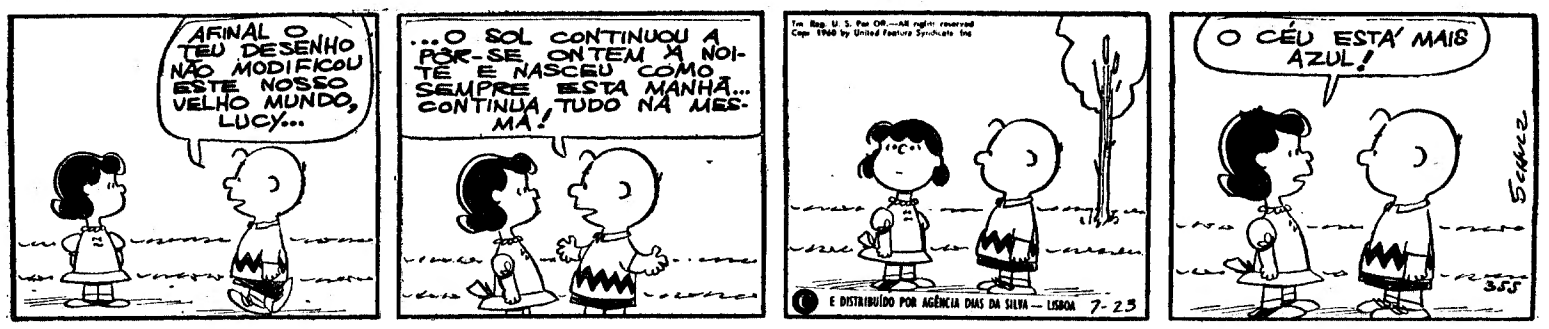
A C. P. informa de que os bilhetes com a redução de 50% para as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos são vendidos todo o ano com excepção dos seguintes períodos:

— Sábados e domingos, de 1 de Julho a 30 de Setembro;
— Nos dias 14 e 15 de Agosto;
— De 22 de Dezembro a 3 de Janeiro;
— De quarta-feira anterior ao domingo de Páscoa á quarta-feira posterior.

LICEU
Diurno e nocturno
Ext. N.ª Sr.ª da Saúde
L. CONDE POMBEIRO, 12
T. 57048 (aos Anjos)

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

Os Peanuts



Carol Dav

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

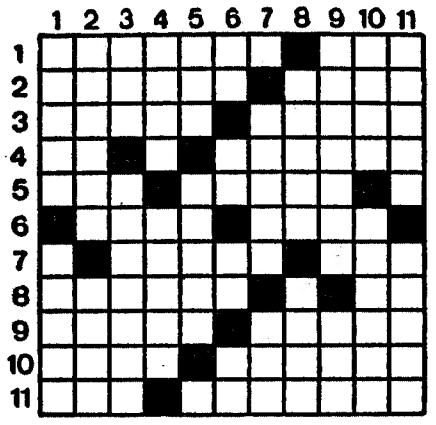
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5315

HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede do concelho de Lisboa. Bondoso. 2 — Arremessor. Faltei á palavra. 3 — Fortifiquem. Fardo 4 — Viração. Toldar-se (vinho). 5 — Chiste. Freguesia do concelho de Belmonte. 6 — Cousa fabulosa e rara. Dois mil e duzentos em romano). 7 — Preparo com mirra. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 8 — Soluçara. Bário (s. q.). 9 — Rio do Congo francês. Erudição. 10 — Cidade da Holanda. Borato hidratado de soda. 11 — Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Habitaras.

VERTICAIS: 1 — Leitos. Bebedeira. 2 — Sofrem. Dai mios. 3 — Senhor em inglês. Vorreis. 4 — Acreditas. Mitra de pontífice. 5 — Medida de líquidos usada na Alemanha. Deslizei. 6 — Caminhar. Ruim. Batráquio. Boro (s. q.). 7 — Largo de Lisboa. Ribeira do distrito de Portalegre. 8 — Circ. da provincia ultramarina da Guiné. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. 9 — Pequena casa de madeira. Cidade da Ucrânia. 10 — Nome de mulher. Crânio. 11 — Dera mios. Deuses familiares e protectores do lar doméstico, entre os Romanos e os Etruscos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5314

HORIZONTAIS: 1 — Boa. QUEM. 2 — Clarim. Lá. 3 — Procedeis. 4 — Ed. Lena. 5 — Assine. Vaso. 6 — Me. Aos. En. 7 — PROMETE. Olé. 8 — Aí. Edis. 9 — Doses. Ir. Id. 10 — Tá. Dê. 11 — Suspiraniam.

VERTICAIS: 1 — Acampados. 2 — Oc. Sério. 3 — Alpes. Sós. 4 — Ardiam. 5 — Ró. Noé. Sei. 6 — Sic. Este. 7 — Mel. Edita. 8 — DEVE. Irar. 9 — Enanos. 10 — Elias. Ida. 11 — Más. Ofendem.

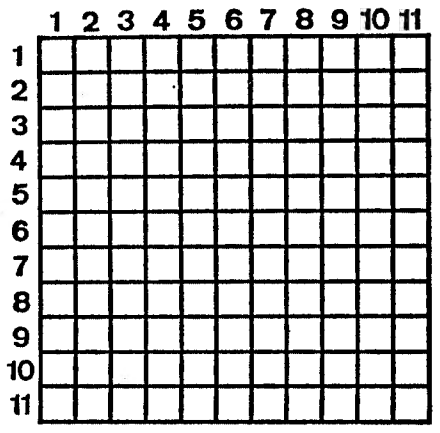
(Provérbio: QUEM PROMETE DEVE).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9158

HORIZONTAIS: 1 — Nome de frutos. Mato inculto. 2 — Mulheres de baixa estatura. Tragédia de Shakespeare. 3 — Bigorna de ourives. Cidade de Espanha. Cólera. 4 — Excitar. Pesquisem. 5 — Ampla. Toma nota de. 6 — Apelido. Saudável. 7 — Isolado. Oferece. 8 — Prefixo que designa afastamento. Festim. Neste momento. 9 — Flutuem. Caminhar. 10 — Máquina para limpar ou rebaixar o fundo dos rios. Asteroide descoberto em 1949 pelo observatório do monte Wilson. 11 — Enguias. Mulheres.

VERTICAIS: 1 — Funesto. Freguesia do concelho de Felgueiras. 2 — Não nascido. (pl.). Cidade de Itália. 3 — Carros de bombeiros. Oferecer. 4 — Artigo definido. Prata (s. q.). Respiro com dificuldade. 5 — Atraiçoa. Aves pernaltas. 6 — Plutónio (s. q.). Césio (s. q.). 7 — Erguer. Pronome relativo (pl.). 8 — Artigo definido (ant.). Prefixo de privação. Baile. 9 — Que tem cor ou aparência de leite. Ofereceu. 10 — Banqueta de tambor. Palmeira do Brasil. 11 — Guarnece de arames. De alto preço.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9157

HORIZONTAIS: 1 — Loulé. Amado. 2 — Irão. Alas. 3 — Má. Na. MM. Os. 4 — Agi. Obi. 5 — Apor. Roas. 6 — Ano. Osa. Sor. 7 — Vi. Asada. Au. 8 — Tramóia. 9 — Viras. Rolas. 10 — Aram. Lema. 11 — Rosas. Samos.

VERTICAIS: 1 — Lima. Avivar. 2 — Ora. ANI. Iró. 3 — Ua. Apo. Trás. 4 — Longa. Arama. 5 — Airosas. 6 — Sam. 7 — Morador. 8 — Mambo. Aiola. 9 — Al. Ias. Além. 10 — Dão. Soa. Amo. 11 — Osso. Russas.

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO

FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA

Telefs. 539200, 2910079 e 785200

WESTPOINT

FRIGORÍFICOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Outubro de 1939 publicava:

«WASHINGTON, 1 — O embaixador da Polónia nesta capital, Potoki, protestou enérgicamente, numa nota enviada ao Departamento de Estado, contra o acordo germano-soviético da partilha da Polónia. Declara que o governo polaco resistirá, por todos os meios ao seu alcance, a esse acto de violência.

«Os círculos diplomáticos esperam que os Estados Unidos adoptem procedimento semelhante ao que foi seguido no caso da Checoslováquia, isto é, que se recusem a reconhecer a conquista.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇAO

Pagamento do juro de obrigações relativo ao semestre decorrido de 1 de Abril de 1969 a 30 de Setembro de 1969

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao semestre decorrido de 1 de Abril de 1969 a 30 de Setembro de 1969, será efectuado a partir de 1 de Outubro p.º f.º, aos seguintes preços:

Emissão C. P. 4 1/2% — 1965 Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos;
Emissão C. P. 5 1/2 — 1967 Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos

O pagamento efectuar-se-á:

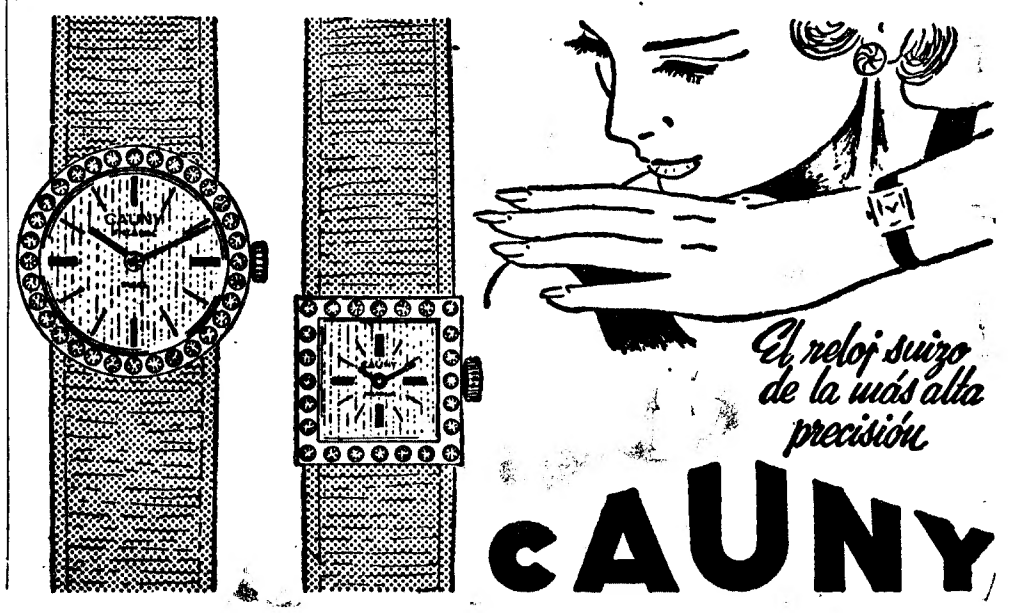
para os títulos ao portador (cupão)

— na Sede da Companhia
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Fonsecas & Burnay — em Lisboa
no Banco Lisboa & Açores — em Lisboa no Porto
no Banco Pinto & Sotto Mayor

para os títulos nominativos:

na Sede da Companhia
na Filial do Banco Fonsecas & Burnay, no Porto

O pagamento na Sede da Companhia efectua-se *todos os dias úteis, desde as 10 às 13 horas e aos sábados desde as 10 às 12 horas.*

Lisboa, 10 de Setembro de 1969.

O Conselho de Administração